



3/57  
RB197015



*Presented to the*  
**LIBRARY of the**  
**UNIVERSITY OF TORONTO**  
*by*  
**Professor**  
**Ralph G. Stanton**

2  
6557

15/5.1

C/G m. 925-

26

Митро 2010

MI

JOANNEIDA,

OU

A LIBERDADE

DE PORTUGAL

POEMA EPICO.

JOANNINHA

OU

A LIBERDADE

DE PORTUGAL

DEBENDIDA

PELO

SENHOR REY D. JOAO I

POEMA EPICO

DE CARREIRO

AO SINGELISSIMO SENHOR

D. JOAO

PRINCEPE DO BRASIL

POR

JOSE CORREIA

DE MELTO, E BRITTO DAL IMPRIMO

NO L. 1.º DE JUNHO DE 1754

EM LISBOA



COMPRAR

na Real Officina de Impressão

de D. JOAO I

em Lisboa, na Rua da ...

JOANNEIDA,  
OU  
A LIBERDADE  
DE PORTUGAL  
DEFENDIDA  
PELO  
SENHOR REY D. JOAÕ I.  
POEMA EPICO  
OFFERECIDO  
AO SERENISSIMO SENHOR,  
D. JOZÉ  
PRINCIPE DO BRAZIL  
POR  
JOZÉ CORREIA  
DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO  
MOÇO FIDALGO DA CAZA DE SUA MA-  
GESTADE FIDELISSIMA.



COIMBRA;  
Na Real Officina da Universidade,  
Anno de M. DCC. LXXXII.  
*Com licença da Real Meza Censoria.*

DEDICATORIA

REVERENDISSIMO

SEÑOR

D. LOPE

DE



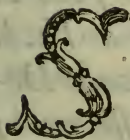
E en tanto a honra de  
ilustrar a frente do meu Poema  
com o respeitavel nome de V. A.



## DEDICATORIA.

SERENISSIMO

SENHOR



*E eu tenho a honra de  
illustrar a frente do meu Poema  
com o respeitavel nome de V. A.,  
naõ*

não he somente a impulsos da mi-  
 nha vaidosa gloria; mas tambem  
 a beneficio da generosa benigni-  
 dade de V. A. Eu o faço porque  
 V. A. se dignou de o permittir  
 assim; mas nem V. A. deveria  
 escuzar-se de conceder-me esta  
 graça, nem eu poderia impedir-  
 me de pertendella, sendo o as-  
 sumpto da minha Epopéa a Li-  
 berdade de Portugal, e o Heróe  
 della o Senhor Rey D. João I.  
 gloriosissimo Progenitor de V. A.  
 A clara fama deste grande De-  
 fensor da Patria interessa muito  
 particularmente a V. A., pois que  
 da immortalidade della procede  
 huma

humana grande parte do magestoso esplendor, que adorna a Real Pessoa de V. A., e que V. A. deve recolher o fructo principal dos illustres trabalhos daquelle Augusto Principe, que se propoz por fim da sua grande, e admiravel acção, a conservação da Corôa, e a independencia do Trono Portuguez; qualidade, sem a qual, este não seria já mais digno de receber em si a V. A.; e eu, que tive a ousadia de cantar esta grande acção, seria indigno atê de intentar a empresa, se tivesse tão baixo espirito, que podesse escolher, para authorizalla, algum

algum Mecenas, em quem não circulasse o mesmo sangue do meu Heróe.

A paixão pelas virtudes heroicas, e o zelo da gloria nacional forão quem unicamente me animáraõ a este empenho; e os sentimentos, que partem destes principios, não se desmentem já mais com huma lizonja vil, ou hum sacrificio indecente. Eu offereço a V. A. o que lhe pertence, e que só pode pertencer particularmente a V. A., que são as glorias da sua propria Caza: se ellas perdem alguma cousa em serem cantadas por mim, he só por falta  
de

## DEDICATORIA.

lix

de talentos, e não de desejos.

Eu os tive sempre de servir aos meus Soberanos, e á minha Patria; e se os fructos não corresponderão ás diligencias, seria falta de fortuna, ou talvez culpa da minha inutilidade; mas ainda convencido desta, eu pretendendo mostrar a fidelidade do meu zelo neste pequeno tributo, que rendo á Patria, e dedico a V. A.; de quem (segundo o estylo das dedicatorias) eu devêra agora referir as excelsas virtudes; mas deixo de o fazer pelo receyo de não poder accommodar tão grande assumpto em tão pequena obra,

e

X

DEDICATORIA.

e pela esperança de poder ainda  
hum dia cantallas mais digna-  
mente. Em tanto guarde Deos  
a Real Pessoa de V. A. por mui-  
tos, e felicissimos annos. Com-  
bra 30 de Julho de 1781.

O meu coração he tão tomente dar hum  
satisfação ao humo de me he ver occupado  
em fazer veros. Tal he a satisfação dos tem-  
po, que he preciso deslizar em hum  
aquellas mesmas accões, que em outro  
serviço para adquirir muita gloria.  
O nome de lous, que he immortal a  
fama dos honrosos, he o que he a honra  
vergonha a vergonha de hum interior or-  
tem Corcovado he algum dia de lous  
no Capitulo he hum hoje bono, que lous  
apredicados he hum he que he applico a  
lous.

Joze Correa de Mello e Britto d'Alvim Pinto.

1781

## ADVERTENCIA.

**E**U não pretendo escrever hum Prologo para desculpar os defeitos do meu Poema, e menos ainda para fazer ostentação das regras, e dos exemplos, que segui na composição d'elle: os doutos sabem bellamente estes exemplos, e estas regras, e pela lição do Poema he, que haõ de julgar se eu os observei, ou não; e os que os ignoraõ, não entenderiaõ o que lhes dissesse sobre o uso delles.

O meu intento he sómente dar huma satisfação ao publico de me haver occupado em fazer versos. Tal he a fatalidade dos tempos, que he preciso desculpar em hum, aquellas mesmas acçoens, que em outro serviraõ para adquirir muita gloria.

O nome de Poeta, que fez immortal a fama dos Homeros, e dos Virgílios, faz hoje vergonha a engenhos de bem inferior ordem. Coroavam-se algum dia os Petrarcas no Capitolio; falta hoje pouco para serem apedrejados nas ruas os que se applicaõ á Poesia.

Naõ sei se he desgraca da mesma arte, que tem cahido em descredito, ou se he castigo

stigo do abulo, que della fazem alguns dos seus Professores. He certo, que muitos se servem della para fins insignificantes, e talvez nocivos; mas isto prova sômente a corrupção dos homens.

O ladrao, e o Viajante se costumao servir das mesmas armas; mas este leva nellas o seu soccorro, e aquelle os instrumentos para os seus insultos. O succo da mesma flor, que faz o mel tirado pela abelha, he veneno extrahido pela aranha.

Affim os dons das Musas, que podem ser inuteis, e talvez perniciosos, dispensados a genios leves, e coracoens corrompidos, que se aproveitem delles para lisonjeiar a ociosidade, ou para adular o vicio, serao sempre interessantes, e proveitosos cada vez, que se unirem a hum espirito solido, e hum coraçao honrado, que os applique ao seu verdadeiro destino, que he celebrar a virtude, immortalisar as acçoens illustres, ministrar exemplos aos Principes, e documentos aos Povos.

Os sabios conhecem perfeitamente esta differença entre Poetas, e Versejadores; mas os sabios são o numero menor dos homens, e o resto delles presiste em considerar indistinctamente a Poesia, como huma

occu-



## ADVERTENCIA. xiñ

occupação trivial, e estes me condemnarão por haver-me entretido com ella, esperando talvez outra mais séria das obrigações do meu nascimento, e dos principios da minha educação.

Eu lhe confesso ingenuamente que eu pensei muito tempo desse mesmo modo, e que a pesar da particular paixão, que sempre me deverão as Musas, eu não imaginava dever sacrificar-lhe hum cuidado serio; mas o destino dos homens não pende das suas intenções.

Logo depois de concluidos os meus estudos de Humanidades, e Filosofias, e de cinco annos de Universidade de Coimbra, que seguia só pelo desejo de instruir-me, eu me destinei á vida militar, a que me incitava a minha inclinação, os exemplos da minha familia, e os conselhos de alguns amigos, que havendo seguido comigo as aulas, as deixaram naquella mesmo tempo para servir na tropa; mas eu fui logo dissuadido deste estado de vida pelas idéas, que a meu respeito teve hum grande Ministro da nossa Corte casado com huma Senhora minha parenta, o qual me fez entrar em outros projectos, que se desvanecerão depois de algum tempo, assim como

mo

mo outras esperanças, que não parecião entãõ mal fundadas.

A minha primeira vocação para o serviço militar durava toda via; e sabendo que deviaõ formar-se algumas Companhias de Cavallaria para servir no Algarve, apromptadas á custa dos proprios Capitaens, me offereci dos primeiros, e nem assim fui despachado, prometendo-se me com tudo outra Companhia para huma das Provincias do Norte deste Reyno, graça porque cheguei a beijar a mão ao Senhor Rey D. Joze, que Deos haja, e que da mesma sorte não teve effeito, assim como tambem o não teve outro offerecimento, que fiz a S. Magestade pelo mesmo apontado Ministro de ir servir em igualdade de voluntario na guerra, que naquelle tempo ardia na Alemanha, e para que nada mais pedia, que huma carta de recommendação de S. Magestade.

Em fim no movimento da guerra de 1761 eu trabalhei por ser empregado, e me offereci a fornecer duas Companhias de Cavallaria, huma para mim, e outra para meu Irmaõ, que servia Cadete, e nem entãõ fui attendido, sendo obrigado a ceder da Companhia, com que pertendia servir, para que se verificasse a de meu Irmaõ.

Reti-

## ADVERTENCIA. xv

Retirei-me a huma quinta, não sei se cansado, se desgostoso de pertençoens; mas o meu genio inimigo do ocio, pedia alguma occupação para as muitas horas, que me sobejavaõ naquella especie de solidão. Os livros me offereciaõ a mais prompta, e a mais agradável, supposto o habito de ler, em que me achava desde os mais tenros annos; mas eu queria sómente ler para entreter-me. Lido novo os Poetas, que já tinha lido, e li todos os de que tive alguma noticia.

A doçura das Musas me interessou outra vez no seu culto, que nunca tinha de todo abandonado, e eu não podia impedir-me de fazer alguns versos; mas desejei, que o assumpto delles podesse ser serio.

Procurei na historia de Portugal huma acção digna da Epopèa, e tal me pareceo ao Senhor Rey D. João I. Trabalhei por cantá-la, e quiz o meu zêlo tirar da minha mesma ociosidade algum fructo, de que podesse offerecer hum pequeno tributo á fama da minha Patria. Conheço, que vale pouco o que lhe dou; mas talvez vale menos ainda o que ella me tem dado, senão metermos em conta o premio dos trabalhos dos meus antepassados.

De qualquer fórte eu me lisonjearei  
sem-

xvi • ADVERTENCIA.

fempre muito de a servir, e terei huma grande satisfacão se o meu tal, qual trabalho merecer o agrado dos meus Compatriotas, defenganados de que não foi culpa minha, o que pôde parecer-lhes ociosidade.

JOAN-

ADVERTENCIA

XX

JOANNEIDA,

OU

A LIBERDADE:

CANTO I.

ARGUMENTO:



*ROPOEM-SE* cantar a Liberdade de Portugal , e a gloriosa acção do Senhor Rey Dom João I. Invoca-se a protecção da Mãe de Deos , e se implora a benignidade do Augustissimo Principe do Brazil. Expoem-se o estado em que se via o reyno pelo falecimento do Senhor Rey D. Fernando ; duvidas sobre a

A

*suc.*

*Successão ; scisma do governo ; desordens do povo , e insolencias de Castella. Da-se conta do cerco de Lisboa , achando-se o Heróe dentro da cidade : accoens valorozas do mesmo Heróe , e de outros cavalleiros. Entra no Tejo a armada Castelhana ; accrescenta-se o risco , e afflicção dos sitiados ; affusta-se o povo , e toda a cidade teme as consequencias de hum bloqueio completo por mar , e por terra. O Heróe anima a todos , e chama os principaes dos sitiados a conselho ; mas nada se resolve. Em tanto no celeste congresso , o Genio tutelar de Portugal implora a misericordia do supremo Deos , que benignamente o attende , lhe segura as felicidades dos Portuguezes, lhe declara os futuros successos, e lhe ordena, que desca á terra, que anime o Heróe, e lhe vaticine algumas das glorias dos que devem ser seus descendentes ; mas tudo debaixo de tal disfarce, que não seja conhecido o nuncio celeste , e que o seu vaticinio possa merecer huma confiança pia ; mas não huma certeza infallivel , que tiraria o merecimento ao valor do Heróe. Disfarça-se o Genio na figura de Fr. João das Barrocas Ermitão conhecido , e respeitado pela sua virtude. Descreve-se o Ermitão ; retira-se com elle o Heróe particularmente , e lhe pede rogue a Deos pelo*

pelo reyno , no grave perigo, em que se acha. O disfarçado Genio lhe inspira huma grande confiança, lembrando lhe as promessas de Deos feitas ao primeiro Rey de Portugal , lhe dá esperanças do bom successo daquella empreza, e de vir elle mesmo a ser Rey com feliz descendencia , que lhe declara , fallando em profecia de todos os Reys de Portugal, depois do Heróe até o Senhor Rey D. Jozé I. Animado o Heróe com este vaticinio se despede do Genio , acode á muralha , donde ve vir fugindo alguns dos seus obrigados da multidão dos Castelhanos. Sabe a soccorre-los , executa varias acçoens valorosas , restabelece o valor na sua gente , e profegue a defender a cidade com maior constancia.

The first part of the alphabet is the  
 letters A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.  
 The second part of the alphabet is the  
 letters a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.  
 The third part of the alphabet is the  
 letters A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.  
 The fourth part of the alphabet is the  
 letters a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.  
 The fifth part of the alphabet is the  
 letters A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.  
 The sixth part of the alphabet is the  
 letters a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.  
 The seventh part of the alphabet is the  
 letters A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.  
 The eighth part of the alphabet is the  
 letters a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.  
 The ninth part of the alphabet is the  
 letters A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z.  
 The tenth part of the alphabet is the  
 letters a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.





# A LIBERDADE

## CANTO I.

### I.

**E** U mesmo, que algum tempo, a doce lyra  
 Ajustava de amor ás travessuras,  
 Agradavel emprego, a quem suspira  
 Nas prizoens da belleza mal seguras;  
 Agora, que a razaõ menos delira,  
 Trocada a fraze terna, a vozes duras,  
 As armas canto, canto a Liberdade  
 De Portugal, por maõ da heroicidade.

Do

## II.

Do constante Varaõ , que á Lusa terra,  
 Deu a maõ liberal do Ceo clemente  
 Para feu Defensor na dura guerra ,  
 Para Pay , no cuidado providente ;  
 O caso canto , se he que o peito encerra ,  
 Nos impulsos do genio impaciente ,  
 Taõ grande força , taõ brilhante alento ,  
 Que se atreva a cumprir taõ alto intento.

## III.

Sacrosanta Maria , Virgem pura ,  
 Cofre da graça , fonte da sciencia ,  
 Em cujas perfeiçoens , na summa altura ,  
 Parece se empenhou a Omnipotencia ;  
 Vós Senhora , de quem a mais segura  
 Protecção goza a Lusa independencia ,  
 Dai com voffo favor ao meu engenho  
 Auxilio , para taõ sublime empenho.

## IV.

Vós me inspirai as causas soberanas  
 De taõ grandes successos , taõ famosos ,  
 Comque o valor das armas Lusitanas  
 Logrou da liberdade os fins ditosos :  
 Declarai-me os motivos das tiranas  
 Revoluçoens , dos odios furiosos ;  
 E fazei , que nas vozes do meu plectro ,  
 Se eternize a virtude em doce metro.

## V.

E vós , Príncipe Augusto , em quem confia  
 O seu mais firme amparo a Lusã gloria ,  
 Com quem nossa fé pura hoje alivia  
 Dos passados Monarcas a memoria :  
 Vós , de quem Portugal espera hum dia ;  
 Nome mais claro , fama mais notoria ,  
 Dignai-vos de me ouvir benigno , em quanto  
 Não dais materia a mais sublime canto.

## VI.

Gemia Portugal em desventura ,  
 Sem governo , e sem Rey : Morto Fernando  
 Não deixára no reyno a forte dura  
 Successor verdadeiro ao regio mando :  
 O zelo , a ambição , odio , e ternura  
 Se andavaõ mutuamente embaraçando ,  
 E entre as vozes da honra , e da cobiça  
 Se perdia igualmente a da justiça.

## VII.

Cada qual fer juiz da regia herança  
 Presumia atrevido , e sem respeito ,  
 E frustrada das leys a segurança ,  
 A propria inclinação era o direito :  
 Huns move do interesse a vil lembrança ;  
 Outros do patrio amor o doce effeito ,  
 E na triste disputa , o povo insano  
 Formava a confusão , o horror , o damno.

A vin-

## VIII.

A vingança , a cobiça , o desfacato  
 Discorriaõ sem freio livremente ;  
 Igualmente sentia o fero trato  
 A vida do culpado , e do innocente :  
 Tudo devasta o horrído aparato  
 Da furia nacional indignamente ;  
 O facerdote , as virgens , os altares  
 Nada escapa das iras populares.

## IX.

Por outra parte as armas Castelhanas  
 Na raiva ardente da vingança accesas.  
 Abrazaõ todo o reyno em deshumanas  
 Impiedades , insultos , e cruezas ,  
 Tiram-se as vidas com acçoens tiranas ;  
 Sacrificam-se as honras ás torpezas ,  
 E athé os simulacros mais sagrados  
 Saõ com desprezo infame injuriados.

## X.

Crescia a confusaõ , crescia o susto  
 No scisma do governo desgraçado ;  
 Aquelle aprova , o que este chama injusto ;  
 O que este segue , o outro chama errado.  
 Todos tem o seu voto por mais justo ,  
 E sendo o reyno em sangue já banhado ,  
 Ninguem sabe de certo em tal perigo ,  
 Quem seja o proprio Rey , quem o inimigo.

## XI.

João , de Portugal Defensor forte  
Por emprego , por honra , e por affecto ,  
A quem os riscos da inconstante sorte  
Já mais mudar podéraõ de projecto ;  
Entre tanta ruina , e tanta morte ,  
Impávido sustem , com firme aspecto ,  
Nos hombros da constante heroicidade ,  
As reliquias da antiga liberdade.

## XII.

Qual o bravo leão , que vê cercados  
Os outeiros de armados caçadores ,  
Os ouvidos feridos , e atoados  
De alaridos , ruidos , e clamores :  
A pesar dos insultos declarados ,  
A pesar das imagens dos horrores ,  
Descobre a frente altiva , e sem receio  
Já mais altera o placido passeio.

## XIII.

Tal o varaõ constante os horrorosos  
Ameaços , e riscos observando ,  
No poder dos contrarios orgulhosos ,  
E desordem do povo miserando ,  
A pesar dos perigos espantosos ,  
A pesar do trabalho mais infando ,  
Já mais altera o firme pensamento  
De sustentar do trono o luzimento.

## XIV.

Via a chamma voraz da guerra ardendo  
 No mesmo coração da patria amada,  
 Ministrando materia ao fogo horrendo,  
 Para a propria ruina a Lusa espada.  
 Via a torpe ambição nas maons rompendo  
 Os laços mais fieis da fé sagrada,  
 Authorizar a força dos insultos  
 Na mesma fé dos desprezados cultos.

## XV.

Via a impia vingança indignamente  
 Profanando do trono a magestade,  
 Fomentar a desordem no indecente  
 Exercicio da summa authoridade.  
 Via abonar o estrago infamemente  
 Da mesma nacional barbaridade;  
 E entre tantos objectos de violencia  
 Mais o empenha o valor na resistencia.

## XVI.

Achava-se em Lisboa; e já se escuta  
 O bellico rumor junto á cidade;  
 Já defronte dos muros se disputa  
 O pleito marcial da liberdade:  
 Corre ás portas o Heróe, onde executa  
 Prodigios de valor, e actividade;  
 De poucos cavalleiros se acompanha,  
 Mas que fazem tremer a toda Hespanha.

## XVII.

Dois Vasconcellos são ; hum Azevedo ;  
 Hum Castro , quatro Cunhas , tres Pereiras ;  
 Hum Albuquerque , hum Motta , hñ Figueiredo ;  
 Hum Almeida , dois Freyres , dois Sequeiras ,  
 Dois Leitoens , quatro Veigas , hum Macedo ,  
 Dois Correas , hum Britto , dois Nogueiras ,  
 E outros taes , a quem nunca a dura forte  
 Pode causar temor no peito forte.

## XVIII.

Era a gente inimiga quem causava  
 O estrepito fatal , que se sentia ,  
 Pois já perto dos muros se mostrava  
 Precedida de bellica harmonia ;  
 Exercito potente atropellava  
 A visinha campanha , e se extendia  
 Em roda da cidade , a quem ordena  
 De hum affedio tirano a larga pena.

## XIX.

Brilhava o Sol nas armas rutilantes ;  
 Movia o vento as tremulas bandeiras ;  
 E o ruído das vozes dissonantes  
 Augmentava o terror por mil maneiras :  
 O rinchar dos cavallos arrogantes ,  
 O clamor das trombetas lizonjeiras  
 Tudo em triste concerto representa  
 A scena de Belona mais cruenta.

De

## XX.

De diversas insignias adornados  
 Diversos estandartes se divizaõ,  
 Quaes ferozes leoens mostraõ pintados,  
 Quaes dourados castellos simbolizaõ.  
 Alli vaõ huns de cruces matizados,  
 Outros, que de roélas se matizaõ,  
 E entre tantas divisas Castelhanas,  
 Vaõ tambem tremulando as Lusitanas.

## XXI.

Tambem as nobres Quinas Portuguezas  
 Se vem luzir no campo dos contrarios,  
 Que do scisma fatal as incertezas  
 Fazem na mesma gente effeitos varios.  
 Oh dor! oh pasmo! oh feras naturezas!  
 Que nos riscos da patria necessarios  
 Sejaõ seus mesmos filhos inimigos  
 Instrumento cruel dos seus castigos.

## XXII.

Mas já com furia horrivel vem marchando  
 Do campo Castelhana huma partida,  
 Na arrogancia das vozes publicando  
 A soberba, que ao genio traz unida;  
 A's portas se encaminha, que tomando  
 A fama de Agostinho esclarecida,  
 Do seu nome conservaõ na memoria  
 Segura protecção, defenza, e gloria.



## XXIII.

Destas portas os Castros tem a guarda ,  
Dos grandes Vasconcellos assistidos ,  
A cada qual parece já que tarda  
A furia dos contrarios atrevidos :  
E porque talvez vem , que os acobarda  
O respeito dos muros defendidos ,  
Delles se apartaõ com galhardo alento  
A domar-lhe no campo o atrevimento.

## XXIV.

Já das lanças crueis as hastas leves  
Saltando pelos ares vaõ rugindo ,  
Das espadas os golpes saõ taõ breves ,  
Que huns dos outros parecem vir partindo.  
Quaes no frio Janeiro as brancas neves  
Em continuo chuveiro estaõ cahindo ,  
Taes das Lusas espadas fulminantes  
Chover parecem golpes incessantes.

## XXV.

Cobre-se a terra de cortadas peças  
De escudos , elmos , peitos , e lorigas ,  
Nas carnes desarmadas , mais impressas  
Se vem da ira as barbaras fadigas ;  
Das hervas mais crescidas , mais espessas  
Inunda o sangue as folhas , e as espigas ;  
Armas , plumas , cavallos , cavalleiros  
Todos saõ na ruina companheiros.

## XXVI.

Cede a turba Hiberina á furia ardente  
 Dos Portuguezes valorosos braços ,  
 Abatida a arrogancia torpemente ,  
 Vai mudando em lamento os ameaços :  
 Alguns da vida os fios tristemente  
 Cortados perdem nos primeiros passos ;  
 Os que podem fugir , já sem concerto  
 Procuraõ salvação no campo aberto.

## XXVII.

Cada qual do caminho se aproveita ,  
 Que prompto lhe ministra o medo triste ;  
 Ninguem dos capitaens a voz respeita ,  
 Nos mesmos capitaens o fusto insiste :  
 He geral a defordem da desfeita ,  
 Arelhano sómente ainda resiste ;  
 Mas se evita a vergonha da fugida ;  
 A liberdade chora alli perdida.

## XXVIII.

Era Arelhano illustre cavalleiro ,  
 Nas tropas Hespanhollas respeitado ,  
 Arrogante de genio , mas guerreiro ,  
 Nas palestras de Marte exercitado ;  
 Valente se mostrára no primeiro  
 Impulso do combate arrebatado ,  
 Mas Diogo , que Esteves se appellida ;  
 Lhe fez render as armas pela vida.

## XXIX.

Recolhem-se á cidade os valorosos  
Defensores das portas, sem ruina ;  
Mas da parte do mar, com horrorosos  
Alaridos, a gente se amotina ;  
Lanção todos os olhos cuidadosos  
A' corrente do Tejo cristalina,  
E de inimigas velas vem coberto  
O rio todo com cruel concerto.

## XXX.

Qual na brava silveira entrincheirado  
O matador de Adonis destemido,  
Que de caens, e monteiros vê cercado  
Todo o espaço do monte conhecido ;  
Dos clamores das gentes alterado,  
Dos ladros dos sabujos confundido,  
Em roda observa todo o abrigo occulto ;  
E em toda a parte nota o mesmo insulto.

## XXXI.

Taes os valentes Lusos entre os muros  
Cercados do poder de toda Hespanha,  
Notando estaõ com olhos mais seguros  
O tumulto fatal da gente estranha ;  
Ouvem do tambor rouco os écos duros,  
Que o clamor das trombetas acompanha,  
Acodem á muralha, e em toda a parte  
Vem presente o furor do irado Marte.

Por

## XXXII.

Por mar, por terra as armas Castelhanas  
 Ameaçã ruinas, e castigos,  
 O povo se horroriza das tiranas  
 Repetidas imagens dos perigos:  
 Já naõ temem sómente as deshumanas  
 Consequencias dos golpes inimigos;  
 As ideas da fome, e da miseria  
 Lhe daõ para o temor maior materia.

## XXXIII.

Naõ era ainda a falta de alimentos  
 Sensível neste tempo, porque havia  
 Na cidade bastantes mantimentos  
 Para a gente cercada; mas fazia  
 Despertar taõ funestos pensamentos  
 O bloqueio completo, em que se via  
 Por mar, e terra a gente miseravel  
 Rodeada de força insuperavel.

## XXXIV.

Anima o Heróe o povo, e com cuidado,  
 A conselho convoca os companheiros,  
 A quem expoem, com gesto focgado,  
 Toda a força dos riscos verdadeiros:  
 Pondera na cidade o triste estado,  
 De hum longo cerco os damnos mostra inteiros,  
 E pede a todos, que com zelo puro,  
 Discorraã no remedio mais seguro.

Cada

## XXXV.

Cada qual no remedio discorria ,  
 Segundo o proprio genio lhe inspirava ;  
 Hum soccorros estranhos pertendia ,  
 Outro concertos vaons premeditava :  
 Algum , que do furor só se regia ,  
 Huma acção decisiva aconselhava ,  
 E perdidas as horas na disputa ,  
 Se dissolve a assemblea irresoluta.

## XXXVI.

Em tanto , lá no Olympo luminoso ,  
 Onde quiz a suprema Omnipotencia  
 Edificar hum trono magestoso ,  
 Posto que immensa seja por essencia ;  
 Onde assistem , com culto obsequioso ,  
 Os ministros da summa Providencia ,  
 Promptos para cumprir a toda a hora ,  
 As ordens do Senhor , que o mundo adora.

## XXXVII.

Este Senhor Supremo , Omnipotente ,  
 Grande Deos , Infinito , Inexplicavel ,  
 Terrivel , Forte , Sabio , providente ,  
 Bom , Benigno , Fiel , Piedoso , Amavel ,  
 A cujo summo arbitrio esta presente  
 Quanto alcança do tempo o curso instavel ,  
 Desde o solio luzente os olhos puros  
 Inclinou de Lisboa aos tristes muros.

## XXXVIII.

Vio-os todos cercados de inimigos,  
 Que a sua perdição soberbos juraõ;  
 Vio por dentro misérias, e perigos,  
 Que a ruina fatal mais lhe asseguraõ:  
 Conhecia a justiça dos castigos,  
 Que as feas culpas da nação apuraõ;  
 Mas movido da dor de tantos danos,  
 Já compassivo olhava os Lusitanos.

## XXXIX.

O Genio tutelar da Lusa terra,  
 Que vio propicio ao rogo o Deos piedoso,  
 Animado do zêlo, que se encerra  
 No sacro ministerio cuidadoso,  
 Depois que o tanto susto em fim desterra,  
 Que lhe motiva o Numen magestoso,  
 Desta sorte lhe falla reverente  
 Prostrado aos pés do trono refulgente.

## XL.

Eterno Deos, a cujo acêno treme  
 O ceo, a terra, o mar, e o mesmo inferno,  
 Cujos sagrado nome adora, e teme  
 Todo o Orbe em respeito sempiterno,  
 Bem vês, Senhor, o como afflicto geme  
 O povo, que entregaste ao meu governo,  
 Se he teu gosto tal vez, que se destrua,  
 O teu justo designio se conclua.

Mas

## XLI.

Mas se acaso, Senhor, os seus peccados  
 Não tem frustrado as altas esperanças,  
 Que na ordem dos seus illustres fados  
 Lhe prescreveste de immortaes bonanças;  
 Se acaso neste povo executados  
 Haõ de ser com ditosas seguranças  
 Os prodigios illustres, que em Ourique  
 Affeguraste ao successor de Henrique?

## XLII.

Se haõ de ser deste sangue descendente  
 Os que o teu santo nome respeitavel  
 Haõ de levar a climas differentes  
 Com zêlo do teu culto incomparavel,  
 Se os paizes occultos ás mais gentes  
 Haõ de calcar com fama inimitavel,  
 Para serem ditosos instrumentos  
 Dos teus pios, e justos documentos?

## XLIII.

Se ha de ser este reyno o teu Imperio,  
 Separado do resto das Hespanhas,  
 E por prova da fé deste misterio  
 Lhe fizeste obrar tantas façanhas?  
 Se o pezo facudir do jugo Hiberio  
 Lhe ordenaste na face das campanhas,  
 Como agora, Senhor, em tanto damno  
 Lhe falta o teu soccorro soberano?

## XLIV.

Ah! não permitta a tua providencia  
 Deixar tantos prodigios mal logrados :  
 Se tu es immutavel por effencia,  
 Não podem teus designios fer mudados.  
 Promessas são da tua omnipotencia  
 Desta gente os progressos sublimados,  
 Ampare já, Senhor, teu braço forte  
 Os que destinas a taõ alta forte.

## XLV.

Ouvio o Pay Supremo o rogo attento  
 Do sacro Paraninfo cuidadoso,  
 E com vulto sereno, que o tormento  
 Do mesmo abifmo convertera em gozo,  
 Enchendo os Ceos de novo luzimento  
 Na alegria do gesto magestoso  
 Lhe responde benigno, e socegado  
 Com patentes finaes de novo agrado.

## XLVI.

Não temas, não dos teus a forte dura;  
 Provas são do valor essas fadigas,  
 Com que a Lusa nação a gloria apura  
 Da fama illustre das acçoens antigas,  
 Os mimofos indultos da ventura  
 Não lhe offendem as armas inimigas;  
 Immutaveis estão ao reyno unidos  
 Os fados, que lhe foraõ promettidos.



## XLVII.

E porque melhor vejas se propicio  
Attendo aos teus amados Lusitanos,  
Vê, lhe diz, esse livro, onde o exercicio  
Lerás das gentes dos vindouros annos;  
Nisto lhe abre, com alto beneficio,  
O livro sacrosanto dos arcanos,  
Onde em letras de luz se vem impressos  
Dos incertos futuros os successos.

## XLVIII.

Vê, diz, e agora parte diligente  
A esforçar o Varaõ, que o povo alenta;  
Dissipa-lhe o cuidado, e cautamente  
Da victoria a esperança lhe accrescenta,  
Dos futuros successos juntamente  
Hum breve vaticinio lhe apresenta;  
Mas de sorte, que possa esta esperança  
Dar-lhe alentos, não dar-lhe segurança.

## XLIX.

Que se o valor humano for seguro  
Do contingente risco dos successos,  
Na ditosa certeza do futuro,  
Pouco podem valer os seus progressos.  
Anime o Defensor o peito puro,  
Os favores do Ceo conheça expressos;  
Mas o nuncio celeste não conheça,  
Porque se alente, e não se desvanença.

Disse;

## L.

Diffe , e sem mais demora o Genio parte ,  
 E com vôo feliz á terra desce ,  
 Que do estrondo fatal do irado Marte ,  
 Parece , que se abála , ou que estremece ;  
 Alli melhor Protheu , com melhor arte ,  
 Mudada a fôrma , as luzes escurece ,  
 E em observancia da divina norma  
 No vulto de Barrocas se transforma.

## LI.

Era Barrocas hum varaõ famoso  
 Em Virtudes , no reino conhecido ,  
 Que habitando de hum ermo o mais fragoso ,  
 Era na corte com assombro ouvido.  
 Poucas vezes largava o sitio umbroso ,  
 Onde passava os annos escondido ,  
 E se vinha á cidade , era constante  
 Ser para avizo a todos importante.

## LII.

De hum grosso , e roto manto mal talhado  
 Os penitentes membros abrigava ,  
 Da barba intonfa o pelo dilatado  
 Ametade dos peitos lhe bordava :  
 Curvado o corpo , o rosto descarnado  
 De veneraveis cans a fronte ornava ;  
 Hum bordaõ , humas contas , hum livrinho  
 Era todo o seu movel , todo o alinhô.

Esta

## LIII.

Esta mesma figura o Genio adopta  
O mesmo tom de voz , o mesmo estilo ,  
O mesmo inculto adorno alli se nota ,  
Ninguem póde do próprio distinguillo :  
Concorre o povo em confusão devota  
A ver Barrocas , a tratallo , e ouvillo ,  
E entre applauso , esperanças , e embaraço  
O levaõ de João ao alto paço.

## LIV.

Era pio o Heroe : recebe affavel  
Nos braços o fingido Anacoreta ,  
E humilhado á virtude respeitavel  
Lhe beija a pobre manga da roupeta ;  
Mas depois que no agrado incomparavel  
A publica attenção julgou completa ,  
O conduz com suave , e breve giro  
Ao mais occulto , interior retiro.

## LV.

Alli com pia fé do peito afflicto  
Lhe communica todos os cuidados ;  
Em que fluctua o coração invicto ,  
Na funesta oppressão dos sitiados  
Supplica-lhe , que alcance do infinito  
Poder de Deos com rogos porfiados  
Socorro a tantos damnos ; se são certas  
As promessas a Affonso descubertas.

As

## LVI.

As promessas de Deos são infalliveis ,  
 Lhe diz o sacro Genio disfarçado ;  
 Mas na esfera confusa dos possiveis  
 Nada alcança o juizo limitado ;  
 Talvez nos mais funestos , mais horriveis  
 Successos , que lamenta o nosso enfado ,  
 Fabrica a mão de Deos Onnipotente  
 A gloria mais feliz , mais permanente.

## LVII.

Naõ te affustem os feros ameaços  
 Da guerra dura , da miseria triste ;  
 No desprezo dos grandes embaraços  
 O valor verdadeiro só consiste :  
 A palavra de Deos te anima os passos ,  
 No teu projecto firmemente insiste ,  
 E verás o rigor mudado em gloria ,  
 Premiado o trabalho na victoria.

## LVIII.

Verás o mesmo Rey , que agora a lança  
 Brandindo está feroz para a conquista ,  
 Buscar do proprio solio a segurança  
 Nos mesmos laços da alliança mista :  
 Duas irmans , que da paterna herança  
 O cuidado trará de Hespanha á vista ,  
 Verás huma da tua escolha abono ,  
 Outra firmeza do contrario trono.

Famo-

## LIX.

Famosa descendencia te assegura  
 Este illustre Hymeneu, que o Ceo prepara;  
 Se não he illusão da idéa escura  
 O que julgo favor da luz mais clara;  
 Europa toda vejo, com fé pura,  
 O joelho dobrar á prole chara;  
 Mas deixando os estranhos principados,  
 Dos Lusos só direi os mais chegados.

## LX.

Hum constante Duarte o Ceo destina  
 A succeder no trono restaurado,  
 Que com raras virtudes illumina  
 A breve afflicta esfera do reinado;  
 Frustrar-lhe alguns projectos determina  
 Talvez a força do immutavel fado;  
 Mas por premio das grandes qualidades,  
 Lhe dará fama illustre nas idades.

## LXI.

Nem menos conhecidos nas historias  
 Seraõ dos quatro irmaons os nomes claros;  
 Pedro, Joaõ, e Henrique nas memorias  
 Dos successos de Marte mais preclaros,  
 Fernando, se não já nestas victorias,  
 Nos triunfos da fé não menos raros;  
 Pois das breves caducas esperanças  
 Ha de formar eternas seguranças.

Acaba

## LXII.

Acabado o governo de Duarte ,  
 Affonso regerà da Líbia a gente ,  
 Affonso , que na voz do duro Marte  
 Affamado será eternamente :  
 Tanto fará tremer do mundo a parte ,  
 A quem notavel faz o clima ardente ,  
 Que disputando a gloria do Romano ,  
 Conhecido será por Africano.

## LXIII.

Maior que Affonso o filho se reputa ;  
 João , nome feliz nos Portuguezes ,  
 Que do paterno affecto na disputa  
 Ao trono subirá por duas vezes ;  
 Mas sempre com tal fama , e tal conduta ;  
 Que vencendo as invejas descortezes ,  
 Conseguirá do mundo no respeito  
 Ser tratado por Principe perfeito.

## LXIV.

Pio , justo , valente , generoso ;  
 Verdadeiro , magnanimo , discreto ;  
 Será de Marte affombro respeitoso ,  
 De Nemefis modello o mais completo  
 Pay dos fieis vassallos amoroso ,  
 Flagello do soberbo orgulho inquieto .  
 Na sciencia dos Reys será notado  
 Dos vindouros por mestre consumado.

Deste

## LXV.

Deste o Ceo não permite , que do trono  
 A prôle chara occupe o Regio affento ;  
 Porque tem destinado para abono  
 Da gloria Lusitana , outro instrumento :  
 Hum Rey lhe ordena Deos , de quem Patrono  
 Se ha de mostrar no mesmo nascimento ,  
 Do teu sangue igualmente acreditado ,  
 Por Duarte , e Fernando derivado.

## LXVI.

Manoel ha de ser o Rey potente ,  
 Que as promessas de Deos verá cumpridas ;  
 No seu tempo serã na estranha gente  
 Da Ley santa as verdades recebidas.  
 Nas mais remotas terras do Oriente  
 Seraõ suas bandeiras conhecidas ,  
 E serã seus baixeis encaminhados  
*Por mares nunca dantes navegados.*

## LXVII.

Novos mundos verã as Lusas Quinas  
 No progresso feliz deste governo ,  
 Vassallagem render ás leys Divinas ,  
 A' Lizia preparar tributo eterno ;  
 Aromas , sedas , ouro , e pedras finas  
 Illustrarã de sorte o fasto externo ,  
 Que será conhecido este reinado  
 Em Portugal por seculo dourado.

Mas

## LXVIII.

Mas não será só de ouro a copia rara ,  
 O mais illustre dom da mão suprema  
 Nas prendas dos vassallos lhe prepara  
 A summa providencia a gloria extrema ;  
 Heróes de toda a classe a Lísia clara  
 Então produzirá , que em nobre emblema  
 As virtudes dos Gregos , e Romanos  
 Haõ de mostrar nos peitos Lusitanos.

## LXIX.

Outro novo Jason , outros famosos  
 Argonautas espera aquella idade ,  
 Outros Manlios não menos gloriosos ;  
 Fabricios , Scipiøens de mais bondade ;  
 Nem sómente nas armas preciosos  
 Estes tempos seraõ , na suavidade  
 Hum Homero teraõ , que cante a brados  
*As armas , e os varoens assignalados.*

## LXX.

Outro Joaõ do reino a redea dura  
 Regerá felizmente , e no cuidado  
 Do culto pio , da sciencia pura  
 Será com justa causa acreditado ;  
 Protegendo das letras a cultura ,  
 Não vivirá das armas descuidado ,  
 E por seus capitaens fará patente  
 O seu nome na Ásia , e Libia ardente.

Este



## LXXI.

Este verá do filho as esperanças  
Em flor cortadas; mas o neto egregio  
O trono ha de occupar, e as confianças  
Da Lizia animará no vulto regio;  
Se a virtude podesse as seguranças  
Aos seus alumnos dar por privilegio,  
Sebastião, no templo da memoria  
Lograria de todos a victoria.

## LXXII.

Mas nem sempre a fortuna favorece  
As illustres virtudes, nos castigos  
Talvez a mão de Deos se reconhece  
Opprimir mais pezada os mais amigos;  
Não porque menos justa nunca cesse  
De premiar os bons; mas nos perigos  
Purifica, talvez com mais cuidado,  
Os que destina a mais brilhante estado!

## LXXIII.

Aqui hum pouco o Genio suspendido  
A narraçãõ cortou, e hum breve espaço  
Os olhos para o ceo havendo erguido  
Parecia sentir forte embaraço;  
João lhe insta com rogo repetido,  
Que dos presagios não altere o passo;  
Porque o peito constante tem disposto  
A soffrer igualmente a pena, e o gosto.

Não

## LXXIV.

Não intentes , o Genio entãõ responde ,  
 Ouvir dos teus a mais fatal ruina ,  
 Que em distancia confusa o tempo esconde  
 A' justa dor , que o sangue te destina ;  
 Mas se o valor no peito corresponde  
 A' constancia , que o gesto te domina ,  
 Ouve , e verás com quanta congruencia  
 Observa o tempo as leys da Providencia.

## LXXV.

Decimo sexto Rey da Lusa terra  
 Sebastiaõ ferá ; na fatal conta  
 Quanto funesto risco o fado encerra ,  
 De Ourique o vaticinio claro aponta ,  
 A Libia ardente vejo em triste guerra ,  
 A' Lisia preparar eterna afronta ,  
 E a próle Regia alli attenuada ,  
 A palavra de Deos executada.

## LXXVI.

Perde-se hum grande Rey , e quasi extincta  
 Do grande Affonso a Lusa descendencia ,  
 Mais a magoa da perda se requinta  
 No imminente receio da violencia ,  
 E bem que o sacro emprego mal consinta ,  
 Que Henrique próle espere com decencia ,  
 No trono fará ver equivocada  
 A purpura real com a fagrada.

## LXXVII.

Este será da Lusa varonia  
 A ultima reliquia , e brevemente  
 Na triste servidaõ da tirania  
 Gemerá Portugal afflictaamente :  
 Doze lustros suppressa a Monarchia  
 O jugo soffrerá da Hiberia gente ,  
 E sobre os altos peitos Lusitanos  
 Reinaráõ tres Filippes Castelhanos.

## LXXVIII.

Mas o tempo virá , que satisfeita  
 A justiça Divina , o alto indulto  
 Da primeira promessa a Affonso feita  
 Cumprido mostrará com firme vulto ;  
 Os olhos outra vez na prole eleita  
 Porá o Deos supremo , e o regio culto  
 Restituído á Lusitana gente  
 Será com fama eterna illustremente.

## LXXIX.

Outro Joaõ da Lusa liberdade  
 Restaurador será , que de Bragança  
 No sangue illustre a regia Magestade  
 Conservará de Affonso sem mudança :  
 Este do trono a antiga dignidade  
 Renovará com rara confiança ,  
 E será o seu nome respeitoso  
 Conhecido no mundo por ditoso.

Affonso

## LXXX.

Affonso , e Pedro successivamente  
 O trono occuparáõ , ambos famosos ,  
 Hum nas victorias da Hiberina gente ,  
 Outro nos dons da paz sempre formosos ;  
 Felices ambos , se a discordia ardente  
 Lhe não manchar os peitos generosos ;  
 Porém sempre felices no destino  
 De confundir a furia do Hiberino.

## LXXXI.

Outra vez de Joã o nome egregio  
 O solio adornará de illustre gloria ,  
 Que nas prendas reaes , no vulto regio  
 Será eterno emprego da memoria ;  
 Este o Ceo com distincto privilegio ,  
 Guarda para esplendor da Lusa historia ;  
 E no seu tempo , as artes , e sciencias  
 Animará , com altas influencias.

## LXXXII.

Os aureos fructos de húma paz formosa  
 Encherão de abundancia aquella idade ,  
 E á sombra da opulencia deleitosa  
 A industria crescerá com liberdade ;  
 Cultivada a fereza bellicosa  
 Nos dictames civis da humanidade ,  
 Fará luzir na gente Lusitana  
 O valor , e a policia da Romana.

## LXXXIII.

Famosos Templos, nobres edificios;  
 Equipagens pomposas, moveis raros  
 Seraõ naquelles seculos propicios  
 Do gosto da Nação effeitos claros:  
 Das campinas os mesmos frontespicios  
 Menos rudes feraõ; pois nos preclaros  
 Cuidados da feliz agricultura  
 Trocaraõ os espinhos em verdura.

## LXXXIV.

No mesmo tempo a sabia providencia  
 Do grande Rey, no culto da justiça,  
 No respeito das leys, na reverencia  
 Dos sagrados mysterios mais submissa,  
 Nos premios da virtude, e da sciencia;  
 Nos castigos da fraude, e da cobiça  
 Mais illustre fará, mais preciosa  
 Aquella idade sempre venturosa.

## LXXXV.

Nem das armas a fama esclarecida  
 Desprezada será do Rey potente,  
 A soberba Othomana confundida  
 Verá o mar Egeo por sua gente:  
 Corfû vingada, Italia soccorrida  
 Seraõ padroens da gloria permanente;  
 Que logrará o nome respeitavel,  
 Ou na paz, ou na guerra, sempre amavel.

## LXXXVI.

Jozé do Patrio Trono o' augusto affento  
 Illustrará de novos esplendores,  
 Fabricando no Regio pensamento,  
 Para o Luso governo, as leys melhores,  
 A Policia civil, o Regimento  
 Das gentes militares, os maiores  
 Projectos do Commercio, e da Cultura  
 Seraõ do seu cuidado empreza pura.

## LXXXVII.

Novas fabricas, novos exercicios  
 Da nacional industria aquella idade  
 Logrará nos augustos beneficios  
 Da Regia providente authoridade;  
 Da lan, da feda os varios artificios,  
 Dos bornidos metaes a claridade,  
 Do barro, e da madeira os nobres usos  
 Seraõ vulgares nos dominios Lufos.

## LXXXVIII.

Famofas, opulentas companhias  
 Pela mão do governo reguladas  
 Mostraraõ do commercio as primazias  
 Dos seculos antigos ignoradas,  
 Do ocio, e da avareza as vans porfias  
 Seraõ a fim mais util destinadas;  
 E facudindo jugos encobertos  
 Provaraõ do negocio os lucros certos.

Neste

## LXXXIX.

Neste tempo outra vez a paz serena  
 Perturbada ferá na Lusa terra,  
 E mudado o exercicio, o Ceo ordena;  
 Que se deixe a lavoura pela guerra,  
 O desuso fará mais grave a pena,  
 Que na furia inimiga o susto encerra;  
 Mas ferá breve o termo do castigo  
 Conhecido sómente no perigo.

## XC.

Extincta a guerra, novas providencias  
 Dará Jozé á patria segurança,  
 Prevenindo o rigor das contingencias  
 Desde o seyo suave da bonança:  
 Rico Erario com promptas diligencias  
 Formará contra os riscos da mudança;  
 E nas praças, nas armas, e na gente  
 A força augmentará o Rey prudente.

## XCI.

O Ceo lhe nega o gosto appetecido  
 De próle varonil, mas bem segura  
 A memoria do tronco esclarecido  
 Na Filha illustre, e pio Irmaõ se apura:  
 Neste Conforcio felizmente unido  
 O sangue Portuguez em liga pura  
 Novas luzes prepara ao trono regio  
 Nos primores do fruto mais egregio.

## XCII.

Larga materia resta á Lusa gloria  
 Nos successos futuros ; mas bastante  
 Tens ouvido de mim para a victoria  
 De hum timido receio vacilante :  
 Aníma o peito, e guarda na memoria  
 Do certo vaticinio a luz brilhante ,  
 E na fé de taõ altas esperanças  
 Naõ te acobarde o susto das mudanças.

## XCIII.

Deos te destina para o trono Luso ,  
 Por altas permissoens da Providencia ;  
 O juizo dos homens he confuso  
 Para ver as razoens da Omnipotencia.  
 Naõ te creias injustamente intruso  
 Na distincção da Regia preminencia ;  
 Deos he Senhor dos Reynos ; repartillos  
 Elle só póde , póde dividillos.

## XCIV.

Do grande Affonso nóta o caso raro ,  
 Exemplo encontrarás desta verdade ,  
 O Ceptro lhe negava o mundo avaro ,  
 Deos lho deu com suprema authoridade :  
 Filhos tinha Saul , em quem bem claro  
 Era o direito á Regia Dignidade ;  
 Mas na mente Divina era primeiro  
 David estranho , que Isboseth herdeiro.

Quan-



## XCV.

Quando a ordem dos Ceos se não conhece ;  
 Faz a justiça humana regra certa ,  
 A quem deve ceder todo o interesse ,  
 Com submissão fiel , e descoberta ,  
 Que se esta ley geral se prevertesse ,  
 Terião as traçoens a porta aberta ;  
 Mas quando Deos declara o seu intento ,  
 Ha de ser cego o nosso rendimento.

## XCVI.

Elle te fará ver distinctamente  
 Do seu dezignio as puras influencias ,  
 Não só no ardor da Lusitana gente ,  
 Mas em prodigios de altas evidencias ;  
 Antes que o Reyno , em fórma competente ;  
 Te offereça do Solio as preminencias ,  
 Acclamado serás Rey Lusitano  
 Pela voz da innocencia em culto ufano.

## XCVII.

Então o Luso Ceptro sem receio  
 Aceitar poderás : agora aprende  
 A saber merecêllo ; pois por meio  
 Dos trabalhos a gloria se pertende.  
 Disse , e deixando o Heróe de assombros cheio  
 Das cousas , que ainda bem não comprehende ,  
 Delle se aparta , dando-lhe a certeza  
 De encommendar a Deos aquella empreza.

## XCVIII.

Animado ficou de hum novo alento  
 O valoroso Heróe ; no seu semblante ,  
 Se diviza com claro luzimento  
 De hum firme constancia a luz brilhante ;  
 Infunde o seu aspecto atrevimento  
 No peito mais mortal , mais vacilante ,  
 E dos olhos parece , que fulmina  
 Ardentes raios de hum luz Divina.

## XCIX.

Neste estado apparece aos companheiros ,  
 Com elles corre sobre os altos muros ,  
 Influindo nos animos guerreiros  
 Novo espirito , alentos mais seguros.  
 Fugindo vinhaõ varios cavalleiros  
 Do Castelhana ferro aos golpes duros ;  
 Mas do claro Varaõ basta a prezença  
 Para animar os Lusos á defença.

## C.

Elle accode com prompta providencia  
 A suspender as furias inimigas ,  
 E renova com brava diligencia  
 A perdida constancia das amigas :  
 Elle inspira nos seus a competencia ,  
 Desprezando trabalhos , e fadigas ;  
 Elle busca os contrarios mais famosos ,  
 Que intimida com golpes furiosos.

## CI.

A's suas mãos perdeu a triste vida  
O valente Pantoja , o bom Guevára ;  
Com Lozada arrogante ; e mal ferida  
A cabeça , de hum golpe , não repara  
Em fugir Espinoza ; nem duvida  
Gusmaõ fazer o mesmo , a quem tocára  
Igual forte no damno , recebendo  
No belicozo braço hum golpe horrendo.

## CII.

Affim cheio de gloria , e de esperança  
Se recolhe á cidade , affim alenta  
Dos cercados varoens a confiança ,  
Do consternado povo a dor violenta ;  
Affim guarda com firme segurança  
Os confiados muros , onde ostenta  
Cada dia com zêlo duplicado  
Mais valor , mais prudencia , e mais cuidado.

*FIM DO CANTO I.*

CANTO I

III

A's luz me p'ceda e não se afirme  
 O vulto de tanta e tanta gente  
 Com tanta arrogância e tanta  
 A cidade, e não se afirme  
 No seu esplendor, e não se afirme  
 Com tanta arrogância e tanta  
 A cidade, e não se afirme  
 No seu esplendor, e não se afirme  
 Com tanta arrogância e tanta

III

A luz me p'ceda e não se afirme  
 O vulto de tanta e tanta gente  
 Com tanta arrogância e tanta  
 A cidade, e não se afirme  
 No seu esplendor, e não se afirme  
 Com tanta arrogância e tanta  
 A cidade, e não se afirme  
 No seu esplendor, e não se afirme  
 Com tanta arrogância e tanta

FIM DO CANTO I

# A LIBERDADE

## CANTO II.

### ARGUMENTO.



*D*EPOIS de tres mezes de cerco, sem que os sitiados desmaiassẽ do primeiro ardor, principiavaõ os Capitaens Castelhanos a cançar se desta guerra; e o mesmo Rey desgostozo do pequeno progresso das suas armas, da notoria aversaõ dos Portuguezes, da inconstancia da Rainha sua Sogra, e de alguns acontecimentos, que a vulgar credulidade julgava presagios funestos, e affustado das brilhantes acçoens do Defensor de Portugal, principiava a affroixar nas suas iras, e já cogitava de algumas propostas suasves para se tratar a paz; quando no Inferno o Principe das Trevas indignado contra os Portuguezes por antigos agravos, e receozo das promessas feitas ao Senhor Rey D. Affonso Henriques, pertende

de fazer continuar a guerra , e arruinar o Trono de Portugal. Prática de Luzbel aos genios infernaes ; duvidas de Asmodeo ao projecto de favorecer aos Castelhanos , sendo Christaons , resposta de Luzbel. Vaõ com effeito as Furias infernaes fazer todo o mal possivel aos Portuguezes , e huma dellas em sonhos , incita o Rey Castelhana a profeguir a guerra com maior fervor. Chama o Rey a Conselho de Guerra , expondo o sonho ; pareceres do Conde de Barcellos , e de outros Capitaens , voto de Vallasco ; rezolução do Rey. Ataca-se huma partida de Portuguezes , que se acha fóra da Cidade , que cede com effeito ao maior numero , e se retira aos muros ; mas o Defensor os obriga a voltar aos inimigos , que se lizonjeavaõ de tomar a Cidade. Atêa-se novamente a contenda , que dura todo o dia , e a noite aparta , e não decide a disputa.



# A LIBERDADE.

## CANTO II.

### I.

**E** Ra o tempo, em que Phebo luminoso  
 Entre os filhos de Leta passa ufano,  
 E quasi assigna o termo glorioso  
 Da mais bella estação de todo o anno;  
 Quando as flores com vulto mais pomposo  
 Oitentaõ da belleza o breve engano,  
 E das aves a branda melodia  
 Se repete com mais gentil porfia.

## II.

Já tres vezes a filha de Latona  
 Mostrado tinha á terra o vulto inteiro,  
 E outras tantas do ardor, que a luz lhe abona,  
 Occultára o reflexo lisonjeiro,  
 Depois que a furia horrivel de Belona  
 Intimava á Cidade o som guerreiro,  
 Sem que no espaço de taõ largos dias  
 Desmaiassent as Lusas ousadias.

## III.

Rebatidos das forças Lusitanas,  
 E da sorte contraria fatigados,  
 Os capitães das armas Castelhanas  
 Os peitos já mostravaõ quebrantados;  
 Do mesmo Rey as iras inhumanas,  
 Os primeiros impulsos, e cuidados  
 De vingança, mais brandos pareciaõ,  
 Ou nas sombras do susto se escondiaõ.

## IV.

Elle via dos Lufos a firmeza  
 Cada vez mais constante, o zêlo puro  
 Dá liberdade, e gloria Portugueza  
 Cada dia mais vivo, e mais seguro;  
 Elle via o valôr, e fortaleza,  
 A prudente conduta, e braço duro  
 Do grande Defensor acreditar-se  
 Nos successos, crescer, e confirmar-se.



## IV.

O desprezo da morte, que ostentava  
Nas continuas fortidas, que fazia  
O Valeroso Heróe, a furia brava  
Dos seus golpes, o susto, que infundia  
O seu nome, o respeito, que lograva  
No povo Portuguez, tudo abatia  
O primeiro fervor do Rey tirano,  
Que já temia o ferro Lusitano.

## VI.

A deserção, que via tristemente  
Grassar no seu partido, o desamparo  
De muitos, de quem foi primeiramente  
Acompanhado no projecto avaro,  
Das Provincias o estillo inconsequente  
A fatal averção, ou odio claro  
Da Nação nos temores mal segura  
Tudo suas idéas desfigura.

## VII.

A mesma sogra, a mesma, que fizera  
Tantas queixas dagente Lusitana,  
Que incitára, apressára, e promovera  
Os progressos da tropa Castelhana,  
A mesma, que aruina pertendera  
Do Defensor, que a culpa mais tirana  
Lhe imputava, e pedia o seu castigo,  
O tratava de injusto, e de inimigo.

Esta

## VIII.

Esta mesma, depois arrependida  
 Do primeiro projecto, e desgostosa  
 Da conduta do genro, ou dissuadida  
 Da justiça da filha duvidosa,  
 Com patentes insultos offendida  
 De hum desterro, e prizaõ injuriosa,  
 A liberdade patria desejava,  
 E já do Defensor o nome honrava.

## IX.

O Ceo mesmo, parece que empenhado  
 Em favor dos altivos pensamentos  
 Da gente Portugueza, o Rey turbado  
 Com presagios affusta, com portentos:  
 No conceito do povo alvoroçado  
 Tem mais lugar aquelles sentimentos;  
 Mas no peito de hum Rey talvez assiste  
 Hum coração vulgar, hum genio triste.

## X.

He fama nas memorias conservada  
 Dos antigos annaes, com fé constante,  
 Da tradiçaõ das gentes abonada,  
 Entre os ecos do tempo mais distante,  
 Que intentando na fórma praticada  
 Pelos Lusos, em caso semelhante,  
 Acclamar-se a Raynha de Castella,  
 Com publico pregaõ, por mais cautella.

## XI.

No tempo, em que o ministro a passo brando  
 Por entre o povo vario se encaminha,  
 E grita alegremente a voz soltando,  
*Portugal, Portugal pela Raynha,*  
 Huma tenra menina, levantando  
 A cabeça no berço alli visinha,  
*Portugal, Portugal,* diz duas vezes,  
*Pelo Rey D. João dos Portuguezes.*

## XII.

E sendo em varias villas, e cidades,  
 Que o dominio de Hespanha consentiaõ;  
 Praticadas iguaes formalidades  
 Pelos que seu direito defendiaõ,  
 A pesar das crueis severidades,  
 Que os mais vivos temores infundiaõ  
 Huma velha caduca, hum pegureiro  
 Bastava a sublevar hum povo inteiro.

## XIII.

Mas sobre tudo o caso mais notavel  
 Do fanatico povo no conceito,  
 De vaons presagios sempre infaciavel,  
 A cegas illusoens sempre sujeito,  
 Foi hum successo nada reparavel,  
 De causas naturaes notorio effeito,  
 A quem deu só do tempo a circumstancia  
 Apparente figura de importancia.

## XIV.

Mandára confundir o Rey tirano  
Na bandeira real , por mais cautella ,  
As insignias do trono Lusitano  
Entre as armas antigas de Castella ,  
De hum , e de outro brazaõ o pezo ufano  
A Mendôça confia , e se desvella  
Em fazer com formal solemnidade  
Ostentaçaõ da nova dignidade.

## XV.

Mas apenas Mendôça rodeado  
De Hespanhóes , e de alguns dos Portuguezes ,  
Sobre hum bruto soberbo , que gerado  
Foi no centro dos campos Cordovezes ,  
Principia a marchar acompanhado  
De lisonjas festivas , e cortezes ,  
Quando hum triste accidente desconcerta  
Da cerimonia a pompa descoberta.

## XVI.

Hum turbilhão de vento impetuoso  
Com subito furor se precipita  
Sobre o grave congresso numerozo ,  
Onde as forças tiranas exercita ;  
Todo o concurso , o vento furioso  
Descompoem , desconcerta , impelle , e agita ;  
Mas na regia bandeira tremolante  
Fez impulso maior , mais fulminante.

## XVII.

O braço Portuguez, ou mal seguro  
No lugar destinado, ou combatido  
Dos Ministros cruéis de Eólo escuro,  
Com impulso mais forte, ou repetido,  
Agitado o pendaço de hum golpe duro,  
Foi das armas de Hespanha dividido,  
Deixando na bandeira o lugar vago,  
Sem que em si recebesse algum estrago.

## XVIII.

E proseguindó as feras influencias  
Da desordem fatal deste accidente,  
Apesar das mais promptas providencias,  
Do zêlo mais fiel, mais competente,  
Apesar do trabalho, e diligencias  
De Mendôça já triste, e descontente,  
O seu mesmo cavallo desbocado  
Fugio, correo, cahio precipitado.

## XIX.

Destes, e de outros casos semelhantes  
No conceito do vulgo portentosos,  
E no enleio dos peitos vacillantes  
Sempre nocivos, sempre perigosos,  
Combatidos do Rey os arrogantes  
Projectados intentos orgulhosos  
Já não mostravaõ tanta confiança,  
Já descobriaõ menos segurança.

## XX.

Pelo contrario o coração robusto  
 Do claro Defensor inalteravel,  
 Em quem não tem poder fadiga, ou fusto,  
 Inflamado de zêlo incomparavel,  
 Nas promessas seguro do Céu justo,  
 Cada vez com firmeza mais notavel,  
 Mais constante, mais forte se ostentava,  
 E dos Lusos os peitos animava.

## XXI.

Cada dia no campo dos contrarios  
 Mil estragos fazia, mil castigos,  
 Sendo seus golpes sempre extraordinarios  
 O mais vivo terror dos inimigos,  
 O mesmo Rey tirano insultos varios,  
 Varios fustos soffreo, varios perigos,  
 E na sua presença o Varaõ forte  
 Muitos seus entregou á fera morte.

## XXII.

A seus olhos perdeu a doce vida  
 Grisalva, com Giron, a quem levára  
 A's maons do Defensor a fê devida,  
 Que em defensa do Rey os empenhára;  
 Porque vendo no estrago enfurecida  
 Do potente Varaõ a dextra clara,  
 Por salvar o Monarcha recebêraõ  
 Duros golpes, que as frentes lhes fendêraõ.

Nes-

## XXIII.

Neste estado das armas Castelhanas  
Os primeiros furores moderados,  
Já da prudencia idéas mais humanas  
Occupavaõ do Principe os cuidados ;  
Quando lá nas cavernas mais tiranas  
Da esfera opaca em termos indignados ;  
O Monarcha das sombras furioso  
Amotinava o reyno tenebroso.

## XXIV.

Ouvido havia, que do fado eterno  
Destinada se achava a Lusa gente,  
Para vencer as sugestoens do Inferno,  
No coração da mesma Libia ardente,  
Que extenderia o zêlo sempiterno  
A's mais remotas partes do Oriente,  
E que em todos os climas o seu braço  
Cortaria do Abismo o torpe laço.

## XXV.

Temendo taes successos, e lembrado  
Das antigas injurias, que soffrêra,  
Quando o filho de Henrique aquelle estado  
Com celestes braçoens ennobrecêra,  
E dedicando a Christo altar sagrado,  
As aras de Mafôma escurecêra,  
Com voz horrenda as margens do Cocito  
Abalava nos eccos deste grito.

## XXVI.

He possível, dizia, que tão pouco  
 Zéle a Curia Tartaria o seu dominio,  
 Que no letargo de hum descanso louco  
 Veja crescer dos Lusos o delignio?  
 Ignora, repetia o brado rouco,  
 Ignora por ventura o Vaticinio,  
 Que promete ao valor destes mortaes  
 A ruina dos cultos infernaes?

## XXVII.

Quando espera evitar o triste damno,  
 Que ameaça do Abismo a Monarchia,  
 Se na torpe illusão de hum cego engano  
 Despreza agora aquella profecia;  
 Quer ver primeiro o braço Lusitano  
 Profanar o Alcoraõ a idolatria,  
 Vencer os Mouros, dominar as gentes,  
 E fazer do Evangelho as leys patentes?

## XXVIII.

Quer ver primeiro as Quinas Portuguezas  
 Tremolar sobre as costas Mauritanas,  
 Render do Malabar as fortalezas,  
 Opprimir as Potencias Indianas?  
 Espera ver primeiro as estranhezas  
 Do mundo occulto, expostas ás tiranas  
 Conquistas destes feros inimigos,  
 A quem domar não podem os perigos?



## XXIX.

Se tanto espera a torpe paciência  
Dos genios infernaes, em que affigura  
A esperança do Abismo á presistencia  
Do dominio, que affecta a sombra escura?  
Se não póde na mesma decadencia  
Contrastar o valor da Lilia dura,  
Como espera depois em outro estado  
Impedir-lhe os progressos do seu fado?

## XXX.

Mas que digo não póde? Não são estes  
Aquelles mesmos genios orgulhosos,  
Que a pesar dos Espiritos celestes,  
Perturbárao os reynos luminosos?  
Não sois vós proprios, os que já quizestes  
Ao mesmo Deos, com zêlos furiosos,  
Disputar igualdades na grandeza,  
No poder, no valôr, na fortaleza?

## XXXI.

Pois como agora soffrereis, que ufanas  
Dos míseros mortaes as ousadias  
Tanto cresçaõ, que em maquinas insanas  
Ameacem do Averno as regalias?  
Cedereis vós ás pertençaens humanas?  
Vós, que ás mesmas celestes Jerarquias  
Rezististes com furias arrogantes,  
Quanto mais infelices, mais constantes?

Ah!

## XXXII.

Ah ! não se perca aquelle nobre alento ,  
 Que nós fez emprender acçoens taõ raras ;  
 Se o fado ordena o nosso abatimento,  
 O nosso ardor lhe frustre as leys avaras :  
 Não julgue dos mortaes o pensamento  
 Indignas do seu culto as nossas aras ,  
 Vendo a nossa arrogancia assim sujeita  
 Dos impios fados á medida estreita.

## XXXIII.

Se o destino fatal dos Lusitanos  
 Ameaça do Abisino a decadencia ,  
 Na sabia prevençãõ dos tristes damnos  
 Consiste a melhor parte da prudencia :  
 Dissipem-se presagios taõ tiranos ,  
 Em quanto susto saõ , não evidencia ,  
 Que depois de sentir o golpe duro ,  
 Tarde vêm o remedio , e mal seguro.

## XXXIV.

Os Lusitanos hoje reduzidos  
 Estaõ á mais fatal calamidade ,  
 Sem governo , sem Rey , já desunidos  
 No ponto essencial da auctoridade ,  
 Alguns , que mais constantes , e atrevidos  
 Intentãõ sustentar a liberdade ,  
 Em Lisboa cercados mal resistem  
 Aos Hiberinos , que no cerco insistem.

Agora

## XXXV.

Agora , mais que nunca , a nossa furia  
 Tem lugar de opprimir estes mortaes ,  
 No seu funesto estrago a nossa injuria  
 Recompense as vinganças mais fataes ;  
 Evite o zêlo da Tartaria Curia  
 O motivo dos sustos infernaes ,  
 E vingando passadas insolencias ,  
 Acautele do fado as contingencias.

## XXXVI.

Anime o nosso ardor as mal seguras  
 Confianças das Tropas Hiberinas,  
 Facilite-lhe os meynos das mais duras  
 Emprezas , das acçoens mais peregrinas ;  
 Ministre-lhe as idéas das escuras  
 Traçoens para instrumento das ruinas ,  
 E ou por força das armas , ou do engano  
 Se lhe sujeite o Ceptro Lusitano.

## XXXVII.

Em quanto assim fallava o furioso  
 Imperador das sombras indigestas ,  
 Hum confuso ruido pavoroso ,  
 Que affustava as abobedas funestas,  
 Alterava o congresso tenebroso  
 Com torpe som , com inflexoens molestas ,  
 Athé que socegada a triste sala ,  
 Se levanta Asmodeu , e assim lhe falla.

## XXXVIII.

Não cuides não, Luzbel, que só tu zelas  
 As altivas empresas deste Estado,  
 Ou que só tu no risco te desvelas,  
 Que lhe ameaça a ley do duro fado:  
 Iguaes são em nós todos as cautelas,  
 Igual he o interesse do cuidado;  
 E se póde no empenho haver excesso,  
 Em mim tem mais lugar neste congresso.

## XXXIX.

Eu fui por mão suprema largos annos  
 Ligado sobre as terras do Oriente,  
 E na lembrança dos passados damnos  
 Cresce o motivo do temor presente:  
 Eu fei quanto devemos os tyranos  
 Vaticinios temer da Lusa gente;  
 Mas o susto cruel, que me consome,  
 Não vem do seu valor, ou do seu nome.

## XL.

Dos auxilios do Céu, que lhe affegura  
 A Ley, que seguem com zeloso rito,  
 Temo os effeitos, cuja força dura  
 Mal póde contrastar todo o Cocito:  
 A razaõ de Christãos he quem apura  
 Todo o odio fatal, com que me irrita;  
 E de todo o Christão da mesma sorte,  
 Desejo a perdição, o damno, a morte.

## XLI.

Se o Trono Lusitano conquistado  
 Fosse por gente de diversa feita ,  
 Seria todo o Abismo interessado  
 Em ver a Lísia a outra ley sujeita ;  
 Mas sendo o Rey de Hespanha entronizado  
 Igualmente christão , de que aproveita  
 Esta mudança , se do mesmo modo  
 Há de ficar christão o reyno todo.

## XLII.

Que razão de interesse , ou de esperança  
 Nos póde unir ás gentes Hiberinas ?  
 Temos mais certa a sua confiança ?  
 Saõ menos parciaes das leys Divinas ?  
 Taõ depressa te fogem da lembrança  
 Os passados estragos , e ruinas ?  
 Acafo os Hespanhoes no teu conceito  
 Menos christãos agora se tem feito ?

## XLIII.

Eu , responde Luzbel , eu aborreço  
 Igualmente Hespanhões , e Lusitanos ;  
 Mas estes temo mais , porque conheço ,  
 Que nos podem causar maiores damnos :  
 Elles saõ abonados , com excesso ,  
 Pelo Chéfe dos Numes soberanos ;  
 Elles tem a promessa das emprezas ,  
 Que assustaõ deste Abismo as fortalezas.

Este

## XLIV.

Este risco funesto he que pertendo  
 Evitar na ruina, que preparo  
 Ao Luso Imperio, com que fique sendo  
 Frustrada a intenção do fado avaro;  
 Pois se os Lusos Monarchas do tremendo  
 Vaticinio, instrumento haõ de ser claro,  
 Extincta a Monarchia Lusitana  
 Inutil fica a predicção tirana.

## XLV.

Ide, O'! meus companheiros, igualmente  
 Companheiros na pena, e nos projectos,  
 Ide, e nesses mortaes, tiranamente  
 Fulminai os estragos mais completos;  
 Parte anime o valôr da Hiberia gente,  
 Parte defuna os Lusos nos affectos;  
 E na civil discordia, e guerra dura  
 Padeça a Lisia perdição segura.

## XLVI.

Disse, e naõ bem de todo articuladas  
 Estas vozes feriaõ, quando em furia  
 As potencias do Averno amotinadas  
 Se atropelavaõ na Tartaria Curia;  
 De maligno furor arrebatadas  
 Qualquer demora julgaõ grave injuria,  
 E cada qual nas mostras da fereza  
 Parece ser auctor da triste empreza.

## XLVII.

Quaes na Praça fechada os valorosos  
Soldados do presidio, a quem desperta  
O rumor dos tambores clamorosos,  
Dos inimigos na noticia certa,  
A's armas correm todos cuidadosos,  
Cada qual já na mão o ferro aperta,  
E cada qual pertende fer primeiro  
Nas nobres provas do valôr guerreiro.

## XLVIII.

Taes os genios do Abismo enfurecidos  
Do Principe infernal pelos clamores,  
Correndo vão em chusma confundidos,  
Toda a funesta estancia dos horrores;  
Atrôão todo o Averno com bramidos,  
Com desordens, ruídos, e terrores,  
Athé que franqueada a porta escura,  
Sobre a terra se avança a tropa impura.

## XLIX.

Agora ó Muza, tu, a quem presente  
O grande caso foi, conta o progresso  
Daquella expedição, mostra patente  
Toda a serie fatal deste successo,  
Declara dos mortaes, e juntamente  
Dos immortaes furores o processo;  
Porque entre nós apenas das victorias  
Existem mal distinctas as memorias.

Era

## L.

Era o meio da noite ; a sombra espessa  
 Cobria toda a face do Emisferio ,  
 E Morfêo nas lisonjas , que professa  
 Dilatava na terra o doce Imperio ;  
 Dormia o Rey Hiberio ; mas impressa  
 Na triste idéa a dor do vituperio  
 Das suas armas ; nem no mesmo somno  
 Podia ter de algum focego abono.

## LI.

Mil confusas imagens fatigavaõ  
 Do bellicoso Rey a fantasia ,  
 E com vans illusoens lhe motivavaõ  
 Ora torpe pavôr , ora ousadia ;  
 Mas quando mais frequentes se mostravaõ  
 Os varios sonhos na mortal porfia ,  
 Huma das Furias do tirano Averno  
 Se lhe apresenta ao sentido interno.

## LII.

Do vulto se reveste de Fernando ,  
 Defunto Rey da Lusitana terra ,  
 Nas razoens da alliança auctorizando  
 O falso zêlo , que o portento encerra ,  
 E com gesto feroz , como accusando  
 Os frouxos passos da cançada guerra ,  
 Com a mão lhe estremece o corpo todo ,  
 E lhe falla depois por este modo.

Desper-



## LIII.

Desperta, descuidado Rey, desperta  
Do letargo fatal, que te sepulta,  
Não queiras de huma injuria descoberta  
Soffrer a mancha, que o teu fusto avulta:  
Senhor es de este Estado; a pena certa  
Não dilates ao reyno, que te insulta;  
Córte hum golpe valente os feros laços,  
Que a teu direito servem de embaraços.

## LIV.

Acordou de pavor estremecido  
O enganado Rey; mas brevemente,  
Julgando-se do Céu favorecido,  
O fusto troca em presumpção valente:  
Da cama falta, e logo enfurecido  
As armas busca, corre diligente  
A chamar os soldados, e no aspecto  
Traz impresso o furor da infame Aleoio.

## LV.

Em tanto das estrellas se apagava  
A fíntilante luz, e no Oriente  
Já da Aurora o fulgor annunciava  
A chegada do Sol resplandecente:  
A conselho de guerra se tocava  
Na regia tenda, aonde promptamente  
O Rey o caso expoem, e furioso  
Jura seguir o aviso rigoroso.

## LVI.

A voz de Rey nos Capitaens accende  
 O bellicoso ardor, e nos soldados  
 A noticia, que a todos já se estende  
 Do portento fatal os faz ousados;  
 Cada qual instrumento ser pretende  
 Do supremo destino, e em taes cuidados  
 Cresce de sorte o cégo fanatismo,  
 Que bem abona as intenções do Abismo.

## LVII.

E não só na vulgar credulidade  
 Reina a superstição, já na grandeza  
 Se devisa a pelar da auctoridade  
 A propensão da fragil natureza;  
 Mil senhores, da sorte a variedade  
 Já desprezaõ do sonho na firmeza,  
 E tal há, que na fé daquelle aviso  
 Qualquer demora julga prejuizo.

## LVIII.

Hum destes he o Conde de Barcellos  
 Illustre Cavalleiro Lusitano,  
 A quem de hum falso zêlo, vaons desvelos  
 Tinhaõ levado ao campo Castelhano;  
 Era Irmaõ da Raynha, e parallellos  
 Fazendo do dever, com torpe engano,  
 Antepoz dos parentes a amizade  
 A' patria natural fidelidade.

## LIX.

Este pois , dos direitos de Castella  
Acerrimo fauctor , agora entende  
Abonada dos Céos a causa della  
Nos avisos , que o sonho dar pertende ;  
E tanto neste empenho se desvela  
A favor do seu voto , que defende  
Ser delicto de grave qualidade ,  
Dilatar o castigo da cidade.

## LX.

Outros muitos aquelle empenho duro  
Abonavaõ do Conde , ou porque fosse  
Igual nelles o mesmo engano escuro ,  
Ou por effeito da lisonja doce ;  
Mas , ou fosse sincero , ou menos puro ,  
O voto destes faz , que tanto engrosse  
Aquella opiniaõ , que no conselho ,  
Só se atreve a impugna-la hum sabio velho.

## LXI.

Valasco , o velho illustre se appellida ,  
Que o contrario sentir defende ousado ;  
Porque prefere a gloria esclarecida  
A qualquer pensamento interessado ,  
E vendo no conselho introduzida  
A fatal illusaõ , e confirmado  
O engano do Rey pelos Ministros ,  
Com pareceres leves , ou finistros.

Largan-

## LXII.

Largando o nobre assento , que lograva  
 No militar congresso , a beneficio  
 Dos illustres empregos , que occupava ,  
 Ou da paz , ou da guerra no exercicio ,  
 De joelhos ao Rey se apresentava ,  
 E mostrando de dôr não leve indicio ,  
 Principia a dizer-lhe desta sôrte  
 Com animo fiel , constante , e forte.

## LXIII.

Antes , Senhor , que a nobre liberdade  
 Da minha fé te offenda , aqui prostrado  
 A teus pés , da fatal temeridade  
 Eu mesmo a pena espero , e peço ousado ;  
 Mas nunca o Céu permitta , que a verdade  
 Dissimule o meu peito , ou que enganado  
 De huma lisonja vil , queira servir-te  
 Pelos meios indignos de illudir-te.

## LIV.

Os sonhos , meu Monarcha , não são mais ;  
 Que huma breve illusão da fantasia ,  
 Que crê sentir presentes , e reaes  
 Chimeras ; que ella mesma inventa , e cria  
 E se houve alguns , que os termos naturaes  
 Excederao , talvez já mais seria  
 Sem misterio maior , e não devemos  
 Crer desta classe , quantos sonhos temos.

Mas

## LXV.

Mas ainda que julguemos o teu sonho  
 D'outra esfera, Senhor, dos ordinarios,  
 Nem por isso os effeitos lhe supponho  
 Infalliveis, ou menos temerarios;  
 Pois do Céu igualmente, e do medonho  
 Centro dos fingimentos vaons; e varios  
 Póde ser triste engano, ou santo aviso  
 Em favor nosso, ou nosso prejuizo.

## LXVI.

Quem sabe se a suprema Providencia  
 Abona a nossa causa com tal zêlo,  
 Que devámos á sua Omnipotencia  
 Hum tão distincto, e singular desvelo;  
 Ou se irritada a sua paciencia  
 Do nosso orgulho vaõ, para abatelo  
 Permitta, que com falsas illusoens  
 Se confundaõ as nossas ambiçoens.

## LXVII.

Ninguem, Senhor, com certa segurança  
 Póde affirmar a causa deste effeito,  
 E nesta confusaõ, qual esperança  
 Póde tirar de hum sonho o teu conceito?  
 Crê-me, meu Rey, a céga confiança  
 Não he valor; que o nobre ardor do peito  
 Não procede de hum erro temerario,  
 Mas de hum constante esforço extraordinario!

## LXVIII.

Sobre os firmes principios da prudencia  
 Não de fundar-se as nobres ousadias ,  
 E nos eccos da propria consciencia  
 Se há de escutar a voz das profecias ;  
 Se aquella nos clamores da innocencia  
 Abona a causa das promessas pias ,  
 Podemos justamente acredita-las ,  
 Animar-nos com ellas , espera-las.

## LXIX.

Mas se acaço , Senhor , nossos projectos  
 Não tem por base a força da justiça ,  
 Se são nascidos de mortaes affectos  
 D'ambiçãõ , d'interesse , ou de cobiça ;  
 Devem nossos discursos circunspectos  
 Mais temer , que esperar , com fé submissa ,  
 Que o Céu he sempre justo , e não premeia  
 Com seguranças injustiça feia.

## LXX.

Não duvido , Senhor , que justamente  
 Pertendes o dominio deste Estado ;  
 O direito do sangue claramente  
 Socega nesta parte o meu cuidado :  
 Estes meios porém , de que impaciente  
 Se serve o teu valor precipitado ,  
 Não sei se são da mesma sorte puros ,  
 Inculpaveis , decentes , e seguros.

## LXXI.

Tu bem sabes, Senhor, e muitas vezes  
 Eu to tenho lembrado, que juraste  
 De não entrar nos Reynos Portuguezes  
 Com mão armada, como agora entraste;  
 E por mais, que a lisonja nos cortezes  
 Applausos, encareça o bem, que obraste;  
 Temo, Senhor, que o Céu mal satisfeito,  
 Não figa das lisonjas o conceito.

## LXXII.

Mas seja como for, em toda a guerra  
 He sempre incerto o fim, e só seguro  
 O trabalho, a despeza, e quanto encerra  
 O triste nome de perigo duro;  
 E sendo facil, se a razão não erra,  
 Evitar tanto mal, e com mais puro  
 Arbitrio, conseguir o teu intento,  
 Creio, que debes pondera-lo attento.

## LXXIII.

Os Portuguezes mais apaixonados  
 Pelos foros da patria liberdade,  
 Não disputaõ, Senhor, os bemsfundados  
 Direitos, que te assistem na verdade;  
 Duvidaõ só, na fé dos seus tractados,  
 Conferir-te a suprema auctoridade;  
 Porque julgaõ não ser completo ainda  
 O tempo, e condiçoens da tua vinda.

## LXXIV.

Aníma o povo nestes sentimentos  
 O Graõ Mestre de Aviz, que se appellida  
 Defensor da Naçaõ, e pensamentos  
 Tem certamente de ambiçaõ crescida,  
 Mas a mesma ambiçaõ, que os seus intentos  
 Encaminha á grandeza appetecida,  
 Póde servir, se acaso a lisonjeas,  
 De meio facil para o fim, que idêas.

## LXXV.

Comettê-lhe, Senhor, benignamente  
 O governo da Lusã Monarchia,  
 Com condiçaõ, que em fórma competente  
 Te jure o Reyno a fé, que te devia;  
 Pois satisfeita assim completamente  
 A queixa da Naçaõ, sem mais porfia,  
 Elle póde ficar grande na terra,  
 Tu Senhor della sem rumor de guerra.

## LXXVI.

Mais quizera dizer o velho illustre;  
 Mas não lho soffre o Rey enfurecido,  
 Que julga tal arbitrio ser deslustre  
 Do decóro do Solio esclarecido:  
 Calar o manda, e porque não se frustre  
 Dos outros Capitaens o ardor luzido,  
 O conselho despede, ao campo passa,  
 Iras fulmína, estragos ameaça.

Haviaõ



## LXXVII.

Haviaõ neste tempo os fitiados  
Lançado da Cidade huma partida  
De poucos Cavalleiros , mas ufados  
A desprezar a morte embravecida ;  
E sendo pelo Rey examinados  
Do alto , que Olivete se appellida ,  
A elles grita , a elles , que traidores  
Se atrevem deste modo a seus Senhores.

## LXXVIII.

Qual na dura montanha o vigilante  
Pastor , que avista os lobos furiosos ,  
Grita , corre , e se vê no mesmo instante  
Seguido dos rafeiros cuidadosos :  
Tal no campo Hiberino , ao arrogante  
Brado do Rey açodem valorosos  
Os Principes , os Grandes , os Privados ,  
Os Capitaens , os Guardas , os Soldados.

## LXXIX.

Valasco aquí primeiro se apresenta  
Ao lado do seu Rey com brão forte ,  
E no semblante alegre representa  
Dominar o rigor da dura forte ;  
Elle anima os soldados , elle alenta  
Os Capitaens a desprezar a morte ;  
Porque têm , ou no campo , ou no conselho  
Valor de moço , discriçaõ de velho.

## LXXX.

O Conde de Barcellos acompanha  
 Valasco no valor, senão no acerto,  
 E quer mostrar agora na campanha  
 Abonado o seu voto por expertõ ;  
 Outros muitos Varoens da clara Hespanha  
 Promptos se ostentaõ já no campo aberto ;  
 E cada qual na gloria deste dia  
 Pertende disputar a primazia.

## LXXXI.

Em tanto o campo todo visitava  
 Occulta a Furia do funesto Averno ;  
 E nos peitos vulgares inspirava  
 Cruéis impulsos de rancôr eterno ;  
 Mas vendo, que a marchar já se tocava ;  
 Tomando de hum Trombeta o vulto externo ;  
 Ella faz o final, e o som tirano  
 O Luso affusta, anîma o Castelhana.

## LXXXII.

Difunde-se o furor do genio impuro  
 Por todo o arraial alvoraçado,  
 Desce o Rey furioso o monte duro,  
 Corre ao combate intrepido o soldado,  
 Não menos, que escalar o Luzo muro  
 Promette cada qual com voto irado,  
 E já sobre os despôjos da Cidade  
 Se lifonjêa a militar vaidade.

## LXXXIII.

Densa nuvem de pó caliginoso  
Precedê á marcha da soberba tropa ;  
Dos gritos o ruído pavoroso  
O monte atroa , na Cidade topa ;  
Alterna o som das armas bellicoso  
O estrepito do bruto , que galopa ,  
E corresponde em competencia horrenda  
O som mais fero á vista mais tremenda.

## LXXXIV.

Firme esperava tantos ameaços  
A pequena partida Lusitana ,  
Que rompendo do muro os embaraços ;  
Insultava a braveza Castelhana ;  
Mas bem , que a força dos robustos braços  
Algum tempo dilata a furia infana ;  
Em fim a multidão impetuosa  
Atropella a constancia vigorosa.

## LXXXV.

Cede o Luso valor ao peso horrendo  
De tantas armas , tantos inimigos ,  
E já com triste assombro vai perdendo  
O nobre orgulho dos trofeos antigos :  
Insta o Rey furioso , encarecendo  
Ora premios aos seus , ora castigos ,  
E nos exemplos de hum ardor bem raro  
Lhe dá o documento mais preclaro.

## LXXXVI.

A presença do Rey faz mais ufana  
 A gente militar, a quem no peito  
 Da trombeta infernal a voz tirana  
 Augmenta do furor o cego effeito;  
 Já não resiste a gente Lusitana,  
 Já perde de invencível o conceito,  
 Já desampara o campo, já se abriga  
 A' sombra forte da muralha amiga.

## LXXXVII.

Já soão pelo exercito arrogante  
 Mil alegres clamores de victoria,  
 Valasco ousado clama *avante avante*;  
*Que he nossa a Praça, nossa toda a gloria,*  
*Avante, avante*, clama triunfante  
 O Conde de Barcellos, *que a notoria*  
*Affistencia dos Céos já me franqueia*  
*A propria casa, que julguei albeia.*

## LXXXVIII.

Em tanto de huma torre da Cidade  
 Observava Joaõ todo o conflicto,  
 E na fé da constante heroicidade  
 Enchia de esperança o peito invicto,  
 Mas vendo já com tanta claridade  
 Dos Lusitanos o desmayo afficto,  
 Da torre desce, corre a soccorrelos  
 Taõ ousado, que a Marte dera zêlos:

A

Chega

## LXXXIX.

Chega ás portas , aonde a vergonhosa  
 Desordem vê dos seus mais descoberta ,  
 Buscando cada qual com pavorosa  
 Fugida salvação na porta aberta :  
 Em vão quer animalos ; na medrosa  
 Confusão a ouvir ninguém acerta ,  
 Nada yale o exemplo , nada as vozes ,  
 Cada vez vem fugindo mais velozes.

## XC.

Em generosas iras abrasado  
 O coração do Heróe chamas exala ,  
 Parece cada acção hum raio irado ,  
 Cada voz hum trovão , que horrendo estala ;  
 Elle só resistir pertende ousado  
 A'quella multidão , que a terra abala ;  
 Mas com tal desacordo os seus fugião ,  
 Que as mesmas largas portas impediaõ.

## XCI.

Promessas , ameaços , e castigos  
 Inutil tudo he , de balde grita ,  
 De balde os brios lhes recorda antigos ;  
 De balde contra o seu temor se irrita.  
 Quer fahir , mas o zêlo dos amigos  
 Os ardentes projectos lhe limita ,  
 Mostrando , que não póde expôr ousado  
 Huma vida , de quem depende o estado.

Susten-

## XCII.

Suspendeo-fe ; mas vendo , que prefiste  
 A desordem fatal na Lusa gente ,  
 De quem todo o cuidado só confiste  
 No refugio das portas indecente ;  
 Com semblante feróz , com gesto triste ;  
 Repellindo os primeiros vivamente ,  
*Vós fereis bons , lhe grita , sem vontade ,*  
*Que o mesmo visco vos dará bondade.*

## XCIII.

Isto dizendo com feróz semblante ,  
 A' dura porta applica a mão robusta ;  
 Que com ruido horrendo , e dissonante ;  
 Ao costumado fecho em fim se ajusta :  
 Tremeo parte do muro vacillante  
 Ao impulso fatal da dextra angusta ,  
 E ficáraõ no campo os Lusitanos  
 Contra todo o poder dos Castelhanos!

## XCIV.

He talvez nos extremos do perigo  
 Algum foccorro a falta de esperança ;  
 Menos temem os Lusos o inimigo ,  
 Frustrada da muralha a segurança :  
 Já revestidos do valor antigo ,  
 Aguardaõ vigorosos sem mudança ;  
 Dos Hespanhoes as forças formidaveis ;  
 Que antes tinhaõ julgado incontrastaveis.

Pereia

## XCV.

Pereira, que a partida governava,  
 Cavalleiro de espirito arrogante  
 A quem contra vontade atropellava  
 A confusaõ da turba vacillante,  
 Vendo agora, que a gente se mostrava  
 Já menos pavorosa, ou mais constante,  
*Volta, volta*, lhe grita com voz solta,  
 E sobre os Hespanhoes ousado volta.

## XCVI.

Recobraõ neste tempo os Lusitanos  
 O Marcial alento já perdido,  
 Ferozes tornaõ sobre os Castelhanos  
 A deshonra a vingar de haver fugido;  
 Mas naõ menos ardentes os Hispanos  
 Seguros já na fé de haver vencido,  
 Instaõ com furia, ferem com violencia,  
 Julgando que obraõ já sem resistencia.

## XCVII.

Vinha na frente do esquadrão contrario  
 De Santiago o Mestre esclarecido,  
 Cavalleiro gentil, mas temerario,  
 De forças naõ vulgares presumido:  
 Gritando vinha com desprezo vario  
 Injurias mil; mas quando mais subido  
 Na vangloria se mostra, entaõ Pereira  
 De hum golpe o fez rodar pela ladeira.

Em

## XCVIII.

Em defenza do Mestre hum Cavalleiro  
 Da mesma insignia corre valoroso ;  
 Mas foi-lhe só na forte companheiro  
 Ferido de outro golpe furioso ;  
 Segundo vai , e vai tambem terceiro  
 Accrescentar o caso lastimoso ,  
 Que Pereira feroz não se dilata ,  
 Cada golpe , que dá , ou rende , ou mata ;

## XCIX.

Nem menos cobiçosos de vingança  
 Se mostraõ varios outros Portuguezes ;  
 Alli corre Pavêdo sem tardança ,  
 Martins alli se illustra muitas vezes :  
 Rompendo Almeida vai com segurança  
 Cabeças , peitos , murrioens , e arnezes ;  
 Mas saõ tantos no campo os Castelhanos ,  
 Que não sentem da falta os graves danos.

## C.

Atêa-se outra vez a chama viva  
 Do fogo Marcial naquelle instante ;  
 Qual das cinzas renasce mais activa  
 A faisca talvez pouco importante :  
 Anima ao Luso a raiva vingativa ;  
 O poder ao Hespanhol faz arrogante ;  
 E cada qual ardendo em ira pura ,  
 Ou vencer , ou morrer alli procura.

Contar



## CI.

Contar daquelle dia os casos varios ;  
Os encontros crueis , os golpes fortes ,  
Os estragos fataes , os temerarios  
Excessos da vingança , as duras mortes ,  
Os effeitos da raiva extraordinarios  
Executados por diversas fortes ,  
Só tu Musa , que tudo tens presente,  
Poderias fazelo dignamente.

## CII.

Tocava o Sol já quasi desmayado  
Os liquidos cristaes de Thetis fria ;  
E das sombras do monte levantado  
A visinha campanha se cobria ;  
Acabava-se o termo assignalado  
Ao brilhante esplendor do claro dia ;  
E durava no campo infatigavel  
A furia de matar infaciavel.

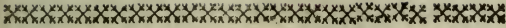
## CIII.

Naõ cançãõ de ferir os fortes braços ;  
Naõ cessaõ de irritar-se os odios duros ;  
A féra raiva alenta os membros lassoos ,  
Sustenta a ira os peitos mal seguros :  
Cada vez da porfia os tristes laços  
Nos bravos coraçõens se vêm mais puros ;  
E só a noite escura , que os divide ,  
Aparta , e naõ decide a dura lide.

## CIV.

A noite escura em fim , o termo assigna  
Da contenda fatal , e porfiada ,  
Sem que alguma das partes seja digna  
De cantar a victoria desejada :  
Providencia da sorte foi benigna ,  
Faltar a luz , que a ser mais dilatada ,  
Faltariaõ talvez nos dois partidos  
Quem fossem vencedores , quem vencidos.

*FIM DO CANTO II.*



# A LIBERDADE.

## CANTO III.

### ARGUMENTO.



*RETIRADOS do campo os combatentes , procuraõ algum descanso no socego do somno ; mas o Heróe , a quem inquietaõ mais vivos desvéllos , occupa a noite nos cuidados da defensão do*

*Reyno , e sobre este ponto confere largamente com Monferro Cavalleiro Inglez , de quem faz muita confidencia ; e depois de tratarem ambos do soccorro , que esperavaõ de Inglaterra , e de outras disposicoens militares , se divertiaõ em tratar de outras noticias curiosas , e por esta occasiaõ pede Monferro ao Defensor , que lhe dê alguma idea da Historia de Portugal. Conta o Heróe os principios da povoação deste paiz , e as divertidas*

*fas gentes , que a elle vierãõ , ou commerciar , ou conquistar : falla dos Fenicios , dos Carthaginezes , e dos Romanos , e na guerra destes refere a gloria de Viriato , e de outros varoens Lusitanos : falla tambem de algumas Heroínas Portuguezas , e conta o tragico successo da infeliz Osmia. Profsegue a historia de Portugal athé o tempo de Augusto , e depois deste , havendo pouca materia para os fastos militares , falla o Heróe da mudança da Religiaõ. Conta a introducçaõ do Christianismo , a constancia de alguns Martyres Portuguezes desde Nero athé Constantino , e a pureza do culto athé Honorio. Refere a invasãõ dos Barbaros no tempo deste Imperador. Falla dos Hunos ; dos Silingos , dos Suevos e dos Godos , que ultimamente se fizeraõ Senhores das Hespanhas. Trata dos amores d' El Rey D. Rodrigo com Florinda filha do Conde Juliaõ ; das injurias feitas a esta Dama por aquelle Principe , da entrada deste na famosa Torre de Tolledo , e da tradiçaõ dos portentos , que alli vio. Relata a perfida vingança do Conde , e a introducçaõ dos Mouros na Hespanha , batalha de Guadalete , perda de El Rey D. Rodrigo , e total ruina do Imperio dos Godos.*



# A LIBERDADE

## CANTO III,

### I.

**R** Etirados do campo os combatentes  
 Igualmente cançados, naõ vencidos;  
 No socego procuraõ diligentes  
 Repouso dar aos membros opprimidos:  
 Do doce sômnno os mimos innocentes  
 Logravaõ já das iras esquecidos,  
 E nas tendas do campo, e na cidade  
 Se observava geral tranquillidade.

F

Mzs

## II.

Mas o grande João, que o nobre peito  
Com mais altos cuidados occupava,  
E dos riscos da patria no conceito,  
Entre mil pensamentos fluctuava,  
Não sentia do sômnio o brando effeito,  
Nem seu suave alivio aproveitava,  
Antes nas horas, em que os mais dormiaõ,  
Mais agudos desvelos o feriaõ.

## III.

Mandára no principio desta guerra,  
Por cautella maior, mais segurança,  
Revalidar no reyno de Inglaterra  
A nobre fé da antiga confiança;  
Mas postoque alcançou naquella terra  
Renovar huma sólida aliança,  
Não tinha produzido este Tractado  
O soccorro de gentes desejado.

## IV.

Apenas alguns poucos Cavalleiros  
Passado tinhaõ desta parte os mares,  
Em qualidade mais de aventureiros,  
Do que em fórma de tropas regulares;  
Mas destes mesmos poucos companheiros  
Lograva distincçoens particulares,  
Hum delles, que Monferro se appellida  
Cavalleiro de fama esclarecida.

Com

## V.

Com este largamente conferido  
 Tinha Joaõ da noite a melhor parte,  
 Ora sobre o foccorro appetecido,  
 Ora sobre questoens do irado Marte;  
 E depois quasi já de haver medido  
 O termo, com que a noite se reparte,  
 Por divertir occupaçoens taõ serias  
 Tratavaõ variamente outras materias.

## VI.

Dos Imperios do mundo mais florentes,  
 Das acçoens mais illustres dos passados,  
 Dos varios usos das Naçoens presentes,  
 Estranhas leys, costumes encontrados,  
 Do traje, e lingua de diversas gentes,  
 Dos modos de viver mais apartados,  
 E de outras cousas taes, de que a noticia  
 Serve aos ouvidos cultos de delicia.

## VII.

Era experto Monferro, e viajára  
 Largos paizes desde a tenra idade,  
 Onde varios estilos observára,  
 Ouvira relaçoens da antiguidade;  
 E depois que de algumas informára  
 Ao nobre Defensor com claridade,  
 Eu desejo, lhe diz, se vos naõ pesa,  
 Que me informeis da Historia Portugueza.

## VIII.

Mas quizera , se o tempo o permittisse ,  
 Os principios saber da gente Lusa ,  
 Qual antiga Nação a produzisse ,  
 Se he propria do paiz , se foi intrusa ,  
 Se na fórte das armas foi felice ,  
 Que Reys tem tido , os Capitaens , que accusa ,  
 Os grandes casos , e as facçoens de espanto ,  
 Se póde em breve historia caber tanto.

## IX.

Eu contarei , o Defensor responde ,  
 De tudo brevemente alguma parte ,  
 Bem que a minha instrucção não corresponde  
 Aos desejos , que tenho de agradar-te :  
 Muita luz das historias se me esconde ,  
 Pois mais , que ás Musas , servi sempre a Marte ,  
 Mas do pouco , que sei como soldado ,  
 Te farei hum compendio abreviado.

## X.

Os principios de todos os Estados  
 São cobertos de fabulas grosseiras ,  
 Que a distancia dos annos dilatados  
 Desfigura as noticias verdadeiras ;  
 Taes são no meu conceito os celebrados  
 Principios deste Reyno , em que as primeiras  
 Illufoens dos antigos confundiraõ  
 Os successos , com sonhos , que fingiraõ.

Anti-



## XI.

Antiga tradiçãõ nos assegura ,  
Que Tubal , de Noé notorio neto  
Deu á nossa Naçaõ origem pura ,  
De quem guarda Setuval o epiteto ;  
Mas nos longes do tempo he taõ escura  
Aquella fama , que ainda o mesmo affecto  
Da gloria nacional naõ sei se obriga  
A defender noticia taõ antiga.

## XII.

Da mesma sorte deixo na incerteza  
Da fé devida , alguns Heróes famosos ,  
De quem se diz , que a terra Portugueza  
Foi theatro de empenhos gloriosos ;  
Taes saõ os Geryoens , tal julgo a empreza  
Dos Osiris , dos Hercules zelosos ,  
Por mais , que se acreditem na porfia  
Dos Ozorios , da Torre , e da Geriã.

## XIII.

Nem mais abono dos primeiros annos  
Os Monarchas merecem nacionaes ,  
Os Iberos , os Brigos , os Hispanos ,  
Os Tagos , os Sicoros , e outros taes ;  
Mas aquellas verdades , ou enganos  
A toda a Hespanha vem a ser geraes ;  
E o tempo breve apenas me consente  
As memorias contar da minha gente.

Em

## XIV.

Em Luso, ou Lísias filho, ou companheiro  
 Do fabuloso Deos da antiga Niza,  
 Pertendem mil memorias, que o primeiro  
 Nome dos Lusos claro se diviza:  
 Constante tradiçãõ no Reyno inteiro  
 Desta noticia a fama immortaliza;  
 Mas com tudo não sei se este conceito  
 He só da analogia hum puro effeito.

## XV.

Foi grande a confusaõ daquella idade,  
 Saõ poucos, ou nenhuns os monumentos,  
 Em que possaõ firmar-se da verdade  
 Seguramente os nobres fundamentos;  
 E quanto mais remota antiguidade,  
 Nos convida com raros documentos,  
 Tanto mais duvidosa se descobre  
 Da primitiva gente a origem nobre.

## XVI.

O que tenho por certo he que os Fenicios,  
 Povos bem conhecidos nas historias,  
 Buscando do commercio os beneficios,  
 Estas praias fizeraõ mais notorias;  
 Nellas gentes, costumes, e edificios  
 Deixáraõ por Padroens de eternas glorias,  
 E do fructo talvez, que alli acháraõ  
 O nome da Provincia fabricáraõ.

Estes

## XVII.

Estes das letras sabios inventores ,  
E naõ menos nas armas instruidos ,  
Foraõ talvez os nobres precursores  
Dos Lusitanos Capitaens luzidos ;  
Mas sendo nos projectos domadores  
Pelas Punicas gentes succedidos ,  
Estas foraõ , depois , com proprio damno ;  
Quem fez mais claro o nome Lusitano.

## XVIII.

Porque depois de haver , por varias vezes ;  
Provado com seu risco , o braço forte ,  
O peito firme , os brios Portuguezes ,  
As duras armas , o valente córte ,  
Souberaõ conseguir com seus cortezes  
Tratamentos , ganhalos de tal fórte ,  
Que nas guerras fataes , que entaõ tratáraõ  
Sempre os Lufos fieis os ajudáraõ.

## XIX.

Já nas terras visinhas de Carthago ;  
Já na fertil Trinacria , e na ruina  
Dos vassallos de Venus , cujo estrago  
Horror da falsa Deusa se imagina ;  
Já nos riscos do mar incerto , e vago ,  
Que frequentava a gente peregrina ,  
Foraõ sempre os pendoens Carthaginezes  
Sustentados dos braços Portuguezes.

Mas

## XX.

Mas onde com mais risco, e maior gloria  
 Se fez illustre o povo Lusitano  
 Foi na guerra cruel, com que a memoria  
 Lhe eterniza a lembrança do Romano,  
 Dessa gente feliz na larga historia,  
 Se repete com dor do proprio damno,  
 Desde a Punica guerra athé Augusto,  
 O nome Portuguez com pasmo, e susto.

## XXI.

Pelos mesmos contrarios confessada  
 Nos Romanos annaes se vê patente  
 A destreza fatal da Lusa espada,  
 O generoso ardor da nossa gente;  
 Alli da mesma inveja acreditada  
 A fama Portugueza illustremente,  
 Se publica nos Templos, nas offertas  
 Não menos, que em ruinas descobertas.

## XXII.

Alli tremula mão involuntaria  
 De Jaspe não, porém de proprio susto  
 Deixou formada a estatua extraordinaria  
 Do Luso Viriato Heróe augusto;  
 A mesma infamia da traição contraria  
 A grandeza lhe avulta ao nobre busto,  
 Cujá base se adorna com Popillio,  
 Unimano, Pompeo, Plaucio, e Servillio.

De

## XXIII.

De outros muitos Varoens daquella idade,  
Que a soberba abatéraõ dos Romanos,  
Se eterniza a memoria na igualdade,  
Dos respeitos da patria soberanos;  
Ella se honra da nobre dignidade,  
Que deu aos Cefaroens, aos Apimanos;  
E pois o bastaõ Luso o fez notorio,  
Ella se honra da gloria de Sertorio.

## XXIV.

Mas naõ fõ dos Varoens na fama clara  
Se honra a Lusa provincia bellicosa,  
No sexo de belleza lhe prepara  
Novas glorias a estrella venturosa;  
Naõ foi huma só vez, que a sorte rara  
Fez a graça das Damas animosa;  
Mas pois muitos o tempo naõ consente,  
Dois casos destes contarei sómente.

## XXV.

No tempo, que o segundo Viriato,  
Nome sempre fatal aos inimigos,  
Por castigar de Galba o infame trato;  
Se vingava de Roma nos amigos;  
E augmentando com bellico aparato  
A nobre gloria dos tropheos antigos,  
Derrotado o Pretor da Lusa terra,  
Levava ás outras o furor da guerra.

## XXVI.

Os Romanos , que sempre procuravaõ  
 A vingança dos damnos padecidos ,  
 E no fusto sómente disfarçavaõ  
 Os impulsos dos odios concebidos ;  
 Insultados os póvos , que se achavaõ  
 Na ausencia do Varaõ mal defendidos ,  
 Devastando no campo os dons de Ceres ,  
 Levaraõ varios homens , e mulheres.

## XXVII.

O medo fez guardar com mais cuidado  
 Os homens fortes em prisoens seguras ,  
 Fiando o debil sexo delicado  
 Do simples laço de humas cordas duras :  
 Assim da noite o espaço dilatado  
 Passáraõ todos entre magoas puras ,  
 Tendo as Damas com tudo alli dispostas  
 As maons ligadas sobre as tenras costas.

## XXVIII.

Huma noite , que o vinho , e a confiança  
 De haver sahido os termos Lusitanos ,  
 Com brando somno , e torpe segurança  
 Todo o campo occupava dos Romanos ,  
 As maltratadas Damas , que a lembrança  
 Despertava cruel de tantos damnos ,  
 E volvendo na idéa mil projectos ,  
 Formavaõ mil arbitrios incompletos.

## XXIX.

Vendo a fraca prisaõ, que as maons mimosas  
 Mais opprime na dor, que na firmeza,  
 E sómente nas voltas cautellosas  
 Se affegura da força, e da destreza;  
 Resolvêraõ com furias generosas  
 Cortar daquellas cordas a dureza  
 Com as armas nativas, que do agrado  
 Costumaõ ser indicio, e não do enfado.

## XXX.

De huma só na prisaõ as mais enfayaõ  
 Da boca bella os claros instrumentos,  
 Resiste o laço vil, mas não desmayaõ  
 Das Matronas os nobres pensamentos;  
 Repete-se a porfia athé que cayaõ  
 Reduzidos a aresta os ligamentos;  
 Perde os laços aquella, e já liberta,  
 Por sua maõ as outras desaperta.

## XXXI.

Passaõ logo taõ fortes, como bellas  
 A's prisoens dos maridos, e parentes,  
 E taõ ditosas saõ, que os sentinellas  
 Achaõ todos dispersos, e dormentes:  
 Alegres entre excessos, e cautellas  
 Soltando vaõ dos ferros as correntes,  
 E ao mesmo tempo as armas dos Romanos  
 Entregando nas maons dos Lusitanos.

Del-

## XXXII.

Dellas unidos os varoens robustos  
 Sobre os contrarios correm furiosos,  
 Que do torpe descuido os premios justos  
 No proprio ferro provaõ temerosos:  
 A morte, a confusaõ, o horror, os sustos.  
 Fructo saõ dos desprezos orgulhosos;  
 Morrem huns; fogem outros, outros gritaõ,  
 Mas todos no pavôr se precipitaõ.

## XXXIII.

Cresce o fusto Romano no recato  
 Da ignorada interpreza das captivas,  
 Pois julgaõ sobre si de Viriato  
 Toda a força das armas vingativas:  
 Confirma aquella idêa o estrondo ingrato  
 Das Lusitanas vozes offensivas,  
 Que soltaõ neste tempo os Portuguezes  
 Em gritos repetidos muitas vezes.

## XXXIV.

Da noite as sombras o terror lhe augmentaõ;  
 Mas nem a luz do dia os desengana,  
 Que as Damas arrogantes representaõ  
 Hum bom corpo de gente Lusitana.  
 Com bellicoso adorno alli se ostentaõ  
 De duro ferro armadas á Romana,  
 E ficaõ neste estado em modos varios  
 Duas vezes temiveis aos contrarios.

Del-



## XXXV.

Delles os mais por força do destino  
 Acabáráo a vida ás mãos dos Lusos ,  
 Foge o resto com cégo desatino ,  
 Não menos derrotados , que confusos ;  
 Deixando o campo cheio de ouro fino ,  
 De despojos soberbos , e profusos ,  
 De que adornada a gente Portugueza  
 Os trophéos fabricou daquella empreza.

## XXXVI.

Ella foi propriamente hum raro effeito  
 Do nobre arrojo das valentes Damas ,  
 A quem da liberdade o amor perfeito  
 Enchia o coração de illustres chamas :  
 Ella póde , se a caso o meu conceito  
 Se atreve a comparar antigas famas ,  
 Eternizat-lhe a gloria de Heroínas ,  
 Mais do que ás Gregas , mais do que ás Latinas.

## XXXVII.

Mas não só na ambição da liberdade  
 Se illustração as Damas Lusitanas ,  
 Que se negão ás Clelias igualdade ,  
 Não invejão Lucrecias ás Romanas :  
 De Osmia a triste tragedia em qualidade  
 Similhante á de Roma , e nas tiranas  
 Circunstancias maior abona o excesso ,  
 Que faz áquelle caso este successo.

## XXXVIII.

Era Osmia da Lusa gentileza  
 Maravilha fatal , prodigio raro ,  
 Em quem se unia aos dotes da belleza  
 O dom sublime de hum engenho claro ;  
 E apurando as lisonjas da riqueza  
 Nos esmaltes do fangue mais preclaro  
 Tinha sido ditoso precipicio  
 De mil almas em doce sacrificio.

## XXXIX.

Hum nobre Luso em fim , ou mais ditoso ,  
 Ou mais digno talvez , que os mais amantes ,  
 Soube alcançar o termo glorioso  
 Dos votos da Nação mais relevantes :  
 A mão de Osmia , com gosto ambicioso  
 Entre applausos lograva triunfantes ,  
 Quando hum dia os Romanos de repente  
 Hum , e outro captivaõ tristemente.

## XL.

Teve por sorte a Dama malograda  
 Ficar presa de hum nobre Cavalleiro ,  
 Que notando a belleza delicada ,  
 Ficou della naõ menos prisioneiro :  
 Osmia arrasta as cadêas indignada ,  
 Elle tem por suave o captiveiro ;  
 Mas naõ he mais feliz neste combate ,  
 Que nos ferros de amor naõ há resgate.

## XLI.

Largo tempo abraçado em chama nobre  
 Geme o peito Romano mudamente ;  
 Perde o fulto depois , depois descobre  
 Os effeitos de amor já livremente :  
 Não lhe fica fineza , que não obre ,  
 Projecto algum não há , que não intente ;  
 Porém de Osmia o decóro he tão perfeito  
 Que athé no vencedor impõem respeito.

## XLII.

O mais difficil bem mais se appetite ,  
 Irrita-se a paixão na resistencia ,  
 Já do antigo respeito amor se esquece ,  
 Já despreza os clamores da decencia ,  
 De Osmia o recato nos excessos cresce ;  
 Mas he do vencedor tanta a impaciencia ,  
 Que houve de ter por fim no seu dominio  
 A forte de Lucrecia com Tarquinio.

## XLIII.

Sentio a nobre Dama a sua injuria ,  
 Quanto deve sentir hum peito honrado ,  
 Ver-se victima torpe da luxuria  
 A's mãos de hum cégo ardor sacrificado :  
 De huma justa vingança a nobre furia  
 Lhe occupa o coração desesperado ;  
 Mas não quer , que se arrisque , na incerteza  
 De hum golpe intempestivo , a nobre empreza.  
 Com

## XLIV.

Com cautella disfarça a dor activa,  
 Que o peito lhe devóra em magoa pura;  
 Finge agora a paixãõ já menos viva,  
 Inculca a condiçãõ já menos dura;  
 Já parece aos suspiros compassiva,  
 Já da voz não se affusta da ternura;  
 E tanto encobre em fim o seu projecto,  
 Que a mesma indignaçãõ parece affecto.

## XLV.

De apparencias taõ doces enganado  
 Se applaude o vencedor do seu successo;  
 Acreditando o vaõ prazer de amado,  
 Como effeito feliz do ousado excessõ;  
 Julga de Omnia o rigor em fim domado,  
 Já não teme das iras o progresso,  
 Já seguro de amor lhe facilita  
 Mil meios a vingança, que medita.

## XLVI:

Aos doces mimos de Morfèõ rendido  
 Huma noite se achava o cégo amante,  
 Mitigando nas tregõas do sentido  
 Os desvelos do affecto vigilante;  
 Quando de Omnia o furor mal reprimido  
 Nos mentidos disfarces do semblante,  
 Rompendo da cautella o fero engano,  
 Lhe destina o castigo mais tirano.

## XLVII.

A' garganta infeliz, que o sômnno opprime ;  
 Do próprio ferro o fio agudo applicá ;  
 Affusta a falta de uso a mão sublime ;  
 Mas da injuria a lembrança a fortifica :  
 Levanta em fim a espada, o golpe imprime  
 No atrevido offensor, que á fé dedica,  
 E com forças, que a gloria lhe prepará,  
 A cabeça do corpo lhe separa.

## XLVIII.

Com ella em huma mão, em outra a espada ;  
 Fumante ainda da cruenta empreza ;  
 Busca o Esposo infeliz, a quem prostrada ;  
 Quer declarar o caso com pureza :  
 Principia ; porém a voz gelada  
 De horror lhe fica na garganta preza,  
 Que não acha o pudor palavras dignas  
 Para expôr circumstancias tão malignas.

## XLIX.

Disse o que pôde ; diz o mais o pranto ;  
 Mas não perde no pranto o nobre alento,  
 Que se o pejo lhe causa á voz espanto,  
 Não lhe impede o valôr ao pensamento :  
 Quebrada a fé do laço sacrosanto,  
 Não se emenda o defar no sentimento ;  
 Osmia sabe, que a morte só dezata  
 Os grilhoens de huma infamia ; ella se mata.

## L.

Tal foi de Osmia a tragedia, e taõ valente  
 He na Lusa Naçaõ o amor da gloria,  
 Que naõ teme da morte a horrenda frente,  
 Por fazer a virtude mais notoria.  
 Mil provas deste affecto illustremente  
 Ministra ao pensamento a antiga historia;  
 Mas naõ sofre do tempo a brevidade  
 Casos narrar de igual heroicidade.

## LI.

A's noticias geraes do Estado todo  
 Voltarei outra vez, bem que de Augusto  
 Athé a introducçaõ do Imperio Godo  
 Pouco assumpto deixou o tempo injusto;  
 Mas se a fama nos rouba deste modo  
 Das nobres glorias do valôr robusto;  
 Outras glorias naõ menos singulares  
 Nos prepara a mudança dos Altares.

## LII.

Chegára em fim o tempo venturoso  
 Nos sacrosantos Livros indicado,  
 A' esperanza dos justos precioso,  
 E dos Santos Profetas suspirado,  
 Em que á terra abatido o Deos piedoso  
 Devia ser o Mundo resgatado;  
 E já desde os confins da Palestina  
 Se espalhava ás Naçoens a luz Divina.

Mas

## LIII.

Mas nas trevas da cega idolatria,  
 Que as Provincias Romanas occupava,  
 Mal distincto o fulgor da fé luzia  
 Entre os erros grosseiros, que encontrava;  
 Já por largo paiz se difundia,  
 Mas toda-via o rito se occultava;  
 Porque as aras das falsas Divindades  
 Se armavaõ do poder das Magestades.

## LIV.

Portugal, cuja forte em tudo rara,  
 He ser nos sacros cultos extremofo,  
 E com puros affectos adoptára  
 Da Ley nova o fervor religioso,  
 No zêlo santo da Doutrina clara  
 Se mostrava ás mais gentes vantajoso;  
 E por esta razaõ com mais porfia  
 Era objecto da cega tyrania.

## LV.

Bebido tinha nas mais puras fontes  
 Os Dogmas principaes da Christandade;  
 Quando apenas da Igreja os Orifontes  
 Se illustravaõ dos rayos da verdade:  
 Quem trouxe a Ley da Graça aos Lusos montes  
 Não he facil dizer com claridade;  
 Pois he na tradiçaõ problema vago  
 Ser Saõ Pedro, Saõ Paulo, ou Santiago.

## LVI.

Mas, ou todos, ou hum foi certamente  
 Do Collegio de Christo respeitavel  
 O Mestre, ou Mestres, que entre a Lusa gente  
 Ensináraõ seu Santo nome amavel;  
 E com fructo taõ prompto, e taõ patente,  
 Que abraçado de hum zêlo incomparavel,  
 Já no tempo de Nero, com fé pia,  
 Por Christo o Luso sangue se vertia.

## LVII.

Mil palmas de martyrio a Lusa terra  
 Produzio felizmente aquelles annos,  
 Cuja fama immortal a historia encerra  
 Para eterna vergonha dos Tyranos.  
 Naquella dos Christaons primeira guerra;  
 Indevelvel injuria dos Romanos,  
 Se distinguem os nomes de Cicilio,  
 Pedro, Eufrazio, Torcato, e de Basilio.

## LVIII.

Nem menos entre os Lusos preciosa  
 A lembrança de Mancio se conserva;  
 Mancio, cuja doutrina fez ditosa  
 A Cidade, que honrou a antiga Cerva:  
 Allí patente á inveja escrupulosa  
 A columna fatal inda se observa,  
 Onde Mancio com sangue rubricára  
 A verdade do Dogma, que ensinára.



## LIX.

O mesmo nobre empenho representa  
 Celerina Matrona Lusitana,  
 Secundino, Donato, e mais de oitenta  
 Companheiros, Victor, e mais Susana;  
 O mesmo as nove Irmãos, de quem se ostenta  
 Braga patria feliz, bem que tyрана,  
 Donde fugindo todas se assegura  
 Serem victimas fãntas da fé pura.

## LX.

Por ella illustremente em tempos varios,  
 Outros muitos Varoens, muitas Donzellas  
 Dos despójos da vida voluntarios  
 Adornáraõ na Lisboa as almas bellas;  
 A Historia secular, os Breviarios,  
 Os Altares, os Templos, as Capellas  
 Abonaõ, sem cessar em toda a idade  
 A constancia da Lusã Christandade.

## LXI.

Empreza digna de mais alto canto  
 Seria repetir distinctamente  
 As acçoens, que o fervor de hum zêlo santo  
 Fez obrar ao valor da Lusã gente:  
 A' mesma voz da fama affombro, e espanto  
 Póde ser este assumpto eternamente,  
 E da mesma materia a dignidade  
 Me nega de a tratar a liberdade.

He

## LXII.

Hé notoria no Mundo a tyrania ,  
 Que os primeiros tres seculos da Igreja  
 Maquinou aos Christaons a idolatrã ,  
 A avareza , a ambição , o odio , a inveja :  
 Ella foi taõ geral , tanta a porã  
 Dos martyrios , que a furia vil manêja ,  
 Que naõ teve a virtude outro destino  
 Desde Nero cruel a Constantino.

## LXIII.

Este grande Monarcha , a quem propicio  
 Por alta permissã da Providencia ,  
 O Ceo guardava o summo beneficio ,  
 De apurar dos altares a decencia ;  
 Auctorizando o Santo Sacrificio ,  
 Com justa Ley , com pura reverencia  
 Suspendeo dos martyrios a torrente ,  
 Rendendo a Christo o culto competente.

## LXIV.

Elle foi geralmente praticadõ  
 Nas Provincias de Roma tributarias ,  
 E nos Lusos limites celebrado  
 Com finezas de zêlo extraordinarias ;  
 E bem que alguma vez fosse infamado  
 Algum particular de acçoens contrarias ,  
 Foi sempre em Portugal pura , e constante  
 A Ley da graça o culto dominante.

## LXV.

Nem dos mesmos Monarchas a cegueira  
Pôde apagar a fé da Lusa gente,  
Por mais, que a Ley desprezem verdadeira  
Juliano, Constancio, e mais Valente;  
Sempre firme a Nação contra a grosseira  
Idolatria, contra a vil semente  
Das heresias, foi do zêlo empório  
Do grande Constantino até Honorio.

## LXVI.

No tempo deste froxo, e mal servido  
Imperador por forte, ou por enganos,  
Sendo o Imperio Romano acometido  
Pelas armas dos Godos, dos Alanos,  
Suevos, e Selingos, e partido  
Em retalhos por mãos destes tyranos,  
Foi a Lusa Provincia mal guardada,  
Destas barbaras gentes assolada.

## LXVII.

Os Suevos, e Alânos vencedores  
Dos Romanos nas terras Portuguezas,  
Forão logo entre si competidores  
No dominio das Lusas fortalezas:  
Daquî novas questoens, novos horrores,  
Novas perseguiçoens, novas cruezas  
Vem á Religião, ao Estado, á gente,  
A' honra, e á vida miseravelmente.

## LXVIII.

O theatro da guerra he quem padece  
 Sempre o damno maior da mesma guerra,  
 Ou só nelle deveras se conhece  
 Todo o mal, que este açoute em si encerra;  
 E bem, que o uso deste horror podesse  
 Menos susto causar na Lusã terra,  
 Era agora tão forte este castigo,  
 Que faria esquecer qualquer antigo.

## LXIX.

Pois sendo nestes Gétas conhecida,  
 Tyrana a condição, cega a braveza,  
 Grosseira a criação, barbara a vida,  
 Natural o rigor, propria a fereza,  
 No nome de inimigo enfurecida  
 A dura propensão da natureza,  
 Pareciaõ mais feras indomaveis,  
 Do que homens racionais, e sociaveis.

## LXX.

Hydropica ambição de sangue humano  
 Era affecto vulgar na fera gente,  
 Sendo objecto igualmente ao golpe infano  
 O varão forte, e o timido innocente;  
 Tudo affôla indistincto o ardor tyrano;  
 Mas de tantos estragos na torrente  
 Fazia mais horror a barbaria  
 Dos costumes, que a mesma tyrania.

## LXXI.

A polícia Romana introduzida  
 Nos estílos, nos moveis, no sustento,  
 Foi na Lusã Nação substituída  
 De hum barbaro, feroz procedimento;  
 Desterrado o bom gosto, a luz perdida  
 Das sciencias, das artes, do ornamento,  
 Destruía igualmente a furia bruta  
 O Palacio, o Jardim, a fonte, a gruta.

## LXXII.

O respeito dos Templos profanado,  
 Os sagrados Ministros perseguidos,  
 O santo Dogma de erros maculado,  
 Os Divinos Misterios confundidos,  
 O moral das acçoens prevaricado,  
 Os principios geraes desconhecidos,  
 Nenhuma applicação, nenhum estudo,  
 Tudo em fim era horror, desgraça tudo!

## LXXIII.

Resplandiano fôra o Rey primeiro,  
 Que os Alanos guiára á terra Lusã,  
 De quem Atáces foi filho, ou herdeiro  
 No governo cruel da gente intrusa:  
 Era Atáces mancebo, era guerreiro  
 De esfera não vulgar, bem que confusa;  
 Por falta de instrucção; mas valoroso  
 Inçaçavel, robusto, e ambicioso.

Este

## LXXIV.

Este depois de haver com mão pêsada  
 Domado Portuguezes , e Romanos  
 Na Provincia , que fora em forte dada  
 A's tiranas emprezas dos Alanos ,  
 Movído de ambição desordenada  
 De estender os limites soberanos ,  
 Contra os mesmos Suevos seus amigos  
 Convertia das armas os castigos.

## LXXV.

Com presteza fatal , com mão potente  
 Sobre a antiga Collimbria em fim dispára  
 Toda a furia da raiva impaciente ,  
 Que a guerra ordena , que o rigor prepara :  
 Arrazada a Cidade inteiramente ,  
 Résta apenas do nome a fama rara ;  
 Mas tão pouco distincta , que só deixa  
 Ver , que fora Collimbria , onde he Condeixa.

## LXXVI.

Das cinzas quentes deste estrago duro  
 Nova Fenis Coimbra se levanta ,  
 Onde o barbaro Rey para o futuro  
 Por padrao da victoria os seus transplanta ;  
 Mas no mesmo esplendor do novo muro  
 Segundo Pharaó ao mundo espanta ,  
 Atáces fero , que a pensoens vulgares  
 Sujeitava os Ministros dos altares.

## LXXVII.

Alli se via com affombro, e susto,  
Entre a plebe grosseira equivocado,  
O Sacerdote santo, o Bispo justo,  
Aos mais duros serviços condemnado:  
A gróssa barra, o alvião robusto,  
A pavióla, o cesto, e o mal lavrado  
Braço do cabrestante era o exercicio  
Da mão usada ao Santo Sacrificio.

## LXXVIII.

Em quanto desta forte entre insolencias,  
Crescia de Coimbra o muro altivo,  
Igualmente manchado de indecencias,  
Que illustrado de adorno defensivo,  
Os Suevos movidos das violencias,  
A que as tropas de Atáces dão motivo,  
Desde as praias do Lima vem correndo  
A castigar estrago taõ horrendo.

## LXXIX.

Mas temendo igualmente os dois partidos  
O successo fatal de huma batalha,  
Ou de antigos affectos commovidos,  
Que a politica voz astuta espalha,  
Dos impulsos das iras esquecidos;  
Cada qual pela doce paz trabalha,  
E terminaõ-se os tristes embaraços  
No fim ditoso de suaves laços.

Do

## LXXX.

Do Rey Suevo Hermenerico a filha  
 Cindafunda, Princeza respeitavel,  
 Em quem no summo gráo se ostenta, e brilha  
 A virtude, e belleza incomparavel,  
 Foi de Atáces o premio, a que se humilha  
 Tanto a sua soberba incontrastavel,  
 Que trocada a braveza em rendimento,  
 Fez de hum barbaro amor hum culto attento.

## LXXXI

Da força illustre deste affecto claro  
 Tira a nova Coimbra o timbre augusto,  
 Que Atáces lhe entregou no objecto charo  
 Representado em marmore robusto,  
 Allí dura, apesar do tempo avaro,  
 Da famosa Princeza, o nobre busto  
 Entré huma serpe, e hum leão metido;  
 Que insignias são do Pay, e do Marido.

## LXXXII.

Pouco tempo durou da paz serena  
 O dezejado fructo entre os Alanos,  
 Que huma liga fatal o odio ordena  
 Entre Vandalos, Godos, e Romanos,  
 Estas Naçoens, a quem causara pena  
 Ver unidos os Reys dos Lusitanos,  
 Dos progressos de Atáces temerosas  
 Em seu damno conjuraõ furiosas,



## LXXXIII.

Junto a Merida , entã Côrte luzida ;  
De que hoje resta apenas a memoria ,  
A confusos vestigios reduzida  
A soberba fatal da antiga gloria ,  
Acaba em fim de Ataces a temida  
Ambição , com desgraça taõ notoria ;  
Que perdida a batalha inteiramente ,  
Perde Estados , e vida juntamente.

## LXXXIV.

Alli extincta a gloria dos Alanos ,  
Dos Suevos renasce a Monarchia ,  
Cujõ termo em dominios soberanos  
Pouco ávante do Douro se estendia ;  
Mas vendo agora os póvos Lusitanos  
Sem governo formal , sem Rey , sem guia ;  
Com industrias de agrados , e amizades ,  
Se faziaõ senhores das cidades.

## LXXXV.

Brevemente com mutuas alianças  
Suevo , e Luso sangue se mistura ,  
Firmando o parentesco as seguranças  
Da mais bella uniaõ , da fé mais pura ;  
E crescem tanto as nobres confianças  
Nos penhores fieis , que se figura  
Huma naçaõ sómente , o povo vario ,  
Que tantas vezes fora já contrario.

## LXXXVI.

Largo tempo logrou Hermenerico  
 O dominio geral da Lusã terra,  
 De quem foi successor, no Trono rico  
 Rechilla, Rey feliz em paz, e guerra;  
 Deste o filho Rechiario, e Theodorico  
 Rey dos Godos de lá da Alpina serra,  
 Sendo em laços estreitos aliados,  
 Se fizeraõ contrarios declarados.

## LXXXVII.

Porque Sendo o Rey Godo, dos Romanos  
 Aliado fiel, constante amigo,  
 De quem agora o Rey dos Lusitanos  
 Se mostrava implacavel inimigo,  
 Pertendendo evitar da guerra os damnos;  
 De que conhece bem todo o perigo,  
 A Rechiario, com prudente intento  
 Quiz desviar daquelle pensamento.

## LXXXVIII.

Mas este, que aspirava ao Trono augusto  
 De toda Hespanha, e julga ser inveja  
 A causa principal daquelle susto,  
 Que não crê, que de amor sincero seja,  
 Lhe responde soberbo, altivo, injusto,  
 Que os proprios riscos mais attento veja;  
 Porque a guerra, que Hespanha agora sente,  
 Lhe irá fazer em França brevemente.

Passa

## LXXXIX.

Passa o Godo indignado da resposta  
 Da grande ferra as duras eminencias,  
 Onde a triste Pyrene a vida exposta  
 Vio dos brutos ás feras inclemencias;  
 E achando Hespanha ainda mal disposta,  
 Vaõ cedendo ao furor as rezistencias,  
 Athé que em fim, vencido Rechiario  
 Deixa a vida nas maõs de seu contrario.

## XC.

Com elle espira o sangue respeitavel  
 Dos Monarchas Suevos taõ temidos,  
 Abatendo-se o Ceptro inestimavel  
 A' fugeiçaõ dos Godos atrevidos;  
 E bem que largos annos perduravel  
 Fosse o nome de Rey entre os vencidos,  
 Eraõ Reys dependentes, de algum modo,  
 Do dominio geral do Imperio Godo.

## XCI.

Athé que em fim no tempo em que reynava  
 Leovigildo cruel, e ambicioso,  
 Cujo genio feroz naõ respeitava  
 Nem justiça, nem termo generoso;  
 Taõ tirano por fim, que executava  
 No proprio filho o odio furioso,  
 Perdido totalmente o nome Regio,  
 Ficou simples Provincia o Reino egregio.

## XCII.

Como tal confundida entre os estados  
 Da vasta altiva Goda Monarchia,  
 Seguiu a Lusa gente os varios fados,  
 Que a forte áquelle Imperio repartia;  
 Athé que em fim os vicios descarados,  
 Com que o Trono Real se invilecia  
 Desafiando os Céos para o castigo,  
 O conseguirão no infeliz Rodrigo.

## XCIII.

Este infausto Monarcha, a quem guardava  
 O destino fatal para esgarmento  
 Das desordens, que o Reino lamentava  
 De hum dominio cruel, torpe, e violento;  
 Completando a medida, que esperava  
 Da Justiça Divina o sofrimento,  
 Foi o ultimo Rey da gente Goda  
 Ruina universal de Hespanha toda.

## XCIV.

Era Rodrigo illustre descendente  
 Do sangue Godo mais esclarecido;  
 Antes de Rey, affavel, bom, valente;  
 Depois froxo, soberbo, e defabrido;  
 No governo do Reyno negligente,  
 Em passatemplos vaons só divertido;  
 Ao Conde Juliaõ com liberdade  
 Confiava o poder da Magestade.

## XCV.

Tinha o Conde huma filha , a quem dotára  
 De huma gentil figura a natureza,  
 Que brilhava a pesar da forte avara ,  
 Entre áceyos , agrados , e viveza ,  
 Maravilha da Corte , inveja rara  
 Do juízo , da graça , e da belleza ; ,  
 Era Florinda , em fim de todo modo  
 O prodigio maior do Imperio Godo ,

## XCVI.

Vio Rodrigo este affombro , e namorado ;  
 Que era divida amor a tal aspecto ,  
 Lhe tributa nas aras do cuidado ,  
 Continuas oblaçoens de puro affecto ;  
 Mas sendo o culto ardente desprezado ;  
 D'altiva indignação do doce objecto ,  
 Lhe consagra com voto mais rendido  
 Fé de Esposo , palavra de Marido .

## XCVII.

Já propicia Florinda ao rogo amante  
 Aceitava benigna em cultos varios ,  
 Os obsequios do Principe arrogante ,  
 E os parabens dos Povos tributarios ;  
 Quando a forte invejosa , ou vacillante  
 Por costume , nos bens extraordinarios ;  
 Fez conduzir á Corte de Rodrigo  
 Egilona , de amor novo perigo .

## XCVIII.

Era estranha Egilona, e mal tratada  
 No mar de huma tormenta furiosa,  
 Tinha sido das ondas arrojada  
 Sobre as costas de Hespanha bellicosa;  
 E sendo logo ao Rey apresentada,  
 Bem que adora a Florinda por formosa,  
 Foi a nova belleza mais bem quista,  
 Senão já por maior, por menos vista.

## XCIX.

Perde Florinda em fim por hum acaso  
 A mão do Rey, e o Trono promettido,  
 Que Egilona só deve ao triste caso  
 De hum naufragio nas ondas padecido;  
 Foi aquelle navio o triste vaso  
 De Pandóra, na Hespanha introduzido,  
 Donde foraõ sahindo os males todos  
 Para estrago geral dos nobres Godos.

## C.

Porque a bella Florinda injuriada,  
 Descompostos do Conde os pensamentos,  
 Nem podem supportar a dor pesada,  
 Nem querem sujeitar-se a sofrimentos;  
 Florinda altiva, ou menos disfarçada,  
 Não dissimula os tristes sentimentos;  
 Mas o Conde de enganos mestre antigo  
 Jura a perda do Rey com rosto amigo.

## CI.

Era o Conde Politico famoso ,  
Nas intrigas das Cortes instruido ,  
Vingativo por genio , e ambicioso ,  
Mas por arte agradavel , e sofrido ;  
Sem fé , sem probidade , impetuoso ,  
Nas paixoens , nos projectos desmedido ;  
Implacavel nas iras , avarento ,  
Suspeitoso , cruel , sanguinolento.

## CII.

Era do Rey valido , e de maneira ,  
Que ecliptada do affecto a Magestade ;  
Passava o valimento a ser cegueira ,  
Passava a sujeição a humanidade ;  
Pois abusando o Conde da ligeira  
Inclinação do Rey á ociosidade ,  
Deixando-lhe sómente o nome Regio ,  
Lhe usurpáva o poder , e o privilegio.

## CIII.

Os beneficios , as mercês , as graças  
Pelo arbitrio do Conde se faziao ,  
Os castigos , as penas , as desgraças  
Do seu gosto sómente dependiao ;  
O governo das Armas , e das Praças  
Pelo seu parecer se commettiao ;  
E finalmente o Rey do seu cuidado  
Fiava a direcção de todo o Estado.

## CIV.

Deste mesmo favor, desta privança  
 Faz o perfido Conde injusto meyo,  
 Para lograr mais promptos da vingança  
 Os fins, que occulta no mentido seyo;  
 Porque enchendo de vil desconfiança  
 O animo Real com torpe, e feyo  
 Fingimento de zêlo, o precipita  
 Na ruina fatal, que premedita.

## CV.

Faz-lhe crer, que os vassallos respeitosa  
 Lhe saõ pouco fieis, e mal sofridos,  
 E que os Povos ferozes, e orgulhosos  
 Podem ser facilmente commovidos:  
 Que he preciso evitar com cuidadosos  
 Artificios perigos taõ subidos;  
 E que o meyo melhor para evita-los,  
 He desfarmar Cidades, e vassallos.

## CVI.

Persuade-se o Rey do triste engano,  
 Porque crê cegamente o falso amigo,  
 E manda desfarmar em proprio damno,  
 Todo o Reyno, sobpena de castigo:  
 Depoem a gente Goda o ferro ufano,  
 Das praças se arruina o muro antigo,  
 E fica o Estado exposto ao risco duro,  
 Quando o Rey se imagina mais seguro.



## CVII.

Fundamentado assim o vil projecto,  
Se offerece a Rodrigo o Conde astuto  
Como effeito fiel de hum puro affecto ;  
A conseguir dos Mouros maior fructo ;  
Porque sabendo , que o primeiro objecto  
Dos cuidados do Rey são Sisebuto ,  
E Evan seu irmaõ refugiados  
Entre os Mouros , e delles estimados.

## CVIII.

Lhe aconselha , que mande huma embaixada  
A' Corte Mauritana , e que faria  
Elle perfido Conde esta jornada ,  
Que de outro Embaixador pouco confia ;  
E pondo em praxe a idea refinada ,  
Parte o traidor infame á Barbaria ,  
Mais que a tratar dos fins , que astuto affecta ,  
A dispor a vingança , que projecta.

## CIX.

Entre tanto Rodrigo ambicioso  
Dos thesouros , que a fama publicava ,  
Encerrar de huma Torre o vaõ famoso  
Que occulto ha muitos annos se guardava ;  
Onde o susto do povo temeroso  
Mil prestigios de encanto imaginava ,  
E de largas idades se dizia  
Ser funesto presagio se se abria.

Despre-

## CX.

Despresando rúmorez populares,  
 Que imagina illusoens do vulgo inculto,  
 E que na fé de idéas regulares  
 Fazem sempre pequeno, ou nenhum vulto;  
 Quebranta os vários ferros tutelares,  
 Que são das portas, mais que guarda, insulto.  
 Em rafaõ dos horrores, que authorisaõ  
 Nesse mesmo recato, que eternisaõ.

## CXI.

Examina da Torre o centro escuro;  
 Mas nella não vê mais, que hum cófre breve,  
 Que guardado com fecho bem seguro,  
 Tosco á vista parece, ao tacto leve;  
 Excita o novo objecto ardor mais puro,  
 Que a romper o mysterio em fim se atreve;  
 Mas patente o motivo do segredo,  
 Quanto fora alvorôço, he suspiro, e medo.

## CXII.

Porque dentro do cófre está dobrado  
 Sómente hum triste véo, que apenas toca,  
 Quando hum corpo de tropas vê pintado,  
 Que no traje com Mouros se equivoça;  
 A postura a fereza, e gesto irado  
 Tudo á guerra parece, que provoca;  
 Mas o risco mais claro annunciava  
 Hum letreiro, que assim se decifrava.

## CXIII.

*No momento fatal, que for aberta  
 Desta Torre vedada a porta inculta;  
 E por maous imprudentes descoberta  
 For a pintura, que este côfre occulta,  
 A conquista de Hespanha inteira, e certa  
 A' gente aqui notada se faculta;  
 Tema qualquer, que o vco tocar ousado,  
 Que nelle está seu risco retratado.*

## CXIV.

*Affustado Rodrigo, e vacilante  
 Treme de horror á vista do protento;  
 E nas palidas cores do semblante  
 Mal disfarça o pavor do pensamento;  
 Mas na fé dos prodigios inconstante,  
 No silencio sepulta o sentimento;  
 E sahindo das portas mal seguras,  
 As carrega de novas fechaduras.*

## CXV.

*Crê, que basta a cautela do segredo  
 A frustrar os horrores do ameaço;  
 E com rogos, promessas, susto, e medo  
 Affigura das vozes o embaraço;  
 Mas não póde evitar o cego enredo  
 O decreto cruel do fado escaço,  
 Que o Trono augusto em fim se precipita  
 Desde o tempo, que a Torre se visita.*

Tal

## CXVI.

Tal he a tradiçãõ de Héspanha inteira  
 Nos mais ferios escriptos abonada,  
 Se huma noticia tal por verdadeira  
 Póde ser de algum modo auctorifada;  
 Livre á luz da rafaõ fique a carreira  
 Nos exames de fé taõ dilatada,  
 Que eu seguindo da historia o cégo instincto;  
 Vou contando o que li, não o que sinto.

## CXVII.

Entre tanto na Corte de Rodrigo,  
 Com emprego de Dama da Raynhã,  
 Affilia Florinda, em quem o antigo  
 Amor do Rey fataes raizes tinha;  
 E mal firme a rafaõ contra o perigo,  
 Das subtis impressõens da luz visinha,  
 Novamente inflamado o Regio peito,  
 Da mais céga paixãõ padece o effeito.

## CXVIII.

Arde Rodrigo em chamas indecentes  
 Mais activas talvez, por mais impuras,  
 Que he costume de affectos imprudentes  
 Por culpaveis mostrar forças mais duras;  
 Saõ agora mais bellas, mais valentes  
 Da deixada Florinda as graças puras;  
 E exaltada nas aras do desejo,  
 Quanto fôra desprezo, he já cortejo.

Tem

## CXIX.

Tem por graves os laços preciosos ;  
 Que dos próprios affectos fabricára ;  
 E suspira com votos vergonhosos  
 Pelas mesmas cadêas , que quebrára ;  
 Contemplada com olhos cubiçosos  
 Aquella luz , que ha pouco reprovára ;  
 Cega agora o discurso , abraça a idéa ,  
 Sem mais outra razão , que fer alhêa.

## CXX.

Mas conserva Florinda na memoria  
 Viva a dor do desprezo intoleravel ,  
 E não lhe sofre o amor da propria gloria ;  
 Ser de Rodrigo ás ancias favoravel ;  
 Nas vinganças de offensa tão notoria  
 Passa a ser o rigor ira implacavel ,  
 E quanto mais amante o Rey parece ,  
 Tanto mais de Florinda o desdem cresce.

## CXXI.

Affistencias , obsequios , gentilezas ,  
 Lisonjas , attençoens , mimos , agrados ;  
 Desvelos , votos , cultos , e finezas ,  
 Rogos , suspiros , ancias , e cuidados ,  
 Tudo emprega Rodrigo com destrezas  
 De amante experto em riscos namora los ;  
 Mas a tudo resiste a Dama altiva  
 Naquelle tempo mais que Dafne esquivava.  
 Cresce

## CXXII.

Cresce a céga paixão na resistencia ;  
 Efeito natural do amor tirano ,  
 Que imitando dos rayos a violencia ,  
 Nas durezas se emprega mais ufano :  
 Frustrada da brandura a diligencia ,  
 Da força se aproveita o Rey insano ;  
 E qual outro Tarquinio furioso ,  
 Perde o Ceptro com crime vergonhoso.

## CXXIII.

Porque a nova Lucrecia injuriada ,  
 Não menos , que a Romana , mal soffrida ;  
 Nem medita vingança mais calada ,  
 Nem quer satisfação menos luzida.  
 Ao Pay intima em carta abreviada  
 A noticia da afronta padecida ,  
 E lhe pede com rogo impaciente  
 O castigo de acção tão insolente.

## CXXIV.

Recebe o Conde a carta , e vêm voando  
 Desde a Africa adusta athé Tolledo ,  
 Onde espera de caso tão nefando  
 Informar-se melhor , com mais segredo ;  
 E discursos malignos atalhando  
 Com finas illusoens de astuto enredo ,  
 Pública concluida a diligencia ,  
 Que fazia precisa a sua ausencia .

## CXXV.

Ao mesmo Rey engana desta forte ;  
A quem rende por zêlo a brevidade ;  
E occultando no peito a pena forte ,  
Affecta a mais feliz tranquillidade ;  
Mas depois , que da Filha , e da Conforte  
Se informa bem da triste novidade ,  
Largando a rédea toda á ira céga ,  
Ao mais duro furor em fim se entrega.

## CXXVI.

Pequeno sacrificio lhe parece  
A vingança cruel , que premedita ,  
E na sua soberba não conhece  
Limites a ambição , que o peito incita ;  
Na céga idéa mil projectos tece ,  
Em mil furias de horror se precipita ;  
E jura , que Florinda em dôr tamanha  
Outra Helena ha de ser da triste Hespanha.

## CXXVII.

Diffimula , com tudo , cauteloso  
A dôr feroz , que o peito lhe devora ;  
E nos cultos do Rey mais cuidadoso ,  
Ou mais attento se desvela agora ;  
Athé que conseguido o fim danoso  
Da torpe adulação , que a honra ignora ,  
Passa segunda vez de Africa os mares ,  
Governador das Praças Militares.

Como

## CXXVIII.

Como penhor, fiel da fé devida,  
 Deixa o perfido Conde com cautela;  
 A pesar da saudade enternecida,  
 No serviço do Paço a Filha bella;  
 Mas seguido da Esposa mal soffrida,  
 Que não menos nas iras se desvela,  
 Parte emfim a buscar com triste engano;  
 A vingança no ferro Mauritano.

## CXXIX.

Facilita-lhe a féra visinhança  
 Os duros meços da traição, que intenta;  
 E de Muça, na antiga confiança,  
 Os mais certos soccorros fundamenta:  
 Deste fia o segredo da vingança,  
 Os agravos do Rey lhe representa,  
 E lhe jura com torpe rebeldia,  
 Sujeitar-lhe de Hespanha a Monarchia;

## CXXX.

Era Muça dos Mouros Cōmandante;  
 Não menos que valente, industrioso,  
 Nos combates intrepido, arrogante,  
 Nos contratos prudente, e cauteloso;  
 E nos riscos presentes vacilante,  
 A' proposta se affecta duvidoso;  
 Mas o Conde com fortes argumentos  
 Lhe desvaneece os dubios pensamentos.



## CXXXI.

Faz-lhe ver com rasoens bem ponderadas ,  
 E por desgraça certas , e patentes ,  
 Que haõ de ser facilmente executadas  
 As empresas , que nota de imprudentes ;  
 Que as Cidades estaõ desmanteladas ,  
 Os soldados sem armas competentes ,  
 Desgostosa a Naçaõ , queixosa a Corte ,  
 Malquisto o Rey , e máo de toda a forte.

## CXXXII.

Que no Reyno tem grande quantidade  
 De parentes , amigos , e vassallos  
 Que estaõ promptos a toda a novidade  
 Com soldados , com armas , e cavallos ;  
 Que os portos tem seguros na amizade  
 De sujeitos dispostos a entrega-los ;  
 E que qualquer projecto bem medido  
 Lograria o successo pertendido.

## CXXXIII.

Pertuadido em fim o Mouro astuto  
 Destas rasoens , e de outras similhantes ;  
 De que vê claramente o nobre fructo ,  
 Que podem dar empresas taõ brilhantes ,  
 Lhe promette animoso , e resolutio  
 Ministrar-lhe soccorros abundantes ,  
 Com que possa naõ só vingar agravos ,  
 Mas claramente fulminar estragos.

Certo

## CXXXIV.

Certo já do soccorro desejado,  
 Passa o Conde com torpe providencia  
 A dispor a perfidia do Tractado,  
 Dos amigos na cega complacencia;  
 Mas na mesma cegueira acautelado,  
 Não se esquece da propria dependencia,  
 E dos riscos da Filha receoso,  
 A faz sahir do Paço ruinoso.

## CXXXV.

Finge, que a Mãy ferida mortalmente  
 De agudo mal, com triste fantasia,  
 Quer ao menos na morte ter presente  
 Da chara Filha a doce companhia;  
 E com cores de empenho tão decente,  
 Avivadas da luz de que seria  
 Pouca a demora, em fim do Rey consegue;  
 Que a formosa Florinda se lhe entregue.

## CXXXVI.

Livre já de attenções, de susto isento  
 O perfido, traidor, infame Conde  
 Tira a mascara vil do fingimento,  
 Com que as torpes acções ao Mundo esconde;  
 E descoberto o feyo pensamento,  
 Que tão mal a seu sangue corresponde,  
 Sobre a Patria de Mouros rodeado  
 Aparece inimigo declarado.

Mortes,

## CXXXVII.

Mortes , roubos , estragos , e insolencias  
 Vai o monstro feroz executando ,  
 Primeiro , que do Rey as negligencias  
 Acreditem delicto taõ nefando :  
 Parecem-lhe illusoens as evidencias  
 De crime taõ atroz , taõ execrando ;  
 E quando em fim conhece a vil mudança ,  
 He mais tempo de dor , que de vingança.

## CXXXVIII.

Porque os Mouros depois de haver corrido  
 Grande parte de Hespanha sem disputa ,  
 E por varias Provincias commettido  
 Mil insultos crueis com furia bruta ;  
 Satisfeitos do fructo conseguido ,  
 Para os portos do mar com marcha astuta ,  
 De luzidos despojos carregados  
 Já voltavaõ com passos apressados.

## CXXXIX.

Quando Rodrigo ainda mal desperto  
 Do letargo fatal em que vivia ,  
 A taõ barbara afronta , e mal taõ certo  
 Froxamente o reparo prevenia :  
 Hum debil , mal armado , e nada experto  
 Exercito lhe oppoem , em quem se via  
 Mais que a força do Rey auctorifada ,  
 A miseria do Reyno retratada.

Pois

## CXL.

Pois sendo breve o numero da gente,  
 Era menos, que a gente, o provimento;  
 Faltando á triste Tropa juntamente  
 Armas, ordem, vestido, e mantimento:  
 Eraõ pedras da rua indignamente,  
 As vergonhosas forças do armamento,  
 E similhante em tudo era a ruina  
 No vestido, na paga, e disciplina.

## CXLI.

E sendo sem trabalho destruida  
 Pelas armas do Conde aquella gente,  
 E na sua ruina confundida  
 Toda a força de hum Reynõ taõ potente;  
 Deixando toda a Hespanha estremecida,  
 Se recolhe o traidor impaneamente,  
 Sem que achasse na Goda negligencia  
 Senaõ castigo, ao menos resistencia.

## CXLII.

Animados os féros Africanos  
 Do primeiro successo, e cubiçosos  
 De mais altas empresas, que os tiranos  
 Exercicios de roubos vergonhosos,  
 A Libia vo taõ de maiores damnos  
 A prevenir os meynos orgulhosos,  
 E dissipada a idéa do perigo,  
 He já nobre alvoroço o lusto antigo.

## CXLIII.

Já de Muça prudente a vasta idéa  
 Nos cuidados do Conde não defeança ;  
 Já da cega ambição a paixão feya ,  
 Mais projectos lhe inspira , que vingança ;  
 Já da gloria immortal se lifonjeia  
 De huma nobre conquista , e na esperança  
 De huma nova fortuna alvoroçados ,  
 Todos os Mouros querem ser soldados.

## CXLIV.

Entretanto Rodrigo estremecido  
 Dos tristes éccos do primeiro fusto ,  
 E dos gritos dos povos commovido  
 A buscar providencia ao damno injusto ,  
 Já da cega torpeza arrependido ,  
 Com que havia manchado o Trono augusto ;  
 Se dispanha com passos diligentes  
 A precaver os riscos eminentes.

## CXLV.

Gente manda alistar , tomar cavallos ;  
 Reparar fortalezas , e muralhas ,  
 Levantar esquadroens , e doutrina-los  
 Na sciencia terrivel das batalhas ;  
 Ferros manda fundir , e prepara-los  
 Nos ardentes ensayos das fornhalhas ,  
 Forjar Lanças , Espadas , Capacetes ;  
 Arnezes , Sayas ; Grêvas Braceletes.

## CXLVI.

Capitaens manda vir a toda a pressa  
 Dos perfidios da Gallia bellicosa,  
 Chama a Nobresa, os povos interessa  
 Na defesa da Patria gloriosa;  
 Conselheiros convoca, o risco expressa,  
 Dinheiros pede em copia numerosa,  
 E por todos os modos se prepara  
 Contra o golpe cruel da forte avara.

## CXLVII.

Igual no reyno todo a providencia  
 Se manifesta em nobres exercicios,  
 Que se fôra contagio, a negligencia,  
 Saõ agora geraes os bons officios;  
 Qual da guerra se instrue na sciencia,  
 Qual das Praças se applica aos beneficios,  
 Qual acode á muralha, qual á mina,  
 Qual a outros empregos se destina.

## CXLVIII.

Mas em quanto nos nobres apparatus  
 De huma guerra futura, mas distante,  
 Se occupava dos Godos mais cordatos  
 Toda a força do zêlo vigilante,  
 Pelas Portas Herculeas os ornatos  
 Vem surgindo da Luã fulminante,  
 Com que o torpe Masoma faz famosas  
 As bandeiras de Agar sempre horrorosas.

## CXLIX.

Vinte vezes dez mil peens armados,  
 Com mil vezes quarenta cavalleiros  
 Foraõ logo nas Prayas vomitados  
 Do vasto seyo dos Baixeis guerreiros;  
 Do famoso Tarif alli guiados,  
 Que já fora Mandante dos primeiros,  
 E do perfido Conde, a quem se unia  
 Nova copia de infames cada dia.

## CL.

Junto ao Calpe famoso, antiga méta  
 Dos triunfos illustres do Thebano,  
 Que a tradiçaõ dos Gregos indiscreta  
 Aquí suppôz ao mar dar passo ufano,  
 Se alója o Mouro adusto em paz quieta,  
 Sem que alguém se lhe opponha a tanto damno  
 Porque o triste Rodrigo não pensava,  
 Que taõ prompta a perfidia o procurava.

## CLI.

Mas já certo do proximo perigo,  
 Parte em fim de Toledo, e vai buscando  
 De Guadalête o campo, onde o inimigo  
 Vinha as torpes bandeiras tremulando:  
 Alli disposto o Ceo para o castigo  
 Do cégo Rey, do povo miserando  
 Tinha o triste theatro, e alli se assenta  
 Hum, e outro arraial com ancia attenta.

## CLII.

Dois dias se observáraõ mutuamente  
 Os dois campos oppostos ; mas chegada  
 Era a hora fatal , que a Goda gente  
 Devia ter dos fados castigada :  
 Investiraõ-se em fim tyranamente  
 Huns , e outros ; e foi taõ porfiada  
 A raiva dura , que a questaõ guerreira  
 Durou huma semana toda inteira.

## CLIII.

Mas inclinou-se em fim ao Mouro adusto  
 Da brilhante victoria o vulto altivo ,  
 E no campo Christaõ o triste susto  
 Foi descobrindo o gesto pensativo  
 Céde á força do fado o brio augusto  
 Dos nobres Godos , céde o genio esquivo ;  
 O valôr , a constancia , e finalmente  
 Céde tudo a favor da bruta gente.

## CLIV.

Rodrigo foge , o Reyno se fugeita  
 Ao barbaro poder ; e nas Hespanhas  
 Inunda de Mafoma a torpe ceita  
 As Cidades , as Villas , as Campanhas ;  
 Assim acaba a gloria mais perfeita  
 Das humanas grandezas , e façanhas ;  
 Hum só golpe bastou para castigo  
 Da soberba do reyno , e de Rodrigo.



## CLV.

Elle soube emendar a triste forte ;  
Buscando na desgraça a penitencia ,  
E na antiga Vizeu com fanta morte  
Pôz fim ditoso á larga paciencia ;  
Mas o Estado infeliz do golpe forte  
Restaurar-se não pôde , e na indecencia  
De hum captiveiro infame envolto todo ,  
Para sempre perdêo o nome Godo.

*FIM DO CANTO III.*

1874.

The first number of the volume  
 is devoted to the history of the  
 city of Vienna from the time  
 of its foundation to the present  
 day. The second number is  
 devoted to the history of the  
 city of Vienna from the time  
 of its foundation to the present  
 day. The third number is  
 devoted to the history of the  
 city of Vienna from the time  
 of its foundation to the present  
 day.

G. W. W. III.

# A LIBERDADE

## CANTO IV.

### ARGUMENTO.



**D**ESTRUÍDO o Imperio dos Godos, se retiraõ muitos destes pelo mar a Paizes desconhecidos, e outros se embrenhaõ pelas montanhas mais asperas, athé, que juntos bastantes nas serras das Asturias, elegem por Principe a D. Pelayo, que ganhando algumas terras aos Mouros, se acclama Rey de Leaõ. Os seus Successores continuaõ a conquistar, e El Rey D. Fernando o Grande, Senhor já de tres Estados, os reparte por tres filhos, e faz D. Garcia Rey dos Portuguezes, a quem succede D. Affonso conhecido por Imperador. No tempo deste vem servir ás Hespanhas varios Principes, e entre estes o Grande Henrique de Borgonha, a quem o Rey dá huma filha em casamento, e em dote as terras conquistadas em Portugal, e as

e as que podesse conquistar. Succede-lhe seu filho o Senhor Rey D. Affonso I, a quem Christo Senhor Nosso apparece, e dá a investidura do Reyno de Portugal. Prosegue-se a historia dos Reys até o Senhor D. Fernando. Casa este Princepe com a Senhora D. Leonor, que pertende arruinar os Principes da Caza Real. Tragico successo da Senhora D. Maria Telles. Cazamento da Princeza filha do Senhor Rey D. Fernando. Morte deste Princepe, e origem da guerra. Pertende auzentar-se o Herce, e o povo de Lisboa o embarça, pedindo o seu amparo, e nomeando-o Defensor do Reyno. Entra em Portugal El Rey de Castella, a quem a Raynha pertende entregar o governo, e elle a manda prender em hum Convento. Atéa-se a guerra, e se fórma o cerco de Lisboa, que o Defensor pessoalmente sustenta, e manda Nuno Alvares Pereira defender as Proviñcias.



# A LIBERDADE

## CANTO IV.

### I.

**D**epois que o Ceo Supremo foi servido;  
 Por altissimos fins da Providencia,  
 Abolir totalmente o Trono erguido,  
 O nome illustre, a maxima opulencia  
 Da gente Gôda, o povo reduzido  
 A' escravidão da barbara insolencia,  
 Disperso, e vacilante em tanto aperto;  
 Errava sem destino, e sem concerto.

Al-

## II.

Alguns a triste vida confiando  
 Ao arbitrio das ondas inconstantes,  
 Quaes de Troya no caso miserando  
 Os amigos de Eneas trepidantes,  
 Por incognitos mares navegando,  
 A paizes passáraõ taõ distantes,  
 Que naõ pôde athé agora com certeza  
 Saber-se o certo fim daquella empreza.

## III.

Outros na mesma patria desterrados  
 Pelos montes, e penhas cavernosas  
 Do barbaro furor refugiados,  
 Se occultavaõ nas brenhas horrorosas;  
 Athé que sendo muitos congregados  
 Das Asturias nas serras pavorosas,  
 Foi D. Pelayo delles escolhido  
 Para cabeça ser deste partido.

## IV.

Era Pelayo Principe valente  
 Respeitado na Corte em tempo antigo;  
 Do Regio sangue claro descendente,  
 Primo, e sobrinho do infeliz Rodrigo:  
 Era bravo na guerra, era prudente  
 No conselho, constante no perigo,  
 Popular, liberal, benigno, e justo,  
 Activo, sobrio, agil, e robusto.

## V.

Este foi o Noé do povo Godo ,  
Na ruina geral daquella gente ,  
A quem o Céu benigno deste modo  
Patriarcha fez deste continente :  
Delle procede o Regio fangue todo ,  
Que restaurou de Hespanha a perda ingente ,  
E nelle mefmo teve logo effeito  
Da reivindicacão o faõ direito.

## VI.

Porque ganhando aos Mouros muitas terras ,  
E chegando a formar hum novo Estado ,  
Já deixado o pavor das toscas ferras ,  
Pôde ser de Leaõ Rey acclamado ;  
E com largos trabalhos , duras guerras ,  
Grande perigo , e tempo dilatado ,  
Foi libertando de oppressão tamanha  
Huma breve porção da antiga Hespanha.

## VII.

Da mefma forte os Reys seus successores ,  
Qual mais , qual menos foraõ recobrando  
Da escravidão dos barbaros horrores  
As províncias , e povo miserando ;  
Athé que entre mais altos esplendores  
De hum treplicado Ceptro , o Graõ Fernando ,  
Entre os filhos partindo a Monarchia ;  
Fez Rey da Lufa gente a D. Garcia.

Viveo

## VIII.

Viveo pouco Garcia , e succedido  
 Foi de Affonso Monarcha valoroso ,  
 Em quem segunda vez se vio unido  
 Dos tres Ceptros o peso glorioso :  
 Este foi nas Hespanhas conhecido  
 Por alto Imperador , Rey poderoso  
 E de varias Naçoens Principes varios  
 A servi-lo passáraõ voluntarios.

## IX.

Entre os mais conhecidos nas historias ,  
 Henrique , o Grande Henrique he celebrado ;  
 Cuja fama adornou de immortaes glorias  
 A fundação do Portuguez Estado :  
 Este fez nossas armas mais notorias ,  
 Nosso nome maior , mais levantado ,  
 E foi em fim o tronco da grandeza  
 Da Regia , Augusta Casa Portugueza.

## X.

Era Henrique do sangue descendente  
 Dos Reys de França por direita linha ;  
 Digno fructo do ramo florescente ,  
 Que o nobre Estado de Borgonha tinha ;  
 Era moço gentil , era valente ,  
 E a seus altos projectos não convinha  
 O lugar , que lhe dera a sorte avara  
 De filho quarto na familia clara.

A fama



## XI.

A fama illustre das acçoens brilhantes,  
Com que a guerra de Hespanha ennobrecia,  
Athé mesmo nas Cortes mais distantes,  
De outros Principes taes a valentia,  
Lhe incitou os desejos arrogantes  
A vir provar com elles a ousadia;  
E deixando da patria o doce agrado,  
A's Hespanhas passou a ser soldado.

## XII.

Aqui servio por dilatados annos,  
Em diversos empregos sempre honrosos;  
Sendo dos Mouros infaliveis damnos  
Todos os seus progressos bellicosos;  
Athé que em fim logrando mais ufanos  
Galardoens dos trabalhos gloriosos,  
Teve a filha de Affonso por consorte,  
Por dote Portugal, o mais por forte.

## XIII.

Porque a parte maior do Estado augusto,  
Que o Rey por este ajuste lhe cedia,  
Na dura escravidão do Mouro adusto,  
Em torpes ferros infeliz gemia;  
E a não ser providencia do Céu justo,  
A fundação da Lusa Monarchia,  
Podéra, mais que a graça ser perigo  
Hum dote nos domínios do inimigo.

Mas

## XIV.

Mas Henrique, que os riscos estimava,  
 Com que os grandes Heróes se fazem claros;  
 E no dote cedido contemplava  
 Infentivos de gloria mais preclaros,  
 Novas expediçoens já meditava  
 Do Sagrado Hymeneu entre os preparos;  
 E passando das nupcias ás victorias,  
 Fez as suas conquistas mais notorias.

## XV.

Desde o Porto, cabeça entã do Estado,  
 A que dera feliz novo appellido,  
 Ennobrecendo em Portugal mudado  
 De Lusitania o nome esclarecido,  
 Sahio Henrique a demandar ousado  
 Os direitos do dote promettido;  
 E foi taõ venturoso na disputa,  
 Que ganhou grande parte á gente bruta.

## XVI.

Toda a fertil Provincia, que se estende  
 Por entre o Douro, e Minho, e grãde parte  
 Da Beira, e Traz os montes, já se rende  
 A's armas duras deste novo Marte:  
 Já do Tejo o poder lhe naõ suspende  
 Os triunfos, que a sorte lhe reparte,  
 E Lisboa com Cintra já domadas  
 As portas lhe tributaõ franqueadas.

Outras

## XVII.

Outras muitas Cidades, e lugares  
Foraõ do seu valor troféo preclaro,  
Em que a fama das honras militares  
Se conserva a pesar do tempo avaro;  
E sem contar acçoens particulares,  
Que deve Portugal ao seu amparo,  
Só das grandes, que a historia lhe repete  
Chega o numero illustre a dezefete.

## XVIII.

Mas naõ só das Hespanhas no districto,  
Entre os barbaros Mouros orgulhosos  
Foi temido de Henrique o braço invicto,  
Sua espada, seus golpes furiosos;  
Pois da santa Cidade no conflicto  
Vio Sjaõ seus alentos generosos,  
Assistindo naquella illustre empreza  
Com foccorro de gente Portugueza.

## XIX.

Digno filho de Henrique, e mais onçado  
Affonso lhe succede, a beneficio  
De cujas altas prendas empenhado  
Se mostrou claramente o Céu propicio;  
Pois naõ só das victorias no cuidado;  
Mas dos mesmos milagres no exercicio  
Se vio a maõ de Deos distincta, e clara  
Fabricar deste Heróe a gloria rara.

He

## XX.

He tradiçãõ geral, fama constante  
 Abonada de antigos monumentos,  
 Que nascera imperfeito o tenro Infante  
 Frustrados dos dois pés os movimentos;  
 E que o zêlo de hum Ayo vigilante  
 Para romper os duros ligamentos,  
 Conseguiu da summa Omnipotencia  
 Hum prodigio de publica evidencia.

## XXI.

Mas onde se mostrou mais claramente  
 Da protecçãõ Divina o summo amparo,  
 Foi no campo de Ourique onde patente  
 Se fez o mesmo Deos por modo raro:  
 Era Affonso da terra entãõ Regente,  
 Que fora dada em dote ao Pay preclaro;  
 E se dizia Principe, ou Infante  
 Daquelle Estado ainda vacilante.

## XXII.

Tinha sido mil vezes insultado  
 Do vizinho poder do Mouro adusto,  
 E tinha com fortuna libertado  
 Diverfos povos do dominio injusto;  
 Mas achava-se agora ameaçado  
 De novos riscos de mais alto susto;  
 Porque em seu damno finco Reys unidos  
 Se armáraõ contra os Lusos atrevidos.

Todos

## XXIII.

Todos juntos em corpo poderoso  
Se ostentavaõ de Ourique na campina ;  
Projectando com animo orgulhoso  
Ao nome Portuguez total ruina ;  
E mais tyrano o genio furioso  
Nas ventagens, que o numero lhe ensina ;  
Com soberbos, e barbaros clamores  
Inculcavaõ o gosto entre os horrores.

## XXIV.

Era taõ grande a copia dos contrarios ,  
Que athé nos mesmos peitos mais valentes ,  
Bem usados a casos temerarios  
Faziaõ susto riscos taõ patentes ;  
Toda a gente de Affonso em modos varios ;  
Se achava consternada , e nos presentes  
Effeitos do pavor , e da tristeza ,  
Se contava perdida aquella empreza.

## XXV.

A vil murmuraçaõ principiava  
A dominar nos peitos alterados ;  
E do torpe veneno , que exalava  
Crescia o triste horror entre os soldados :  
Por cega obstinaçaõ se reputava  
O querer combater ; pois bem contados  
Os inimigos , eraõ tantas vezes  
Cem Mouros , quantas huma os Portuguezes.

## XXVI.

Mas Affonso, que as nobres confianças  
 Demais altos principios deduzia,  
 E tinha posto as suas esperanças  
 Naquelle cujo culto defendia,  
 Firmando na fé pura as seguranças  
 Do terrivel empenho, em que se via,  
 Com devoto fervor, com zêlo raro  
 Se animava dos Céos no certo amparo.

## XXVII.

Huma noite já quando a luz ferena,  
 Das brilhantes estrellas declinava,  
 E na doce inacção, que o somno ordena,  
 Grande parte da gente descansa;  
 Fatigado tambem da larga pena  
 Affonso a focegar principiava;  
 Quando a rogos de hum velho venerando  
 Foi despertado do focêgo brando.

## XXVIII.

O' tu, lhe diz o velho, a quem destina  
 O Céo Supremo a nobres exercicios,  
 Mortal feliz, em quem a mão Divina  
 Quer derramar immensos beneficios,  
 Não temas, não estragos, ou ruina,  
 Não te affustem do risco vaons indicios,  
 Que nos olhos de Deos Omnipotente  
 He grato o teu empenho, he innocente.

Vence-

## XXIX.

Vencerás certamente ; e sempre honrado  
 O teu nome ferá na larga historia ;  
 Pois se mostra o Senhor interessado  
 Na feliz duraçã da tua gloria ;  
 Elle tem sobre ti determinado ,  
 E sobre a tua próle mais notoria  
 Pôr os olhos da sua compaixaõ  
 Athé decima sexta geraçã.

## XXX.

Atenuada entã a próle augusta  
 Será , por altos fins da Providencia ;  
 Mas nessa mesma atenuada ajusta  
 Feliz Epoca a Summa Omnipotencia ;  
 E porque a multidaõ da gente adusta  
 Não turbe do teu zêlo a diligencia ,  
 O mesmo Deos pertende confortar-te ;  
 E com altos favores animar-te.

## XXXI.

Elle manda , que estejas prevenido  
 Para fahir do Campo áquellea hora ,  
 Que no meu Oratorio for ouvido  
 O som da campa , que precede á Aurora :  
 Disse o santo Varaõ , e despedido  
 De Affonso , parte , que submisso adora  
 A bondade ineffavel , que lhe ordena  
 Taõ grande alivio em taõ grande pena.

## XXXII.

Já da noite sombria o manto escuro  
 Menos denso cobria os altos montes,  
 E da luzida estrella o fulgor puro  
 Já mais claros fazia os Horizontes;  
 Porém inda nas sombras mal seguro  
 Não soltava Titaõ da luz as fontes,  
 Quando Affonso do termo assignalado  
 Pela voz do metal foi avisado.

## XXXIII.

De zêlo fante, de valor brilhante  
 Inflamado o Heróe parte ancioso;  
 Mas do proprio arrayal pouco distante  
 O suspende hum signal prodigioso:  
 Da parte Oriental naquelle instante  
 Descer observa hum rayo luminoso;  
 E pondo nelle os olhos com receyo,  
 Vê, que huma grande Cruz lhe occupa o meyo.

## XXXIV.

Repara mais attento, e claramente  
 Na mesma Cruz, que tinha divisado,  
 O Salvador do Mundo vê pendente,  
 De Celestes Ministros rodeado;  
 Prostra-se Affonso humilde, e reverente  
 Na presença do Deos humanisado,  
 E adorando submisso a Divindade,  
 Lhe falla em fim com esta liberdade.

Que



## XXXV.

Que fim, Senhor, que causa vos obriga  
A prodigio tão grande em meu proveito?  
Por ventura quereis da fé antiga  
Accrescentar em mim o puro effeito?  
Em mim, Senhor? A quem no seyo abriga  
A vossa Igreja, a que nasci fujeito?  
Apparecei, Senhor, aos infieis,  
Que não sabem quem sois, quanto podeis.

## XXXVI.

Naõ presumas, responde o Deos piedoso,  
Que augmentar tua fé foi meu cuidado;  
Confortar-te no caso duvidoso,  
He effeito feliz do meu agrado:  
Confia, Affonso, em mim, serás ditoso,  
Naõ só neste combate receado;  
Mas em quantas batalhas, e perigos  
Te moverem da Cruz os inimigos.

## XXXVII.

Acharás tua gente alegre, e forte  
Para a guerra presente, e persuadido  
Serás della a provar do risco a sorte,  
Com titulo de Rey sempre applaudido;  
Naõ duvides toma-lo, e não te importe  
Qualquer receyo vão, mal entendido,  
Que eu sou só quem os Reynos edifica,  
Quem os abate, quem os multiplica.

Eu

## XXXVIII.

Eu quero em ti , e tua descendencia  
 Para mim construir hum novo Imperio ,  
 Dõde seja o meu Nome com decencia  
 Levado á gente estranha em culto ferio ;  
 E porque se conserve na evidencia  
 O principio feliz deste mysterio  
 Tomarás por insignia o preço unido ,  
 Com que eu comprei o Mundo , e fui vendido.

## XXXIX.

Diffe , e dos olhos do Varaõ ditoso  
 Desapparece qual brilhante rayo ,  
 Que nas noites do Estio caloroso  
 Por entre as nuvens faz da luz ensayo :  
 Rende as graças Affonso fervoroso ,  
 E já seguro do mortal desmayo  
 Da sua gente , volta para a tenda  
 A dispôr os preparos da contenda.

## XL.

Vinha a nitida Aurora afugentando  
 As estrellas da vista dos mortaes ,  
 De púpureos reflexos matizando  
 Persectivas brilhantes de cristaes ,  
 Quando a gente de Affonso despertando  
 Animada de alentos Marciaes ,  
 A' barraca do Rey corre atrevida  
 A pedir-lhe a batalha antes temida.

Mas

## XLI.

Mas primeiro, lhe diz, que os ferros duros  
Nessa turba infiel hoje empreguemos,  
Todos juntos, Senhor, com votos puros  
Huma graça de vós só pretendemos;  
Que permittais, que em vosso amor seguros  
Por nosso Rey, aqui vos acclamemos,  
E que adornado deste nome agora  
Nos leveis ao combate sem demóra.

## XLII.

Respeita Affonso a Summa Divindade  
Nos effeitos da sua providencia,  
E se rende submisso á dignidade,  
Que recebe da mão da Omnipotencia;  
Rey se deixa chamar, e na igualdade  
Das vozes da geral benevolencia,  
Outra vez reconhece a mão Divina,  
Que taõ altos favores lhe destina.

## XLIII.

Tal foi do nosso Reyno a investidura,  
Tal o primeiro Rey, que em fim guiado  
Pela mão do Senhor, com fé segura,  
Sobre os contrarios corre confiado;  
E bem, que a multidaõ da gente impura  
Algun tempo resiste; em fim frustrado  
Do poder Mauritano o torpe excesso,  
Servio só para gloria do successo.

Igual-

## XLIV.

Igualmente de gloria revestidas  
 As armas deste Rey por largos annos ;  
 Foraõ sempre com palmas repetidas  
 Terror geral dos feros Mauritanos ;  
 Não podem ser a conta reduzidas  
 As batalhas , que deu ; mas sem enganos  
 Se sabe , que saõ tantas as victorias ,  
 Quantas suas emprezas bem notorias.

## XLV.

Lisboa , Santarem , Palmella , Almada ,  
 Elvas , Evora , Béja com Trancoso ,  
 Mafra , Cintra , e Alenquer da sua espada  
 Saõ pequeno troféo defectuoso ;  
 Pois nos longes da fama já gastada  
 Das injurias do tempo ambicioso ,  
 Inda o vulto lhe adorna em nobres vistas  
 Mais copioso esmalte de conquistas.

## XLVI.

Mas não só das conquistas no processo  
 Se fez do grande Affonso a fama clara ;  
 Pois de tantas virtudes no progresso  
 Outra gloria alcançou , não menos rara ;  
 Do seu zêlo piedoso o nobre excessõ  
 Conservado a pesar da forte avára ,  
 Entre outras fundaçoes fazem patente  
 Santa Cruz , Alcobaça , e Sam Vicente.

Alli

## XLVII.

Alli o tempo todo, que restava  
 Dos cuidados do Reyno indispensaveis ;  
 O devoto Varaõ com Deos gastava  
 Em desvelos de obsequio infaciaveis :  
 Alli com zêlo santo se empregava  
 Em actos de humildade incomparaveis ,  
 Observando com pia reverencia  
 O mais puro rigor da penitencia.

## XLVIII.

Affim ditosamente repartida  
 Em cuidados de gloria, e de piedade  
 Por todo o modo foi de Affonso a vida  
 Hum modelo feliz de Heroicidade :  
 Foi sua morte á vida parecida ;  
 E passando a gozar da eternidade ,  
 Em Coimbra seu corpo existe inteiro  
 De Santa Cruz guardado no Mosteiro.

## XLIX.

Sancho filho de Affonso, ao Pay succede  
 Naõ sómente no Trono, mas na gloria ;  
 Pois a sorte benigna lhe concede  
 Multiplicadas palmas de victoria ;  
 Mas o lustre maior de que procede  
 Ser eterno dos noffos na memoria ,  
 Foi o zêlo feliz do seu governo  
 Nas providencias do reparo interno.

## L.

Os desertos incultos fabricados ,  
 Povoadas as Villas destruidas ,  
 Outros povos de novo edificados ,  
 As antigas Cidades guarnecidas ,  
 Os cultores dos campos animados ,  
 As fadigas humildes protegidas  
 São eternos padroens , em que sustenta  
 As memorias de Sancho a fama attenta.

## LI.

De Sancho successor , e filho augusto  
 Foi Affonso segundo , a cuja espada  
 A soberba cruel do Mouro adusto  
 Cedeeo , mais de huma vez , defanimada :  
 Permanente , a pesar do tempo injusto ,  
 Vive a sua memoria eternizada ,  
 Com abono immortal de illustres provas  
 Em Alcacere , em Moura , e Torres novas.

## LII.

Pela falta de Affonso , o Trono altivo  
 Outro Sancho occupou , Principe brando ,  
 A quem o povo indocil , sem motivo ,  
 Substituiu o Irmaõ no Regio mando ;  
 Mas foi feliz o crime , se nocivo  
 Não fosse á honra exemplo tão nefando ,  
 Pois de Affonso terceiro o nome egregio  
 Foi adorno immortal do Solio Regio.

Este

## LIII.

Este foi o primeiro , em cuja frente  
 Se vio com largas palmas adornado ,  
 Duplicado Diadema permanente ,  
 De Castellos , e Quinas matizado ,  
 Unindo a Portugal constantemente  
 Dos Algarves o Reyno conquistado ;  
 Elle em fim conseguiu nas suas terras  
 Render os Mouros , acabar as guerras.

## LIV.

Sucedeo-lhe Diniz Principe egregio  
 De relevantes prendas assistido ,  
 Em cujas maons florente o Ceptro Regio  
 Brotou mil fructos de valor subido ;  
 Logrou de Pay da patria o privilegio  
 Por diversos motivos conseguido ;  
 Pois foi ao mesmo tempo recto , affavel ;  
 Liberal , cuidadoso , e respeitavel.

## LV.

Das sciencias , das leys , da agricultura  
 Zelozo Protector , Mestre elegante ,  
 Elle fez succeder á guerra dura  
 Da policia civil a luz brilhante ;  
 Elle mesmo das Musas a doçura  
 Accommodou á lingua dissonante ,  
 E foi Auctor da Rima Portugueza ,  
 Que praticou com graça , e com destreza.

Affonso,

## LVI.

'Affonso quarto, de Diniz herdeiro  
 Foi no Trono Real, por sua morte,  
 Conhecido por bravo, e justiceiro,  
 Porém de animo illustre, e peito forte:  
 Este, sendo do Genro companheiro  
 Contra o Mouro poder, com alta forte,  
 Nas memoraveis margens do Saládo  
 Deixou seu claro nome eternizado.

## LVII.

Fora sempre feliz a sua gloria  
 Na lembrança de acção tão bem lograda,  
 Senão manchasse as palmas da victoria  
 Com severo rigor na paz dourada;  
 Mas deslustra-lhe os cultos da memoria  
 O triste horror da furia envenenada,  
 Com que fez da belleza, e da innocencia  
 Escandaloso objecto da violencia.

## LVIII.

Era naquelle tempo esmalte claro  
 Dos adornos da Corte Portugueza,  
 Ignez, a bella Ignez, prodigio raro  
 De virtudes, de prendas, e belleza,  
 Que ajustando, a pesar do fado avaro,  
 As graças da figura ás da viveza,  
 Do Successor do Reyno glorioso  
 Era doce prisaõ, laço gostoso.

Mas



## LIX.

Mas o Pay, que severo, e recatado  
Taõ suaves cadêas abomina,  
De conselhos perversos incitado,  
Em quem a torpe inveja só domina,  
Por castigo do Filho namorado,  
Tirar Ignez do Mundo determina;  
E pelas mesmas maons da inveja infame  
Faz, que o sangue innocente se derrame!

## LX.

Enganou-se porém no seu conceito,  
Dos Ministros crueis a confiança;  
Pois do Principe illustre o claro peito  
Naõ sofre injuria tanta sem vingança,  
Antes mais irritado o duro effeito  
Dos repetidos golpes da lembrança,  
Sobre o Trono subindo, brevemente  
Lhe fez sentir a pena competente.

## LXI.

Este foi o famoso Pedro Augusto,  
Rey naõ menos activo, do que amante;  
Observador das leys, severo, e justo;  
Mas de graças naõ menos abundante;  
Foi dos vicios terror, dos crimes susto;  
Mas da virtude amparo taõ constante,  
Que chamava perdido aquelle dia,  
Em que alguma mercê naõ dispendia.

Deste

## LXII.

Deste o ser recebi, deste a memoria  
 Em meus cultos será sempre applaudida;  
 E da luz immortal da sua gloria  
 Será sombra fiel a minha vida;  
 Não será, se eu puder, a sua historia  
 Pela minha fraqueza desmentida;  
 Mas eu que digo! Sabe Deos se a forte  
 Me permite imitar Varaõ tão forte.

## LXIII.

Succedeo-lhe Fernando no governo,  
 Principe bom, mas leve, e descuidado;  
 De pretença gentil, de peito terno,  
 Mas inconstante, e mal aconselhado;  
 Appetitoso do dominio externo,  
 Nunca contente do seu proprio estado,  
 Liberal sem medida, impetuoso  
 Nas paixoes, nos projectos orgulhoso.

## LXIV.

Perdõe a natureza, se offendidos  
 Os respeitos de Irmaõ, culpo a Fernando;  
 Mas dos seus desconcertos são nascidos  
 Os estragos do Reyno miserando;  
 Elles foraõ no tempo já sentidos  
 Daquelle triste Rey; porém cobrando  
 Novas forças o mal, por sua morte,  
 Na céga confusão se fez mais forte.

Tinha

## LXV.

Tinha sido Fernando desposado  
Já com duas Princezas sem effeito,  
Frustrando sempre a fé do nó sagrado  
A leveza fatal do seu conceito;  
Quando de hum torpe amor desordenado,  
Sem defenſa rendido o brando peito,  
Usurpou para Eſpoſa, indignamente,  
A legitima Eſpoſa de hum parente.

## LXVI.

Daqui teve principio a deſventura,  
Daqui toda a deſordem foi nascida;  
Que sempre foi penſaõ da formoſura  
Ser de eſtragos fataes cauſa luzida;  
Porque a nova Raynha, em quem ſe apura  
O rigor da perfidia mais creſcida;  
Receando do fado as contingencias,  
Quiz fazer das ruinas providencias.

## LXVII.

Pareceo-lhe, que os grandes orgulhoſos  
Moſtravaõ pouco goſto em ſeus cortejos,  
E que os filhos de Pedro perigoſos  
Podiaõ ſer, talvez, a ſeus deſejos;  
E cogitando meyoſ horroroſos,  
Para perder qualquer, mais que ſobejos,  
Pelo Infante Diniz principiando  
A ruina do Irmaõ foi meditando.

Merece

## LXVIII.

Merece a compaixão deste successo  
 Mais distincta attenção na sua historia ;  
 E por isso talvez no seu progresso  
 Darei mais largas vélas á memoria ;  
 Mas não recêes , não , que algum excesso  
 Desfigure tragedia tão notoria ;  
 Porque as côres sómente da verdade  
 A faraõ lastimosa a toda a idade.

## LXIX.

Tinha sido Diniz já desterrado ,  
 Por disputar obsequios á Raynha ;  
 E daquelle successo horrorizado  
 Aprendido a teme-la o Reyno tinha :  
 De todos o seu culto era observado ,  
 Talvez mais , do que a todos nos convinha ;  
 Mas João de Diniz Irmaõ inteiro ,  
 Era nestes obsequios o primeiro.

## LXX.

Affectava a Raynha astutamente ,  
 Estimar rendimentos tão brilhantes ;  
 E no perfido vulto indignamente  
 Lhe mostrava os agrados mais constantes ;  
 Mas tendo projectado , infamemente ,  
 A precisa ruina dos Infantes ,  
 Abusando da mesma complacencia ,  
 Fez servir para estrago a confidencia.

## LXXI.

Era Irmã da Raynha outra belleza  
 De naõ menos agrado, e mais candura,  
 A cujas prendas, com gentil fineza,  
 Votava o claro Infante a fé mais pura;  
 E julgando com triste subtileza  
 Tirar do amor os meynos da ventura,  
 Lhe déra as maõs de Esposo na esperanza  
 De alcançar da Raynha a confiança.

## LXXII.

Mas aquellã, que os laços mais sagrados  
 Da fé, da natureza, e da amizade  
 Reputava sómente vaõs cuidados  
 De huma timida, vil simplicidade,  
 Abusando dos mesmos predicados,  
 Em que a ley da affeição funda a verdade,  
 Da ruina da Irmã com torpe objecto  
 Fez a bazé cruel do seu projecto.

## LXXIII.

Pois mostrando estimar do nobre Infante  
 Agora mais que nunca as claras-prendas,  
 E cobrindo do zêlo mais brilhante  
 As idéas do odio mais horrendas,  
 De pranto vil o perfido semblante  
 Banhado todo, em vozes estupendas,  
 Lhe verte em fim hum dia nos ouvidos  
 O venêno cruel destes gemidos.

L

Ah!

## LXXIV.

Ah ! quanto , Illustre Infante , ah ! quanto custa  
 Ser fiel na amizade ; e quem podera ,  
 Sem faltar ao dever da fé mais justa ,  
 Disfarçar da verdade a voz severa :  
 Eu temo parecer ao Mundo injusta ;  
 Mas eu sou vossa amiga , eu sou sincera ,  
 E não devo por fulto , ou por engano ,  
 Occultar-vos mais tempo hum defengano.

## LXXV.

Minha Irmá não conhece a honra illustre ,  
 Que de ser vossa Esposa lhe resulta ,  
 E com termo infiel , com vil deslustre ,  
 Da fé sagrada as fantas leys insulta ;  
 O Mundo falla , temo , que se frustre  
 Algum disfarce , com que o crime occulta ;  
 E não quero , que possa parecer-vos ,  
 Que eu concorro tambem para offender-vos.

## LXXVI.

Bem fei , que neste aviso , insulto ingrata  
 As leys mais puras do amor fraterno ;  
 Mas a tão grande excessõ me arrebatã  
 A triste força de hum horror interno ;  
 Pois se a pena do crime se dilata ,  
 Se fará no rumor da fama eterno ;  
 E ficará das gentes na memoria ,  
 Manchada a vossa honra , e a minha gloria.

Eu

## LXXVII.

Eu sinto a vossa dôr ; mas talvez seja  
Providencia do Céu esta desgraça ,  
De cuja execução precisa esteja  
Dependente do Reyno a sorte escaça ;  
Pois talvez a pesar da torpe inveja ,  
A Portugueza gloria assim renasça  
Do seu proprio esplendor , que amortecido  
Se via quasi a cinzas reduzido.

## LXXVIII.

Vós sabeis , que eu não tenho de Fernando  
Mais do que huma só Filha , a quem destina  
O cuidado do Rey o Regio mando ,  
No consenfo do povo , que domina ;  
E que dentro da Patria não achando  
Casamento decente , determina  
Dar-lhe hum Principe estranho por Esposo ;  
Projecto a Portugal sempre odioso.

## LXXIX.

Mas pois agora a forte vos faculta  
Os meyo de romper o laço indigno ,  
Que os empenhos sómente difficulta ,  
De que o vosso valôr vos faz tão digno ;  
Quebrada a vil prisaõ , que vos insulta ,  
A' Princeza aspirai ; que o Rey benigno  
Nada deseja tanto , e deste modo  
Ficará satisfeito o Reyno todo.

## LXXX.

Disse, e cada palavra acompanhada  
 De huma enchente de perolas fingidas,  
 Parecia por força articulada  
 Dos impulsos das magoas mais sentidas;  
 E com tantos suspiros abonada  
 A torpeza das culpas repetidas  
 Era capaz de obrar o seu effeito  
 No mais prudente, mais discreto peito.

## LXXXI.

Ouvia o triste Infante, entre cuidados;  
 A cruel relação da sua afronta,  
 E não menos os meyo's indicados  
 A subir sobre o Troço em paz mais prompta;  
 Mas recordava os nobres predicados  
 Da chara Esposa, cuja fama aponta  
 Tantas provas de amor, de honra, e verdade;  
 Que mal pôde suppôr-lhe falsidade.

## LXXXII.

Da dôr, e da ambição o cégo effeito  
 Lhe inspirava projectos horrorosos;  
 Mas não menos a fé no terno peito  
 Lhe ministrava impulsos generosos;  
 Ora triunfa amor no seu conceito,  
 Ora a força dos eccos aleivosos;  
 Mas em fim pôde mais, do que a virtude,  
 A vingança, e ambição, que o peito illudê.  
 Preci-



## LXXXIII.

Precipitado , cégo , e sem reparo  
Parte logo a Coimbra o triste Infante ,  
Onde a scena fatal o fado avaro  
Para a tragedia armava mais tocante ;  
Alli da fé mais pura , e exemplo raro ;  
Entre applausos do povo circunstante  
Existia a bellissima Maria ,  
Em virtudes mais clara cada dia.

## LXXXIV.

Alli do charo Esposo o nome amado ;  
Sem cessar , repetia ardentemente ,  
E com doces memorias o cuidado  
Divertia da ausencia , honestamente ;  
Alli o tempo em obras occupado  
De virtudes Reaes , de amor decente ,  
Os momentos , que a Deos não consagrava ;  
Nas lembranças do Esposo os empregava.

## LXXXV.

Huma noite , que a força da ternura  
Mais cruel lhe fazia a larga ausencia ,  
Ou do risco imminente a sombra escura  
Lhe inspirava prefagios de violencia ,  
Ferido o coração de dor mais pura ,  
Por occultar estragos da impaciencia ,  
Do leito a solidão buscou mais cedo ,  
Para poder chorar com mais segredo.

Allé

## LXXXVI.

Alli só dos seus males assistida ,  
 Dos seus sustos , das suas faudades ,  
 E de occultos horrores commovida ,  
 Que lhe arguiaõ tristes novidades ,  
 Soltando a redea toda á dor crescida ,  
 Para dar-se da queixa ás liberdades ,  
 Estas vozes dirige magoada ,  
 De hum retrato do Esposo á vista amada.

## LXXXVII.

He possivel talvez , querido Esposo ,  
 Que te esqueças de mim ! Tu que fazias  
 As delicias do tempo mais gostoso ,  
 Das doces horas só , que me assistias !  
 He possivel , que seja mais forçoso ,  
 No teu peito fiel , por tantos dias ,  
 Hum pequeno negocio , que te prende  
 Do que a nobre paixãõ , que em ti se accende.

## LXXXVIII.

He possivel , que a força da fineza ,  
 Que tanto póde em mim , tanto me obriga ,  
 Obre em ti com taõ pouca fortaleza ,  
 Que arrancar-te da Côrte não configa ?  
 Acaço vive em ti menos accesa  
 A chama nobre da paixãõ antiga ?  
 Ou te parece em fim menos decente  
 A prisaõ , que beijavas reverente ?

Eu

## LXXXIX.

Eu não mereço menos por ser tua,  
Antes prézo taõ alta qualidade,  
Que a ventura feliz me perpetúa  
De gozar teu amor com liberdade;  
Pois como póde ser; que em ti destrúa  
O nó da fé os laços da vontade?  
E se alhêa podia merecer-te,  
Como por tua poderei perder-te?

## XC.

Eu sou a mesma sempre, o mesmo peito;  
O mesmo coração, o mesmo gosto  
Acharás sempre em mim, preciso effeito  
De hum dever por affecto, e fé imposto;  
Pois se em mim vive eterno amor perfeito;  
Como posso suppôr em ti desgosto?  
Mas ah! que póde ser, que o mesmo tracto  
Com excessos de amor te faça ingrato.

## CXI.

Ingrato disse; e foi a vez primeira,  
Que lhe deu este nome; mas o Fado  
A fez por mal de todos verdadeira,  
Na prompta execuçaõ do golpe irado;  
Pois a penas o som da voz ligeira  
Ferira brandamente o ár delgado,  
Quando á porta se mostra do aposento,  
Do cêgo Infante o vulto turculento.

Eu-

## CXII.

Entre susto , e prazer sobressaltada ,  
 Querido Esposo , diz ; mas não prosegue ;  
 Porque logo nas vozes atalhada ,  
 Se vio ás maons crueis da raiva entregue ;  
 De dois barbaros golpes traspassada ,  
 Nem poder ser ouvida em fim consegue ,  
 E cahindo do leito esmorecida ,  
 De hum suspiro exalou a triste vida.

## CXIII.

Foi geral desta morte o sentimento ;  
 Geral o triste horror do golpe indigno ,  
 Geral a indignação contra o violento  
 Vil proceder do Principe maligno ;  
 Mas aquelle , que o cégo pensamento  
 Occupava no credito benigno ,  
 Que esperava lograr por esta empresa ,  
 No sublime Conforcio da Princeza ,

## CXIV.

Despresando com barbara ousadia  
 Os clamores da propria consciencia ,  
 Outra vez para a Côrte os passos guia  
 A tractar deste empenho a consequencia ;  
 Mas onde em fim julgava , que acharia  
 Auxilio certo , encontra a rezistencia ;  
 Porque a Raynha em lagrimas banhada ,  
 Se affectava do caso exasperada.

## XCV.

Conheceo porém tarde o torpe engano ,  
 O desgraçado Infante , e perseguido  
 Pela mesma , que origem foi do damno ;  
 Obrigado a fugir , se vio perdido ;  
 Pois entrando no Reyno Castelhanao ,  
 Alli entre prisoens geme opprimido ,  
 Com que o Rey inimigo em proprio abono  
 Lhe impede os passos para o patrio Trono.

## XCVI.

Mas em tanto , que errante , e fugitivo  
 Entre sustos , pagava o triste Infante  
 O castigo do erro vingativo ,  
 E da cega ambição pena bastante ;  
 A Raynha tomando por motivo  
 Interesses do Trono vacilante ,  
 Com ElRey de Castella em firme laço  
 A Princeza ajuntou , sem embaraço.

## CXVII.

Era o fim principal do seu projecto  
 Fazer o seu poder mais respeitado ,  
 Pela morte do Rey , de cujo affecto  
 Bem via ser sómente derivado ;  
 Mas cobrindo com termo circunspecto  
 Os seus intentos de razoens de Estado ;  
 Dispoz em fim a fórma deste ajuste ,  
 De fórte , que a Nação se não assuste.

Ajultou-

## XCVIII.

Ajustou-se , que o dote da Princeza  
 Seria agora o mesmo , em que já fôra  
 Abonada outra Infanta Portugueza ,  
 Que tambem de Castella foi Senhora ;  
 Que lograria as terras , e riqueza  
 Da Raynha de Hespanha antecessora ,  
 E que faltando filhos a Fernando ,  
 Herdasse em Portugal o Regio mando.

## XCIX.

Porém , que em todo caso , separado  
 Este Reyno seria , e dividido  
 Do dominio Hespanhol ; auctorizado  
 Por proprio Rey , só nelle obedecido ;  
 Que este seria o fructo fazonado  
 Deste novo Conforcio produzido ;  
 E que os filhos nascidos da Princeza  
 Se criassem na Côrte Portugueza.

## C.

Que faltando Fernando antes , que o neto  
 Por si reger pudesse a Lusa gente ,  
 O governo do Reyno entã completo  
 Gozaria a Raynha livremente ;  
 E que em falta daquella , o seu discreto  
 Arbitrio poderia finalmente  
 Nomear nacionaes Governadores ,  
 Dos Tractados fieis executores.

Que

## CI.

Que os empregos Civis , e Militares  
Dos Nacionaes sómente verdadeiros  
Seriaõ pertençaens particulares ,  
Com perpetua exclusão dos Estrangeiros ;  
E que na privação destes lugares ,  
Se reputassem sempre forasteiros  
Os mesmos Portuguezes , que a Castella  
Serviraõ contra a Patria em damno della.

## CII.

Que os foros , isençaens , e liberdades ,  
Ou por leys , ou costume auctorizadas ;  
Seriaõ sem mudança , ou novidades ,  
Em toda sua força conservadas ,  
Que os privilegios , terras , e Cidades ,  
Que algum Rey Portuguez tivesse dadas ,  
Igualmente seriaõ permanentes  
Na Raynha , e Vassallos dependentes.

## CIII.

Estes foraõ , se bem recorde agora ,  
Os principaes artigos de hum Tractado ,  
Que os Reys ambos juráraõ sem demora ,  
Sobre o Corpo de Christo consagrado ;  
Mas que foi apesar da fé , que implora ,  
Por Castella taõ mal executado ,  
Que das suas crueis faltas perjuras  
Procedem todas nossas desventuras.

Pois

## CIV.

Pois apenas da Parca o golpe avaro  
 De Fernando cortou o triste alento,  
 Quando a cega ambição por modo claro;  
 O véo rasgou do torpe fingimento;  
 E quebrantadas, com desprezo raro,  
 As leys da honra, e a fé do juramento,  
 Servio só de pretexto á tyrania  
 O mais sagrado laço da harmonia.

## CV.

Ficára, pela falta de Fernando,  
 Confórme do Tractado a providencia;  
 A Raynha Viuva governando  
 O Reyno, com total independencia;  
 E dos mesmos contractos observando  
 As condiçoens tocantes á Regencia,  
 Esperava, que o Céu lhe concedesse  
 Hum neto, a quem o Reyno obedecesse.

## CVI.

Mas o Rey de Castella, em cujo peito  
 Para sua ruina, e nossos danos,  
 Fazia da ambição o cego effeito  
 Revolver pensamentos mais tyranos,  
 Accusando por falta de respeito,  
 Esta justa isenção dos Lusitanos,  
 Com as armas na mão, na Lusa terra  
 Se ostentou promptamente, em tom de guerra.  
 Affus-



## CVII.

Affustou justamente este projecto  
Huma Nação , que adora a liberdade ,  
E da mesma Raynha o terno affecto  
Se horrorisou daquella novidade ;  
Acodio-se á defenfa , e foi completo  
O geral alvoroço em toda a idade ,  
Homens , mulheres , velhos , e meninos  
Todos buscaõ das armas os destiños.

## CVIII.

Eu fui naquella empreza nomeado  
Para guardar algumas das Fronteiras ,  
E com ordens precisas obrigado  
A rebater as armas estrangeiras ;  
E assim outros tambem , a que o cuidado  
Da Raynha deu mostras verdadeiras ,  
De querer defender a todo o custo ,  
O paiz natural , de hum jugo injusto.

## CIX.

Mas durou pouco tempo a chama pura ;  
Do patriõ amor , no peito da Raynha ,  
Em quem vivia sempre mal segura  
A firmeza da fé , que lhe convinha ;  
Porque logo o rigor da sorte dura ,  
Que a nossa diviniã jurado tinha ,  
Lhe ministrou motivos de pesares  
Nascidos de razoens particulares.

Del-

## CX.

Delles queixosa , com tyrano intento ;  
 De vingar-se sómente dezejosa ,  
 Sacrificando tudo ao sentimento ,  
 Se retirou da Côrte , desgostosa ;  
 E seguida de hum grande ajuntamento  
 De parentes , e gente officiosa ,  
 Se passou de Alenquer á Fortaleza ;  
 Praça sua , se bem que Portugueza.

## CXI.

Alli crescendo mais a força activa  
 Da dura raiva , em odio dos culpados  
 Na sua indignação sempre mais viva ;  
 A pesar dos perdoens sollicitados ,  
 Confundindo na furia vingativa  
 Todo o resto dos Lusos desgraçados ;  
 Ella mesma incitava o Genro injusto  
 A tomar Portugal a todo o custo.

## CXII.

Mas não fora precisa aquella instancia ;  
 Supposto que gostosa , ao Rey tyrano ,  
 Que a pesar já da mesma repugnancia ,  
 Entrára pela Beira , em nosso damno :  
 Cresceo com tudo agora de arrogancia  
 Mayor ardor no peito Castelhana ,  
 E passando da Beira á Estremadura ,  
 Da Sogra a companhia em fim procura.

## CXIII.

Eu entãõ , sobre quem mais claramente  
Fulminava a Raynha os seus enfados ,  
E que já do seu odio antigamente ,  
Tinha provado effeitos porfiados ,  
Aconselhado de hum temor prudente  
A precaver successos mais pesados ,  
Deixar determinava a patria terra ,  
E passar ao serviço de Inglaterra.

## CXIV.

Mas apenas no povo de Lisboa  
Se ouviu algum rumor do meu intento ,  
Quando a parte mayor da gente boa  
Se me ajuntou á porta do apozento ;  
E com vozes , que a dor sómente entoa  
Nos impulsos de hum vivo sentimento ,  
Me pediaõ , que houvesse de leva-los ,  
Ou não quizesse assim desfampara-los.

## CXV.

Commoveo-me , confesso , aquelle aspecto ,  
Commoveo-me a ternura desta gente ;  
E supposto que firme em meu projecto ,  
Me sentia abalar , internamente ,  
Concorria da Patria o proprio affecto  
A fazer este empenho mais valente ;  
Mas a força do risco , em que me via ,  
Mudar de opiniaõ já não soffria.

Des-

## CXVI.

Desci a consola-los magoado  
 De não poder ser mais agradecido,  
 Nos effeitos supprindo de hum agrade  
 As faltas do remedio appetecido;  
 Mas dos braços de todos rodeado;  
 A penas fui por elles recebido,  
 Me vi mais opprimido da ternura  
 Entre lagrimas, rogos, e brandura.

## CXVII.

Fiz-lhe ver do meu risco a contingencia;  
 O poder da Raynha, e Rey contrario,  
 A malfundada dor da minha ausencia,  
 Os perigos de hum caso temerario,  
 De huma guerra civil a consequencia,  
 A inconstancia do vulgo sempre vario;  
 Mas a tudo sómente era reposta,  
 Que em mim toda a esperanza estava posta.

## CXVIII.

Crescia o meu pesar; mas não podia  
 Convencer-se a razão do sentimento;  
 Porque a toda a ternura resistia  
 Do meu risco o fatal conhecimento;  
 Porém quando mais firme parecia  
 Na prompta execucao do meu intento,  
 Entao Goes Cavalleiro illustre, e forte  
 Principia a fallar-me desta sorte.

## CXIX.

Se não basta, Senhor, o desamparo  
 Deste povo infeliz, que afflicto chora;  
 A mover vosso espirito preclaro,  
 A nobre compaixão, que vos implora;  
 Se he inutil o rogo, e sem reparo  
 Deixais huma Nação, que vos adora  
 Ao menos permitti, que o nosso affecto  
 Pondere sem paizão vosso projecto.

## CXX.

Supponhamos talvez, que de Inglaterra  
 No serviço fazeis grandes progressos,  
 E que a sorte feliz em paz, e guerra  
 Vos concede os mais prosperos successos:  
 Porventura esperais naquella terra,  
 Depois de mil fadigas, mil excessos,  
 Alcançar algum premio mais formoso,  
 Do que hoje recusais escrupuloso?

## CXXI.

Quando fereis Senhor de huma Cidade  
 Porquem deva Lisboa ser trocada?  
 Ou donde encontrareis mais lealdade  
 Do que por vós agora he desprezada?  
 Pois se aqui tendes certa a dignidade,  
 O poder, e grandeza desejada;  
 Porque razão deveis deixar agora  
 O que haveis de estimar em outra hora?

## CXXII.

E se a gloria sómente he quem vos chama  
A's illustres fadigas de Mavorte ,  
E de hum nome immortal a nobre fama  
Vos convida a buscar mais alta fórte ,  
Onde póde da guerra a clara chama  
Luzir mais gloriosa , arder mais forte ,  
Do que nas diffençoens , com que hoje affusta  
Ao valor Portuguez a fórte injusta.

## CXXIII.

Pois se a favor da patria liberdade ,  
Da ternura , e da fé da propria gente ,  
Podeis benigno , em nossa utilidade  
Ostentar o valor tão dignamente ,  
Que razaõ , que receyo , ou que impiedade  
Vos separa de nós tyranamente ?  
Ah ! Senhor , se saõ fortes vossos sustos ,  
Naõ saõ nossos receyos menos justos.

## CXXIV.

Nós todos estimamos nossas vidas ;  
Mas estimamos mais a Patria amada ,  
Por cuja liberdade bem perdidas  
Seraõ , se assim o quer a sorte irada ;  
E se em nós taes finezas saõ devidas ,  
De vós mais alta empreza era esperada ,  
Pois nós fomos patricios simplesmente ,  
Vós Principe , e patricio juntamente.

Nós

## CXXV.

Nós devemos servir ; a vós tocava  
Sustentar os direitos deste Estado ,  
Que dos vossos alentos confiava  
A direcção de empenho tão honrado :  
Em vós da Regia prole contemplava  
Hum resto precioso , em quem guardado  
Julgava ter o reyno , em toda a idade ,  
Hum seguro penhor da liberdade.

## CXXVI.

Nós não tememos os crueis effeitos  
Dos Castelhanos feros ameaços ,  
Não nos turba o receyo os nobres peitos ,  
Nem nos prende o temor os fortes braços ;  
O que faz vacillar nossos conceitos ,  
O motivo dos nossos embaraços ,  
A falta he só de hum Principe benigno ,  
Que dos nossos respeitos seja digno.

## CXXVII.

O vosso augusto Irmao , a quem devido  
Este reyno seria , sem disputa ,  
Entre indignas prisoens geme opprimido  
Da tyrana ambição cautela astuta ,  
E na falta do Principe impedido ,  
Esperava esta gente resoluta  
Achar em vós hum Defensor valente ,  
Que amparasse a Nação illustremente.

## CXXVIII.

Naõ malogreis, Senhor, nossa esperança,  
Nem recuseis taõ nobre qualidade,  
Que a pesar da ambiçaõ, e da vingança,  
Vos fará immortal em toda a idade;  
Fiai de nós a vossa segurança,  
Patrocinaí a nossa liberdade;  
E nos riscos da Patria naõ se creia,  
Que buscais por temor a terra alheia;

## CXXIX.

Se o Principe quebrar os duros laços,  
Vossa gloria será salvar-lhe o Trono;  
Pois fereis a pesar dos embaraços,  
Da Patria Defensor, do Rey Patrono;  
E se o fado cruel lhe impede os passos,  
Trabalhareis, Senhor, em nosso abono:  
E de qualquer maneira a fé devida  
Achareis sempre em nós por toda a vida!

## CXXX.

Ponderai bem agora a differença  
De servir em paiz desconhecido,  
Ou de servir da Patria na defença;  
Dos vossos nacionaes obedecido:  
Lá será sempre incerta a recompensa,  
Aqui tendes o premio conseguido  
No respeito de todos, na ternura,  
Na constante amizade, na fé pura.



## CXXXI.

Nós todos vos amamos , nós não temos  
Interesses dos vossos separados ;  
Pois os mesmos estragos , que têmemos ,  
São por vosso respeito originados.  
Por vós , Senhor , por vosso amor nos vemos  
A tão duros empenhos obrigados ,  
Agora vêde bem se em taes perigos  
Nos deixareis nas maons dos inimigos

## CXXXII.

Naõ disse mais ; porém o triste aspecto ,  
Os soluços de todos , a ternura  
De algumas expressoens do fino affecto ,  
E mil outros signaes da fê mais pura  
Fizeraõ tal mudança em meu projecto ,  
Que vencida a prudencia da brandura ,  
Lhe respondi por fim , que eu me rendia  
A seus rogos , e nelles consentia.

## CXXXIII.

Convocou-se a Nobreza , os Magistrados ,  
O Clero , e todo o Povo da Cidade ,  
Porque fossem por todos approvados  
Pensamentos daquella qualidade ,  
E por votos geraes auctorisados  
Os projectos da nossa liberdade ,  
Defensor deste Reyno me acclamaraõ ,  
E servir-me fieis todos juraraõ.

Eu:

## CXXXIV.

Entre tanto a Raynha , em quem ardia  
 Da vingança cruel o fogo activo ,  
 E na vinda do Genro presumia  
 Satisfazer o genio vingativo ;  
 Passando a Santarem , dalli fazia  
 Avultar das discordias o motivo ,  
 E com vivas instancias apressava  
 As armas Castelhanas , que implorava.

## CXXXV.

Chegou em fim o Rey , foi recebido  
 Com lagrimas cruéis , queixas tyranas ,  
 E com rogos infames impellido  
 A's vinganças mais duras , mais insanas ,  
 Mas aquelle , que tinha no sentido  
 Mais altivas emprezas , mais ufanas ,  
 Conhecendo da Sogra a crueldade ,  
 A converteo em propria utilidade.

## CXXXVI.

Fez-lhe crer , que seria necessario  
 Transferir-lhe os direitos da Regencia ,  
 Para mais livremente o povo vario  
 Reprimir no castigo da insolencia ;  
 E querendo por modo extraordinario  
 Tirar toda a razaõ de competencia ,  
 Apenas conseguiu o seu intento ,  
 A prendeo na clausura de hum convento.

Fez-

## CXXXVII.

Fez-se logo sentir por toda a parte  
O ruído das armas estrangeiras,  
E de posto o rebuço, o duro Marte  
Se defatou nas iras mais grosseiras:  
Por todo o Portugal o Rey reparte  
Soldados, armas, capitaens, bandeiras;  
Mas a força maior da sua armada  
Sobre a triste Lisboa foi mandada.

## CXXXVIII.

Era grande o poder, e se augmentava  
Das nossas mesmas cegas competencias;  
Pois parte da Nação facilitava  
Dos contrarios as duras insolencias;  
Entre irmaons, pays, e filhos se ostentava  
A discordia com varias apparencias,  
Se hum a Patria constante defendia,  
Outro a torpe ambição favorecia.

## CXXXIX.

Huma Praça seguia o meu partido;  
Outra as portas abria ao Rey tyrano;  
Aquí era o meu nome obedecido,  
Acolá se acclamava o Castelhana,  
Hum lugar resistia, outro opprimido  
Lamentava da guerra o triste damno;  
E cada qual pedia instantemente  
Assistencia maior de armas, e gente.

## CXL.

Eu não podia em tantos embaraços ;  
 A todos afflir , era forçoso .  
 Servir-me do valôr de alheios braços  
 No soccorro do Reyno lastimoso ;  
 Prendia-me a razaõ com fortes laços  
 De Lisbõa no risco pavoroso ;  
 E não era prudencia em tanto aperto ;  
 Confiar o poder a peito incerto.

## CXLI.

Só Nuno , o grande Nuno , em meu conceito  
 Era capaz de tanto : o seu cuidado ,  
 A fé nobre , o valôr daquelle peito  
 Era no Reyno todo acreditado ;  
 Deste fiz eleição , do seu respeito  
 O soccorro fei de todo o Estado ,  
 E partidas as forças da Corõa ,  
 Elle anima as Provincias , eu Lisbõa :

## CXLII.

Nuno tem derrotado em campo aberto  
 Os inimigos por diversas vezes ,  
 E de louros , e palmas já coberto ,  
 Faz respeitar os brios Portuguezes ;  
 Eu tenho sustentado em duro aperto  
 Hum assedio cruel de quatro mezes ;  
 E não creio ter tido maior damno ,  
 Do que tem recebido o Rey tyrano.

## CXLIII.

Se o Ceo irado a gloria Portugueza  
Esfurecer de todo determina ,  
Mal póde dos mortaes a fortaleza  
Impedir dos seus golpes a ruina ;  
Mas se nossa razaõ , nossa firmeza  
Merece a protecção da maõ Divina ,  
Naõ ferá desta vez o Luso Trõno  
Profanado dos pés de intruso dõno.

## CXLIV.

Se o charo Irmaõ os ferros aleivosos  
Quebrar poder em nosso beneficio ,  
O Ceptro empunhará , feraõ ditosos  
Os projectados fins do meu officio ;  
E se a força dos fados rigorosos  
Naõ consente successo taõ propicio ;  
Defendida a Nação , livre Lisbõa ,  
Disporáõ do governo , e da Corõa.

*FIM DO CANTO IV.*

Table

Table with multiple columns and rows of data, including numerical values and text labels.

Table

Table with multiple columns and rows of data, including numerical values and text labels.

THE DOCTORS

Table with multiple columns and rows of data, including numerical values and text labels.

# A LIBERDADE

## CANTO V.

### ARGUMENTO.



*CONTINUAVA* a pratica do Defensor com Monferro , quando foraõ interrompidos pela voz dos tambores , que tocavaõ á Alvorada da manhã. Marcha o Defensor para a muralha ; mas ob-

serva , que para a parte do mar se alvoroçaõ os Soldados , e que desembarcava hum homem na praya : encaminha-se áquella parte , e sabe , que he hum mensageiro , que lhe traz a certeza de ser chegada a Armada do Porto. A noticia deste soccorro se divulga no Campo Castelhanao , e o Rey chama a Conselho de Guerra , para rezolver se deve combater a Armada fóra da Barra , ou dentro do rio. Entra a Armada pela Barra , e o Defensor arma toda a qualidade de embarcaçoens , que tem em Lisbõa , e se embarca com alguma gente para facilitar a passagem ; mas o Genio infernal excita huma tempestade , que desbarata

ta as embarcaçoens do Defensor, e leva algumas da Armada do Porto ás mãos dos inimigos, e arruinaria tudo, se o Genio Tutellas dos Portuguezes não viesse affugentar a Furia, e socegar os ventos. Com este auxilio se salva facilmente a Armada, a excepção de tres Náus, das quaes o Rey manda, que lhe levem hum dos prisioneiros de mais conta, e foi Vasco Leitaõ. Reprehençaõ do Rey a Vasco, e resposta deste. Indigna-se mais vivamente o Rey, e se pertende a proveitar athé dos meynos mais infames. Traição de D. Pedro de Castro, e máo successo della. Novo projecto do Genio infernal, que se disfarça na figura de hum Engenheiro, que estava preso na Cidade, e suppondo-se fugido, vai dar alguns avisos ao Rey, e põem a Cidade no mais rigoroso bloquêio, a que se segue a mais cruel fome. Providencias tomadas sobre este ponto, e inutilidade dellas: desmayo do povo, desesperação da Tropa, e afflicção do Defensor. Chama este a Conselho de Guerra, e propõem morrer com as armas na mão em defesa da liberdade; mas o Genio Tutellar de Portugal se queixa ao Deos Supremo, das insolencias das Furias infernaes, e impiedade dos Castelhanos, e Deos os manda ferir com peste; pelo que se levanta o cerco.





# A LIBERDADE

## CANTO V.

### I.

**J**A' da risonha Aurora a luz serena  
 As cabeças dos montes prateava,  
 E das aves a varia cantilena  
 A chegada do dia annunciava,  
 Quando ainda o Varaõ, em frase amena;  
 A Monferro mil casos relatava;  
 E cada vez Monferro mais attento  
 Lhe pedia mais largo documento.

Mas

## II.

Mas do rouco tambor o forte brado  
 Fez suspender a doce conferencia,  
 E dos riscos presentes o cuidado  
 Os chamava a mais dura diligencia:  
 O trabalho das armas costumado,  
 O desvêlo da nobre resistencia,  
 Succedeo ás noticias, ás historias  
 Dos Lusos fastos, das antigas glorias.

## III.

Para a forte muralha encaminhava  
 O Defensor, illustre os nobres passos;  
 E com altas idéas se occupava  
 No remedio de tantos embaraços:  
 Quando vio, que do mar desembarcava  
 Da Gente militar quasi nos braços  
 Hum Varaõ, a que o povo recebia  
 Com signaes excessivos de alegria.

## IV.

Quem seja não conhece; porque a gente  
 Lhe impede a vista no concurso vario,  
 Adianta-se a ver, mas brevemente  
 Se lhe permite o gosto necessario;  
 Porque o Varaõ rompendo diligente  
 O tumulto do povo extraordinario,  
 A seus pés se apresenta, e desta forte  
 Principia a fallar-lhe attento, e forte.

## V.

Eu , Senhor , sou do Porto : aquella terra ,  
Naõ menos , que Lisbõa , vos estima ,  
E nos casos presentes desta guerra  
Naõ menor ambiçaõ seu povo anima ;  
Igual amor da patria em nós se encerra ,  
Igualmente o seu risco nos lastima ,  
E da vil servidaõ o pensamento  
Naõ nos faz menos dôr , menos tormento .

## VI.

Ruy Pereira , Senhor , por ordem vossa  
Nos convidou á honra desta empreza ,  
Em que unir-se a Naçaõ quanto mais possa  
Deve a favor da gloria Portugueza :  
Se vós sois Defensor , a causa he nossa ,  
E servir-vos naõ he grande fineza ;  
Mas , ou grande , ou pequena , he sem disputa ,  
Voluntaria , sincera , e resoluta .

## VII.

Os Navios , os bens , as proprias vidas  
E quanto he nosso , em fim tudo disposto  
Á servir-vos está : de vós regidas  
Nossas forças seraõ com muito gosto ;  
Já na bõca do Tejo prevenidas  
Trinta vélas estaõ , em cujo posto  
Vossas ordens esperaõ dezejosas  
De servir-vos fieis , e valorosas .

## VIII.

E Pereyra sabendo, que eu devia  
 Ter a honra, Senhor, de protestar-vos  
 A fé da minha patria, e pertendia  
 Este pequeno obsequio anticipar-vos,  
 Confiando de mim, que eu poderia  
 Tambem dos seus projectos informar-vos;  
 Consentio, que tomasse a liberdade  
 De introduzir-me occulto na Cidade.

## IX.

Hontem quando da noite a sombra escura  
 Mais densa as apparencias occultava,  
 E dos varios objectos a figura  
 Mais facilmente a vista equivocava,  
 Sacrificando a vida mal segura  
 A's instancias da fé, que me animava,  
 Atravessei sem susto dos perigos  
 Por entre as mesmas Náus dos inimigos.

## X.

E frustrando cautelas, e cuidados  
 Dos contrarios, que o rio tem coberto;  
 Ora com largos giros simulados,  
 Ora occulto nas sombras de mais perto,  
 Huns deixando na vista equivocados,  
 Outros no som da voz mal descoberto,  
 Pude em fim, sem ser delles conhecido,  
 Tocar da praya o termo apetecido.

Mas

## XI.

Mas pois a forte amiga me concede  
 Chegar aos vossos pés, Príncipe augusto,  
 E tão ditosamente emfim succede  
 Ao perigo o prazer, a gloria ao susto,  
 Dos negócios, que trago o peso pede,  
 Que prompto vos informe; assim he justo,  
 Que em lugar mais occulto, e socegado  
 Possa, Senhor, de vós ser escutado.

## XII.

Approva o Defensor o sabio intento  
 Do fiel mensageiro, a quem benigno  
 Agradece tão nobre atrevimento,  
 De hum peito Portuguez projecto digno;  
 E por frustrar qualquer vil pensamento  
 De algum espia, algum traidor maligno,  
 O retira com sigillo para o Paço,  
 Onde sós se entretém sem embaraço.

## XIII.

Mas em tanto no campo Castelhana;  
 Onde a fama mais livre discorria,  
 Porque o poder do Príncipe tyrano  
 A maiores distancias se estendia,  
 Já do novo soccorro Lusitano  
 A noticia patente se fazia,  
 E com todo o cuidado se tractava  
 De embaraçar-lhe os fins, que projectava.

N

Que

## XIV.

Que se deve atacar a Armada Lusa,  
 Antes que toque o pôrto da Cidade,  
 He geral parecer, que não recusa  
 Official de alguma auctoridade;  
 Mas se ha de ser no mar, ou quando inclusa  
 Já no rio se vir, a variedade  
 Faz dos votos, que em varia competencia,  
 Interpretaõ das armas a sciencia.

## XV.

Huns dizem, que será mais vantajoso  
 Pelejar no mar largo; porque sendo  
 O poder Hespanhol mais copioso  
 Mais espaço de frente fica tendo;  
 E que dentro do rio embaraçoso,  
 Deste excessõ valer-se não podendo,  
 Perde o corpo da Armada Castelhana  
 A vantagem, que faz á Lusitana.

## XVI.

Outros dizem, que estando guarnecidas  
 As fronteiras do rio de hum dos lados  
 Pelas Tropas de Hespanha, e defendidas  
 De outra parte com Praças, e Soldados,  
 Podem melhor as Náus ser soccorridas  
 Em quaesquer lances mal affortunados,  
 Combatendo no rio, e desta forte  
 Este lugar abonaõ por mais forte.

Foi

## XVII.

Foi o voto primeiro do Almirante ;  
E varios Capitaens do seu partido ,  
A quem de Marte o espirito arrogante  
Incitava a combate mais luzido ;  
Mas o voto segundo mais constante  
Acceitaçaõ logrou , e foi seguido  
Pelo Rey , que julgou razaõ prudente  
O poder soccorrer a sua gente.

## XVIII.

Deraõ-se as ordens , apromptou-se a Armada,  
Escolheo se o lugar mais adequado ,  
Para , se acaso fosse derrotada ,  
Ter lugar o soccorro meditado :  
A tudo assiste o Rey com desvejada ,  
Com prudente attençaõ , e no cuidado  
Das sabias prevençoens , que assim repete ,  
Huma certa victoria se promette.

## XIX.

Mas naõ menos na gente Portugueza  
Mostrava a prevençaõ os seus effeitos ,  
Dispondo-se a favor da mesma empreza  
Por sua parte os meyoos mais perfeitos ;  
Ajudada do estudo a natureza  
Ministrava de todos nos conceitos ,  
Para salvar as vidas opprimidas ,  
As mais seguras , mais fieis medidas.

## XX.

Resolveo-se , que a Armada Lusitana  
 Entrasse sem demora , e que evitasse  
 Quanto possivel fosse a Castelhana ,  
 Por mais que esta a combate a provocasse ;  
 E que sendo atacada a Capitana ,  
 Ou qualquer outra Náu , não perturbasse  
 Este accidente a ordem das mais vélas ,  
 Inda mesmo no risco de perde-las.

## XXI.

Que trabalhasse a toda a diligencia  
 Por conseguir do pôrto a liberdade ;  
 Porque nelle acharia providencia  
 De soccorro de toda a qualidade ;  
 E que augmentada a força na assistencia  
 Dos Navios , e gente da Cidade ,  
 Provasssem todos juntos os perigos ,  
 Voltando sobre as Náus dos inimigos.

## XXII.

Com este aviso parte o mensageiro  
 Outra vez para a Armada , e nos cuidados  
 Se occupa o Defensor de dar inteiro  
 Cumprimento aos preparos meditados ;  
 Elle quer fer nos riscos o primeiro ;  
 Elle intenta os trabalhos mais pesados ,  
 E faz com seu exemplo toda a gente  
 Zelosa , firme , forte , e diligente.



## XXIII.

Armaõ-se as Náus, que havia, armaõ-se as fustas,  
As mesmas barcas se dispõem á guerra,  
Fazem-se promptas, fracas, ou robustas  
Quantas embarcaçoens o pôrto encerra;  
Geme o Téjo debaixo das adustas  
Maons dos duros remeiros, treme a terra  
Com o peso das armas, e soldados,  
Que concorrem á praya alvoroçados.

## XXIV.

Todos desejaõ ter parte na gloria,  
De abater os orgulhos inimigos,  
E quando seja incerta huma victoria,  
Todos querem ter parte nos perigos:  
O mesmo Defensor, bem que a notoria  
Afflicçaõ da Cidade, e dos amigos  
O pertenda impedir, em fim se embarca  
Despresando o rigor da dura Parca.

## XXV.

Mas o Genio tyrano, que domina  
As trevas do Cocito, e que aborrece  
A Lusa gente, irado determina  
Impedir-lhe o successo, que appeteece;  
Sobre a face do Tejo crystalina  
Rodeado de horrores apparece,  
As agoas turba, offusca a luz serena,  
Commove os ares, tudo desordena.

## XXVI.

Vinha surgindo a Armada auxiliadora  
 Já no meyo do rio, e alvoroçados  
 Com a luz da esperança enganadora  
 Se apartavaõ da praya os sitiados;  
 Quando o Genio cruel, a quem devora  
 Hum defejo immortal de ver frustrados  
 Tantos preparos, com impulso horrendo  
 Agíta os ventos sobre o mar tremendo.

## XXVII.

Pela bôca da barra os precipíta  
 Sobre as miserâs Náus, em quem perverte  
 A ordem necessaria, e facilita  
 O combate ás contrarias; depois véte  
 Toda a força das furias, que vomíta  
 Sobre as Náus da Cidade, Armada inerte  
 Na sciencia dos ventos, quanto forte  
 Em desprezar o risco, o ferro, a morte.

## XXVIII.

De balde a força dos robustos braços  
 Quer luftar contra o vento, o remo duro  
 Cede á força das ondas; já pedaços  
 He o páu, que foi mastro; hum Palinuro  
 O leme não regêra; os fortes laços  
 Das cordas quebraõ; foge mal seguro  
 Cada vaso, seguindo cégamente  
 O destino das agoas inclemente.

Hum

## XXIX.

Hum volta sobre a praya , outro apartado  
A corrente do Tejo vai rompendo ,  
Tal se encontra na aréa já varado ,  
Tal vai de Santarém as torres vendo ;  
A Náu grande , em que entãõ era embarcado  
O Defensor , fuster-se não podendo ,  
Sobre a terra varou ; mas felizmente  
Salvou-se o Defensor , salvou-se a gente.

## XXX.

Em tanto a Capitania a quem regâa  
Ruy Pereyra , Varaõ de grande alento ,  
Que por mais volumosa , mais soffria  
Os estragos crueis do fero vento ;  
Desordenado o rumo , que seguia  
Impellida do Genio turbulento ,  
Entre as Náus inimigas foi levada ,  
E logo por tres dellas afferrada.

## XXXI.

Naõ desmaya Pereyra , e largo espaço  
Com forças desiguaes firme resiste ;  
Mas cança de ferir o forte braço ,  
Bem que o valôr constante não desiste ;  
Cançado morre de matar : escaço  
Foi com este Varaõ o fado triste ,  
Que se as forças no corpo iguaes lhe dera  
A's do valôr , taõ cêdo não morrêra.

Ren-

## XXXII.

Rende-se a Nau , e tem igual successo  
 Outras duas da Armada Lusitana ,  
 A quem da tempestade o raro excesso  
 Levou ás maons da gente Castelhana :  
 Continuava a Furia o seu progresso ,  
 E seria a derrota mais tyrana ,  
 Se o Genio Tutelar da Lusa terra  
 Não fizesse cessar taõ torpe guerra.

## XXXIII.

Mas vendo o Sacro Genio do brilhante  
 Assento crystalino , que occupava  
 No luminoso Olympo , a Armada errante ,  
 O mar turbado , o rio , que voltava  
 Outra vez para traz , que fulminante  
 A torpe Furia as Náus precipitava  
 Na mais triste ruina , e que nos ventos  
 Inspirava a seu gosto os movimentos.

## XXXIV.

Com mais rapido vôo , do que o rayo  
 A nuvem rasga , sobre o Tejo desce ,  
 E fazendo de luz alegre ensayo ,  
 Sobre os hombros dos ventos apparece :  
 Quanto nestes foi ira , he já desmayo ,  
 Cessa o furor , que as aguas intumece ,  
 Desapparece a Furia com presteza ,  
 Que a sombra foge á luz por natureza.

Tudo.

## XXXV.

Tudo muda de face ; a Armada Lusã  
Segue alegre o seu rumo , a dos contrarios  
Já não ousa segui-la , era confusa  
Inda entãõ a victoria , e casos varios  
Se viaõ nas tres Náus , que a fama accusa ;  
Largo tempo de empenhos temerarios ;  
Mas renderãõ-se em fim , já quando a Armada  
Se achava toda livre , e retirada.

## XXXVI.

Manda o Rey Castelhana , que escolhido  
Entre os presos das Náus , algum soldado  
De maior distincção fosse trazido  
Logo á sua presença , e executado  
O mandato Real , foi conduzido  
Para ser do Monarcha examinado ,  
Vasco Leitaõ , em quem a fama pinta  
O valor , e nobreza mais distincta.

## XXXVII.

Estava-lhe fazendo attentamente  
O Rey varias perguntas ; quando passa  
Por accaso a Raynha , e ousadamente  
Vasco de lhe fallar pertende a graça :  
A seus pés chega , e logo reverente  
A mão lhe beija , que a fortuna escaça  
Não tem poder para fazer grosseiro  
Hum bem criado , e nobre Cavalleiro.

Mas

## XXXVIII.

Mas indignou-se o Rey deste cortejo ,  
 Que devêra louvar ; porque imagina ,  
 Que este obsequio não nasce do desejo ;  
 Mas do fusto sómente da ruina :  
 Vós sois , lhe diz , indigno , aquelle bêjo  
 He hum bêjo de Judas , que me enclina  
 A cortar-vos os beiços , com que ousado  
 Profanais o decoro mais sagrado.

## XXXIX.

Fingis dar á Raynha os justos cultos ,  
 Que lhe deveis por vossa Soberana ,  
 E não tendes vergonha dos insultos ,  
 Com que a vossa cegueira a fé profana ;  
 Seguis armado as vozes dos tumultos ,  
 E julgais , que hum cortejo nos engana ;  
 Hum Vaffallo , que offende a lealdade ,  
 Insulta quando incensa a Magestade.

## XL.

Naõ he isso , responde o Varaõ forte ,  
 O que entre nós se entende : a fé sagrada  
 Nos liga firmemente ; e sempre a morte  
 Accesa encontra em nós a chama honrada :  
 A Raynha devemos desta forte  
 Respeitar por quem he , que a Lusa espada  
 Naõ offende as Senhoras ; mas attenta  
 Os direitos da patria só sustenta.

Vós

## XLI.

Vós, Senhor, vos privastes do direito  
 De dominar nos Lusos, quebrantando,  
 Os solemnes Tractados, sem respeito  
 A' vossa mesma fé, precipitando  
 O tempo estipulado; e no conceito  
 De humia facil conquista, atropelando  
 Com as armas na mão, como inimigo,  
 Os privilegios de hum paiz amigo.

## XLII.

Vós nos fazeis a guerra, nós fómote  
 Defendemos a propria liberdade  
 A vossa pertençaó faz innocente  
 A nossa natural fidelidade;  
 Em nós esta constancia propriamente  
 Não he orgulho, he só necessidade  
 De defender a patria, que opprimida  
 Se vê de armas estranhas invadida.

## XLIII.

Se o ser fiel á patria, ser constante  
 Na fé dos juramentos he delicto?  
 Réo sou, Senhor, de crime tão brilhante,  
 Nem desculpar-me delle sollicito;  
 Mas se he virtude a fé, se o ser amante  
 Da patria não he culpa, e nisto imitto  
 Os Varoens mais illustres, certamente  
 Vós mesmo me honrareis por innocente.

Ouvia

## XLIV.

Ouvia o Rey com gesto furioso  
 As vozes de Leitaõ ; mas não podia  
 Desmentir o caracter luminoso  
 Da verdade , que nellas conhecia :  
 A Valasco procura impetuoso ,  
 O que destes discursos entendia ;  
 Aquillo mesmo , diz o nobre velho ;  
 Vos temos nós exposto no Conselho.

## XLV.

Na verdade , Senhor , os Portuguezes  
 Tem alguma desculpa : os seus Tractados ,  
 Como dito vos tenho muitas vezes ,  
 Foraõ por nós sem causa quebrantados :  
 Vós tendes Conselheiros mais cortezes ,  
 Que abonaõ esta acção : effes letrados  
 Responderáõ , Senhor , com mais clareza  
 A's instancias da gente Portugueza.

## XLVI.

Indignou-se o Monarcha da resposta ,  
 Como já do discurso se indignára ;  
 Porque a verdade livremente exposta ,  
 Offende do respeito a ley avara :  
 Não se convence já , só se desgosta  
 Da força da razão , que desprefára ;  
 Silencio impõem ás vozes de Valasco ,  
 E manda retirar o nobre Vasco.

Em



## XLVII.

Em prisões rigorosas determina,  
 Que preso fique, e firmemente jura  
 Abater da Cidade na ruina  
 A soberba fatal da Nação dura;  
 Mais apertado fitio lhe destina,  
 Novas tropas convoca, a força apura  
 De todo o seu poder, e nas violencias  
 Se vale até das mesmas indecencias.

## XLVIII.

Com promessas intenta lisongeiras  
 Comprar a fé de alguns dos fitiados,  
 Em quem do brio as chamas verdadeiras  
 Os fulgores mostravaõ mais cançados:  
 Tal julgou, a pesar de acçoens guerreiras,  
 A Dom Pedro de Castro, e praticados  
 Os infames ajustes da maldade,  
 Se pacteou a entrega da Cidade.

## XLIX.

Commandava Dom Pedro por desgraça  
 Huma parte dos muros, e podia  
 Com qualquer illusão, com qualquer traça;  
 A perfidia cumprir, que promettia;  
 Nada os torpes intentos embaraça,  
 Ajustou-se o lugar, a hora, o dia,  
 Disposeraõ-se os meynos necessarios,  
 Que nunca faltaõ meynos a falsarios.

Assen-

## L.

Assentou-se , que a noite gloriosa  
 Do faustissimo dia , que nos cultos  
 Se illustra da Assumpção prodigiosa,  
 Da que de Mãy, é Virgem goza indultos,  
 Fosse o termo perfixo á cavillosa  
 Execução de intentos tão occultos,  
 E que o sitio seria adonde accefa  
 Fosse huma luz farol da torpe empreza.

## LI.

Que munidos de escadas os soldados  
 Viesssem demandar os tristes muros  
 Com preciso silencio, que escalados  
 Facilmente seriaõ ; pois seguros  
 Lhos teria Dom Pedro defarmados,  
 Ou postada nos sitios mais escuros  
 Alguma gente sua, que instruída  
 Estaria do caso, e prevenida.

## LII.

Era complice em crime tão nefando  
 Joã Lourenço da Cunha, que já fôra  
 Da Raynha viuva de Fernando  
 Algum dia Marido, e que a traidora  
 Acção sentio tão pouco, que adornando  
 Da mesma injuria a frente soffredora,  
 Era a pesar da solida nobreza,  
 Escandalo da gloria Portugueza.

Este

## LIII.

Este deu a Ruy Freire algum indício  
 Das traiçoens maquinadas, e seria  
 Providencia talvez do Ceo propicio,  
 Para frustrar a infame aleivosia:  
 Porque o claro Varaõ, que o torpe vicio  
 Da perfidia aborrece, e que devia  
 Ao nobre Defensor antigo affecto,  
 Lhe foi logo dar parte do projecto.

## LIV.

Tinha sido por Cunha revelado  
 O dia, o sitio, e senha da interpresa,  
 E no tempo prescripto examinado,  
 Se achou deserto o muro, a luz accesa;  
 Acautelou-se logo com cuidado  
 O lugar suspeito, e sendo presa  
 A gente de Dom Pedro sem ruido,  
 Foi o mesmo Dom Pedro surprehendido.

## LV.

Chega a gente de Hespanha confiada  
 Nas traidoras promessas, esperando  
 A muralha encontrar desoccupada,  
 Ou guarneccida de hum presidio brando;  
 O sitio busca, e quando mal guiada  
 Da falsa luz o muro vai tocando,  
 Os Lusos ferros vê descer brilhantes  
 Sobre as tristes cabeças vacilantes.

Huma

## LVI.

Huma chuva de tiros de arremeço ;  
 Hum diluvio de ferro furioso  
 Foi da torpe perfidia o justo preço ;  
 Foi o fructo do engano vergonhoso ;  
 As escadas ferverão de tropeço ,  
 De embaraço os petrechos ; lastimoso  
 Escarmento de idéas fementidas ,  
 Que quasi sempre são mal succedidas.

## LVII.

Sentio o Rey contrario vivamente  
 Aquelle máo successo , e mais irado ;  
 Na conquista se obstina impaciente  
 De hum valor taõ activo , e porfiado ;  
 Mas naõ menos a raiva infaustamente  
 Incita o Genio horrivel , que frustrado  
 Tinha visto o desvelo , com que os ventos  
 Convocára a favor dos seus intentos.

## LVIII.

Mil idéas na mente revolvía  
 De vingança cruel , estragos varios ,  
 Varios modos de guerra discorria ,  
 Para perder os Lusos temerarios ;  
 Abater-lhe os alentos naõ podia ,  
 Que são dotes do fado extraordinarios ;  
 Mas por meyo de astucias meditava  
 Maquinar-lhe a ruina , que intentava.

## LIX.

Das cavernas funestas, em que habita,  
 Triste esfera de angustias, e de horrores;  
 Sáhe a Furia cruel, e se habilita  
 Para soffrer do Sol os resplendores;  
 As negras azas ferozmente agita  
 Por entre nuvens de infernaes vapores,  
 Sobre os ares se eleva, e de mais perto  
 Observa da Cidade o triste aperto.

## LX.

Vio os duros êstragos, que soffria  
 O miseravel povo; mas que ousado,  
 Os rigores da morte preferia  
 A' vil escravidão, vio, que abrasado  
 De hum generoso ardor, não desistia  
 Da constancia primeira; e que indignado  
 Das mesmas vexações, só receava  
 A fome, que a sentir principiava.

## LXI.

Vio quanto aquelle susto era prudente  
 Na falta já sensivel de alimentos;  
 Pois a pesar de hum zêlo providente,  
 Eraõ quasi no fim os mantimentos,  
 Conheçeo, que seria brevemente  
 A ruina geral, se os provimentos  
 Não entrassem de fóra, e deste laviso,  
 Que se aproveite o Rey julga preciso.

## LXII.

De humano vulto finge as apparencias,  
 A voz, e o gesto imita de Artimáde,  
 E mentindo suppostas negligencias,  
 Se publica fugido da Cidade:  
 Era Artimáde hum velho, que as sciencias  
 Cultivava com rara habilidade,  
 E que seguindo o Rey, como Engenheiro,  
 Fora feito dos Lufos prisioneiro.

## LXIII.

Como tal foi no campo recebido,  
 Festejado por todos, e levado  
 A' presença do Rey, que prevenido  
 Fora logo do caso inopinado;  
 Delle pertende o Rey ser instruido  
 Com clareza maior, e perguntado  
 Em diversas materias, tudo explica  
 Com rasoens, que a prudencia justifica.

## LXIV.

Mas notando, que o genio vingativo  
 Do Rey feroz mais ira respirava,  
 Que maduro conselho; e que por vivo,  
 Das cautelas talvez se descuidava;  
 Do seu zêlo tomando por motivo  
 A noticia completa, que affectava  
 Do estado da Cidade, astuto pede  
 Licença de fallar, que o Rey concede.

Logo

## LXV.

Logo o perfido gesto accommodando  
As cautelosas vozes, que medita,  
Assim vai o veneno derramando  
Nos ouvidos, que o Rey lhe facilita:  
Vós, Senhor, bem sabeis, que o genio brando  
O meu vicio não he, nem me habilita  
Para conselhos froxos; mas a gloria  
He quasi sempre o fructo da victoria.

## LXVI.

O valor he louvavel; mas prudente  
Deve ser o valor; que de outra sorte  
Não he virtude, he vicio, que desmente  
O caracter feliz do Varão forte:  
Desprezar pela gloria illustremente  
A despeza, o trabalho, o risco, a morte,  
He empenho de Heróes; mas sem proveito;  
Não merece a braveza tal conceito.

## LXVII.

Vós, Senhor, abraçado em chama pura  
De bellicoso ardor, contra a Cidade  
Fulminais ha seis mezes guerra dura  
Com trabalhos de toda a qualidade:  
Mas tão poucas vantagens nos procura  
Esta nossa porfia, que a verdade  
Nos obriga a dizer, que os Portuguezes  
Nada tem afroxado em tantos mezes.

## LXVIII.

He grande a guarniçaõ , naõ desfalece  
 Na repetida furia dos affaltos ,  
 Nem a morte de poucos enfraquece  
 A multidaõ , que borda os muros altos :  
 Se a Cidade algum damno affim padece ,  
 Todo o damno consiste em sobrefaltos ,  
 E naõ póde render-se desta forte  
 Huma Naçaõ feroz , hum povo forte.

## LXIX.

Mas póde fer , Senhor , que se confira  
 Aquelle mesmo fim bem facilmente ,  
 Sem-desconto de risco , ou de fadiga  
 A favor de outro meyo mais prudente ;  
 Neste assedio sómente se profiga  
 Com precisa exacçaõ , e brevemente  
 Se verá quanto mais , que a guerra dura ;  
 He funesta á Cidade a fome pura.

## LXX.

Eu , Senhor , a pesar do triste estado  
 De captivo , e de preso , em que gemia ;  
 Tenho bem fixamente calculado  
 O poder de hum paiz , que descóbria ;  
 Sei , que he grande o perfidio , que animado  
 A morrer pela patria parecia ;  
 Mas fei tambem , que a falta de alimentos  
 Lhe affusta fortemente os pensamentos.

Elles



## LXXI.

Elles tem varias vezes conseguido ,  
Com injuria das armas de Castella ;  
Provimento de fóra , introduzido  
Pelo Tejo , de noite , com cautela ;  
Mas se o nosso cuidado prevenido  
Em guardar este passo se desvela ,  
Precisamente a fome na Cidade  
Se ha de sentir com muita brevidade ;

## LXXII.

Eu fei , que já com menos abundancia  
Se reparte o preciso mantimento ,  
Que o governo com cauta vigilancia  
Faz dispender do poyo no sustento :  
Sei que apenas com grande repugnancia ;  
Se concede bem pouco ; em que argumento  
Huma falta geral , ou já presente ,  
Ou que está pelo menos imminente.

## LXXIII.

Ella será de todo inevitavel ,  
Se o foccorro , Senhor , se lhe embarça ;  
Diligencia a meu ver tão praticavel ,  
Que de possivel a ser facil passa ;  
Este arbitrio se observe , e responsavel  
Eu ferei da fortuna , ou da desgraça  
Desta empreza ; porém com tal contracto ,  
Que ha de ser o cuidado o mais exacto.

Disse

## LXXIV.

Disse , e logo de todos approvado  
 Foi o seu parecer , logo applaudido  
 Pelo mesmo Monarcha interessado  
 Na esperanza , que havia concebido ;  
 Logo manda , que seja executado  
 O projecto fatal , logo escolhido  
 Para ser director daquella empreza  
 Foi o perfido auctor desta destreza.

## LXXV.

Elle as guardas dispoem , elle vigia  
 Sobre a sua exacção , elle acautela  
 Os passos todos , elle desconfia  
 De qualquer movimento , elle atropela  
 As diligencias todas , que podia  
 Intentar o presidio , e se desvela  
 Tanto neste cuidado , que frustrada  
 Lhe faz toda a esperanza imaginada.

## LXXVI.

Affim se vio logrado brevemente  
 O tyrano projecto , e na Cidade  
 Se fez logo sentir amargamente  
 Da triste fome a torpe atrocidade :  
 A mesma copia da cercada gente  
 Apreffava a geral calamidade ,  
 E foi precisa a dura providencia  
 De recusar de alguma a subsistencia.

Expul-

## LXXVII.

Expulsou-se dos muros com effeito,  
 Alguma gente inutil, foi forçoso  
 Matar as bestas, e tirar proveito  
 Das suas carnes, fez-se industriofo  
 Paõ de varias materias, em defeito  
 Do paõ commum, e nada fructuoso  
 Põde ser muito tempo; porque a fome  
 Tudo devora em fim, tudo consome.

## LXXVIII.

Já sem rebuço, a pálida indigencia  
 Se descobre patente; já se escuta,  
 A pesar dos esforços da paciencia,  
 O clamor da miseria; já reputa  
 Impossivel o povo a providencia,  
 E do mesmo governo a mente astuta,  
 Já não pôde occultar, por mais que faça;  
 Os horrorosos golpes da desgraça.

## LXXIX.

Viaõ-se os innocentes desmayados,  
 Entre os braços das Mãys inutilmente  
 Inda presos aos peitos já privados  
 Do suco natural conveniente;  
 Viaõ-se os tristes velhos encostados  
 Nas paredes das casas froxamente  
 Respirar, sem mover-se intropecidos  
 Da fraqueza, a que estavaõ reduzidos.

Viaõ-

## LXXX.

Viaõ-se já prostrados, macilentos,  
 E sem forças os mesmos mais robustos,  
 A quem da morte os tristes pensamentos  
 Já mais no coração causaraõ sustos;  
 E supposto, que os nobres soffrimentos,  
 A pesar dos estragos mais injustos,  
 Os fizessem constantes, bem se via  
 Já no rosto de todos a agonia.

## LXXXI.

Convoca o Defensor os mais prezados,  
 Mais illustres varoens, de quem confia  
 Os segredos mais puros, mais guardados,  
 Em obsequio da fé que lhes devia;  
 E mandando, que todos socegados;  
 Attenção lhe prestassem, pois queria  
 Ouvir depois a todos, desta forte  
 Principia a fallar o Varaõ forte.

## LXXXII.

Vós, Senhores, sabeis o triste aperto,  
 Em que todos nos vemos, a pobreza,  
 Em que geme a Cidade, o desconcerto,  
 Em que o povo fluctúa, na incerteza  
 Do sustento preciso, o pouco acerto  
 Dos arbitrios fundados na destreza  
 De occultas diligencias, nem preciso  
 Vos he nesta materia mais ayiso.

## LXXXIII.

Se algum de vós , em tanta desventura  
 Algum meyo discorre praticavel ,  
 Com que possa a Cidade mal segura  
 Por mais tempo fazer-se defensavel ,  
 Cada qual , a favor da chama pura ,  
 Que em nós accende o zêlo mais louvavel ,  
 O seu voto declare , e se profiga  
 Nos nobres meyos da constancia antiga.

## LXXXIV.

Mas se em tanta desgraça já não resta  
 Esperança de algum foccorro humano ,  
 E na luz da razaõ se manifesta  
 Inevitavel o presente damno ,  
 Menos triste será , menos funesta  
 Nos apertos de hum risco taõ tyrano ,  
 Huma morte por armas gloriosa ,  
 Do que em froxa inacção injuriosa.

## LXXXV.

Antes que a torpe fome inteiramente  
 Nos precipite em languidos desmayos ,  
 E se faça a ruina mais patente  
 Da fraqueza nos ultimos ensayos ,  
 Procurêmos ao menos dignamente  
 Vender as vidas , e nos claros rayos  
 Da gloriosa chama das vinganças  
 Abrazemos as nossas esperanças.

Hum

## LXXXVI.

Hum só recurso tem os desgraçados  
 Nos extremos maiores, que consiste  
 Em poder, de huma vez, desesperados  
 Arriscar sem reparo a vida triste,  
 E se o rigor cruel dos duros fados,  
 A que poder humano não resiste,  
 Precisa faz a perda da Cidade,  
 Perca-se a vida com a liberdade.

## LXXXVII.

Decida de huma vez o ferro agudo  
 A disputa cruel, dicte a fortuna  
 A sentença fatal, perca-se tudo,  
 Ou tudo se restaure; huma opportuna  
 Temeridade he gloria; o nobre estudo  
 De hum arrôjo feliz foi a columna,  
 Com que Cesar susteve diligente  
 O seu poder já quasi decadente.

## LXXXVIII.

Provemos o que póde a força dura  
 Da desesperação; rompa-se o laço  
 De huma triste cautela mal segura,  
 Que já agora só serve de embaraço;  
 Ou vencer, ou morrer com gloria pura  
 Seja em fim permittido ao Luso braço;  
 Com as armas na mão se acabe a guerra,  
 Ou se morra, ou se salve a patria terra.

Este

## LXXXIX.

Este o meu parecer ; agora diga  
Cada qual o que o zêlo fervoroso  
Lhe dictar a favor da gloria antiga  
Do nome Portuguez sempre famoso ;  
Que , ou na guarda dos muros se profiga ,  
Ou se approve projecto mais lustroso ,  
Eu ferei o primeiro em qualquer parte ,  
Que a frente insulte do soberbo Marte.

## XC.

Disse , e todo o congresso alvoroçado  
Applaudio o seu voto ; e resolvido  
Foi por todos , que fosse executado  
Sem demora projecto tão luzido ;  
Mas havendo depois bem ponderado  
O poder dos contrarios tão crescido ,  
Houve quem discorreo ser opportuno  
Dar aviso do caso ao grande Nuno.

## XCI.

Era Nuno da gente Portugueza  
Esperança segunda , e guarnecia  
De Alemtejo a Provincia onde a dureza  
De seus golpes Hespanha já temia ;  
E podendo-se achar na dura empreza  
Assistido das armas , que regia ,  
Na diversaõ das forças Castelhanas  
Faria grande amparo ás Lusitanas.

Logo

## XCII.

Logo toda a Assemblêa acordemente  
 Este arbitrio adoptou com tanto excessso ;  
 Que já delle reputa dependente  
 Do primeiro projecto o bom successo ;  
 Mas notando, que o tempo competente  
 A demora do aviso em seu progresso  
 A Cidade arriscava á contingencia  
 De faltar-lhe de todo a subsistencia ;

## XCIII.

Segunda vez se ordena , que expulsada  
 Fosse logo dos muros opprimidos  
 Toda a gente de inutil accusada ,  
 Ou menos propria a riscos taõ subidos ;  
 Mas apenas das portas separada  
 Era a triste porçaõ dos expellidos ,  
 Quando se vio gemer em duros laços  
 Entregue á furia de inimigos braços.

## XCIV.

Naõ fez grande impressaõ este accidente  
 No constante presidio ; porque a forte  
 Dos primeiros expulsos lhe desmente  
 Todo o risco , que affusta o peito forte :  
 Tinha sido levada aquella gente  
 Entre ameaços de prisãõ , ou morte  
 A' presença do Rey , mas despedida  
 Foi toda livre, toda soccorrida,

Igual



## XCV.

Igual successo agora se esperava ;  
 Porém não foi assim , porque Artimade ,  
 Ou o genio feroz , que se occultava  
 No seu perfido vulto , a liberdade  
 Affectando do zêlo , que inculcava  
 No commettido assedio da Cidade ,  
 Dos expulsos se entrega , e lhe destina  
 A mais infame , mais cruel ruina.

## XCVI.

Manda , que fossem todos açoutados  
 Defronte das muralhas , que o sustento  
 Defendido lhe fosse , e que levados  
 Junto das portas neste abatimento ,  
 Alli fossem com guardas observados ,  
 Athé , que a duraçãõ de hum tal tormento  
 Os podesse extinguir , ou conseguisse ,  
 Que a Cidade outra vez os consentisse.

## XCVII.

Naõ póde mais soffrer o Genio claro ;  
 Que a guarda tem da gente Portugueza ;  
 E prompto implora o Sacrosanto amparo  
 Do Soberano Auctor da Natureza :  
 Supremo Deos , lhe diz , principio raro  
 Dos entes todos , immortal grandeza ,  
 A quem o Céu se prostra , a terra adora ,  
 Respeita o mar , e quem nas trevas mora.

Por

## XCVIII.

Por ti, Senhor, me foi em fórte dada  
 A protecção da Lusá Monarchia,  
 Por ti a firvo, por ti mesmo amada  
 He de mim esta gente: a vil porfia  
 De huma guerra cruel, e dilatada  
 A tem quasi perdida; mas soffria  
 Este golpe o meu zêlo, porque os damnos  
 De huma guerra são fórte dos humanos.

## XCXIX.

Porém, que as Furias do soberbo Inferno  
 Façam guerra tambem á Lusá gente,  
 He insulto, Senhor, que hum Deos Eterno  
 Deve vingar com braço Omnipotente:  
 Como póde, Senhor, o péito terno  
 De hum Deos benigno, recto, e providente  
 Consentir tal excessõ? Acaço a terra  
 Em si males bastantes não encerra?

## C.

He preciso, que os Genios infernaes  
 Se armem contra Lisboa? O duro effeito  
 Da ambição, e vingança entre os mortaes  
 Necessita de auxilio? O fero peito  
 De hum Rey tyrano os meyo naturaes  
 Ignora do rigor? Hum tal conceito  
 Só o póde formar o Genio escuro,  
 Que o campo infesta com influxo impuro.

## CI.

A ti, Senhor, pertence a providencia  
 Deste caso fatal: os teus projectos  
 Não se podem mudar, que a Omnipotencia  
 Não varia já mais os seus decretos:  
 Por ti firmada foi a subsistencia  
 Do Trono Portuguez; os indiscretos  
 Empenhos, que se oppoem á tua mente  
 Devem ser castigados duramente.

## CII.

Ouvio o grande Deos o rogo puro  
 Com benigna attençaõ, e socegado  
 Lhe responde: Não póde o Genio escuro  
 Alterar o destino; he bem frustrado  
 O seu desvelo, o seu trabalho duro  
 Contra as leys immortaes do claro fado;  
 Mas a sua soberba, e falsidade  
 Provarão do castigo a gravidade.

## CIII.

Tu lhe vai intimar da minha parte,  
 Que o campo largue, e no fatal momento  
 Nova porçaõ de penas lhe reparte,  
 Com que pague taõ louco atrevimento,  
 E pois que as iras do cruento Marte  
 Adoptáraõ taõ perfido instrumento;  
 Provarão igualmente os Castelhanos  
 De huma tal companhia os justos danos.

Isto

## CIV.

Isto dizendo, sem demora chama  
 Hum dos Genios, a quem foi dado em sorte  
 O fazer mal á terra, e que derrama  
 Sobre os mortaes a dor, a peste, a morte;  
 Vai, lhe diz, sobre o campo; alli te inflama  
 De terrivel furor, de impulso forte  
 Os teus golpes dispára sobre as tendas,  
 Só do Rey a pessoa não offendas.

## CV.

Vãoã ambos os Genios promptamente,  
 A cumprir seu destino, hum executa  
 Sobre a Furia a sentença, outro inclemente  
 Sobre as tendas inclina a resoluta  
 Pesada mão, que os golpes tristemente  
 Multiplica no campo sem disputa,  
 Sendo de golpes taes rara a ferida,  
 Que não caste a Castella alguma vida.

## CVI.

Fez-se logo no campo formidavel  
 Da dura peste o rapido progresso;  
 Pois sem descanso a Parca inexoravel  
 Se vê cortar das vidas o processo:  
 Nem sómente no vulgo miseravel  
 O contagio se observa, igual successo  
 Tem os mais pobres, mais desamparados;  
 Que os mais servidos, e mais bem tractados.

## CVII.

Já o grande Toledo, o bravo Lara ;  
 O nobre Sandoval, o bom Sarmento,  
 O Famoso Thoar a vida clara  
 Tem rendido, nem pôde o forte alento  
 De Valasco evitar a sôrte avara,  
 Nem Samora Varaõ de alto talento,  
 A quem fez Alverneda companhia  
 Com Benavides, Roxas, e Mexia.

## CVIII.

Já vinte vezes cem bravos soldados  
 Eraõ mortos no campo, e cada Aúroza  
 Mais duzentos mostrava separados  
 Do commercio dos vivos, já devóra  
 O funesto pavor os mais ousados ;  
 Já toda a tropa desmayada chora  
 O seu triste destino ; mas no peito  
 Do Rey tyrano nada faz effeito.

## CIX.

Confelhos, rogos, lagrimas, gemidos,  
 Inutil tudo he, elle se obstina  
 Cada vez mais, nem quer prestar ouvidos  
 A's lamentaveis vozes da ruina :  
 Nada lhe afroza os odios concebidos ;  
 Porque a torpe ambição, que lhe domina  
 O coração, os meyoos lhe embaraça  
 De conhecer o peso da desgraça.

P

Mas

## CX.

Mas o braço potente, que opprimia  
A soberba Hespanhola, e não cessava  
De tirar sobre as tendas, cada dia  
Os seus golpes fataes multiplicava;  
E fazendo mais certa pontaria  
Sobre a tenda Real, onde se achava  
A formosa Raynha, a fere attento  
De hum golpe não mortal, porém violento.

## CXI.

Este tiro levou a liberdade  
A' famosa Lisboa; porque o fusto  
Pôde em fim dominar a crueldade  
No coração feróz do Rey injusto:  
Retirar-se resolve da Cidade  
No silencio da noite; o muro angusto  
Prova o doce socego, e o campo nobre  
Livre, a luz matutina em fim descobre.

*FIM DO CANTO V.*

# A LIBERDADE

## CANTO VI.

### ARGUMENTO.



**L**EVANTADO o cerco de Lisboa, o povo alvorogado, com a liberdade, sabe ao campo á ver, e notar o sitio, em que estiveraõ os inimigos: mas no rio se conservava a Armada de Castella, e alli se ouvem tocar trombetas, que obrigaõ o Defensor, e os Soldados a concorrer á praya, donde observaõ, que o ruido vem todo de hum pequeno batel, que vem passando pelo meyo da Armada Castelhana, conduzindo muito pouca gente, e no meyo della hum Cavalleiro armado todo, e a cara coberta com a viseira do Elmo. Chega em fim á praya este Cavalleiro, que se reconhece ser o grande Nuno Alvares Pereira, que vai cortejar o Defensor, e dar-lhe parte das suas expediçoens. Conta lhe como passan-

do ao Alemtejo , ajuntára hum pequeno Exer-  
cito para soccorrer Fronteira ; susto dos Solda-  
dos , pratica de Nuno ; victoria dos Atoleiros ,  
e soccorro de Fronteira. Parte Nuno a dar gra-  
ças a Deos ao Templo de Assumar , que acha  
profanado pelos Castelhanos , que delle haviaõ  
feito Cavalhariça , e o faz limpar. Passa a Evo-  
ra , livra Alvaro Gonçalves da mão dos Cas-  
telhanos , e sabendo da Armada , que se apa-  
relha no Porto , parte àquella Cidade para em-  
barcar-se nella ; mas chegando a Coimbra , sabe  
ser já partida , e que arribára a Buarcos , on-  
de pertende hir embarcar ; mas o General da  
Armada o não espera. Volta para o Alemtejo ,  
e no caminho toma hum grande comboy de Cas-  
tella. Chegado ao Alemtejo recupera a Praça  
de Monsaras . e desbarata Castanbeda , Gene-  
ral Castelhana , e depois deste , a outro chama-  
do Sarmiento. Marcha sobre Palmella , e toma  
esta Praça , onde recebe o aviso do aperto da  
Cidade , e da resolução do Defensor , de ata-  
car os Castelhanos no campo ; mas quando se pre-  
para a passar , recebe a noticia de ser levanta-  
do o Cerco , e se mette com pouca gente em hum  
batel para passar a Lisboa de madrugada ; mas  
amanhecendo lhe no meyo da armada Castelha-  
na , manda tocar as trombetas , o que mette em  
confusão os Castelhanos , e Nuno chega feliz-  
mente á praya.





# A LIBERDADE

## CANTO VI.

### I.

**I**lluminava o Sol da bella Astrea  
 A celeste morada , e das antigas  
 Nonas o dia assignalava a idéa  
 Da duração do mez , quando as fadigas  
 Da guerra dura , da miseria feia ,  
 Motivadas das armas inimigas ,  
 A Cidade deixáraõ finalmente  
 Respirar sobre a terra alegremente.

Abrem-

## II.

Abrem-se as portas , corre alvoroçada  
 A gente Lusa , a ver desempedido  
 O patrio campo , a terra aliviada  
 Do peso duro do arrayal temido :  
 Qual de ver as trincheiras mais se agrada ;  
 Qual das tendas o sitio aborrecido ;  
 E cada qual recorda em cada passo  
 Hum passado perigo , hum embaraço.

## III.

Aqui , dizia algum , me vi hum dia  
 Cahido neste fosso , alli cercado  
 De Castelhanos , outro respondia ,  
 Me vi quasi perdido ; alli deixado  
 Fui por morto , contente repetia  
 Algum já livre , e saõ , e do passado  
 Perigo na lembrança mais gostosa  
 Se faz a liberdade , que se gofa.

## IV.

Presistia , com tudo , inda o bloqueio  
 Pela parte do mar , porque occupava  
 Do crystalino Téjo o aureo seyo  
 A Castelhana Armada , em quem durava  
 A constancia primeira , sem receyo  
 Dos perigos , que a terra ameaçava ,  
 Insistindo no damno da Cidade  
 Com insultos de toda a qualidade.

Ouvem-

## V.

Ouvem-se neste tempo os eccos duros  
Das trombetas soar naquella parte,  
Alvoroffam-se os Lusos mal seguros,  
Novo risco suppoem do fero Marte;  
Fecham-se as portas, outra vez dos muros,  
Pelo recinto a gente se reparte;  
Mas para a praya vêm chegar sómente  
Hum pequeno batel com pouca gente.

## VI.

Hum Varaõ Magestoso se descobre  
A bordo do batel, a quem parece,  
Que os outros obedecem; porém cobre  
De huma viseira o rosto, e não conhece  
Alguem quem elle seja: hum talhe nobre  
O distingue sómente, e lhe merece  
As attenções dos Lusos, que pasmados  
Pela borda da praya estão postados.

## VII.

Já chega junto á terra, he Nuno, grita  
O grande Defensor, he Nuno, he Nuno,  
Nem podia ser outro; o affecto incita  
O Varaõ a mostrar-se: o grande alumno  
Apparece de Marte, e precipita  
O corpo do batel taõ opportuno,  
Que saltou justamente, onde se achava  
O Defensor, que os braços lhe alargava.

Bem

## VIII.

Bem vê Nuno qual honra lhe destina  
 Do Principe benigno o claro peito ;  
 Porém cumprir primeiro determina  
 Os sagrados devêres do respeito ;  
 Para beijar-lhe a mão attento inclina  
 Sobre a terra o joelho , mas já feito  
 Era o laço feliz , com que a bondade  
 Do Defensor lhe impede a liberdade.

## IX.

Que pertendes , lhe diz internecido  
 O Principe modelto ? Hum Varaõ forte  
 De taes palmas , e louros revestido  
 Se abate assim vendido desta sorte ?  
 A mim , que nestes muros recolhido  
 Não tenho obrado acção , que á Patria importe ?  
 Esperavas que fosse taõ ingrato ,  
 Que te soffresse taõ humilde trato.

## X.

Não , meu Principe , não , torna gostoso  
 O grande Nuno , em vòs não ha defeito ;  
 Nem o póde em mim ser o decoroso  
 Empenho dos meus cultos : o respeito  
 Não me impede a ternura ; o fervoroso  
 Ardor de vos servir , faz no meu peito  
 Disputar-se com digna competencia  
 A fé , o amor , o zêlo , a reverencia.

Vós

## XI.

Vós deveis permittir, que eu satisfaça  
Hum taõ justo dever: do Luso Estado  
Vós sois hoje a cabeça, e na desgraça  
Em que o Reyno se vê despedaçado  
Por hum scisma infeliz, quem se embarça  
Nos tributos da fé, mal declarado  
Deixa o seu sentimento, e não consente  
O meu zêlo desar taõ indecente.

## XII.

Disse, e quasi a pesar do generoso  
Modesto Defensor, a maõ augusta  
Reverente lhe beija; logo airoso  
Se levanta da terra, e dando a justa  
Attençaõ aos amigos, vai gostoso  
O terror dissipar, que o povo affusta;  
Fazendo ver a todos, que o rebate  
Incitava a prazer, não a combate.

## XIII.

Volta depois já livre de embaraços  
A' presença do Principe, que aperta  
Outra vez o Varaõ nos fortes braços;  
Com ternura mayor, mais descoberta;  
Mas depois que a soltar os doces laços  
O claro Defensor emfim acerta;  
Informar-se pertende dos progressos  
Das suas armas, e dos seus successos.

Vós

## XIV.

Vós sabeis, lhe diz Nuno, que obrigado  
 De hum zêlo puro, de hum desvelo ardente  
 Pela gloria da Patria, acompanhado  
 Mais de instrucçoens, e de ordens, que de gente,  
 Partí desta Cidade encarregado  
 De animar com foccorro diligente  
 A Provincia, que fazem taõ ufana  
 As correntes do Téjo, e Guadiana.

## XV.

Fui pois, Senhor, daqui para a Cidade,  
 Que algum dia Sertorio fez famosa,  
 Allí fiz ajuntar com brevidade  
 Alguma gente armada, e valorosa;  
 E confirmado o povo na vontade  
 De dar a vida pela fé gloriosa,  
 Marchei para Estremôz, onde esperava  
 Alguma gente mais, que allí chamava.

## XVI.

Foi pouca, a que chegou, porque o receyo  
 Do poder inimigo já vitinho,  
 Tinha por toda a parte o povo cheyo  
 De horror, e confusaõ; nem já caminho  
 Havia algum seguro, pois no feyo  
 Da Provincia, com torpe desalinho,  
 Perturbava a perfidia petulante  
 Dos fieis nacionaes a fé constante.

Allí

## XVII.

Alli tive noticia, que do Crato  
Catraleucas Cidade de algum dia,  
Praça agora de Hespanha, por contração  
Contra a fé, que á Nação guardar devia;  
Se avançava com bellico apparatus  
Muita gente inimiga, que entendia  
Empregar-se no cerco de Fronteira  
Villa nossa fiel, e verdadeira.

## XVIII.

Affentei de impedir-lhe aquella empreza,  
Bem que falto de forças competentes;  
Mas o zêlo da gloria Portugueza  
Me inspirava projectos taõ valentes:  
Chamei a minha gente, e com pureza  
Lhe expuz os meus intentos; fiz patentes  
As razoens deste empenho, e dos motivos;  
Que deviaõ fazer-nos mais activos.

## XIX.

Representei-lhe as vidas, as fazendas  
Expostas ao furor dos inimigos,  
As confortes, os filhos, as vivendas,  
A ruina do ferro, e dos castigos,  
A patria liberdade, entre as horrendas  
Sombras da escravidão, os bons amigos  
De contrarios cercados; porém nada  
Põde animar a Trópa desmayada.

Hum

## XX.

Hum silencio sombrio , hum pavôr triste  
 Todo o Campo occupava , e sem effeito  
 Me cansava em move-lo : elle presiste  
 Largo tempo calado , e emfim desfeito  
 Da vergonha o reparo , em que consiste  
 Toda aquella inacção , o seu conceito  
 Cada qual deixa ver , e claramente  
 Se escusa de seguir-me a mais da gente.

## XXI.

Eu notando , que o amor , que o zêlo puro  
 Da patria liberdade não bastava ,  
 Que era inutil o rogo , e mal seguro  
 O respeito ; que o susto atropellava  
 Os deveres mais santos , que era duro  
 Forçar tantas vontades ; mas que eu dava  
 Hum terrivel exemplo , se cedia  
 Do primeiro projecto , que emprendia ;

## XXII.

Vendo , acaso , hum regato , que bem perto  
 De nós guiava a placida corrente ,  
 E traçava em redor do Campo aberto ,  
 Huma linha de prata transparente ,  
 Cortando do discurso o fio incerto ,  
 Passei ao lado opposto , e tendo em frente  
 A desmayada Trópa , desta sorte  
 Lhe fallei resolutto ao ferro , e á morte.

Eu



## XXIII.

Eu não pertendo ser acompanhado  
Por coraçoes forçados, esta empreza  
He só digna de quem vive inflamado  
De hum nobre ardôr de gloria Portugueza :  
Quem não sente este impulso, ou penetrado  
Se vê de hum pavôr torpe, a fortaleza  
Não perturbe dos mais ; póde ausentar-se,  
Vá bem longe de nós acautelar-se.

## XXIV.

Mas se alguns Portuguezes verdadeiros,  
Que eu sei, aqui os ha, querem ter parte  
Na gloria desta acção, e companheiros  
Querem ser no valôr, que o claro Marte  
Me inspira neste instante, dos primeiros  
Se affastem logo, cada qual se aparte ;  
Passe o regato, quem seguir-me intenta,  
Fique, quem de ficar mais se contenta.

## XXV.

Maravilhoso effeito da vergonha !  
Que mais do que o valôr, mais do que o zêlo,  
Póde ás vezes nos homens ! sem que eu ponha  
Mais diligencia alguma por movê-lo,  
O Campo passa inteiro ; que eu disponha  
Quer já do seu destino, e com desvelo,  
Cada qual se adianta a persuadir-me  
Do dezejo, que inculca de seguir-me.

Dei

## XXVI.

Dei a todos mil graças, mil louvores  
 Por taõ briosa acção; mas brevemente  
 Querendo aproveitar os seus ardores,  
 Fiz pôr o Campo em marcha diligente:  
 Já soavaõ trombetas, e tambores  
 Na estrada de Fronteira, já contente  
 A gente parecia, e desejava  
 De aventurar a forte duvidosa.

## XXVII.

Quando ao longe se mostra hum Cavalleiro;  
 Que a toda a rédea para nós corria,  
 E na pressa, e no traje hum mensageiro,  
 Ou Correio de Campo parecia;  
 Chegou em fim a nós, e verdadeiro  
 Postilhaõ disse ser, e que trazia  
 Para mim hum recado; eu me adianto;  
 Mas o vê-lo me faz horror, e espanto.

## XXVIII.

De meu Irmaõ D. Pedro era hum criado,  
 Com que vergonha, com que raiva o digo!  
 De meu Irmaõ, que cégo, e mal guiado  
 Vinha mandando as armas do inimigo:  
 Por ordem sua vinha encarregado  
 De encarecer-me a força do perigo,  
 A que expôr-me queria, e se pudesse  
 De tentar-me por parte do interesse.

## XXIX.

Naõ acabei de ouvir huma Embaixada  
Taõ infame; taõ vil, taõ indecente,  
Que igualmente offendia a fé sagrada,  
Que insultava o valõr do peito ardente;  
Cortei-lhe o fio, e mal dissimulada  
A colera, na voz impaciente,  
O Mensageiro envio da proposta  
Com esta breve, e solida resposta.

## XXX.

Dizei a meu Irmaõ, que eu naõ pertendo  
Seguir seus pareceres, nem preciso  
Das suas paixoens; que desattendo  
O seu torpe conselho, e seu aviso;  
Que cuide mais em si, porque eu entendo  
Fazer-lhe ver bem cedo o prejuizo  
Da sua opiniaõ; e vós agora  
Correi, porque eu vos sigo sem demora.

## XXXI.

Affim o fiz; mas sendo o meu recado  
Dos contrarios no Campo recebido,  
Pelos Chéfes das Trópas ponderado,  
E com votos diversos discutido,  
Bem que fosse de muitos reputado  
Hum ameago vaõ, mal entendido,  
Assentou-se por fim, que eu poderia  
Sustentar a promessa, que fazia.

## XXXII.

E julgando preciso anticipar-se  
 A ganhar hum terreno, onde mais certa  
 A vantagem podesse assegurar-se  
 Do numero mayor, que descoberta  
 No seu partido estava, e dilatar-se  
 Em Campina mais rafa, mais aberta  
 Abandonando o sitio, que formavaõ,  
 Contra nós igualmente se avançavaõ.

## XXXIII.

Duas milhas, ou menos de distancia  
 De Fronteira se achava a minha gente,  
 E com mostras de zêlo, e de constancia  
 Mais ousada marchava, mais contente,  
 Quando a bellica rouca consonancia  
 Das trombetas contrarias se pressente,  
 Acompanhada do tumulto vago,  
 Com que Marte annuncia o féro estrago.

## XXXIV.

Fiz alto, dei as ordens necessarias  
 Para a proxima acção, e furiosa  
 Se seguiu promptamente; porque as varias  
 Soberbas gentes, que na portentosa  
 Multidaõ confiadas, as contrarias  
 Bandeiras vem seguindo, a valorosa  
 Condição de tão poucos não temendo,  
 Sobre nós sem demora vem correndo.

## XXXV.

No Campo, que se diz dos Atoleiros  
 Se trava em fim a b ellica disputa,  
 Gonçalves de Sevilha entre os primeiros  
 Mil estragos nos nossos executa;  
 Eu o v i, de tres golpes, tres guerreiros  
 Derribar com aca o t o resoluta,  
 Que me p ode fazer a m o pesada  
 Se n o inv eja, emulaa o honrada.

## XXXVI.

Puz-me diante d'elle ousadamente  
 A p e, c omo me achava, e logo a lança  
 Contra mim fulminando impaciente  
 Atropellar-me intenta sem tardança;  
 Mas, bem que foi o golpe t o valente,  
 Que a ferir-me no peito o ferro alcança,  
 A resposta foi tal, que lança, e braço  
 Lhe foi cahir dall i n o curto espaço.

## XXXVII.

Alvorouou-se toda a gente Lusa  
 Com a vista do golpe venturoso,  
 J a n o teme a vantagem, nem recusa  
 Qualquer lance por forte, ou perigoso;  
 Qual busca o mayor risco entre a confusa  
 Competencia dos golpes, qual raivoso  
 Pelos ferros se mete, e finalmente  
 Cada qual vence, ou morre illustremente.

Q

Mas,

## XXXVIII.

Mas não menos nos peitos dos contrarios  
 Ardem chamas vorazes de vingança,  
 Obrando cada qual excessos varios;  
 Produzidos da raiva, e da esperança;  
 A vantagem lhe inspira os ordinarios  
 Esforços naturaes da confiança;  
 E desprezando as nossas oufadias,  
 Opprimi-las esperaõ nas porfias.

## XXXIX.

Indecisa a Victória largo espaço  
 Hum, e outro partido attenta olhava,  
 Já benigna ao valôr do Luso braço,  
 Já propicia ao poder, que respeitava;  
 Quando vendo durar este embaraço,  
 O Gram Mestre gentil de Calatrava,  
 Com impulso feroz, e destemido  
 A quiz fazer entrar no seu partido.

## LX.

Qual o bravo Leão, que encarniçado  
 O rebanho das rezes vai rompendo,  
 Deixando allê hum touro esquarterado,  
 Outro acolá nas guarras desfazendo,  
 Confunde, affusta, precipita o gado  
 No pavor mais funesto, mais horrendo,  
 E mais inda que o damno, faz sensível  
 A desordem mais triste, mais terrível.

Tal

## XLI.

Tal o forte guerreiro enfurecido  
Pelos nossos Soldados vai entrando  
Hum deixando de hum golpe mal ferido,  
Outro de hum duro encontro atropellando,  
Revolvê tudo, tudo confundido  
Precipita no horror, que vai causando,  
E cobrindo de horror a Trópa triste,  
Tudo lhe foge, nada lhe resiste.

## XLII.

De sangue, e pó coberto, infaciável  
De feridas, e mortês, cobiçoso  
De vingança, e de gloria, impenetravel.  
A golpes ordinarios, só gestofo  
De encontrar resistencia mais notavel,  
O Campo corre todo, e furioso  
Por toda a parte a plebe atropellando,  
Os Capitaens mais fortes vai buscando.

## XLIII.

Encontrou-se comigo, o foi no acerto  
Mais ditosa, que a sua, a minha sorte,  
Que eu hum golpe tirei só deste aperto,  
Elle tirou naõ menos do que a morte:  
Seguiu-se a ella triste désconcerto  
Nos inimigos todos, que taõ forte  
He hum golpe tal vez, se acaso tópa  
A cabeça do Chefe de huma Trópa.

## XLIV.

Havia mais alguns nas Castelhanas  
 De notorio valôr, mas neste dia  
 Não podéraõ das armas Lusitanas  
 Embaraçar a nobre valentia;  
 Empenhada a fortuna, as mais ufanas;  
 Mais patentes vantagens nos confia;  
 Tudo céde, declara-se a victoria,  
 Dando novos troféos á Lusa gloria.

## XLV.

Della foi prompto fructo a liberdade  
 Da Praça de Fronteira, e mais formoso  
 A conquista de Arronches, e a humildade  
 De Alegréte, que rende obsequioso  
 As portas, sem disputa, e na lealdade  
 Se confirma do zêlo generoso,  
 Que o nacional affecto lhe dictava,  
 E que a força violenta embaraçava.

## XLVI.

Chegava o dia grande, o fausto dia  
 Ao mais alto Mysterio consagrado,  
 Em que o Filho de Deos, e de Maria,  
 Querendo ser por nós sacrificado,  
 O proprio Corpo, e Sangue convertia  
 Em suave manjar santificado,  
 Para alentar os coraçõens mais puros  
 Pela serie dos seculos futuros.



## XLVII.

E Despertando tão feliz memoria  
O Catholico zêlo em nossos peitos ,  
Conhecendo bem claro , que a victória  
Fôra favor do Ceo , que os seus effeitos  
Eraõ do mesmo Ceo graça notoria ;  
Para render-lhe os mais fieis respeitos ,  
Buscando da piedade o norte justo ,  
Marchámos de Assumar ao Templo augusto ;

## XLVIII.

Mas qual horror á vista nos prepara  
Aquelle lugar santo , consagrado  
A' Raynha dos Ceos , a Mãy preclara  
Do mesmo Deos ! O Templo profanado  
Achamos dos cavallos : Quem pensára  
Hum tão barbaro excesso ! allí formado.  
Tinha sido o quartel daquelles brutos ,  
Pelos nossos contrarios dissolutos.

## XLIX.

De immundicias coberto o pavimento  
Estava ainda todo : Enternecidos  
O varremos ; porém com pensamento  
De expiar algum dia enfurecidos  
Com o sangue dos réos , tão torpe intento ;  
E limpo em fim o Templo , entre gemidos ,  
Allí rendemos reverentemente  
Nossas graças ao Deos Omnipotente.

Voltei

## L.

Voltei logo a Estremoz, e desta Praça  
 A' famosa Cidade de Sertorio,  
 Ondè o nobre motivo da desgraça  
 Do bom fiel Gonçalves foi notorio,  
 Livra-lo projectei por força, ou traça,  
 Da prisão vil; mas era peremptorio  
 O termo do remedio; porque della  
 O queriaõ passar para Castella.

## LI.

Mandei alguns Soldados escolhidos,  
 Com ordem de espiar o dia, e hora  
 Da mudança do preso, que escondidos  
 Nos pinhaes, que a campina tem bem fóra  
 Já de Villa Viçosa, e prevenidos  
 Para todo o successo, sem demóra  
 Podessem surprender os esperados  
 Conductores do preso descuidados.

## LII.

E taõ ditosa foi, tam bem lograda  
 A pensada interpreza, que supposto  
 Huma e colta bem grande, e bem armada  
 Fosse em guarda do preso; a penas posto  
 Foi no sitio preciso da emboscada,  
 Quando os nossos mostrando o fero rosto,  
 Das maõs lho tiraõ, tudo desbarataõ,  
 Ferem huns, prendem outros, outros mataõ.

Em

## LIII.

Em tanto tive aviso dos preparos ,  
Que no Porto fazia o zêlo nobre  
Daquelle povo , e dos Varoens preclaros ;  
Em que a fé nacional mais se descobre ,  
Soube como applicando esforços raros ,  
A que ajuda com gosto o rico , e o pobre ;  
Huma Armada formavaõ destinada  
Ao soccorro da Côrte bloqueada.

## LIV.

E desejando ter alguma parte  
Na honra , e lustre desta nobre empreza ;  
A que incita igualmente o ardor de Marte ;  
E o desvelo da gloria Portugueza ;  
Só com duzentas lanças , que reparte  
O meu empenho a penas da pobreza  
De hum tão pequeno Campo , fui marchando  
As correntes do Douro procurando.

## LV.

Mas a penas pizava as graciosas  
Celebradas ribeiras do Mondego ,  
Avançando com marchas trabalhosas  
Toda aquella distancia sem socego ,  
A penas entre idéas gloriosas  
Da risonha Coimbra á vista chego ;  
Quando certa noticia me foi dada  
De ter levado ferro toda a Armada.

Senti

## LVI.

Sentí muito, confesso, ver frustrados  
 Tantos desvelos, tantas diligencias;  
 Porque entendi, que foraõ despresados  
 Pela ambição de algumas precedencias;  
 Mas como os meus projectos regulados  
 Eraõ do zêlo, não de competencias,  
 Occultando no peito o meu desgosto,  
 Para voltar estava já disposto.

## LVII.

Quando tive noticia, que obrigada  
 De precisaõ de varios provimentos,  
 De Buarcos nas prayas ancorada  
 Se achava entãõ a Armada; e pensamentos  
 Renovando da empreza desejada,  
 Dei parte ao Capitaõ dos meus intentos,  
 Prevenindo com prompto mensageiro  
 Qualquer successo menos lisonjeiro.

## LVIII.

Mas igualmente foi aqui perdido  
 Todo o desvelo do meu zêlo ardente  
 Servindo aquelle aviso recebido  
 De apressar a partida taõ sómente;  
 Soltou vélas á Armada, e foi sabido,  
 Que de mim se apartava: eu justamente  
 Satisfação pedira; mas não peço,  
 Quero só ponderar este successo.

## LIX.

O General em Chêfe desta Armada  
Era o Conde de Neiva, e de Faria ;  
Em quem fora por mim renunciada  
Grande parte dos bens , que possuía :  
Vós sabeis , que esta acção foi só fundada  
Nâ estimação da sua companhia ;  
Elle , por evitar a minha , agora  
Duas vezes se ausenta , sem demora.

## LX.

Voltei para Alemtejo , e no caminho  
Soube junto a Punhete com cautela ,  
Que devia passar allí visinho  
Hum comboy importante de Castella ;  
Que constava de gado , paõ , e vinho ,  
De dinheiro , de roupas , e baxella ,  
E que a gente de guerra , que trazia ,  
Pouca mais do que a minha ser podia.

## LXI.

Imaginei , que o Ceo compadecido  
Destinava com esta providencia  
Supprir a grande falta , que soffrido  
Tinha da minha gente a paciencia ;  
Porque havendo de todo consumido  
Os previmentos , posta na indigencia  
Mais manifesta , a penas se animava  
Da constancia fiel , que professava.

## LXII.

De forte, que a noticia deste aperto  
 Deu motivo em Thomar, a que quizesse  
 Algaduxe, hum Hebreo, tractante esperto;  
 Tentar a nossa fé com interesse;  
 E supposto que teve pouco acerto  
 Naquelle sugestão, bem se conhece,  
 Que lhe deu occasião para a ousadia  
 A miseria fatal, em que nos via.

## LXIII.

Querendo pois supprir de alguma forte  
 Aquella triste falta, e cubiçoso  
 Da gloria de vingar com braço forte  
 Tanto roubo cruel, e lastimoso,  
 Dando á minha jornada hum breve córte;  
 O retiro busquei de hum valle umbroso,  
 Onde o corpo do monte mais visinho  
 Me escufava ser visto do caminho.

## LXIV.

E pondo sobre o cume deste outeiro  
 Algumas sentinellas prevenidas  
 Para darem aviso verdadeiro  
 Da chegada das gentes pertendidas;  
 Nas agradaveis margens de hum ribeiro  
 Descançamos hum pouco das crecidas  
 Fadigas da viagem, com vontade  
 De alimentar a fraca humanidade.

Mas

## LXV.

Mas a penas as mefas preparadas  
Com pobres iguarias, nos incitaõ  
A refazer as forças quebrantadas,  
Que os trabalhos continuos debilitaõ ;  
Quando algumas das guardas avançadas  
Com instante fervor nos solicitaõ,  
Que passemos o monte ; porque a gente  
Inimiga se vê já claramente.

## LXVI.

Naõ houve quem tivesse mais vontade  
De comer, ou beber ; cada qual corre  
A's armas com a furia, e brevidade,  
Que precisa no caso se discorre ;  
Montamos sem demora a extremidade  
Da vizinha Colina, donde morre  
A vista do Horizonte, e já bem perto  
Todo o Comboy se mostra descoberto,

## LXVII.

Entaõ rompendo repentinamente  
O silencio por todos observado,  
Mandei dar as trombetas vivamente  
O signal de investir taõ desejado ;  
E dando prompta, mas compostamente  
Sobre a Trópa, que a passo descuidado  
Pela estrada marchava, a penas ver-se  
Pôde em fórma capaz de defender-se.

Mostrou

## LXVIII.

Mostrou com tudo alguma resistencia ;  
 Bem que pôde durar pequeno espaço ;  
 Não lhe bastando toda a diligencia  
 A deter o furor do Luso braço ;  
 Ficou-nos o Comboy por consequencia ;  
 E Castella tirou deste embarço  
 A perda d'elle , e os damnos effectivos  
 De mais de oitenta mortos , e captivos .

## LXIX.

Chegado em fim ás terras Transaganas ;  
 Allí tive noticia , que o Castello  
 De Monfarás ás armas Castelhanas  
 Tributára infiel o seu desvelo ;  
 E vendo , que as fronteiras Lusitanas ,  
 Além do risco de hum tão máo modelo ;  
 Podiaõ receber daquella parte  
 Insultos graves nas questoons de Marte .

## LXX.

Recuperar tentei daquelle Forte  
 O dominio perdido ; mas tractavel  
 Não era aquella empreza ao duro córte  
 Do valor , ou da força mais notavel ;  
 O sitio do Castello he de tal forte  
 Inaccessível , duro , e inexpugnavel ,  
 Que feria perder o tempo , e gente ,  
 Fazer-lhe a guerra descobertamente .



## LXXI.

Projectei pois haver por manha, ou traça;  
 O que á força das armas não podia;  
 Que a destreza o valôr não embaraça,  
 Nem a subtil astucia he cobardia;  
 E sabendo, que entãõ a forte escaça  
 O Castello de carnes mal provia;  
 Huma noite lhe fiz lançar defronte  
 Algumas vacas no visinho monte.

## LXXII.

E mandando marchar alguns Soldados  
 Com cautela, segredo, e diligencia  
 A ganhar os rochedos, que chegados  
 O Forte tem do monte na eminencia;  
 Lhe dei ordem, que nelles alojados  
 Esperassem da sôrte a providencia,  
 E que vendo patente alguma entrada  
 A ganhassem com furia accelerada:

## LXXIII.

Que eu em tantõ de sitio competente  
 Acudiria prompto, e vigilante,  
 Com soccorro mayor de armas, e gente,  
 A segurar-lhe o passo vacilante;  
 E sendo tudo obrado promptamente  
 Com zêlo puro, com valor constante,  
 Foi tambem succedida esta interpreza,  
 Que foi recuperada a Fortaleza.

Tive

## LXXIV.

Tive logo noticia, que chegára  
 A Badajóz com grande companhia  
 Castanheda Varaõ de fama clara,  
 Que encontrar se comigo pertendia;  
 E quando o meu cuidado se prepara  
 A cumprir-lhe o desejo, que trazia,  
 Por hum trombeta manda insinuar-me,  
 Que no dia seguinte vem buscar-me.

## LXXV.

Respondi-lhe; que eu tinha prevenido  
 Escufar-lhe o trabalho da jornada,  
 Que junto a Badajóz fosse servido  
 Receber a visita insinuada;  
 E com esta resposta despedido  
 O trombeta; naquella madrugada  
 Sahi de Elvas com toda a minha gente  
 A cumprir a palavra promptamente.

## LXXVI.

Naõ madrugáraõ tanto os Castelhanos,  
 Porque o recado naõ acreditavam;  
 Fundados na vangloria, e nos enganos,  
 Que as vantagens das forças lhe inspiravaõ;  
 Mas recebendo agora os defenganos  
 Pela voz das trombetas, que escutavaõ,  
 Pelas portas sahindo da Cidade,  
 Se vêm mostrando em grande quantidade.

## LXXVII.

Forão logo cumpridos cabalmente  
 De huns, e outros os votos fervorosos,  
 Castelhanos, e Lufos igualmente  
 De provar-se parecem cubiçosos:  
 Eu busquei Castanheda attentamente  
 Entre os seus Capitaens mais valorosos;  
 Mas não pôde lograr o meu cuidado  
 Aquelle encontro de ambos desejado.

## LXXVIII.

Accendeo-se nos peitos arrogantes  
 De hum, e outro partido a chama activa  
 Da raiva Marcial, que os fulminantes  
 Pesados golpes mutuamente aviva;  
 Qual se ajuda das forças importantes,  
 Qual da destreza, que o valor cultiva;  
 Qual fere venturoso, qual ferido  
 Vingar procura o golpe recebido.

## LXXIX.

Mas durou este ardor pequeno espaço  
 Nos Castelhanos peitos, que cedendo  
 Pouco, e pouco ao valor do Luso braço;  
 Para os muros se forão recolhendo;  
 Nós os fomos seguindo, em quanto o passo  
 Achou livre o valor, athé que tendo  
 Encerrados de todo na muralha,  
 Para o campo voltámos da batalha.

Nes-

## LXXX.

Neste campo postados novamente,  
 Estivemos de frente da Cidade  
 Largo tempo, por ver se aquella gente  
 Tentaria da sorte a variedade;  
 Mas conhecendo em fim bem claramente,  
 Que não tinhaõ da offerta já vontade,  
 Nos recolhemos, conduzindo ufanos  
 Por troféo vinte presos Castelhanos.

## LXXXI.

Igual soberba, e menos valentia  
 Encontrei em Sarmento, outro famoso  
 Capitão de Castella, que regia  
 Hum corpo de Hespanhoes mais numeroso;  
 Este, e outros, que em sua companhia  
 Se ajuntáraõ no Crato, onde raivoso  
 Castanheda chegou do mão successo,  
 Da vingança se empenhaõ no progresso.

## LXXXII.

E confiados orgulhosamente  
 Na vantagem das forças, que mandavaõ;  
 Julgando intimidar-me indignamente  
 Com ameaças vaõs, que publicavaõ;  
 Me dirige Sarmento huma insolente  
 Indecorosa carta, em que se achavaõ  
 Mais injurias, que letras, e a confia  
 De hum Soldado, por quem me desafia.

## LXXXIII.

Huma espada por gage da batalha,  
 Pelo mesmo me envia, e me convida,  
 A que pouco distante da muralha,  
 A visita lhe acceteite offerecida;  
 Accrescentando mais, que elle trabalha  
 Por faze-la taõ breve, que duvida  
 Receber já resposta do recado,  
 Se naõ dentro no campo infinuado.

## LXXXIV.

Naõ fiz caso da carta, que naõ tinha  
 Por escripto resposta congruente,  
 Esperando de dar-lhe, na visinha  
 Occaõ do combate, a competente;  
 Respondi-lhe sómente, que eu convinha  
 Na proposta visita; e que patente  
 Lhe faria no campo, cára a cára,  
 Quanto daquella carta me obrigára.

## LXXXV.

E com esta resposta despedido  
 O portador da carta, fatisfeito  
 Igualmente do termo comedido,  
 Que do firme valor do Luso peito;  
 Passei ordem, que tudo prevenido  
 A qualquer invasaõ, qualquer effeito;  
 Ou da força, ou da astucia, a toda a hora  
 Nos podesse encontrar dos muros fóra.

R

Com

## LXXXVI.

Com effeito partido o mensageiro ,  
 Chegou logo noticia , que marchando  
 Desde Arrayólos , com furor guerreiro  
 Vinha Sarmento o campo devastando ;  
 E fazendo-se á vista verdadeiro  
 Brevemente este aviso , fui postando ,  
 A minha gente fóra da muralha ,  
 Disposta toda em fóra de batalha.

## LXXXVII.

Mas foi este prospecto só bastante  
 A suspender taõ fortes ameaças ;  
 Sarmento taõ feróz , taõ arrogante  
 Não se atreve a provar os Lusos braços :  
 Confuso pára , e logo vacilante  
 Esperando da noite os embaraços ,  
 Della se vale para a retirada ,  
 Sem chegar a tirar no campo a espada.

## LXXXVIII.

Descarregou com tudo os seus furores  
 Sobre os pobres paizanos defarmados ,  
 Commettendo mil roubos , mil horrores  
 Pelos povos , que achou desamparados ;  
 Sobre os gados , e bens dos lavradores  
 Foraõ todos seus golpes fulminados ,  
 E com estas façanhas satisfeito ,  
 Para a Praça de Almada foi direito.

## LXXXIX.

Era Governador daquella Praça,  
 E nella tinha a sua residencia,  
 Depois que pôde em fim a sorte escaça  
 Aparta-la da Lusa obediencia,  
 E nella agora á custa da desgraça  
 Dos paizanos, com torpe providencia  
 Se encerrou carregado de despojo,  
 Que podera causar vergonha, e nojo.

## XC.

Foi-me logo presente o grave damno,  
 Que a Provincia soffrera deste insulto;  
 Mas já quando se achava o Castelhana  
 Nos fortes, muros torpemente occulto,  
 Com tudo fez o estrago deshumano  
 Na minha indignação tão grande vulto,  
 Que a pesar do trabalho, e do perigo,  
 Affentei de lhe dar algum castigo.

## XCI.

E sabendo, que a Praça de Palméla  
 Sinco legoas distante só de Alnada,  
 Que o partido seguia de Castella,  
 Mais por força, que affecto regulada;  
 Com menos attenção, menos cautela,  
 Da guarnição se achava mal tractada,  
 Com ajuda de alguns dos habitantes  
 A quiz livrar dos ferros dominantes.

## XCII.

E sendo taõ feliz esta interpreza,  
 Que chegar, e vencer naõ teve meyo;  
 Sendo vista a bandeira Portugueza  
 No castello, primeiro que o receyo,  
 Outro golpe tentei, outra surpresa  
 Fulminar sobre Almada, em cujo feyo  
 Desejava vingar os féros damnos,  
 Que Sarmento causou nos Transtaganos.

## XCIII.

Com effeito marchando occultamente  
 Entre as sombras da noite, acompanhado  
 De humã boa porçaõ da minha gente  
 Com diversos pretextos disfarçado,  
 Abandonada a estrada competente,  
 Por naõ ser dos contrarios observado,  
 Com varias contramarchas encoberto  
 Apareci em fim de Almada perto.

## XCIV.

Porém já neste tempo o Sol brilhante  
 Pelas portas do Oriente apparecia,  
 E nos muros, e campo circunstante,  
 Qualquer objecto a vista distingua;  
 E sendo condiçaõ taõ importante  
 Para lograr o fim, que pertendia  
 O segredo da marcha cautellosa,  
 Logo julguei a sôrte duvidosa.

Mas



## XCV.

Mas por não ver frustrado inteiramente  
 Todo o trabalho desta diligencia,  
 E não voltar o rosto indignamente  
 A' face do perigo, e resistencia;  
 Em quanto a guarnição confusamente  
 Do Castello dispoem a providencia,  
 A's entradas da Villa me adianto,  
 Onde mais fluctuava o horror, o espanto.

## XCVI.

Alli era o clamor dos habitantes;  
 O ruido das armas, e Soldados  
 Taõ confusos, que os ecos penetrantes  
 Os ouvidos deixavaõ atroados;  
 Mas a pesar dos gritos dissonantes,  
 A pesar de mil golpes alternados,  
 O valor Portuguez abriu entrada  
 Pelas ruas da Villa perturbada,

## XCVII.

Acudiaõ com tudo os Castelhanos  
 A cada passo com mayor desvelo;  
 Mas a furia dos golpes Lusitanos  
 Mais reparo não tinha, que o Castello;  
 Nelle em fim se recolhem, nelle os damnos  
 Presenciaõ da Villa, que o mais bello,  
 Mais lustroso despojo nos guardava  
 Nos cavallos, e armas, que encerrava.

Alli

## XCVIII.

Alli vi Castanheda ; mas agora  
 De encontrar-me não tanto cubiçoso ;  
 Pois apenas me avista , sem demora  
 Se retira com passo indecoroso ;  
 Igual temor a muitos mais devóra ,  
 Cujó nome no Mundo era famoso ;  
 Só Sarmento não vi , dizem que estava  
 Então no campo , aonde ElRey se achava.

## CXIX.

Outra vez a Palméla recolhido ,  
 Alli me deu hum voffo menfageiro  
 Huma carta , na qual sendo servido  
 De fazer-me saber o verdadeiro  
 Estado da Cidade , era incumbido  
 De passar desta parte , em som guerreiro ;  
 Para achar-me na vossa companhia  
 Na gloriosa acção , que se emprendia.

## C.

Poucas vezes , Senhor , na minha vida  
 Tive gofio mayor : O meu affecto ,  
 O zêlo Portuguez , a fé devida  
 A' Nação , a grandeza do projecto ,  
 Tudo me inflamma , tudo me convida  
 Com tão viftoso , tão brilhante aspecto ,  
 Que não creyo , que as glorias mais formofas  
 Poffão ter attracçoens mais poderofas.

Dese-

## CI.

Desejei partir logo ; mas devia ,  
 Segundo a mesma carta me ordenava ;  
 Novo aviso esperar do sitio , e dia ,  
 Que para a grande acção se destinava ;  
 E quando a dilação já mal soffria  
 Da noticia , que tanto me tardava ,  
 Outro aviso me chega acelerado  
 De ser o cerco em fim abandonado.

## CII.

Naõ pude resistir á força unida  
 Do alvoroço , do gosto , e da saudade ;  
 Que me obriga , me incita , e me convida  
 A passar desta parte da Cidade ;  
 E supposto , que certa , e bem sabida  
 Restava a principal difficuldade ,  
 Da passagem do rio , que guardada  
 Se achava do poder de toda a Armada.

## CIII.

O fogo da payxaõ , que em mim se accende ;  
 Naõ se apaga com sopros de receyo ;  
 Que he bem froxo o desejo , que se rende  
 A's torpes sugestoens do medo feyo ;  
 E como o meu projecto só depende  
 Do meu risco , sem grave damno alheyo ,  
 O primeiro batel , que achei vasio  
 Me deu os meyo de passar o rio.

## CIV.

Cabia nelle muito pouca gente ,  
 Nem eu quizera grande companhia ;  
 Mas fazendo jornada taõ contente ,  
 Quiz trazer instrumentos de alegria ;  
 E passando no meyo da corrente ,  
 Quando apenas a aurora descobria  
 Os primeiros fulgores , que mal davaõ  
 Huns indicios da luz , que annunciavaõ.

## CV.

Vendo o grande focego , que na Armada  
 Dos contrarios reinava , sem cautela  
 Dormindo a gente allí taõ focegada  
 Como se o rio fosse de Castella,  
 Lhe fiz dar de repente huma alvorada ,  
 Pelas minhas trombetas , com taõ bella ,  
 Taõ venturosa sóрте , que sem damno  
 Deixei tudo no fusto mais tirano.

## CVI.

E buscando com prompta diligencia  
 Ó dezejado pârto , o Céu piedoso  
 Concede á minha viva impaciencia  
 Na vossa vista o fim mais venturoso ;  
 Permitta agora a sua providencia ,  
 Que o meu zêlo vos seja proveitoso ,  
 E que em vosso serviço , e deste Estado  
 Possa ver-se o meu nome acreditado.

Assim

## CVII.

Assim fallava Nuno , e novamente  
Do Defensor nos braços apertado  
A resposta recebe competente  
Com justas expressoens de nobre agrado ;  
E recolhidos ambos juntamente  
A mais proprio lugar , mais retirado ,  
Alli por varias vezes examinaõ  
Varios pontos de guerra , que combinaõ.

*FIM DO CANTO VI.*



# A LIBERDADE.

## CANTO VII.

### ARGUMENTO:



*M* quanto Nuno entretinha o Defensor, alguns Capitaens observárao da parte dalém do rio hum combate, de que não podérao bem notar as circumstancias, e sómente parecia não ser entre muita gente; mas dando conta disto ao Defensor, este se inquieta extraordinariamente e quer, que passe algum dos Capitaens mais atrevido, á parte opposta a saber a qualidade do caso: Nuno se offerece, e havendo passado, lhe envia hum mensageiro, que declara, que o caso observado fora huma escaramuça entre alguns Soldados de Nuno, e alguns Castelhanos, que excoltavao cinco presos, e huma Dama. Alvo-  
raça-

roça-se muito mais o Defensor, manda apromptar gente, embarca, e marcha sobre Almada, para onde lhe disserão, que os Castelhanos leváráõ os presos. No Rio declara o Defensor a Vasconcellos a suspeita, que tem de que a prisioneira seja a bella Ignez. Conta-lhe os amores, que teve com esta Dama, e os embaraços, que teve com seu Pay. Chega a Almada, toma a Villa, e acha dentro a bella Ignez; conta esta os seus successos, e se inflammã novamente o Defensor, tanto no seu affecto, que se descuida dos negocios mais importantes; mas o Genio Tutelar de Portugal, que receya as consequencias desta paixã do Principe, lhe prepara hum aviso por meyo de hum sonho. Desereve-se a habitaçaõ dos sonhos, e se declara a differença delles. Expõem-se a representaçaõ do sonho do Defensor, e a sua explicaçaõ, em que se apontaõ as glorias de Portugal em todas as quatro partes do Mundo. Cede a paixã do amor á paixã pela gloria no coração do Defensor, que em fim recolhe a bella Ignez em hum Convento, e profegue a gloriosa empreza da defenza do Reyno.





# A LIBERDADE

## CANTO VII.

### I.

**E**M tanto, que durava a conferencia  
 Dos dois Heroes, que o peso sustentavaõ  
 Dos negocios da Patria, e na prudencia  
 Não menos, q̃ em valôr, se avantajavaõ ;  
 Alguns dos Capitaens, que a confidencia  
 Mais segura do Chefe destructavaõ,  
 E nos seus embaraços acudiaõ  
 A' direcção dos casos, que occurriaõ.

Ha-

## II.

Havendo attentamente examinado  
 Alguns fortes, e postos importantes ;  
 Donde bem se observava o rio armado ,  
 E naõ menos as terras circunstantes ,  
 Em hum sitio naõ muito desviado  
 Do caminho de Almada , fulminantes  
 Armas vêm rutilar , confusamente ,  
 Correr Cavallos , combater-se gente.

## III.

Mal podem distinguir-se as circumstancias  
 Do combate ; mas bem se reconhece ,  
 A pesar dos enganos das distancias ,  
 Que hum partido sobre outro prevalece ,  
 Naõ se enculca de grandes importancias  
 Qualquer dos dois , no vulto , que apparece ;  
 Mas o furor , que nelles reluzia  
 Algum caso bem grave prometia.

## IV.

Qual seja aquelle caso , ou qual partido  
 O favor da fortuna desfructava ,  
 O mais vivo desvelo , o mais crecido  
 Naquelles Capitaens estimulava ;  
 Mas o passo do rio defendido  
 Pela Armada inimiga , embaraçava  
 Examinar com mais fiel certeza  
 Do presente successo a natureza.

## V.

Em tanta confusão embarçados,  
O Defensor procura cuidadosos,  
A quem fazem saber os observados  
Movimentos, e passos duvidosos;  
E sendo os sentimentos elevados  
Daquelle coração, tão generosos,  
Que o perigo maior, mais manifesto  
Já mais pôde alterar-lhe o firme gesto.

## VI.

Este pequeno caso, este incidente  
Tão natural naquella conjuntura,  
Que podéra julgar-se indifferente  
A' sorte principal da guerra dura,  
Commove agora tão tiranamente  
Aquella alma sublime, que procura  
De balde disfarçar o grande abalço  
Com que esta relação pôde agitalo.

## VII.

Que passe logo quer, á parte opposta  
Algum dos Capitaens mais destemidos,  
Com ordem de enviar prompta resposta  
Sobre aquelles encontros mal sabidos;  
Porém Nuno, que tinha já disposta  
A vontade a partir, e prevenidos  
Os meyo da viagem, se offerece  
A mandar-lhe a noticia, que apetece.

E

## VIII.

E partindo com prompta diligencia,  
 Brevemente chegou hum mensageiro,  
 Que se abona de ter certa sciencia  
 Do principio do caso verdadeiro;  
 Mas como o Defensor tanta impaciencia  
 Mostra neste negocio, quer, primeiro  
 Do que explique o successo, ser levado  
 A' presença do Principe adorado.

## IX.

Alli chegádo, e d'elle recebido  
 Com mostras de alvoroço, e de bondade,  
 Por Soldado de Nuno conhecido,  
 E por homem de esforço e de verdade  
 Pelo Principe mesmo requerido,  
 Que fallasse com toda a liberdade,  
 Diante do concurso illustre, e fórte  
 Principia a dizer-lhe desta fórte.

## X.

Vós, Senhor, já sabeis, que a Lusagente,  
 Que o grande Nuno trouxe sobre Almada,  
 Depois do grande caso, e da valente  
 Expedição de todo consumada,  
 Em quanto o General esteve ausente,  
 Em Palmela ficou aquartellada,  
 E que pelos contornos discorria  
 Em pequenas patrulhas cada dia.

Hum

## XI.

Hum destes pois, que havia huma partida  
 Pela estrada de Almada adiantado  
 Os seus passos, e tinha já vencida  
 Mais de meya distancia, hum misturado  
 Rumor de gente, e brutos, que convidava  
 A maior attenção foi escutado  
 De hum caminho visinho, que embocava  
 No mesmo, que a partida então levava.

## XII.

O Commandante desta por cautela,  
 Bem que adornado de valôr augusto,  
 Receando, que fosse de Castella  
 Algum corpo de Tropas mais robusto,  
 Da estrada se apartou; mas junto della  
 Dois Soldados deixou de menos lustro,  
 Que podessem occultos sem perigo  
 Reconhecer as forças do inimigo.

## XIII.

E ganhando com sabia providencia  
 Hum bosque mais espesso, e não distante,  
 Que encoberto ficava da imminencia  
 De hum outeiro, que havia dominante,  
 Deixou ordem, que a toda a diligencia  
 Qualquer dos dois Soldados, que o semblante  
 Observasse da gente, que passava,  
 Lhe levasse a noticia, que esperava.

## XIV.

Eu fui, Senhor, hum destes dois Soldados,  
 A quem coube por sorte aquelle empenho,  
 E por isso dos riscos observados  
 Certeza mais cabal, mais clara tenho:  
 Estava-mos os dois já socegados  
 Cadaqual por detrás de hum gróssô lenho  
 De azinheira, cobertos da verdura  
 Das estêvas, carraasco, e sylva dura.

## XV.

Quando pelo caminho prevenido  
 Aparecem quarenta Cavalleiros,  
 Que armados todos vêm de aço luzido  
 Em cavalloos soberbos, e guerreiros;  
 No meyo trazem quasi sem sentido,  
 Huma Dama com cinco prisioneiros,  
 Que alguns peoens armados vem cercando  
 A desmayada Dama sustentando.

## XVI.

Fazia compaixão a maltratada  
 Respeitavel belleza, em quem apura  
 Neste mesmo detar de desmayada,  
 Os seus mais ricos dons a formosura:  
 A tez mimosa, a péle delicada  
 Hé mais clara, que a neve na brancura,  
 O nariz, bôca, frente, e sobranceilhas  
 Só na copia de Venus tem parellas.

## XVII.

As desmaiadas faces conservando  
 Hum resto só da pura côr de rosa,  
 Na candura o deliquio equivocando,  
 A fazião mais bella, mais formosa,  
 Os dourados cabellos fluctuando  
 Pelas costas, e cinta melindrosa,  
 Luzida emulaçã ao Sol fazendo,  
 Eraõ risco naõ menos estupendo.

## XVIII.

Mas naõ era de todo deseoberto  
 O thesouro das graças mais brilhantes,  
 Onde o poder de Amor seguro, e certo  
 O preço tinha das paixoens amantes;  
 Os olhos finalmente havendo aberto,  
 Da sua luz os rayos penetrantes  
 Entre agrado, viveza, e compostura  
 Mostraõ todo o valôr da formosura.

## XIX.

Os olhos abre em fim, que ao Ceo levanta,  
 Os olhos; porque as maõs ligadas tinha,  
 Que a fereza dos guardas era tanta,  
 Que em tyranas prisoens atada vinha;  
 E como quem do estado vil se espanta,  
 Que taõ pouco por certo lhe convinha,  
 Exalando hum suspiro magoado,  
 Desta sorte accusava o duro fado.

## XX.

- „ Que crime foi o meu , ou qual delicto  
 „ Huma fraca mulher desamparada  
 „ Póde fazer das armas no conflicto ,  
 „ Que deva desta fórte ser tractada ?  
 „ Eu por ventura a fama solícito  
 „ De Amazona feróz? Eu fui achada ,  
 „ Ou no Campo vestida de armas fortes ,  
 „ Ou nos congressos concitando mortes ?

## XXI.

- „ Eu tive algum presidio , alguma praça  
 „ Entregue a meu cuidado ? Alguma gente  
 „ Sujeita ás minhas ordens , com que faça  
 „ Hum partido na guerra competente ?  
 „ Deu-me algum senhorio a fórte escaça ?  
 „ Algum poder ? Ou fez-me algum valente  
 „ Capitão , de quem possa o peito fórte  
 „ Fazer da guerra vacillar a fórte ?

## XXII.

- „ Se o ser fiel á Patria , em que nascida ,  
 „ Em que educada fui , se o ser constante  
 „ Nos primeiros affectos , na devida  
 „ Observancia da fé me dá bastante  
 „ Causa para a ruína , e perseguida  
 „ Sou sómente por ser perseverante  
 „ Em tão nobres cuidados , que tormentos  
 „ Guarda o Ceo para peitos fraudulentos ?

Ah ,



## XXIII.

„ Ah, meu Principe, e quando pensaria  
 „ A tua firme Ignez, que o teu amparo  
 „ Algum dia faltar-lhe poderia  
 „ Nas suas afflicções! Se o fado avaro  
 „ Alguma vez...,, Mas como proseguia  
 Na sua marcha o som já menos claro  
 Da doce voz perdido na distancia,  
 Frustrou em fim a minha vigilancia.

## XXIV.

Partimos promptamente a dar aviso  
 Eu, e meu camarada ao Commandante,  
 Que julgou não só justo; mas preciso  
 O despique de acção tão petulante;  
 E querendo evitar o prejuizo  
 De qualquer dilação, no mesmo instante  
 Manda marchar do monte pela volta  
 A pequena partida á redea solta.

## XXV.

Com effeito chegamos justamente  
 A ganhar o caminho desejado,  
 Quando vinha por elle a estranha gente  
 Aparecendo a passo socegado:  
 Não sófre mais a furia impaciente  
 Do nosso Commandante arrebatado;  
 A elles, grita, e sem fazer demora  
 Hum dos contrarios pôz da sella fóra.

Ou-

## XXVI.

Outro, e outro depois, em breve espaço;  
 Igual fôrte tiveraõ, nem deixára  
 Cavalleiro na sella o fôrte braço,  
 Se no terceiro a lança não quebrára;  
 Mas não mostra menor desembaraço,  
 Depois que na mão toma a espada clara;  
 Pois cada golpe fêro, que fulmina,  
 Ou despedaça, ou mata, ou arruína.

## XXVII.

Seguimos todos com vontade accesa  
 Do Commandante os passos valorosos;  
 Cada qual quer mostrar naquella empreza  
 Quanto valem seus brios generosos;  
 A compaixão incíta a fortaleza,  
 Ânima a dôr os peitos bellicosos;  
 E da Dama infelíz a fôrte dura  
 Emmendar, ou vingar qualquer procura.

## XXVIII.

Dos primeiros encontros vaõ rodando  
 Pelo campo não poucos inimigos,  
 E da espada nos fios vaõ provando  
 Nada menos funestos os castigos;  
 Mas em quanto se via fluctuando  
 A victória no meyo dos perigos;  
 Do numero maior embaraçada,  
 E do Lusó valôr sollicitada.

## XXIX.

Alguns dos Cavalleiros incumbidos  
 Do cuidado dos presos, lou zelosos  
 Da sua segurança, enfraquecidos  
 Vendo dos seus os peitos duvidosos,  
 Para os muros de Almada conhecidos  
 Se dirigem com passos cuidadosos,  
 E na praça recolhem por cautela  
 Os cinco presos, com a Dama bella.

## XXX.

Naõ sofre o Defensor, que mais profiga  
 Na triste relação o mensageiro;  
 Porque a viva paixão, que n'alma abriga,  
 Lhe accende a chama do furor guerreiro;  
 Naõ tem socego em quanto naõ castiga  
 Defacato taõ féro, e taõ grosseiro;  
 E julga por defár qualquer demóra  
 Na vingança, que o peito lhe devóra.

## XXXI.

Qual a brava leõa, a quem roubára  
 Atrevido pastor algum filhinho,  
 Em quanto d'elle ausente procurára  
 O sustento, que tráz ao vago ninho,  
 Furiosa do damno, que observára,  
 Bramindo parte, e segue no caminho  
 Do roubador os passos, que no muro  
 Da cabana se julga já seguro.

Tal

## XXXII.

Tal o fórte Varaõ enfurecido  
 Na noticia do caso lastimoso,  
 Havendo nos signaes reconhecido  
 A Dama, que o rigor sofre aleivoso,  
 Das suas afflicçoens enternecido,  
 E na vingança dellas furioso,  
 Seguir quer, a pesar dos embaraços,  
 Dos inimigos para Almada os passos.

## XXXIII.

Apromptar manda a toda a diligencia  
 Armas, embaraçoens, e provimentos;  
 Porque a gente se alista á competencia;  
 Taes eraõ da Nação os sentimentos.  
 Felizmente, por alta providencia  
 Da fortuna, que ajuda atrevimentos,  
 Em quanto dos preparos se tractava,  
 O maior embaraço se acabava.

## XXXIV.

Porque as Náus Castelhanas, que ancoradas  
 Eraõ do Tejo no formoso seyo,  
 E da guarda do rio encarregadas,  
 A passagem cobriaõ de receyo;  
 De repente das prayas apartadas,  
 Sem que possa accusar-se impulso alheyo,  
 Humas atráz das outras, sem demóra,  
 Se vaõ nadando pela barra fóra.

Pas-

## XXXV.

Passa o rio já livre de perigos  
 O grande Defensor, acompanhado  
 Do zêlo nobre dos fieis amigos,  
 E de hum corpo de Tropas bem armado;  
 Mil estragos medita, mil castigos  
 Em vingança do caso relatado,  
 E com vozes, e premios lisonjeiros,  
 A diligencia aníma dos remeiros.

## XXXVI.

Mas em quanto do rio na corrente,  
 Em socego forçoso, se occupava  
 Nos motivos da raiva impaciente,  
 Que o bravo coração lhe devorava,  
 Vasconcellos, que mais attentamente  
 Os diversos affectos lhe observava,  
 E lograva constante no seu peito  
 Da mais pura amizade o doce effeito.

## XXXVII.

Pretextando com zelo generoso  
 De cuidado fiel, de affecto puro,  
 O natural desejo ambicioso  
 De penetrar mysterio taõ escuro;  
 Com instancia lhe pede obsequioso,  
 Que lhe queria dizer, se o fado duro  
 Algum risco maior lhe representa,  
 Com que o seu fórte peito se atormenta.

Ah!

## XXXVIII.

Ah ! responde o Varão , e quanto engana  
 Huma apparencia van da fortaleza !  
 Tu me crês fórte , e toda a dôr tyrana ,  
 Que me atormenta , nasce da fraqueza :  
 Bem sei , que esta expressão talvez profana  
 A minha gloria ; mas a natureza  
 Não isenta os Herões da triste fórte.  
 De huma cega paixã , mais que elles fórte.

## XXXIX.

Deva-me o teu affecto a confidencia ,  
 Que a ninguem mais fizera. Eu amo amigo  
 E amo cegamente : huma imprudencia  
 Foi origem talvez do meu perigo ;  
 Mas hoje he honra pura ; he já decencia  
 O cuidado , que sinto ; e no castigo ,  
 Com que vingar de Amor offensas tracto ,  
 Cumpro o dever do brio mais exacto.

## XL.

Tu sabes , que eu vivi bastantes annos  
 Nas terras , que de nós divide o Têjo ,  
 Em quanto as dissençoens dos Castelhanos  
 Não deraõ mais assumpto ao meu desejo :  
 Alli bem livre de odios inhumanos ,  
 A que o briga das armas o manejo  
 Em passeyas , em jogos , e caçadas ,  
 Tinha todas as horas occupadas.

Hum

## XLI.

Hum dia de prazer, que os moradores  
 De Veiros, com fervor solemnizavaõ,  
 Nas Igrejas com Hymnos de louvores,  
 E nas praças com festas, que ordenavaõ;  
 Attrahido das vozes, e clamores,  
 Que esta grande funçaõ annunciavaõ,  
 Passei áquella Villa, bem alheyo  
 Do mal, que me guardava no seu seyo;

## XLII.

Mas apenas na praça disfarçado  
 Entre mascaras mil, procuro attento;  
 Dar á vista o recreyo costumado,  
 Das bellezas no vasto luzimento,  
 Quando logo me sinto arrebatado  
 Dos poderes do mais feliz portento;  
 Que em debuxos de graça, e gentileza  
 Pôde idêar a fabia natureza.

## XLIII.

Bem defronte do sitio, em que eu me achava,  
 Este raro prodigio apparecia,  
 E na graça, e decôro, que ostentava,  
 No respeito os agrados confundia;  
 Huma nuvem de nácar moderava  
 Os excessos da luz, que difundia;  
 Porque em cortina de brocado envolta  
 Nem de todo se prende, nem se solta.

Eu

## XLIV.

Eu não pretendo agora retratar-te  
 Aquelle angusto magestoso vulto,  
 De cujas perfeições a menor parte  
 Excede a força do pincel mais culto;  
 A luz da idea, os primores da arte  
 Não são capazes de tão nobre indulto,  
 E mais que empenho, fora sacrilegio  
 Pertender tão ditoso privilegio.

## XLV.

Quero só, que tu possas no conceito  
 De huma cegregia completa formosura,  
 Desculpar as fraquezas do meu peito,  
 Perdoar-me os excessos da ternura;  
 Se tu já foste ás leys de Amor sujeito,  
 Facilmente o farás, e se tão dura  
 He tua condiçãõ, que amor não sente,  
 Que sentirá nos males de outra gente.

## XLVI.

Mas seja como for, eu sei que exposto  
 A' vista deste affombro de belleza  
 Me senti transportar de pasmo, e gosto,  
 De alvorôço, de susto, e de fraqueza;  
 Desejava de hum tão brilhante rosto  
 De mais perto notar a gentileza;  
 Mas hum tímido pêjo me prendia,  
 E nem dar hum só passo me atrevia.



## XLVII.

Immovel , qual estatua hum largo espaço  
 Neste estado passei ; porém vencendo  
 Os primeiros receyos do embaraço ,  
 Foi o desejo os sustos excedendo ;  
 Ousado me adianto , e nada escaço  
 Me foi o fado entãõ ; porque antevendo  
 Quantos males Amor me prevenia ,  
 Quiz fazer-me mimoso neste dia.

## XLVIII.

Pois chegando debaixo da janella,  
 Que tão rico thesouro em si guardava,  
 Da liberdade usando , e da cautela,  
 Que o disfarce da mascara abonava,  
 Pude notar não só da Nympha bella  
 O brilhante esplendor , que me encantava ;  
 Mas gozar a maior felicidade  
 Da sua vóz na doce suavidade.

## XLIX.

Acabou de encantar-me inteiramente  
 A sua gravidade , o seu juizo ,  
 A mimosa pronuncia , a vóz cadente,  
 O gracioso olhar , o doce riso ,  
 E sobre tudo o estylo competente  
 A's materias , que tracta , ora conciso ,  
 Ora grave , ora alegre , e sempre nobre ;  
 Onde a graça , e decencia se descobre.

Apar-

## L.

Apartei-me dalli sem liberdade,  
 E sem saber quem della me privava;  
 Porque o nome, a vivenda, a qualidade  
 Deste affombro fatal, tudo ignorava;  
 Mas querendo informar-me da verdade,  
 Como os passos Amor me encaminhava,  
 Antes de se acabar de todo a festa,  
 De tudo tinha idéa manifesta.

## LI.

De Pedro Esteves, hum dos mais honrados  
 Moradores de Veiros, era filha  
 Esta illustre belleza, e celebrados  
 Seus dotes naturaes por maravilha,  
 Ignez era o seu nome, a quem prostrados  
 Os dourados farpoens Amor se humilha,  
 Porque na vóz da fama era constante,  
 Ser nada menos fera, que brilhante.

## LII.

Mil' coraçoes inutilmente accesos  
 Dos seus olhos nas luzes se abrafáraõ,  
 Mil alvedrios, sem arbitrio presos,  
 A seus pés cegamente se prostráraõ;  
 Mas sómente rigores, e desprezos  
 Por fructo dos seus votos alcançáraõ,  
 Sem que entre tantos hum sómente houvesse,  
 Que a mais leve attençaõ lhe merecesse.

Esta

## LIII.

Esta mesma altivez, esta fereza,  
 Que podera feryr de defengano!  
 A meus nobres desvelos, na certeza  
 De hum peito duro, hum coração tyrano;  
 Foi maior incentivo da firmeza  
 Dos meus votos ardentes; porque o damno  
 Padecido dos mais, me promettia  
 Maior gloria no risco, que emprendia.

## LIV.

Naõ te posso contar as diligencias,  
 Os trabalhos, desvelos, e cuidados,  
 Penas, sustos, desgostos, contingencias,  
 A que foraõ meus cultos obrigados;  
 Bastará só saber, que as consequencias  
 De excessos taõ fieis, taõ porfiados,  
 Foraõ por fim taõ doces, taõ ditosas,  
 Quanto as primissias foraõ trabalhosas.

## LV.

Algum tempo vivemos desfructando  
 Mutuamente do Amor os gostos puros;  
 Em suave descuido aproveitando  
 Da sorte varia os mimos mal seguros;  
 Mas o tempo feliz passa voando,  
 Por decreto fatal dos fados duros,  
 Este tempo passou, e desta gloria  
 Só ficáraõ as sombras na memoria.

## LVI.

Já duplicado fructo occultamente  
 O nosso amor havia produzido ;  
 Sem que fosse de Ignez o Pay sciante  
 Deste commercio ás luzes escondido ;  
 Mas teve em fim suspeita , e claramente  
 Soube parte do caso succedido ,  
 Com que o seu nobre alento , sem tardança,  
 Os caminhos buscou para a vingança.

## LVII.

Era Esteves honrado , e não queria  
 Huma injuria vingar com outra injuria  
 Lavar fim com meu sangue pertendia ;  
 O decóro da filha , a propria incuria ;  
 Mas hum fraco affassinio parecia  
 Indecente exercicio á sua furia ,  
 E com mais nobre idéa o seu desgosto  
 Desafogo buscou mais bem disposto.

## LVIII.

Sabendo , que eu passava incautamente ,  
 Por hum litio não muito frequentado ,  
 Sem companhia alguma , e tão sómente  
 Das ordinarias armas adornado ,  
 Assaltando-me nelle de repente ,  
 Com o ferro não mais já preparado  
 Me expõem a sua queixa , e com a vida  
 Que pague quer a offensa commettida.

Dispus-

## LIX.

Dispuz-me a defender-me, e foi forçoso  
 Servir-me bem das maons aquelle dia,  
 Contra as iras de hum homem valoroso;  
 Que em despique da honra combatia;  
 Mas se naõ mais valente, mais ditoso  
 O meu braço sahio nesta porfia,  
 Porque hum golpe tirado com ventura  
 Lhe fez beijar por força a terra dura.

## LX.

Julgou-se morto Esteves, mas eu vendo  
 A victoria segura, e taõ barata,  
 E naõ menos tambem reconhecendo,  
 Que he valente quem vence, naõ quem mata;  
 A maõ lhe dando, assim lhe fui dizendo,  
 Levantai-vos, naõ queira a sorte ingrata  
 Que eu cometta a vilheza de matar-vos  
 Quando chego indefeso a contemplar-vos.

## LXI.

Ficou immovel, mudo, e pensativo  
 O bravo Esteves por hum largo espaço  
 Depois de levantar-se, hum incentivo  
 Sendo de outro incentivo estorvo, ou laço;  
 Offendido se achava; e vingativo  
 O brio de furor lhe armava o braço;  
 Mas devia-me a vida, e naõ queria  
 Ser tyrano com quem lha concedia.

T

Venceo

## LXII.

Venceo em fim no seu honrado peito  
 A virtude a paixão, e dominado  
 Da vingança feroz o duro effeito,  
 Assim fallou valente, e socegado.  
 O Ceo não quer, que eu seja satisfeito,  
 Seja assim, viverei injuriado,  
 Mas não hei de intentar ser homicida,  
 De quem cortez poupou a minha vida.

## LXIII.

Assim dizendo, com feroz semblante  
 As costas me voltou precipitado,  
 Deixando-me suspenso, e vacilante  
 Entre mil confusões embaraçado:  
 Depois na voz da fama foi constante  
 Haver-se occultamente retirado  
 Neste dia da Villa, e conduzido  
 A bella Iñez a sitio não sabido.

## LXIV.

Neste tempo por ordem de Fernando  
 A' Corte fui chamado, e brevemente  
 A guerra se rompeo, arrebatando  
 Toda a minha attenção este incidente;  
 E suposto que Amor no peito brando  
 Accesa conservasse a chama ardente,  
 O desejo da gloria, a que atpirava,  
 A melhor parte d'alma me occupava.

Seguiu-

## LXV.

Seguiu-se logo á guerra o casamento  
Da Raynha de Hespanha, e logo a morte  
De Fernando, da qual o sentimento  
Inda agora me causa a dôr mais forte;  
Depois della, tu tens conhecimento  
Dos apertos crueis da minha forte,  
E bem vês, que mal posso ter sabido  
O destino de Ignez qual tenha sido.

## LXVI.

Mas pela relação deste soldado,  
Que a noticia nos deu da gentileza  
Daquella prisioneira, o meu cuidado  
Presume ser Ignez a Dama presa;  
Agora julga tu se interessado  
Devo ser no successo desta empreza,  
E se justo motivo tenho agora,  
Para a céga afflicção, que me devora.

## LXVII.

Aqui na sua historia internecido  
O namorado Principe chegava,  
Quando foi por hum grito interrompido,  
Que Marcial festejo annunciava;  
Era clamor da gente, procedido  
De conhecer, que á terra já chegava,  
Com que todos se encherão de alvoroço,  
Superado do rio o largo fosso.

## LXVIII.

Dispoz-se o desembarque promptamente ;  
 Aproveitando aquelle ardor brioso ,  
 Que he das victorias ordinariamente  
 Quasi certo presagio venturoso ;  
 E taõ activo foi , taõ diligente  
 O valor dos soldados furioso ,  
 Que por chegar á praya , que buscavaõ ,  
 Muitos delles nas aguas se arrojavaõ.

## LXIX.

Foraõ todos marchando , em diligencia  
 Sobre a Viila , que logo foi entrada ,  
 E rendida sem grande resistencia ,  
 Sendo pelo presidio abandonada ;  
 Porque a gente da terra a presistencia  
 Desejando mostrar da fé guardada ,  
 A pesar das desgraças neste dia  
 A ditosa interpreza soccorria.

## LXX.

Ganhada a Praça , socegada a gente ,  
 Senaõ socega o peito cuidadoso  
 Do namorado Principe , impaciente  
 De desfatar o laço rigoroso ,  
 Que opprime a beila Ignez , e naõ consente  
 O seu nobre desvelo attencioso  
 Celebrar hum triumpho , em quanto chora  
 Perdida a liberdade o bem , que adora.

¶ Manda



## LXXI.

Manda vir da prisão, em que gemião  
Na fortaleza em ferros opprimidos  
Todos, quantos os damnos padecião  
Dos Castelhanos odios procedidos;  
E como os mais do caso não sabiaõ  
Os amantes mysterios escondidos,  
Vasconcellos amigo, e confidente  
Nesta acção se mostrou mais diligente.

## LXXII.

Partio correndo, como quem buscava  
O mais bello troféo desta victoria,  
Para o Principe amante, em quem notava  
Nada menos paixão de amor, que gloria;  
E como o beneficio conservava  
Da confidencia impresso na memoria,  
Desejava pagar-lhe em diligencia,  
A fineza daquella complacencia.

## LXXIII.

Voltou em fim alegre, e acompanhado  
Dos presos todos, entre os quaes se via  
Rodeada do povo alvoroçado,  
Marchar a bella Ignez, que difundia,  
A pesar do rigor daquelle estado,  
Taõ brilhante fulgor, que a luz do dia  
Não he mais agradavel, quando apura  
Os seus rayos rompendo a noite escura.

Sahio

## LXXIV.

Sahio a recebe-la enternecido  
 O magnanimo Principe, occultando  
 Nos disfarces de hum genio agradecido,  
 As finas attençoens de hum peito brando;  
 Porém logo depois de haver cumprido  
 Este publico objecto, desejando  
 Dar mais livre exercicio a seus affectos,  
 A Vasconcellos disse os seus projectos.

## LXXV.

E procurando aquelle confidente  
 Satisfazer-lhe o gosto, com cautela,  
 Despedido o concurso brevemente  
 Pôz na sua presença a Dama bella:  
 Alli qualquer dos dois taõ vivamente,  
 Em ternuras anantes se desvela,  
 Que só quem já provatse hum tal effeito,  
 Pôde delles formar justo conceito.

## LXXVI.

Mil cousas mutuamente os dois amantes  
 Se perguntavaõ, mil se respondiaõ,  
 E mil vezes nas mais interessantes,  
 Com diversas questoes, se interrompiaõ;  
 Mas passados em fim alguns instantes  
 Naquelle doce enleyo, em que se vjaõ  
 Confusos os sentidos; os progressos  
 Assim contou Ignez dos seus successos.

Depois

## LXXVII.

Depois daquelle triste, infausto dia,  
 Em que meu Pay, sabido o nosso tracto;  
 Lavar com vosso sangue pertendia  
 O manchado esplendor do meu recato,  
 Buscando-vos no Campo, e na porfia  
 Sendo mais infeliz, foi taõ ingrato  
 Para mim sempre o fado, que o semblante  
 Já mais ví da alegria hum só instante.

## LXXVIII.

Por meu Pay conduzida occultamente  
 Fui com cautela tal a huma herdade,  
 Que nem da propria casa a mesma gente  
 Teve mais de fallar-me a liberdade;  
 Assim passei tres annos, lentamente  
 Consumindo em chorar a minha idade,  
 Athé que as irrupçoens dos Castelhanos  
 Fizeraõ recear maiores damnos.

## LXXIX.

Entaõ meu Pay, que mais me não fallára  
 Desle o ponto fatal do seu enfado,  
 E que a barba tambem já mais cortára,  
 Depois de se julgar injuriado;  
 Podendo nelle mais da Patria chara  
 O verdadeiro amor, que o genio irado,  
 Entrando no meu quarto, sem que ouvisse  
 Outra pessoa alguma, assim me disse.

Ignez

## LXXX.

- „ Ignez os teus delictos são tão feyos ,  
 „ Que me accusão da falta do castigo ;  
 „ Mas se a fortuna me embaraça os meyos ;  
 „ Nem por isso me abate o brio antigo ;  
 „ Algum dia a pesar destes enleyos  
 „ O Ceo mais liberal será comigo ,  
 „ Mas agora convém , que a minha furia  
 „ A' Patria sacrifique a minha injuria.

## LXXXI.

- „ Os Castelhanos , contra a fé jurada  
 „ Nos solemnes Tractados , tem rompido  
 „ A promettida paz , e declarada  
 „ A guerra contra o Reyno enfraquecido  
 „ Pela falta de Rey , e pela errada  
 „ Fôrma do seu governo dividido  
 „ Em partidos contrarios , que impugnando  
 „ Huns a outros se vão debilitando.

## LXXXII.

- „ A gente mais amante , e mais zelosa  
 „ Da liberdade , e gloria Portugueza ,  
 „ Segue o Mestre de Aviz , que agora goza  
 „ De Defensor dos povos a grandeza ,  
 „ E supposto , que a honra escrupulosa  
 „ Deva delle apartar-me , a natureza  
 „ Do negocio me obriga , a que prefira  
 „ O publico interesse á propria ira.

Nesta

## LXXXIII.

„ Nesta Provincia Nuno a liberdade  
 „ Defende da Nação , e favorece  
 „ Os intentos do Mestre , que a Cidade,  
 „ De Lisboa por Chêfe reconhece :  
 „ Eu pertendo partir com brevidade  
 „ A servir no seu Campo , e me parece ,  
 „ Que tu só ficas bem , de tua Tia  
 „ Da Villa de Portel na companhia.

## LXXXIV.

Assim se fez ; mas logo a Fortaleza ;  
 Por culpa da mulher do Commandante ;  
 Tomou voz por Castella , e da villeza  
 A Villa toda fez participante ;  
 Não por gosto do povo , que a tristeza  
 Bem se via de todos no semblante ;  
 Mas pela sujeição , que lhe cauíava  
 A guarnição , que os muros occupava.

## LXXXV.

Eu conhecendo em muitos moradores  
 A repugnancia desta obediencia ,  
 Fundada simplesmente nos temores  
 De alguma mais funesta contingencia ;  
 Lamentando com elles os rigores  
 Desta dura oppressão , e com prudencia  
 Tentando de alguns delles os affectos ,  
 Os dispuz a favor dos meus projectos.

Eraõ

## LXXXVI.

Eraõ estes privar os Castelhanos  
 Da posse de Portel , e metter nella  
 Outra vez os expulsos Lusitanos ,  
 A pesar dos perfidios de Castella ;  
 Mas sendo taõ temiveis os enganos ,  
 Em materia taõ grave , esta cautela  
 Suspendeo largo tempo o meu cuidado ;  
 Sem tomar confidente declarado.

## LXXXVII.

Achava-se em Portel , de tempo antigo ,  
 Hum Sacerdote Portuguez zeloso  
 Da honra da Naçaõ , que o seu perigo  
 Despresava com peito generoso  
 Em obsequio da Patria , e por castigo  
 Contava aquelle jugo injurioso  
 Dos Hespanhoes ; por cujos sentimentos  
 Só d'elle confiei meus pensamentos.

## LXXXVIII.

Este ganhou com varias diligencias ,  
 Grande parte da gente , e disfarçando  
 Com pretexto de algumas dependencias  
 Huma breve jornada , despresando  
 De hum taõ grave perigo as consequencias ;  
 A Evora passou , onde informando  
 Nuno deste negocio ; concertada  
 Deixou com elle a empreza projectada.

Foi

## LXXXIX.

Foi ella com tal arte conduzida ,  
 Com tal segredo , com taõ boa sorte ;  
 Que a pesar da muralha defendida  
 De hum poder grande , de hum presidio forte ;  
 Foi a gente de Nuno introduzida  
 Dentro da Villa , sem custar-lhe a morte  
 De hum só Soldado , sendo mais gostosa  
 A victoria por menos trabalhosa.

## XC.

Porém antes que fosse inteiramente  
 Ganhada a Fortaleza , foi sabido  
 Dos Castelhanos , como a Lusa gente  
 Convidada do povo tinha sido ;  
 E que eu fora motora , ou confidente  
 Daquelle occulto tracto , introduzida  
 Por meyo da jornada , que affectára  
 O Sacerdote , a quem o confiára.

## XCI.

Com esta indignaçãõ naõ se atrevendo  
 A vingar-se de todos ; procuráraõ  
 Em mim descarregar o golpe horrendo  
 Da sua raiva , e presa me leváraõ ,  
 Com mais finco pessoas ; mas temendo  
 Os furores de Nuno , se apartáraõ  
 Das estradas de Hespanha , e quiz a forte ,  
 Que esta Praça elegeßem por mais forte.

Assim

## XCII.

Assim fallava Ignez, e transportado  
 O Principe de gosto, e de ternura;  
 Novamente no peito namorado  
 Sente crescer de amor a força dura;  
 Qual incendio, que em cinzas sepultado  
 Algum tempo se occulta, e desfigura;  
 Mas com mais furia as chamas multiplica;  
 Se inflamavel materia se lhe applica.

## XCIII.

Tal no peito do Principe escondido  
 O fogo da paixã impetuoso,  
 De cuidados, e sustos opprimido,  
 Ausente ardia menos luminoso;  
 Mas de novo nos olhos accendido  
 Da bella Ignez, se inflamma furioso,  
 E nas chamas, que atêa a luz tyrana,  
 Da prudente cautela o véo profana.

## XCIV.

A Lisbôa passou; mas igualmente  
 Ignez passou tambem, que a paixã viva  
 De qualquer dos amantes não consente  
 Provar mais da distancia a pena esquiva:  
 Allí suave, mas inutilmente  
 Nos vaons desvelos, que este ardor motiva  
 Entrerido do Principe o cuidado,  
 De tudo o mais vivia descuidado.

Mas



## XCV.

Mas o Genio , que tem da Lusa terra  
A direcção por sorte , e que zeloso  
Assiste a seu governo em paz , e guerra ;  
Sempre constante , sempre officioso ,  
Vendo quanta paixão no peito encerra  
O claro Defensor , e que forçoso  
Seria corromper-lhe o grande alento  
A duração daquelle encantamento.

## XCVI.

Querendo precaver os tristes danos ;  
Que hum tão grave descuido ameaçava  
A's nobres pertençaens dos Lusitanos ,  
Que o Ceo tão favoravel abonava ;  
Na mesma escura fragoa dos enganos  
Hum aviso fiel lhe preparava ,  
Pelo meyo de hum sonho , que em figura  
Lhe mostrasse da gloria a face pura.

## XCVII.

Ha na casa do Sôno hum aposento  
Vasto , espaçoso , porém mal formado ;  
Sem luz , sem ordem , sem repartimento ;  
De indigestas materias fabricado ;  
Altas torres lhe servem de ornamento  
Feitas de fragil vidro , mas lavrado  
Com tão irregular , tão varia norma ,  
Que a luz nellas em sombras se transfôrma.

As

## XCVIII.

As paredes se adornaõ do edificio  
 Dos mais altos troféos da gloria humana,  
 Confundidas, com raro desperdicio,  
 As insignias da sorte mais ufana,  
 As Tógas, e Bastoens no frontespicio  
 Pendentes livremente a mão profana,  
 E Tiaras, e Ceptros; mas sómente  
 Hum momento toca-os se consente.

## XCIX.

Igualmente os metaes mais preciosos,  
 As mais luzidas pedras, mais brilhantes;  
 Ouro, prata, topazios luminosos,  
 Esmeraldas, safiras, e diamantes  
 Por varias partes mostraõ sumptuosos  
 Desperdicios, thesouros arrogantes;  
 Mas promptamente os muda, e desfigura  
 Hum toque de razaõ livre, e segura.

## C.

De outro lado se mostraõ rodeadas  
 As paredes de objectos formidaveis,  
 Desgraças fêyas, afflicçoens pesadas,  
 Riscos funestos, odios implacaveis,  
 Lobos crueis, Serpentes enroscadas,  
 Tigres féros, Leoens infaciaveis,  
 Tudo allí se devisa, mas a tudo  
 Hum só rayo de luz serve de escudo.

## CI.

Spectros disformes, espantosos vultos,  
 Gigantescas figuras, monstros feyos,  
 Errantes almas, corpos insepultos  
 Se vêm girar em rapidos passieyos;  
 Mas igualmente vaons os seus insultos,  
 Igualmente são vaons os seus enleyos,  
 Porque todo o terror, toda alegria  
 He sómente illusão da fantasia.

## CII.

Neste aposento o Sôno tem guardado  
 Os filhos, que lhe pare a Noite escura;  
 Que Sônhos dos mortaes foraõ chamados,  
 Entes de varia côr, varia figura;  
 De enganos tão sómente alimentados,  
 O fingimento he sua compostura;  
 Mas entre estes tambem a Divindade  
 Sônhos guarda, que nutre de verdade.

## CIII.

Hum destes pois, que o Genio bem conhece  
 Entre a turba dos Sônhos ignorantes,  
 Por verdadeiro Sônho, e que merece  
 Ser correyo de avisos importantes,  
 Da prisaõ solta, e manda, que viesse  
 Visitar o Varaõ, que dos amantes  
 Desvelos todo o peito tinha cheyo,  
 Athé da Sôno no quieto seyo.

Vem

## CIV.

Vem o Sonho voando, e toma assento  
 Sobre a mesma almofada, em que reclina  
 A cabeça o Varaõ, e no aposento  
 Mil engenhosas fabricas maquina,  
 Figuras finge, finge sentimento  
 Nos fantasticos vultos, que illumina;  
 Porque os sonhos ou bons, ou falsos sejaõ;  
 Fingem qualquer figura, que desejaõ.

## CV.

Quatro Damas de corpo agigantado,  
 De côr, figura, e trajés diferentes,  
 No prospecto de hum campo dilatado;  
 Julgava o Varaõ claro ver presentes;  
 Huma dellas, que quasi rodeado  
 O tinha de seus braços reverentes,  
 E mais bella de todas parecia  
 Na côr, semblante, e traje, que vestia,

## CVI.

De Tiaras, e Ceptros guarnecida  
 A clara frente tinha, e sustentava  
 Hum vaso de Amalthea, que em florida  
 Confusaõ a maõ bella equivocava;  
 Roupas de rica seda entretecida  
 De ouro fino, que a prata matizava,  
 Lhe serviaõ de adorno; mas no gesto  
 Dava de dôr indicio manifesto.

## CVII.

Outra se via hum pouco mais distante,  
 De côr escura, de feiçoens grosseiras,  
 De grandes membros, de feróz semblante;  
 De acçoens soltas, e pouco lisonjeiras:  
 A cabeça adornava de hum Turbante;  
 O corpo meyo nú, e nas ligeiras  
 Maons hum arco trazia, e copia clara  
 Do metal, que idolatra a gente avára.

## CVIII.

A terceira mais longe apparecia,  
 Dama gentil, mimosa, e delicada,  
 Que no terno melindre bem se via;  
 Ser a brandas delicias costumada;  
 Rica, vistosa touca lhe cingia  
 Os formosos cabellos, matizada  
 De peregrinas plumas, onde o vento  
 Se recreava em doce movimento.

## CIX.

A garganta de perolas formosas  
 Rodeada mostrava; os pês, e braços  
 De brilhantes, e pedras preciosas  
 Ligados todos com custosos laços,  
 Roupas vestia ricas, e pomposas  
 Bordadas de ouro; e feitas em pedaços  
 Aromaticas plantas sustentava  
 A bella mão, que o preço lhe augmentava.

## CX.

Da figura da quarta mal divisa  
 A luz dos olhos, turva nas distancias,  
 Mais que a grande estatura, que indecisa  
 Deixa a vista nas suas circumstancias:  
 De côr baça parece, e na precisa  
 Compostura taõ livre de jactancias,  
 Que de folhas, e penas taõ sómente  
 Cobre parte do corpo, e cinge a frente.

## CXI.

Mas a pesar daquelle traje inculto,  
 A pesar destas mostras de pobreza,  
 Nas maons se observaõ do distante vulto  
 As mais raras insignias da riqueza:  
 Enlaçados, e juntos em tumulto  
 Os mais mimosos dons da natureza  
 Alli se viaõ, pedras preciosas,  
 Ricos metaes, e fructas savorosas.

## CXII.

Taes eraõ das matronas apparentes  
 Os simulados vultos, taes as bellas  
 Insignias, que ostentavaõ; mas patentes  
 As mostras do pesar, em todas ellas  
 Se deixavaõ notar, athé que ardentes  
 Suspiros exalando, e sem cautelas  
 Soltando tristes vozes, entoáraõ  
 Altos gritos, que o Principe acordáraõ.

## CXIII.

Rompia neste tempo a luz do dia  
 As funebres prisoens da sombra escura ,  
 E nos primeiros rayos difundia  
 Sobre os mortaes os dons da chama pura ;  
 Larga o Principe o leito , a fantasia  
 Occupada do sonho , e mal segura  
 Dos mysterios , que encerra , e que pertende  
 Ancioso entender , mas não entende.

## CXIV.

A Barrocas expôr o seu cuidado  
 Determina , com pio pensamento ,  
 Da virtude nas luzes confiado ,  
 Que he da sciencia o firme fundamento ;  
 Mas o Genio , que o tempo accommodado  
 A' conclusãõ notou do seu intento ;  
 De Barrocas mudado na figura ,  
 Lhe apparece naquella conjunctura.

## CXV.

E depois que o Varaõ lhe communica  
 Toda a serie do sonho portentoso ,  
 As matronas lhe pinta , o traje explica ,  
 As distancias , e grito pavoroso ;  
 Com repetidas ancias lhe supplica ,  
 Que lhe interprete o caso duvidoso ,  
 E lhe diga se deve despreza-lo ,  
 Ou por alto prodigio respeita-lo.

## CXVI.

Eu venho , diz o Genio , conduzido  
 Por impulsos do Ceo a procurar-te,  
 Que das tuas franquezas condoído  
 Quer de mais feyos erros libertar-te ;  
 Por mim ferás , se queres , instruido  
 Nos emblemas do sonho ; mas guardar-te  
 Deves de provocar o Ceo clemente ,  
 Que nem sempre será taõ paciente.

## CXVII.

As mulheres , que viste , saõ figura  
 Das quatro divisoens da terra inteira ,  
 Que bem , que hoje só tres a conta apura ;  
 Outra tem nada menos verdadeira ;  
 Aquella , que nos braços te segura ,  
 Europa representa , que a guerreira  
 Lusã Nação por meta reconhece  
 Na parte Occidental , onde fenece.

## CXVIII.

Por isto nos seus braços te sustenta ,  
 Como Mãy , que no seyo te creára ,  
 E das tuas franquezas se lamenta ,  
 Porque a mais altos fins te destinára ;  
 Ella tinha no brio , que te alenta ,  
 E na prole , que o fado te prepára ,  
 A mais alta esperanza ; e se lastima  
 De ver , que Amor teus brios defanima.

A que



## CXIX.

A que pouco distante se mostrava  
De semblante feroz, e mal vestida;  
Africa ardente alli significava,  
Terra de gente inculta, e defabrida;  
Contra ti justamente se indignava,  
Porque sendo-te a gloria concedida  
Da conquista de terra tão famosa,  
Amor te prende em rede vergonhosa;

## CXX.

Tu mesmo, contra ti seguramente  
Te indignarias, se as futuras glorias  
Podesse bem notar á luz fulgente,  
Que há de accender a chama das victorias;  
A mim, já por favor do Ceo clemente,  
Algumas destas cousas são notorias,  
E só por contemplar acçoens tão bellas,  
Mil graças dou a Deos, origem dellas.

## CXXI.

A soberba de Ceuta já rendida  
A's tuas armas vejo; vejo os braços  
De teus netos, com furia repetida,  
De outras Praças vencer os embaraços;  
Alcacer forte, Arzila defendida,  
Azamor, Mazagaõ, dos torpes laços  
Do Mauritano jugo libertadas,  
A's Lusas Quinas vejo já prostradas.

Cabo

## CXXII.

Cabo Verde , Guiné , Angóla , e Mina ,  
 Moçambique , Quiloa , com Mombaça ,  
 E toda a negra Costa , que illumina  
 O Sol visinho , com luz nada escassa ,  
 A' Lusa gloria vejo , que destina  
 Os mais claros trofeos ; se huma desgraça  
 Os não escurecer ; mas profigamos  
 Nas figuras do sonho , que explicamos.

## CXXIII.

A terceira , que adorno mais pomposo  
 Em mayores distancias ostentava ,  
 Da fertil Asia o nome glorioso  
 Nas sombras da visã representava ;  
 Nesta parte do Mundo , o mais formoso  
 Esmalte á Lusa gloria preparava  
 A sabia mão do fado , e justamente  
 Teus indignos descuidos Asia sente.

## CXXIV.

Ah ! se podesses as acçoens preclaras  
 Dos vindouros saber ; o nobre alento  
 De hum Gama , e de hũ Almeyda , as obras raras  
 De hũ Albuquerque , e hũ Cunha , o sofrimento  
 De hum Mascarenhas , e hũ Sylveira , as claras  
 Emprezas de hum Pacheco , o luzimento  
 Dos Ataídes , Castros , e Menezes ,  
 E de outros grandes nomes Portuguezes !

Ah !

## CXXV.

Ah! se pudeſſes ; . . . . mas a natureza  
Dos miſeros mortaes já mais alcança  
Entre as fombas eſcuras da incerteza ,  
Dos incertos futuros a bonança ;  
Baſte, para animar-te na firmeza  
De tanta gloria , a juſta confiança  
Nos aviſos do Ceo , e com tal guia  
Proſigamos do ſonho na porfia.

## CXXVI.

A quarta das matronas , que encoberta  
Em lugar mais eſcuro , que diſtante ,  
De folhas , e penachos mal coberta ,  
Oſtentava a riqueza mais brilhante ;  
Era neſta viſaõ imagem certa  
De outra parte do Mundo , que ignorante  
A desconhece agora ; mas que deve  
Fazer nelle figura nada breve.

## CXXVII.

Agora não tem nome , mas chamada  
America ſera do nome claro  
De hum ſabio Florentino , que a roubada  
Gloria de hum Portuguez , por modo raro  
Deixará , ſe não pura , bem vingada ,  
Fruſtrando felizmente o voto avaro  
Da atrevida ambição de outro Eſtrangeiro ;  
Que há de aspirar ás honras de primeiro.

Neſta

## CXXVIII.

Nesta parte do Mundo tem guardado  
 A providente mão da natureza  
 O seu maior thesouro destinado  
 Pelos fados á gloria Portugueza,  
 As pedras finas, o metal prefado  
 Por insignia do fausto, e da riqueza,  
 A cana doce, e as plantas mais formosas  
 Alli teraõ as gentes cubiçosas.

## CXXIX.

Mas toda aquella luz, aquella gloria,  
 Que há de illustrar o nome Lusitano,  
 Depende do trabalho, e da victoria,  
 Da virtude, e valor mais soberano;  
 O teu se perde em distracção notoria  
 Entre vans illusoens de Amor tyrano,  
 E desta sorte podem ser frustradas  
 Todas estas venturas esperadas.

## CXXX.

Se te não move o nobre sentimento  
 Da tua propria gloria; se esquecer-te  
 Podes tanto de ti, no abatimento,  
 A que Amor te reduz, possa mover-te;  
 Pelo menos o claro luzimento,  
 Que a teu sangue se espera, e merecer-te  
 Possa em fim Portugal, que á sua fama  
 Sacrifiques o fogo, que te inflamma.

Assim

## CXXXI.

Assim fallou , e logo arrependido  
O Varaõ do descuido , em que vivia ;  
A Barrocas abraça agradecido  
A's fantas instrucçoens , que lhe devia ;  
O Genio se retira ; Amor vencido  
Cede á gloria o lugar , que lhe impedia ;  
Em claufura decente Ignez se encerra ;  
Profegue com fervor a dura guerra.

*FIM DO CANTO VII.*



# A LIBERDADE

## CANTO VIII.

### ARGUMENTO:



*N*ÃO satisfeito o Heróe de ha-  
ver defendido Lisboa , pertende li-  
bertar todo o Reyno , e marcha  
sobre Alenquer , que se lhe ren-  
de a partido ; mas depois se tor-  
na a rebellar. O Defensor a tor-  
na a ganhar , com Torres Vedras , Torres No-  
vas , Sintra , Peniche , Leiria , e a maior parte  
da Provincia da Extremadura. A do Alemtejo  
segue já quasi toda o seu partido. Na Beira  
muitos Lugares , e Villas lhe obedecem , com  
alguns de Tras os Montes. O Porto o serve , e  
algumas Praças do Minho se lhe rendem ; mas  
vendo o Rey de Castella quanto se augmenta o  
partido do Defensor , e temendo , que os Por-  
tuguezes o acclamem seu Rey , pertende tirar-  
lhe a vida , por meyo de huma traição , para  
que se vale do Conde de Trastanara , que ser-  
via em Portugal. Descobre-se a traição ao  
Defen-

Defensor, que busca ao Conde só no campo; onde lhe declara a noticia, que tem do seu projecto, lhe offerece a commodidade para executar a sua commissão, e juntamente lhe afeya a sua perfidia, e o despede para Castella, sem querer vingar-se. Descobrem-se complices na traição alguns Fidalgos Portuguezes, de que huns fogem, outros se prendem; mas assustado o Reyno com estes perigos, pertende tomar mais prompta, e segura providencia sobre o Governo, e se ajuntão em Coimbra os Prelados, a Nobreza, e os Procuradores das Villas, e Cidades, para celebrarem Côrtes, a que vem assistir o Defensor, com os principaes Officiaes do seu Exercito, e junto á Cidade são recebidos por hum grande rancho de meninos, que clamaõ todos viva ElRey D. Joaõ. Em quanto não chegaõ alguns Deputados dos lugares mais remotos, vai o Defensor gastar alguns dias na caça, e vai parar huma noite a casa de hum Cavalheiro, que vive retirado em huma Aldeia, chamado Camillo. Descreve-se Camillo, e a pratica que teve com o Defensor; as instancias do Principe, e resposta do mesmo Camillo. Despede-se o Heróe hum pouco commovido das idéas Filosoficas; mas em sonhos lhe apparece a figura do Senhor D. Affonso, q̃ lhe expoem as glorias da Casa de Bragança, e animado de novo parte para Coimbra.





# A LIBERDADE

## CANTO VIII.

### I.

**J**A' não consente o brio Lusitano  
 Defender só Lisboa; já medita  
 Liberdade geral, já do tyrano  
 Estrangeiro dominio sollicita  
 Evitar totalmente o triste damno  
 No resto da Nação, e se habilita  
 Do grande Defensor o nobre alento,  
 Para cumprir tão alto pensamento.

Ma:

## II.

Marcha sobre Alenquer praça visinha ;  
 Que o partido sustenta de Castella ,  
 Como terra , que fora da Raynha ,  
 Que o Genro introduzio na posse della ;  
 E como a seus projectos não convinha  
 Fazer grande demora , por cautela ,  
 Com partidos tentou primeiramente ,  
 A Villa sujeitar suavemente .

## III.

Governava Camoens a Fortaleza ,  
 Cavalheiro Hespanhol bem conhecido ,  
 Mas notado de alguma ligeireza  
 Em mudar facilmente de partido ;  
 E mostrando por susto , ou por destreza  
 Na presença de risco taõ crescido ,  
 Estimar a proposta , em fim se rende ;  
 Mas faltar brevemente á fé pertende .

## IV.

Porque apenas as armas Portuguezas  
 Os muros de Alenquer desassombráraõ ,  
 E sobre Torres Vedras mais accesas  
 Da guerra as feras chamas se ateáraõ ,  
 Quando Camoens com torpes subtilezas ,  
 Que muitos dos seus mesmos reprováraõ ,  
 Outra vez o partido Castelhana  
 Pertendeo preferir ao Lusitano .

Mas

## V.

Mas este, e outros mais apaixonados  
Pela causa de Hespanha, que intentavaõ  
Abater os troféos continuados,  
Com que as Lufas emprezas se illustravaõ;  
Serviaõ só de dar mais avultados  
Esmaltes ás victorias, que alcançavaõ,  
Cada vez com ventagens mais famosas,  
Do Defensor as armas gloriosas.

## VI.

Porque a pesar dos grandes embaraços  
Do poder Hespanhol, e da porfia  
De muitos Portuguezes, que entre os laços  
Da servidaõ hum vil temor prendia,  
Do grande Defensor os fortes braços,  
E dos seus parciaes a valentia  
Triunfaõ sem cessar por toda a parte,  
Onde o vulto descobre o fero Marte.

## VII.

Alenquer outra vez o jugo acçeita,  
Tórres Vedras se rende, Sintra cede  
A' força dos combates; já sujeita  
Se mostra Torres Novas; já despede  
Peniche os Castelhanos; já respeita  
Leiria o Defensor, e já se mede  
Quasi toda a Provincia com socego,  
Desde as margens do Tejo ás do Mondego.  
Igual-

## VIII.

Igualmente a Provincia , que se estende  
 Entre as agoas do Tejo , e Guadiana  
 Do Defensor a voz segue , e defende ,  
 Contra o pôder da gente Castelhana ;  
 Da Beira a maior parte a fé lhe rende ;  
 O Porto o serve , Chaves , com Vianna  
 Se sujeitaõ por força , com Linhares ,  
 E varias outras Villas , e Lugares.

## IX.

Mas vendo o Rey contrario quanto cresce  
 Cada dia o poder do Varaõ forte ,  
 E como a Lusa gente lhe obedece  
 Despresando o castigo , o risco , a morte ;  
 Temendo , que humia vez se resolvesse  
 A conferir-lhe em fim mais alta sorte ,  
 Tirar-lhe a vida intenta ambicioso  
 Pelo meyo mais vil , mais horroroso.

## X.

Andava em Portugal refugiado ,  
 Por diffabores , que em Castella houvera ;  
 Do mesmo Rey hum Primo , nomeado  
 De Trastamara Conde , a quem fizera  
 O Defensor mil honras , e abonado  
 Por prendas pessoaes de todos era  
 No Campo Lusitano , onde servia ,  
 Com mostras de afeiçaõ , e valentia.

Def.

## XI.

Deste se vale o Rey para instrumento  
Da traiçãõ vergonhosa, que medita,  
E persuadir-lhe o torpe pensamento,  
Com promessas, e rogos sollicita;  
Que mate o Defensor hé seu intento,  
Com disfarce de amigo: a tanto incita  
Huma cega paixãõ precipitada,  
Quando não hé por gloria motivada,

## XII.

E sendo facilmente convencido  
O Conde das promessas, foi buscando  
Companheiros, de quem fosse assistido  
Nos perigos de empenho taõ nefando;  
Nelle foi brevemente socorrido  
Por Beça, e por Baldez, que militando  
Em Portugal andavaõ, por cautela,  
Como o Conde fugidos de Castella.

## XIII.

Porém sendo por todos ajustado  
Matar o Defensor em qualquer hora,  
Que podesse encontrar-se descuidado,  
Ou na propria barraca, ou della fóra,  
Quiz o Conde, que o Rey fosse avifado  
Deste ajuste por carta, e nella implora  
Assistencia de gente, e Praça certa  
Para depois da morte descoberta.

X

Mas

## XIV.

Mas esta carta, ou fosse por desgraça,  
 Ou por culpa talvez do mensageiro,  
 Que com pouca cautela á vista passa  
 Da guarda de hum valente Cavalleiro,  
 Foi tomada bem perto já da Praça,  
 A que marchava, sendo prisioneiro  
 O portador, e logo confessado  
 O negocio de que era encarregado.

## XV.

Por ella o Defensor foi instruido  
 Das feyas intençoens do Rey tyrano,  
 E do projecto infame, que emprendido  
 Havia o falso Conde Castelhanao:  
 Mas tendo justamente concebido  
 Todo o devido horror daquelle engano,  
 Pôde mais no seu peito a bizzarria,  
 Que a vingança, ou temor da aleivosia.

## XVI.

Pois sabendo, que o Conde passeava  
 Do arrayal hum pouco separado,  
 Ou porque assim melhor aliviava  
 O desvelo cruel do vil cuidado,  
 Ou porque allí noticias esperava  
 Do portador, que havia despachado;  
 A'quelle mesmo sitio ousadamente  
 Se dirige com animo valente.

## XVII.

E disfarçando o justo sentimento  
 Com mostras de brandura, e de alegria;  
 Os obsequios do Conde aceita attento,  
 Que se apressa a fazer lhe companhia;  
 Mas depois que ambos fós, com vario intento,  
 Apartados se vêm, e já podia  
 Cada qual livremente, e sem disfarce  
 Da ventagem do fitio aproveitar-se.

## XVIII.

O Defensor os passos suspendendo;  
 E voltando com gesto socegado  
 Para o perfido Conde, que entretendô  
 O hia do seu zêlo, e seu cuidado,  
 Assim lhe diz: Eu Conde conhecendo  
 As vossas intençoens, e confiado  
 Na discrição, que o Ceo com vós reparte;  
 Quero de hum grave caso dar-vos parte.

## XIX.

Eu sei quem infiel á minha vida  
 Traiçoens maquina com infame engano;  
 Abusando da honra, e fé devida  
 Com descredito seu, para meu damno;  
 Eu posso castigar este homicida;  
 Mas não quizera parecer tyrano;  
 Dizei-me vós o que em tão grande aperto;  
 Imaginais acção de mais acerto.

## XX.

Dar-lhe morte cruel , lhe diz o Conde ,  
 Não he ponto , que seja duvidoso ;  
 E a mesma morte apenas corresponde  
 A delicto tão vil , tão aleivoso :  
 A tyrania só se accusa adonde  
 He injusto o castigo , ou suspeito ;  
 Mas hum traidor , que offende a fê sagrada ,  
 Toda a pena , que soffre he moderada.

## XXI.

Vede bem , continha o Varaõ fórte ,  
 O que dizeis , o que me aconselhais ,  
 Que na sentença , que dictais de morte ,  
 A vós proprio talvez vos condemnais ;  
 A mim , responde o Conde , e de que fórte ?  
 Pois acaso , Senhor , imaginais ,  
 Que eu possa ser traidor ? Se infamemente  
 Alguem o diz , eu mostrarei que mente.

## XXII.

Vós o dizeis , profegue socegado  
 O Defensor , a carta descobrindo ,  
 Vede quem vos accusa , e se informado  
 Estou bem das traiçoens , que andais ordindo ;  
 Nós estamos em sitio accomodado  
 Para o fim , que intentais , pois prevenindo  
 Este vossò defejo , eu mesmo venho  
 A dar prompta occasiaõ ao vossò empenho.

Aqui



## XXIII.

Aqui me tendes só ; dai cumprimento  
A' vingança , que tendes promettido ;  
Que hum homem , como vós , para instrumento  
De hum golpe occulto foi mal escolhido :  
Isto dizendo com brioso alento ,  
Da cinta arranca o ferro esclarecido ,  
E com elle na mão espera ousado  
A resposta do Conde rebellado.

## XXIV.

Mas vendo , que emmudece , e que abatendo  
Os olhos , qual de pedra estatua fica ,  
E perturbado do delicto horrendo ,  
Nem se defende , nem se justifica ;  
Com gesto irado o ferro suspendendo ,  
Que pensais , lhe pergunta ? assim se explica  
Hum homem , como vós , quando arguido  
He no Campo de haver mal procedido.

## XXV.

Onde está o furor , onde a arrogancia ,  
Que inculca este papel ? Se a companhia  
De Béça , e de Baldéz , he circumstancia  
Precisa para o golpe ; a cobardia  
Faz mais feya a traição , e sem jaçtancia ,  
Se foubarem , que em vós falta ousadia ,  
Qualquer delles dirá , que o seu alento  
Era só quem vos dava atrevimento.

Con-

## XXVI.

Conde se o vosso zêlo , e o vosso affecto.  
 Por El-Rey de Castella , vos provoca  
 A fer executor do seu projecto ,  
 O risco deste empenho a vós só toca ;  
 E se o temor vos fáz tão circunspecto ,  
 Que as vossas iras em pesares troca ,  
 O Campo he livre agora , a estrada aquella ,  
 Que vos póde guiar para Castella.

## XXVII.

Pois se entre os Portuguezes for sabida  
 A vil traição , a feya indignidade ,  
 Com que intentaveis usurpar-me a vida ,  
 Não será facil dar-vos liberdade :  
 Eu não quero vingança mais luzida ;  
 Salvai-vos , se quereis , com brevidade :  
 Isto dizendo as costas foi voltando ,  
 E pela estrada o Conde foi marchando.

## XXVIII.

Porém logo no Campo divulgada  
 Foi do Conde a fugida , e logo Béça  
 Suppondo a vil traição examinada ,  
 De salvar-se tractou a toda a pressa ;  
 O mesmo quiz Baldéz ; mas mal lograda  
 Foi deste a diligencia ; e sendo expressa  
 A sua culpa , logo foi punida  
 Com a pena de morte merecida.

Mas,

## XXIX.

Mas quando o Defensor imaginava  
 Haver cortado o fio dos enganos ;  
 Porque delles capazes fô julgava  
 Os falsos coraçoens dos Castelhanos ,  
 Se fez patente , que a traiçaõ grassava  
 Entre alguns dos mais nobres Lusitanos ,  
 E que della tractavaõ com segredo ,  
 Dom Gonçalo , Dom Pedro , e Figueiredo :

## XXX.

Dom Pedro segue logo os mesmos passos  
 Do Conde desleal para Castella ,  
 Os outros dois temendo os embarços  
 Da fugida , disfarçaõ por cautela ;  
 Mas rôtos do segredo os cegos laços ,  
 Facilmente o mysterio se revêla ,  
 E conhecida a pertençaõ perjura  
 Foraõ metidos em prisaõ segura.

## XXXI.

Causou geral horror este successo ;  
 Geral indignaçã na Lusa gente ,  
 E fez accrescentar com grande excessõ  
 Da gloria Nacional o zêlo ardente ;  
 Pois fazendo mais rapido progresso  
 No coraçã de todos , o prudente  
 Receyo de hum Governo estranho , e injusto ;  
 A providencia se éxaltou no fusto.

## XXXII.

E congregados todos os Prelados ,  
 Toda a Nobreza , e grande quantidade  
 De gente Popular , determinados  
 A tratar da suprema authoridade ,  
 A' risonha Coimbra saõ chamados,  
 Para mais regular solemnidade ,  
 O Defensor , e quantos Cavalleiros  
 O seguiaõ com fama de guerreiros.

## XXXIII.

Mas chegando já perto da Cidade ,  
 De meninos hum rancho copioso ,  
 Que em jogos propios da innocente idade ,  
 Se entretinhaõ no campo deleitoso ,  
 Correndo com gentil velocidade ,  
 Encontrar vêm o Defensor famoso ;  
 Todos juntos clamando em vóz festiva  
*Viva ElRey Dom Joaõ , Dom Joaõ viva.*

## XXXIV.

Nuno se'aníma , o Defensor adora  
 Da Providencia os passos , observando ,  
 Como o successo corresponde agora  
 A's palavras do Velho venerando ;  
 Hum santo susto o peito lhe devóra ,  
 De Barrocas nas vozes contemplando ,  
 Com quanta luz profetizou seguro  
 Os contingentes casos do futuro.

## XXXV.

E sendo na Cidade recebido  
Com mostras de afeiçaõ, e de respeito,  
E com publicos cultos aplaudido,  
Do gosto universal notorio effeito,  
A' morada Real foi conduzido,  
Entre obsequios do povo satisfeito,  
Que movido de impulso mais que humano  
O contemplava já por Soberano.

## XXXVI.

Mas em quanto dos povos mais distantes  
Alguns dos Delegados não chegavaõ  
Para votar nos pontos importantes,  
Que as attençoens de todos occupavaõ;  
Por divertir desvelos penetrantes,  
Que o bravo coração lhe atormentavaõ;  
Quiz o Varaõ da caça no exercicio  
Fazer de algumas horas desperdicio.

## XXXVII.

E procurando os montes mais fragosos  
Da Provincia da Beira, onde esperava  
Lograr golpes mais bellos, mais vistosos  
Nas bravas feras, que o paiz criava,  
Profeguindo os empenhos deleitosos  
Por distancia maior, do que pensava,  
O surpredeo a noite em hum deserto  
De matos cheio, de arvores coberto.

## XXXVIII.

A penas com trabalho , e diligencia  
 Pôde ganhar hum monte, donde alcança  
 A vista já confusa na apparencia,  
 De huma casa , ou cabana a similhaça ;  
 Não pôde distinguir com evidencia ,  
 Ser aprisco , ou casal ; mas na esperança  
 De haver casa de gente alli visinha ,  
 A'quelle fitio os passos encaminha.

## XXXIX.

Hum pastor o seu gado recolhia  
 Na rustica choupana , e perguntado  
 Se por estes contornos haveria  
 Alguma Villa , Aldeia , ou Povoado ;  
 Lhe responde , que pouco distaria  
 Hum pequeno Lugar ; mas se o cuidado,  
 Accrescenta o pastor , de achar abrigo  
 He quem vos move , a muito mais me obrigo!

## XL.

Eu vos irei guiar a huma Quinta ,  
 Onde achareis albergue mais seguro ,  
 Bem que o corpo cansado mal consinta  
 Andar d'escalço por caminho escuro ;  
 Mas eu conheço a gente pela pinta ,  
 Vós mereceis o bem , que vos procuro :  
 Assim fallando com grosseiro estílo ,  
 O foi guiando á Quinta de Camillo.

## XLI.

Era Camillo cavalleiro honrado  
Por nascimento, e proprias qualidades,  
Que de esperanças vans defenganado,  
Se ausentára da Côrte, e das Cidades;  
Neste sitio vivia retirado  
Do tumulto do Mundo, e nas verdades  
Da solida moral Filosofia,  
Os aggravos da forte divertia.

## XLII.

Huma casa sem fasto, mas decente;  
Hum adorno nem vil, nem precioso,  
Huma familia parca, mas contente,  
Hum vestido nem pobre, nem pomposo;  
Huma mesa modesta, mas patente,  
Hum proceder sincero, e officioso  
O faziaõ a todos agradavel,  
E nos vizinhos póvos respeitavel.

## XLIII.

Chegado o Defensor, foi recebido  
Com civil attençaõ, com grande agrado;  
E sendo brevemente conhecido,  
Com distinctos obsequios cortejado;  
Camillo, que algum dia tinha sido  
Nos estylos da Côrte doutrinado,  
Soube mostrar no gosto, e no respeito  
Do mais viço alvoroço o claro effeito.

Alli

## XLIV.

Alli passou a noite, e conhecendo  
 A candidez do genio de Camillo,  
 Alli passou dois dias entretendo  
 As horas todas por sincero estylo;  
 Ora fructas, e flores escolhendo  
 Das mesmas plantas, ora o som tranquillo  
 Das fontes observando, ora a verdura  
 Do jardim, da campina, e da espessura.

## XLV.

Mas nestes mesmos rusticos recreyos,  
 Nas hortas, nos jardins, e nos pomares;  
 Nos viveiros, nos bosques, nos passyos,  
 E nos mesmos trabalhos mais vulgares  
 Notou o Defensor alguns aceyos,  
 Algumas proporçoens particulares,  
 Que davaõ no seu tanto idéa clara  
 Do bom gosto, de quem as fabricára.

## XLVI.

E combinado aquelle pensamento  
 Com varias reflexoens, que ponderava  
 Nas acçoens de Camillo, a quem attento  
 Desde a noite primeira contemplava,  
 Sabendo que o seu claro nascimento  
 A mais altos empregos convidava,  
 Naõ podia adaptar aquelle estado  
 A's idéas de hum homem cultivado.

Affina



## XLVII.

Assim o disse por diversas vezes,  
 Censurando de inutil, e ociosa  
 Aquella vida, que entre os montanhezes  
 Desfructava Camillo em paz gostosa;  
 Dava razoens valentes, mas cortezes  
 Contra aquella inacção indecorosa,  
 A que sempre Camillo respondia,  
 Que o seu destino mais não permittia.

## XLVIII.

Mas huma noite, que mais vivamente  
 Foi notado do Principe guerreiro  
 Aquelle tom de vida de indecente,  
 Dos deveres de hum nobre cavalleiro;  
 Rompendo da cautela o véo prudente,  
 Que occultava o motivo verdadeiro  
 Da supposta inacção, em fim Camillo  
 Se resolve a fallar por este estylo.

## XLIX.

Não queiras, não, meu Principe, as idéas  
 Formar dos homens pelos seus estados,  
 Que repetidas vezes são alheas  
 As suas profissoens dos seus cuidados;  
 Estaõ os Tribunaes, e Tropas cheas  
 De Ministros venaes, fracos Soldados;  
 Lavra a rustica terra alguma gente  
 De peito puro, de animo valente.

Algun

## L.

Algun tracta do publico interesse,  
 Que despreza no fundo do seu peito;  
 Outro, que pensar nelle não parece,  
 Sente talvez do zêlo o nobre effeito;  
 Hum negocios conduz, que não conhece;  
 Outro mais habil vive sem conceito,  
 Hum alcança grandezas, que não busca,  
 As diligencias de outro a forte offusca.

## LI.

Eu fui por largos annos combatido  
 De hum desejo de gloria extraordinario;  
 E para ser no Mundo conhecido,  
 Obrei quanto entendi ser necessario:  
 Estudei, porém fui mal attendido,  
 No conceito da Côrte sempre vario;  
 Quiz dedicar a Marte o meu focego,  
 Mas não pude nas armas ter emprego.

## LII.

Desenganado em fim, que não podia  
 Distinguir-me do Mundo no tumulto,  
 Que os meus nobres projectos abatia,  
 Com desprezo fatal, com triste insulto,  
 Vendo como a fortuna aborrecia  
 Os sacrificios deste indigno culto,  
 Levado de hum ardor impaciente,  
 As costas lhe voltei grosseiramente;

Deste

## LIII.

Deste modo julguei, que me vingava  
Dos seus cegos caprichos ignorantes,  
Crendo, que as attenções, que lhe negava;  
Eraõ nos seus altares importantes;  
Tanto naquelle tempo me cegava  
O juvenil ardor, taõ arrogantes  
Saõ os discursos da primeira idéa,  
Com que amor proprio a todos lifongea!

## LIV.

Porém hoje, que o genio já maduro  
Pelo decurso de mais largos annos,  
E pela luz de algum estudo puro  
Sobre as paixões mais proprias dos humanos;  
Pode fazer juizo mais seguro,  
Pode alcançar mais claros defenganos,  
Outras saõ as razões, porque prefiro  
A's grandezas do Mundo o meu retiro.

## LV.

Sei, que os homens na summa Providencia  
Tem o proprio destino assignalado,  
E que a pesar de toda a diligencia  
Devem cumprir os termos de seu fado;  
Sei, que da forte a vãria contingencia  
Ninguem pôde emendar acautelado;  
Mas que tudo o que ordena o Ceo propicio,  
He certamente em nosso beneficio.

He

## LVI.

He preciso , que o Mundo se divida  
Em varias condiçoens , que mutuamente  
Se foccorraõ , e ajudem com devida  
Proporçaõ no trabalho competente ;  
Naõ pôde fer a todos concedida  
A distincçaõ de hum grão mais eminente ;  
Mas pode cadaqual no seu estado  
Alcançar dignamente hum nome honrado.

## LVII.

O Monarca no Trono repartindo  
A justiça nos póvos , que domina ,  
O General no Campo difundindo  
O terror nas Provincias , que arruina ,  
O Ministro na Côrte discutindo  
Os negocios , que a Patria lhe destina ,  
Todos saõ grandes , todos saõ famosos  
Se cumprem seus encargos gloriosos.

## LVIII.

O Poeta , que em vivas apparencias  
Retrata dos Heróes as acçoens claras ,  
O bom Historiador , que as evidencias  
Das memorias conserva mais avaras ,  
O Filosofo douto , que as sciencias  
Explica , e adorna de noticias raras ,  
Tambem saõ grandes , tambem saõ louvados  
Pela nobre attençaõ dos seus cuidados.

## LIX.

O Cidadão , que educa dignamente  
 A familia , que á Patria sacrifica ,  
 O Lavrador , que a terra diligente  
 Em proveito geral rompe , e fabrica ;  
 O Artista , que á obra competente  
 A fim util , e justo se dedica ,  
 Saõ tambem dignos , saõ tambem louvaveis  
 Nos seus mesmos trabalhos incansaveis.

## LX.

Naõ saõ sómente as armas quem produzem  
 As honras ; que os Varoens eternizaraõ ;  
 Nem sómente a batalhas se reduzem  
 As açoens , que seus nomes conservaraõ ;  
 Varios meyoos á gloria nos conduzem ,  
 Que Alexandre , nem Cesar naõ gozaraõ  
 Mais constante respeito , mais sincero ,  
 Doque goza Virgilio , e goza Homero.

## LXI.

Em qualquer condiçaõ , qualquer estado ;  
 Ou humilde , ou sublime , a gloria pura  
 Descobre a sua luz ; hum peito honrado  
 A segue sempre na mayor altura ,  
 Ou na mais baixa forte , e o mesmo agrado ;  
 A pesar da desgraça , ou da ventura ,  
 Tem sempre nos seus olhos revestida  
 De nobre adorno , ou por si só despida.

## LXII.

A virtude , que faz o fundamento  
 Necessario da gloria verdadeira ,  
 Nem póde nas fortunas ter augmento ;  
 Nem se abate na sorte mais grosseira ,  
 Invariavel sempre o sentimento  
 Da honra pura , da verdade inteira  
 Regula o coração do Varão forte ,  
 Em qualquer condiçãõ da mesma sorte :

## LXIII.

Ama o Rey , ama a Patria , ama a Justiça ,  
 Ama os seus semelhantes , e aborrece  
 Os insultos , as fraudes , a cobiça ,  
 A vil vingança , o sordido interesse ;  
 Detesta o ocio torpe , a vã perguiça ,  
 As intrigas infames não conhece ,  
 Nem ostenta ambiçãõ , nem desalento ,  
 A' sua obrigaçãõ sómente attento.

## LXIV.

Satisfeito da sorte concedida ,  
 Nella vive gostoso , e socegado ;  
 Nem inveja fortuna mais luzida ,  
 Nem procura lugar mais sublimado ;  
 Nos seus proprios deveres entretida  
 Toda a sua attençãõ , o seu cuidado  
 He sómente obrar bem , e não repara  
 Nas cegas illusoens da gente avara.

Em

## LXV.

Em quanto a mim não tenho por castigo  
 Este modo de vida, que aqui passo,  
 Antes como favor do Ceo amigo,  
 Deste estado me alegre, e satisfação;  
 Aqui vivo mais longe do perigo,  
 Da desordem, do engano, e do embaraço;  
 Com que as Côrtes enredaõ tristemente  
 Hum peitõ puro, hum animo innocente.

## LXVI.

Aqui não vejo o torpe fingimento  
 Do vil adulator, o feyo engano  
 Do traficante astuto, o soffrimento  
 Do triste pertendente, o ar tyrano  
 Do soberbo Ministro, o desalento  
 Do pobre despresado, o gesto insano  
 Não vejo do disfarce, com que illudê  
 A falsidade os passos da virtude.

## LXVII.

Aqui da propria côr da natureza  
 As paixoens se revestem, vêm-se os peitos  
 Nos semblantes pintados; a fraqueza  
 Apparece tremendo, os seus effeitos  
 Não encobre a vingança; e com pureza  
 Se annunciaõ despresos, e respeitos,  
 Se manifesta a boa, ou má vontade,  
 Os impulsos do odio, ou da amizade.

## LXVIII.

Aqui se passa o dia sem cuidado ,  
 Aqui a noite sem temor se passa ,  
 No puro , natural , sincero estado ,  
 Que o candido prazer não embaraça :  
 Aqui contemplo o campo matizado  
 De flores naturaes , com tanta graça ,  
 Que o mais habil pincel já mais figura  
 Tantas côres diversas na pintura.

## LXIX.

Vejo nascer a fonte graciosa ,  
 O regato formar , que fertiliza  
 A vilinha campina deleitosa ;  
 Vejo como se augmenta , e formaliza  
 Já ribeira mais grossa , e caudelosa ,  
 E rio em fim , que as margens tyraniza ;  
 Vejo vestir de folha o tronco bruto  
 Brotar a flor , e produzir o fructo.

## LXX.

Vejo das plantas no fecundo seyo  
 Por destra mão aberto subtilmente ,  
 Crescer , sem repugnancia , o ramo alheyo ;  
 Adornar-se de pomo incompetente ;  
 Vejo romper a terra sem receyo ,  
 Pelo curvo instrumento , e brevemente  
 Cobrir de verde a face da lavoura ,  
 Crescer , e fazonar-se a espiga loura.

Vejo



## LXXI.

Vejo das aves, vejo dos insectos  
Os polidos trabalhos regulados  
Por mão da natureza, e tão complectos,  
Que podem ser dos homens invejados;  
Os curiosos ninhos, os secretos  
Artificios dos fios delicados,  
E os exemplos fieis, com que aconselha  
A próvida formiga, a sabia abelha.

## LXXII.

Vejo dos lavradores as fadigas,  
Com agradaveis lucros alternadas;  
Ouço dos pegureiros as cantigas,  
Com sylvestre cadencia moduladas;  
Observo de huns, e de outros as intrigas,  
Sómente a fins honestos ordenadas;  
E me entretenho em ver suas disputas,  
Suas trovas, seus jogos, suas lutas.

## LXXIII.

Eu mesmo, nestes jogos innocentes,  
Nestas disputas vans, rústicas trovas,  
Incito emulação nos combatentes,  
Ministro a seu desvelo ideas novas;  
Elles me ouvem sinceros, e contentes,  
E me rendem de amor gostosas provas,  
Com verdadeiras mostras de respeito;  
Mas deste em seu favor só me aproveito.

Se

## LXXIV.

Se succede talvez que a venenosa  
 Semente da discórdia o fructo puro  
 Opprime da innocencia, se a raivosa  
 Vingança, ou vil cobiça o vulto escuro,  
 Aqui descubrem, logo a cuidadosa  
 Providencia lhe applico, e lhe asseguro  
 A perturbada paz, sem mais violencia,  
 Que mostrar-lhe a razaõ com evidencia.

## LXXV.

Eu reprimo com pura liberdade  
 Os orgulhos de alguns mais atrevidos,  
 Sem valer-me de mais auctoridade,  
 Que dos meus bons desejos conhecidos:  
 Todos sabem, que eu tracto com verdade  
 A todos igualmente; e convencidos  
 Deste conceito, quasi sempre alcança  
 O meu arbitrio a sua confiança.

## LXXVI.

Já mais tomo partido, ou interesse  
 Nos negocios do povo, ou da justiça;  
 Esta respeito, aquelle não merece  
 Os soccorros da luz, que desperdiça;  
 Do poder da razaõ, que não padece  
 Os ultrajes da força, ou da cobiça,  
 Sómente me auctorizo, e neste estado  
 Vivo contente, vivo socegado.

Mas

## LXXVII.

Mas hum homem , que pensa nobremente ,  
 Responde o Defensor , não imagina  
 Ser nascido no Mundo simplesmente ,  
 Para viver inutil ; nẽm destina  
 Os seus talentos ociosamente  
 A passar sem cuidado : a honra enfina ,  
 Que a Patria , que nos deu o nascimento ,  
 Pedé de nós hum zêlo mais attento.

## LXXVIII.

A honra , diz Camillo , he sem disputa  
 Inimiga dô ocio ; mas detesta  
 Não menos as intrigas ; quem escuta  
 Os seus dictames , nunca manifesta  
 Repugnancia a ferver ; mas não tributa  
 Indecencias ao zêlo , e com modesta  
 Diligencia , e trabalho se habilita  
 Para os cargos , mas não os solicita.

## LXXIX.

Na verdade o caracter generoso  
 De huma alma grande , de hum illustre peito,  
 Não se serve do estylo indecoroso ,  
 A que o genio da Corte está sujeito ;  
 Não rende hum culto infame , e vergonhoso.  
 A' lisonja ; não vota o seu respeito  
 A's imagens indignas da vaidade ;  
 Do favor , do poder , da dignidade.

Naõ

## LXXX.

Não se sujeita á cega irreverencia  
 De incensar a perfidia , a tyrania ,  
 A vil ingratitude , a insolencia ,  
 A torpeza , o engano , a hypocrefia ;  
 Não se abate aos excessos da indecencia  
 De adular a familia , a companhia ,  
 E servos dos Ministros ; e sem isto  
 Ninguem pode dos Grandes ser bemquisto .

## LXXXI.

Eu affizí na Côrte de Fernando  
 Alguns annos com firme pensamento  
 De render-lhe serviço , acreditando  
 A virtude por base , e fundamento ;  
 Mas o tempo me foi defenganando ;  
 E depois de maior conhecimento ,  
 Vi , que a virtude , a honra , e probidade  
 Não servião allí de utilidade .

## LXXXII.

O favor cegamente dispensava  
 Os despachos , e graças , sem respeito  
 A costumes , ou prendas : quem lograva  
 Alguma protecção , tinha direito  
 A quantas pertençaens sollicitava ,  
 Quem a não tinha , estava no conceito  
 De inutil , e incapáz dos beneficios ,  
 Dos empregos , das honras , dos officios .

## LXXXIII.

As intrigas , funesta consequencia  
 De hum Governo remisso , e descuidado ;  
 Grassavaõ sem limite , e da indecencia  
 Das illusoens o Solio era cercado :  
 A vil mentira , a cega complacencia ,  
 A servil sujeiçãõ , o descarado  
 Fingimento , e ambiçãõ mais importuna  
 Eraõ só os degrãos para a fortuna.

## LXXXIV.

O meu genio fiel , sincero , e puro ;  
 Apaixonado amante da verdade ,  
 Não podia firmar passo seguro  
 Neste abismo de horror , e falsidade ;  
 Perdi-me sempre neste engano escuro ,  
 Por seguir da razaõ a claridade ,  
 Fui desprezado , e hoje não me pêsã  
 Desse desprezo , e desta fingeleza.

## LXXXV.

Venturoso mortal , que sem inveja ;  
 A tua sorte julgas por ditosa !  
 Exclama o Defensor , o Céu te seja  
 Sempre propicio ; o teu socego goza ,  
 Pois que tanto te agrada : em ti se veja  
 Na constante alegria , e pas formosa  
 Hum exemplo feliz , de que a ventura  
 No desprezo das honras se assegura.

## LXXXVI.

Isto dizendo ; n[os] robustos braços  
 Aperta de Camillo o puro peito ,  
 E lhe assegura nestes doces laços  
 Hum eterno penhor do bom conceito :  
 Communica-lhe os grandes embaraços ,  
 A que o seu nobre emprego está sujeito ,  
 E no resto da noite largamente  
 Discorrem no passado , e no presente.

## LXXXVII.

Mas apenas os nitidos fulgores  
 Da matutina luz se divisárao ,  
 E das aves os musicos clamores ,  
 A chegada da Aurora annunciárao ,  
 O grande Defensor , a quem maiores  
 Pensamentos o sono embaraçarao ,  
 Despedir-se pertende , o beneficio  
 Agradecendo do sincero hospicio.

## LXXXVIII.

Quiz Camillo fazer-lhe companhia ;  
 Mas o Varao illustre o nao consente ;  
 E partindo com mostras de alegria ,  
 A Coimbra caminha diligente ;  
 Mas occupada a clara fantasia  
 Das rasoens de Camillo , e da prudente  
 Conducta , com que a sua independencia  
 Dominava do fado a influencia.

## LXXXIX.

Contemplando nos sustos, e cuidados,  
 Nos perigos, e riscos furiosos,  
 Nos trabalhos frequentes, e pesados,  
 Nos precipicios varios, e espantosos,  
 A que estavaõ sujeitos, e obrigados  
 Os seus grandes projectos gloriosos,  
 E na triste inconstancia dos successos  
 A pesar dos mais prosperos progressos;

## XC.

Hum pouco commovido, e vacilante  
 Nas illustres ideas, que tractava  
 No grande pensamento; e que a brilhante  
 Influencia da gloria lhe inspirava,  
 Comfigo mesmo incerto, e a cada instante  
 Mais duvidoso o ponto disputava,  
 Se devia seguir a fama incerta,  
 Ou buscar do socego a porta aberta;

## XCI.

E fatigado destes pensamentos  
 Se entregou de Morfeo nos doces braços  
 Entre quatro carvalhos corpulentos,  
 Do Sol ardente frescos embaraços;  
 Mas o Genio, que tracta dos augmentos  
 Da gloria Portugueza, e sempre os passos  
 Observa do Varaõ, a quem presente  
 Acompanha, e soccorre diligente.

Em

## XCII.

Em sonhos lhe apresenta o vulto amado  
 Do terno Affonso, fructo deleitoso  
 Dos amores de Ignez, acompanhado  
 De outro vulto, mas feyo, e pavoroso ;  
 Estava o claro Infante ameaçado  
 Dos ultrajes do monstro indecoroso ;  
 E quando no seu risco se affligia ,  
 Huma vóz escutou, que assim dizia.

## XCIII.

Se te não move a gloria promettida  
 A' nobre descendencia, que o Ceo claro  
 Te destina; mas hoje conhecida  
 Não póde ser de ti; se em seu amparo  
 Não queres arriscar a fragil vida ,  
 Os vaons prazeres, o focego avaro ,  
 Mova-te o Filho, que aqui vêz presente ,  
 Que a sórte tem da tua dependente.

## XCIV.

Com elle o fado liberal se ostenta ,  
 Se tu mesmo não frustras as bonanças ;  
 Pois que nelle, e seus filhos accrescenta  
 A firmeza das Lusas seguranças ;  
 Na sua descendencia o Ceo sustenta  
 A Portugal segundas esperanças  
 De liberdade contra o vaõ projecto  
 Do poder Hespanhol já mais completo.



## XCV.

Outro Jeão não menos venturoso  
 Delle procederá, que o Trono Luso  
 Há de livrar do jugo injurioso,  
 Do tyrano poder já nelle intruso;  
 Mas em quanto no Solio poderoso  
 Não for do teu Affonso o sangue incluso;  
 Não menos gloria a sorte lhe prepara  
 De Bragança na Casa sempre clara.

## XCVI.

Esta será não só na Lusa terra;  
 Mas nos Reynos estranhos respeitada  
 Com quantas preeminencias goza, e encerra  
 A grandeza mayor, mais elevada;  
 Esta sempre será na paz, na guerra  
 Com egrejos Varoens condecorada;  
 Mas para acreditar o seu destino  
 Basta sómente o grande Constantino:

## XCVII.

Constantino, por quem o Indo espera,  
 Damaõ se affusta, treme o Reyno injusto  
 De Jafanapataõ, por quem se altera  
 O Gentio feróz, o Mouro adusto;  
 A cega geraçaõ, a gente féra,  
 Que os Altares confagra a torpe busto;  
 A quem ha de ensinar no desperdicio  
 A pia execraçaõ do sacrificio.

## XCVIII.

Vê tu, se queres, no socego indigno  
 De huma vil inacção, indecorosa,  
 Frustrar tanto favor do Céu benigno,  
 Mal lograr tanta fama gloriosa:  
 Esse que vês alli Monstro maligno,  
 Que ameaça de Affonso a luz mimosa,  
 He o triste Descuido, que a ventura  
 Mais brilhante converte em sombra escura.

## XCIX.

Segue agora, se queres, seus dictames  
 Em desprezo da gloria concedida,  
 E do vil ocio nas prisoes infames  
 Consume tristemente a chara vida;  
 Mais Defensor da Patria te não chames,  
 Nem da prole te lembres promettida,  
 Se tanto teus desejos lisonjea  
 Huma triste inacção escura, e fea.

## C.

Calou-se a voz: os vultos apparentes  
 Se desvanecem, qual a sombra escura  
 Se desfáz entre os rayos refulgentes,  
 Na presença do Sol, ou da luz pura,  
 O Varaõ despertou; mas taõ presentes  
 As fingidas imagens lhe figura  
 A fatigada idêa, que acordado  
 Inda busca de Affonso o vulto amado.

## CI.

E supposto que em fim se defengana  
Ser tudo sonho , tudo fingimento ,  
Nem por isso do fusto a dôr tyrana  
Em páz lhe deixa o claro pensamento ;  
Já lhe parece , que o valor profana  
Com brandas illusoens de abatimento ,  
Já se accusa de froxo ; porque déra  
Attenção de Camillo á voz sincera.

## CII.

E de novo nas chamas abrazado  
Do desejo da gloria , e fama eterna ,  
Que he quem sempre no risco mais pesado  
Os pensamentos dos Heróes governa ,  
Naõ soffrendo demoras no cuidado ,  
Que lhe accrescenta inspiração superna ,  
Monta a cavallo , e cheio de ousadia  
A' risonha Coimbra os passos guia.

*FIM DO CANTO VIII.*



# A LIBERDADE.

## CANTO IX.

### ARGUMENTO.



**C**ONGREGADOS os Prelados ; a Nobresa , e os Procuradores dos Povos , e junta a Nação em Cortes , João das Regras famoso Jurisconsulto faz huma larga falla ao Congresso , em que explica os principios da Sociedade Civil , a origem do Poder Soberano , as diversas qualidades delle as várias Constituições dos Estados , e a particular de Portugal. Mostra que este Reyno he de legitima successão ; mas pertende provar , que não ha legitimos Successores dos ultimos Reys , que devam justamente pertender a Coroa Portugueza. Para isto impugna o Direito do Rey de Castella , e da Raynha sua Mulher : intenta mostrar , que esta

esta não he Filha legitima do Senhor Rey D. Fernando, pela nullidade do casamento de sua Mãe, e por outras razões: que esta Princeza não he legitimamente casada com El-Rey de Castella; e que no caso de faltarem todas estas nullidades, tinhão perdido aquelles Reys toda a justiça, que podessem ter á successão de Portugal, pelos mesmos Traçados, em que fundavaõ a sua pertençaõ; pois haviaõ saltado ás condiçoens ajustadas, e incorrido nas penas, que elles mesmos se impozerão. Depois pretende o Doutor provar, que os Principes Filhos da Senhora D. Ignez de Castro, não forão legitimos Filhos do Senhor Rey D. Pedro, e para isto intenta impugnar a realidade do casamento dos Pays, e mostrar, que ainda no caso de ter sido effectuado, seria nullo o tal casamento; tirando por conclusãõ de todo o seu discurso, que o Trono Portuguez se acha verdadeiramente vago, que o direito de eleger Rey pertence aos Povos, e que o Estado alli congregado pôde eleger a seu arbitrio. Depois aponta as bellas qualidades, e prendas do Defensor, as obrigaçoens, que lhe deve o Reyno, e as esperanças, que nelle pôde fundar. A mayor parte do Congresso parece aplaudir esta opiniaõ; porem Martim Vasques falla a favor dos

dos Filhos da Senhora D. Ignez com valente resolução, e se alteraõ taõ variamente os animos, que nada se póde rezolver por aquellã vez. Em tanto o Genio infernal, vendo a occasiã opportuna, se vale da Discordia para que vã perturbar as idéas do Congresso. Falla a Discordia a Martim Vasques, e havendo inflãmado o coração de Vasques, e seus partidarios, passa a commover o peito do grande Nuno, a quem irrita de sorte, que projecta matar a Vasques, e para isto falla ao Defensor, que detesta similhante proposta, e o reprehende de taõ baixo pensamento. Ajunta-se de novo o Congresso, e se embarça cada vez mais a duvida; mas chegando a fallar Affonso Domingues de Aveiro; Procurador de Coimbra, pondéra as razões de hum, e outro pártido; abona humas, e impugna outras; considera o estado presente do Reyno; e mostra finalmente a precisaõ indispensavel de eleger hum Rey, e que este deve ser o Defensor.







# A LIBERDADE

## CANTO IX.

### I.

**J**A' promptos em Coimbra os Deputados  
 Das Cidades, e Villas mais famosas,  
 Os Fidalgos, os Grandes, os Prelados,  
 E da Plebe as pessoas mais zelosas,  
 Em fórma de Comicios congregados,  
 Quaes de Roma nas eras gloriosas,  
 Se dispunhaõ com brava confiança  
 A regular do Reyno a segurança.

Di-

## II.

Dizia-se com plena liberdade,  
 Que o Trono estava vago; que o direito  
 De conferir a Regia Dignidade  
 Era proprio do Estado, e que em defeito  
 Da legitima antiga auctoridade,  
 Aquem o Reyno todo era sujeito,  
 O poder, que dos Povos procedera,  
 Aos mesmos outra vez se revertera.

## III.

Destas grandes idéas possuidos,  
 E do zêlo da gloria Portugueza,  
 Ou de occultos influxos commovidos,  
 Com que animava o Céu a dura empreza,  
 Em severos Juizes erigidos,  
 Da pertençaõ mais alta da grandeza,  
 Os Povos inquietos fluctuavaõ  
 Sobre a nova eleiçaõ, que meditavaõ.

## IV.

Huns nos Filhos de Ignez justiça bella  
 Descobriaõ, com fórtes fundamentos;  
 Outros tem na Raynha de Castella  
 Occupados os altos pensamentos;  
 Huma parte da gente se desvela  
 Em frustrar da contraria os argumentos;  
 Mas os mesmos partidos mais oppostos  
 No Defensor os olhos tinhaõ postos.

Che-

## V.

Chegado em fim o tempo, em que devia  
 Disputar-se a questaõ publicamente  
 Na Assembleia geral, que pertendia  
 Ser Tribunal no caso competente ;  
 Joaõ das Regras, Varaõ em quem se unia  
 Huma vasta sciencia ao mais patente  
 Zêlo pela Naçaõ, com firme aspecto,  
 Assim rompe o mysterio do projecto.

## VI.

Fortíssimos Varoens, em quem o nobre  
 Amor da Patria, e publico interesse  
 Taõ constante, taõ puro se descobre,  
 Que as antigas façanhas escurece ;  
 Se hum peito fraco, se hum discurso pobre  
 De hum Cidadãõ fiel, que reconhece  
 Os seus devêres, e prezar protesta  
 O nome Portuguez, vos naõ molesta.

## VII.

Permitti, que eu exponha sem disfarce ;  
 A's vossas atençaõs, o defamparo,  
 Em que o Reyno se observa, se explicar-se  
 He necessario hum mal, que está taõ claro ;  
 Ponderemos se póde acautelal-se  
 O tyrano rigor do fado avaro,  
 Que parece destina a Lusã gloria  
 A perder-se das gentes na memoria.

Vos

## VIII.

Vós sabeis todos , nem alguém duvida ,  
 Que todo o corpo para ser perfeito ,  
 Cabeça deve ter , em que rezida  
 De reger os mais membros o direito ;  
 Este corpo , que Estado se appellida ,  
 Segue a regra geral , e no conceito  
 De Politico Corpo , huma cabeça  
 Precisamente he força , que conheça.

## IX.

Em quanto os homens poucos , e grosseiros  
 Viverão livres , e sem ley , formava  
 Cada Familia hum Corpo , e dos primeiros  
 Respeitos , como Chefe , o Pay gozava ;  
 Porém logo depois que os verdadeiros  
 Principios da Policia , a gente brava  
 Conheceo com mais luz , foi necessario  
 Novos Corpos formar por modo vario.

## X.

Nelles todos os membros congregados  
 Em commum beneficio mutuamente ,  
 Para serem servidos , e abonados  
 Huns dos outros , em fórma competente ,  
 Nos illustres objectos occupados  
 De huma vida civil , conveniente  
 A' doce condição de gente amiga ,  
 Foi preciso alterar a regra antiga.

## XI.

O receyo dos riscos imminentes ,  
 A' triste solidão , falta de amparo ,  
 Na soberba cruel dos insolentes ,  
 Na vil cobiça de hum visinho avaro ,  
 Nas impunes acçoens dos delinquentes ,  
 Nos insultos , e fraudes , sem reparo ,  
 Foi a causa primeira , ou fundamento  
 Deste Corpo , ou civil ajuntamento.

## XII.

E sendo indispensavel , que tivesse  
 Hum tal Corpo Cabeça respeitavel ,  
 Que dirigir , que regular podesse  
 Os progressos da vida Sociavel ,  
 Foi preciso , que nella depozesse ,  
 Com pura demissaõ inalteravel ,  
 Cada qual o poder , que possuia  
 Sobre si , sobre os filhos , que regia.

## XIII.

Foi preciso ceder da liberdade  
 Do estado natural , e do direito  
 Da primitiva origem da igualdade ,  
 Que competia a todos , no conceito  
 Procedido da propria dignidade  
 De homens livres , fazendo mais perfeito  
 Aquelle sacrificio a nobre idéa  
 De abonar mutuamente a forte alhea.

Da

## XIV.

Daqui vem o poder illimitado  
 Das Republicas , Reys , Imperadores ;  
 E de outros Chéfes de qualquer estado  
 Reconhecidos nelle por Senhores ;  
 Com qualquer destes nomes respeitado  
 O supremo poder dos Regedores  
 Constitue a Cabeça veneravel  
 De todo, e qualquer Corpo Sociavel.

## XV.

Esta Cabeça, ou seja simplesmente  
 Hum só homem, ou sejaõ mais unidos  
 No supremo Poder independente,  
 Hé quem governa os membros repartidos :  
 Sem ella não se anima a competente  
 Aura vital dos Reynos mais luzidos,  
 Sem ella os membros de qualquer Estado  
 Tem todo o seu vigor defalentado.

## XVI.

Nella consiste a força Soberana,  
 Que premea, castiga, e determina  
 As acçoens principaes da especie humana,  
 Que a viver civilmente se destina ;  
 Nella tem protecção a vil cabana,  
 O Palacio dourado, a seda fina,  
 O rustico burél, o pastor pobre,  
 O Ministro, o Soldado, o Grande, o Nobre.

Del

## XVII.

Della depende toda a economia  
Do Politico Corpo, que descança  
Na sua providencia, e lhe confia  
Os cuidados da propria segurança ;  
Ella goza o Poder, que competia  
A todos geralmente, e que a esperanza  
De ser mais justamente praticado,  
Lhe fez ceder por bem de todo o Estado,

## XVIII.

Esse grande Poder foi conferido  
Variamente, conforme a natureza  
Do Governo ; por muitos repartido,  
Ou entregue á prudencia, e fortaleza  
De hum só homem ; só deste possuido ;  
Ou vinculado com maior firmeza,  
Na sua descendencia, mas constante  
Irrevogavel, firme, e dominante.

## XIX.

Os que tem só por annos, ou por vida  
Este Poder, e fica dependente  
A successão da honra concedida,  
Dos suffragios do Povo novamente,  
São Cabeça do Estado conhecida ;  
Mas no termo prescripto simplesmente ;  
Passado o qual, o Povo tem direito  
A pôr no seu lugar qualquer sujeito

## XX.

Os que alcançaõ aquella dignidade  
 Por successaõ, e gozaõ do direito  
 De transmittir a summa auctoridade  
 A' sua descendencia, sem respeito  
 A suffragios do Povo, a faculdade  
 Tem de imperar seguros no conceito,  
 De que devem achar nos seus Estados  
 A mesma sujeiçaõ, que os seus passados.

## XXI.

Deste numero saõ os gloriosos  
 Monarchas Portugueses sem disputa;  
 A cujo sangue os cultos respeitosaes  
 Da fé mais pura o nosso amor tributa;  
 A legitima prole dos famosos  
 Reys primitivos, sem questaõ, desfructa  
 O Governo do Estado; mas agora  
 Em confuzaõ mais triste se labora.

## XXII.

Qual seja aquella prole, ou se em verdade  
 Hoje alguma se dá, que justamente  
 Se attribua taõ alta qualidade,  
 He o ponto da duvida presente:  
 Eu direi o que sei, com liberdade;  
 Com ella cada qual diga o que sente,  
 Que em materia taõ grave não he justo,  
 Que se attenda amizade, ou odio, ou susto.  
 Por



## XXIII.

Por morte de Fernando, extincta a linha  
Dos augustos Varoens, a quem fiado  
O leme do Governo o Reyno tinha,  
Do grande Affonso o sangue venerado;  
Resta só de Castella na Raynha,  
Ou nos filhos de Ignez; porém manchado  
Com sombras taes, defeitos taõ patentes,  
Que pouco, ou nada abona os pertendentes.

## XXIV.

No que tóca á justiça da primeira,  
Por Filha de Fernando, he cousa clara,  
Que ella fora a mais certa, e verdadeira;  
Se dignamente della se abonára;  
Ser a Filha dos bens do Pay herdeira  
Naõ he cousa taõ nova, nem taõ rara,  
Que podesse metter-se em argumento  
A justiça daquelle fundamento.

## XXV.

Mas a sórte fatal desta Princeza,  
Digna de melhor Mãy, melhor Marido,  
Lhe embaraça o direito, que á grandeza  
Da sua qualidade era devido:  
Ella o perde primeiro na incerteza  
De legitima Filha haver nascido,  
E depois no Conforcio incestuoso,  
Que contrahio com inconcesso Esposo.

Que

## XXVI.

Que a Raynha de Hespanha se não deva  
Legitima dizer, he tão patente,  
Que duvido, que alguém já mais se atreva  
Hum ponto a contestar tão evidente;  
Não será necessario, que se escreva  
Dilatado papel, ou que eloquente  
Orador, com discursos elegantes,  
Manifeste verdades tão constantes.

## XXVII.

Vós Senhores sabeis, que o casamento  
De Fernando só teve na apparencia  
O Sagrado valor de Sacramento,  
Sendo hum simples rebuço da violencia;  
O cego amor, que fez o fundamento  
Deste absurdo fatal, desta indecencia  
Romper podia as Leys; mas não podia  
Legitimar á força, que fazia.

## XXVIII.

A Raynha no tempo, que Fernando  
Por Mulher a tomou, era casada,  
E bem claro se mostra, que durando  
O primeiro Conforcio, embaraçada  
Para segundo estava, e que abusando  
O Rey do seu poder, contra a jurada  
Fé do laço Sagrado, escurece-lo  
Podia sim, mas nunca dissolve-lo.

## XXIX.

Ser casada a Raynha he taõ constante,  
 Taõ notorio, taõ certo, e taõ sabido,  
 Que naõ creyo, que alguẽm haja ignorante  
 De hum taõ publico facto; e se arguido  
 Foi de alguns, como nullo, e repugnante  
 A's Canonicas Leys, por contrahido  
 Entre parentes; estes dispensados  
 Foraõ da Santa Sé nos grãos vedados.

## XXX.

Naõ fallo do pretexto impertinente  
 De naõ ser consumado este Contracto,  
 Que a Raynha affectou asslutamente  
 Por fazer seu amor ao Rey mais grato;  
 Pois Alvaro da Cunha aqui presente,  
 Fructo deste Conforcio, o mais exacto  
 Testemunho he daquella circumstancia,  
 Abonaça do Pay sem repugnancia.

## XXXI.

Mas quando ser podesse dissolvido  
 O primeiro Contracto, ou Sacramento,  
 O que ser naõ podia, he bem sabido,  
 Que restava com tudo impedimento:  
 O primeiro Marido conhecido  
 Primo de ElRey, fazis o casamento  
 Segundo incestuoso, e mal podia  
 Hum taõ torpe Contracto ter valia.

Podé-

## XXXII.

Podéra accrescentar á nullidade  
 Daquelle Matrimonio algum defeito  
 Na Princeza, que a pouca lealdade  
 Da Mãy descobre; mas no meu conceito  
 Não tem valor a vil malignidade  
 Das calumnias do Povo, e sem respeito  
 A torpes detracçoens, direi sómente  
 Os defeitos do laço incompetente.

## XXXIII.

O Rey de Hespanha Tio em gráo terceiro  
 Era desta Princeza, nem podia  
 Contrahir Matrimonio verdadeiro  
 Taes parentes, que bem se conheciaõ;  
 E supposto, que o voto lisongeiro  
 Dos que aquelle Conforcio defendiaõ,  
 Allegue a seu favor certa dispensa,  
 Nada pôde servir-lhe de defensa.

## XXXIV.

Esta graça não he de algum proveito  
 Para a firmeza do Sagrado laço,  
 Porque falta o poder, falta o direito  
 Em quem soltar queria este embaraço;  
 O legitimo Papa, que o defeito  
 Só podia emendar com forte braço,  
 Armado do poder do Omnipotente,  
 Nem dispensou, nem se lhe fez patente.

Do

## XXXV.

Do intruso Antipapa aquella graça ;  
 Ou fantástico indulto foi firmado,  
 Porque aquelle Monarcha por desgraça  
 Se fez seu partidario declarado ;  
 E bem longe de que ella satisfça  
 Aquelle impedimento ponderado,  
 Outros novos lhe argúe, e manifesta  
 Contra o direito, que orgulhoso attesta!

## XXXVI.

O mesmo Papa em pena deste crime,  
 E do Scisma nefando, que protege  
 Este Principe cego, nos exime  
 Da sua sujeição ; e como herege  
 Nos seus proprios Estados lhe supprime  
 O dominio supremo, com que rege  
 Erradamente os Povos ; mas tractemos  
 Das queixas pessoas, que delle temos,

## XXXVII.

Das infollencias fallo ; que soffrido  
 Temos deste perjuro Rey de Hespanha  
 Inimigo do Estado, e conhecido  
 Como tal no theatro da Campanha ;  
 Elle fóra por nós sempre excluido  
 Só por Principe ser de gente estranha ;  
 Mas as suas acçoens abominaveis  
 Nos ministraõ razoens mais respeitaveis.

## XXXVIII.

Este Principe injusto , ambicioso  
 Despresador das Leys , e da verdade ,  
 Inquieto , feróz , duro , e orgulhoso ,  
 Sem fé , religião , nem probidade ,  
 Instrumento tem sido rigoroso  
 Das desgraças de toda a qualidade ,  
 Que chora a nossa Patria , e com que affusta  
 A nossa liberdade a sórte injusta.

## XXXIX.

Todos vós testemunhas oculares  
 Sois das promessas , sois dos juramentos  
 Tributados na face dos Altares ,  
 A's condiçoens , que foraõ fundamentos  
 Do contraçto dotal : vós pelos ares  
 Levar os vistes dos ligeiros ventos ,  
 Vós vistes converter em tyrania  
 As esperanças doces da harmonia.

## XL.

Nos Contraçtos solemnes celebrados  
 Nas nupcias deste Rey , e da Princeza ,  
 De que elle quer , que sejaõ derivados  
 Os direitos , que ostenta com fereza ,  
 Expressamente foraõ declarados  
 O tempo , as condiçoens , à natureza  
 Da successão do Reyno , a qualidade  
 Do Dominio , governo , e auctoridade.

## XLI.

O mesmo Rey com grandes aparatos  
 Na presença do Augusto Sacramento  
 Duas vezes firmou estes contractos,  
 Com Sagrado solemne juramento,  
 Elle se impoz, nos termos mais exactos;  
 A pena deperjuro, e perdimento  
 De todos seus direitos, se algum dia  
 Faltasse ás condiçoens, que promettia.

## XLII.

Qué tem faltado a todas, alterando  
 O tempo, a fórma, e ordem promettida;  
 Desde a morte funesta de Fernando,  
 He verdade patente, e bem sabida:  
 Todo o Reyno opprimido está clamando  
 Contra tanta insolencia commettida,  
 Porém bastava a guerra, que tem feito  
 Para perder de todo o seu direito.

## XLIII.

Por ella tem perdido não sómente  
 Esse direito, se algum teve antigo;  
 Mas incorrido rigorosamente  
 Nas penas, que se impoz para castigo;  
 Ellas são muitas; mas presentemente  
 Basta só dever ser por inimigo  
 Conhecido do Estado, e reputado  
 Perjuro inhabil, falso, e reprovado.

## XLIV.

Resta ver se a justiça favorece  
 Mais os filhos de Ignez , e Pedro Augusto ,  
 Em quem parte do Povo reconhece  
 A' successão direito claro , e justo :  
 He bem certo , que nelles resplandece  
 Dos Lusos Reys o fangue , e que o robusto  
 Sexo lhe dá mais firmes fundamentos ,  
 Para abonar aquelles pensamentos.

## XLV.

Mas o triste problema , em que labora  
 O matrimonio da infelice Dama ,  
 Menos solida , e firme faz agora  
 Aquella opiniaõ , que o Povo acclama ;  
 Eu reconheço , nem alguem ignora ,  
 Que o Rey o attestou ; porém a fama  
 Em contrario , tem provas tão valentes ,  
 Que abona bem as duvidas presentes.

## XLVI.

ElRey posto que Rey , era sujeito  
 A naturaes paixoens da humanidade ,  
 De que não vive izento o grande peito  
 Dos mais claros Varoens na herocidade ;  
 Amor , como sabeis o tinha feito  
 Commetter erros de alta qualidade ,  
 E não lhe offende o culto reverente  
 Examinar o caso attentamente.

Em



## XLVII.

Em dois pontos consiste o fundamento  
 Da disputa, que deve examinar-se,  
 Hum se foi certo aquelle casamento,  
 Outro se sendo, deve bom julgar-se;  
 Na balança do nosso entendimento  
 Com prudente exacção, devem pesar-se  
 As razões com que impugna, ou favorece,  
 Qualquer destas questões, quem as conhece.

## XLVIII.

No tempo, que do Reyno o duro freyo  
 Affonso Pay de Pedro moderava,  
 Quando o Principe amante o terno feyo  
 A' mais viva paixão sacrificava,  
 Tendo o prudente Pay algum receyo  
 De que este amor do Filho (que já dava  
 Escandalo no Reyno) ter podesse  
 Raiz, que ser cortada não devesse.

## XLIX.

Em seu nome mandou dois Conselheiros,  
 Hum dos quaes he Pacheco, aqui presente,  
 A saber os progressos verdadeiros  
 De huma paixão tão céga, e tão vehemente;  
 E ponderando aquelles mensageiros  
 A materia da duvida presente,  
 Como ponto, do qual dependeria  
 A conducta, que o Pay tomar devia.

Na

## L.

Na presença do Príncipe amoroso  
 Com instancias, e rogos porfiados,  
 A certeza do caso duvidoso  
 Pedirão pelo Rey auctorizados;  
 Mas prevendo, que o Filho receoso  
 De occasionar desgostos mais pesados,  
 Poderia por susto, ou por cautela  
 Occultar a verdade, ou parte della.

## LI.

Lhe attestáraõ debaixo da firmeza  
 Da palavra Real, que o Pay faria  
 Tractar a bella Ignez como Princeza,  
 Se por sua mulher a conhecia;  
 Que a sincera verdade com certeza  
 Saber delle sómente pertendia,  
 Para bem regular os seus projectos,  
 E socegar rumores indiscretos.

## LII.

Mas a pesar daquella segurança,  
 A pesar dos impulsos da ternura,  
 Que podéra vencer-se da esperança  
 De lograr o seu gosto em paz mais pura,  
 O Príncipe inflexivel na bonança,  
 Como nos riscos da fortuna escura,  
 Não só negou aquelle casamento,  
 Mas que já mais tivesse hum tal intento.

Vede

## LIII.

Vêde pois, como pôde accreditar-se  
O que depois de Rey quiz dar por certo,  
Pertendendo com sustos desculpar-se,  
De ter hum caso tal sempre encoberto;  
Se este susto podesse concordar-se  
Com as feyas acçoens, que em campo aberto  
Obrou contra seu Pay, ao menos fora  
Mais verosimil esta escusa agora.

## LIV.

Mas hum filho que pôde sem receyo,  
Tomar as armas, declarar a guerra  
Contra o Pay, contra o Rey, romper o freyo  
Das regras todas, que o dever encerra;  
Ostentar de inimigo o nome feyo,  
Devastar cruelmente a Patria terra,  
Naõ se atreve a dizer, que está casado,  
Porque teme do Pay o triste enfado?

## LV.

E que razoens de susto, ou de embaraço,  
Depois de morto Affonso, haver podia,  
Para naõ publicar o Santo laço  
Se legitimo, e firme o conhecia?  
Em tres annos naõ teve hum Rey espaço  
Para tratar materia, que pedia  
Taõ prompta providencia? Naõ lhe dava  
Cuidado a prole, que taõ terno amava?

## LVI.

Só quasi já no fim de quatro annos  
 Depois que o Regio Ceptro manejava  
 Se lembrou este Principe dos damnos,  
 Que esta triste incerteza occasionava;  
 E corrida a cortina dos arcanos,  
 Que do publico os olhos assombrava,  
 Foi facil de provar o casamento  
 Com alheios, e proprio juramento.

## LXVII.

Porém, que vale aquella diligencia  
 No juizo dos homens mais prudentes?  
 Que se póde julgar da inconsequencia  
 Das mesmas asserçoens dos assistentes?  
 O Rey diz, que não tem certa sciencia  
 Do dia, nem do mez: hum dos presentes  
 Affirma com certeza, que sabia  
 Ser de Janeiro no primeiro dia.

## LVIII.

Ora vede, que dia, e que successo  
 Para ser esquecido, ou mal notado!  
 O dia o mais solemne, o mais expresso,  
 O successo o mais digno de cuidado;  
 Quem credulo será com tanto excesso,  
 Que em taes contradicçoens embarçado,  
 Não duvide da fé daquella prova,  
 Que a suspeita não tira, sim renova.

Mas

## LIX.

Mas nem pôdia ser solidamente  
Celebrado o Conforcio pertendido,  
Porque o Principe augusto era parente  
Da contrahente esposa em gráo prohibido:  
Era seu Tio, e era juntamente  
Seu Compadre, e no caso de haver sido,  
Seria sempre nullo o desposorio,  
Por mais que fosse certo, e bem notorio.

## LX.

Nestes termos extincta a descendencia  
Do grande Affonso, he certo, que o direito  
De dar ao Trono nova providencia,  
He só propria do Estado; e que Sujeito  
Pode mais merecer a preferencia  
Dos affectos, do gosto, e do respeito  
Dos Póvos, doque o mesmo, que tem sido  
Por Defensor do Reyno conhecido.

## LXI.

Vós todos conheceis o grande alento;  
O nobre coração, o zelo puro,  
O genio doce, o claro entendimento,  
O constante valor; o braço duro,  
A justiça, a piedade, o sofrimento,  
O generoso amor, e bem seguro  
Deste illustre Varaõ, que em nosso amparo  
De si tem dado testemunho claro.

Vós

## LXII.

Vós sabeis , que por nós tem padecido  
 Trabalhos grandes , riscos horrorosos ,  
 Que nos tem governado , e dirigido  
 Sabiamente nos casos duvidosos ;  
 Sabeis , que em suas veias transmittido  
 Dura o sangue dos Lusos Reys famosos ,  
 E com taes qualidades me parece ,  
 Que os suffragios de todos bem merece.

## LXIII.

Disse , e todo o Congresso alvoroçado  
 Parecia aplaudir gostosamente  
 Aquella opiniaõ ; mas socegado  
 O primeiro rumor da baixa gente ,  
 Martim Vasques , varaõ acreditado  
 Por cortezaõ discreto , e por valente ,  
 Que dos filhos de Ignez , de tempo antigo  
 Fôra sempre fiel , e certo amigo.

## LXIV.

Levantando-se em pé , com fero gesto ;  
 Com impulso arrogante , e mostras de ira ;  
 Inculcando desgosto manifesto  
 Do discurso , que Regras proferira ,  
 Desta sorte fallou : Eu não contesto  
 Do Defensor as prendas ; mas não tira  
 O seu merecimento á minha idéa  
 A luz brilhante da justiça alhea.

## LXV.

Na minha opiniaõ he sem disputa,  
Legitima de Ignez a prole clara,  
E nesta opiniaõ, quanto executa  
Em prejuizo seu a sorte avara,  
Me parece injustiça; quem lhe imputa  
Defeitos nesta parte, ou não repara  
No respeito, que deve á Magestade,  
Ou não quer convencer-se da verdade.

## LXVI.

Alterou-se o Congresso variamente,  
Segundo cada qual favorecia  
Os diversos partidos, que igualmente  
Com razoes bem fundadas defendia;  
E porque o tempo breve não consente  
Decidir-se a questãõ naquelle dia,  
Dissolveo-se a Assembleia, transferido  
Para segundo, o ponto debatido.

## LXVII.

Mas o Genio cruel, que não cessava  
De maquinar desordens, e perigos  
A' gloria Portugueza, e que buscava  
Os meynos de exercer odios antigos;  
Achando agora, como dezejava,  
Defunidos os animos amigos,  
Se propôz conseguir desta porfia  
A ruina total da Monarquia.

Com

## LXVIII.

Com este horrivel pensamento digno  
 Das idéas do Pay da falsidade ;  
 A Discordia buscou , Monstro maligno ,  
 Filha cruel da barbara maldade ;  
 Esta Furia , que o peito mais benigno  
 He capaz de inflamar em crueldade ,  
 Promptamente o soccorre , e sem socego  
 Vôa ligeira ás margens do Mondego.

## LXIX.

Alli Vasques , com grande companhia  
 De parentes , e amigos passeava ,  
 E com elles o ponto conferia ,  
 Que o cuidado de todos occupava ,  
 Cada qual variamente discorria  
 Sobre a questãõ , que Vasques propugnava .  
 E já muitos com zelo descoberto  
 Alguns meyos propunhaõ de concerto.

## LXX.

Quando a feya Discordia se apresenta  
 Na figura de hum velho reverente ,  
 Que no semblante , e no vestido ostenta  
 Apparencias de hum homem penitente ,  
 A companhia nelle achar intenta  
 Conselhos santos , instrucção prudente ;  
 E com animo pio lhe declara  
 O motivo , que alli os ajuntára.

Mas



## LXXI.

Mas a Furia fingindo o zêlo puro ,  
Que detesta no fundo de seu peito ,  
E disfarçando a raiva , e odio duro ,  
Que saõ do seu furor preciso effeito ,  
Desta sorte lhe falla : Eu naõ procuro  
Lizonjear alguém ; o meu conceito  
Tem só por fundamento invariavel  
A justiça , a verdade inalteravel.

## LXXII.

O Trono naõ he vago ; o claro Infante  
Filho de Ignez he Rey por nascimento ;  
Vós naõ podeis faltar á fé constante ,  
Que lhe deveis por justo rendimento :  
Qualquer nova eleição naõ he bastante  
A soltar-vos do firme juramento  
Prestado pelos vossos ascendentes  
Na pessoa de Affonso , aos descendentes.

## LXXIII.

Disse , e cada palavra articulada  
Pela lingua do Monstro furioso ,  
Deixava a companhia invenenada  
Do mais cruel ardor , mais fervoroso :  
Cada qual a favor da confirmada  
Opiniaõ protelta escrupuloso  
De naõ mudar já mais deste conceito ,  
E defender do Principe o direito.

Em

## LXXIV.

Em tanto o monstro fero procurando  
 Completar o projecto abominavel,  
 Nos coraçõens mais nobres derramando  
 O contagio da raiva infaciavel,  
 O grande Nuno busca, que ordenando  
 Andava com desvelo incomparavel  
 Os meynos de attrahir a feu partido  
 O suffragio de Vasques atrevido.

## LXXV.

Na figura de hum bravo Cavalleiro  
 Seu camarada antigo, e confidente  
 Lhe apparece a Discordia, e no guerreiro  
 Coraçãõ lhe ministra a furia ardente;  
 Como pode, lhe diz com tom grosseiro,  
 Soffrer vosso valor, que abertamente  
 Embarasse só Vasques atrevido  
 Do vosso empenho o fructo apetecido.

## LXXVI.

Hum homem só he justo que pertenda  
 Contra nós, contra toda a qualidade  
 De votos, sustentar esta contenda  
 Excitado por propria authoridade?  
 Soffrereis vós, que exponha, e que defenda  
 Outra vez no Congresso a dignidade  
 Dos Infantes, que a sua confiança  
 Legitima com tanta segurança?

Onde

## LXXVII.

Onde está vosso zêlo, e vosso affecto  
 Pelo Mestre de Aviz? Eu não soffrera  
 Deixar engrossar mais este projecto,  
 Se como vós, tão claro procedera:  
 Todos sabem, que o vosso grande objecto  
 He fazer acclamar com paz sincera  
 O Defensor; vós mesmo claramente  
 Fazeis gloria de ser seu confidente.

## LXXVIII.

O Reyno todo alegre, e satisfeito  
 Se dispoem a cumprir nossa vontade,  
 E com mostras de affecto, e de respeito,  
 Todos tem por geral felicidade  
 Esta digna eleição, que por direito  
 O corpo da Nação tem liberdade  
 De fazer em tal caso, nem duvida  
 Alguem desta verdade tão sabida.

## LXXIX.

Só Vasques arrogante he quem disputa  
 A feliz conclusão do nosso intento,  
 E na face de todos executa  
 Tão feroz, tão soberbo pensamento;  
 Porém se elle tão bravo se reputa,  
 Que se julga capaz de dar alento  
 A contrarias facçoens, eu imagino,  
 Que he facil de curar tal desatino.

## LXXX.

Não disse mais ; porém inficionando  
 Com venenoso influxo o peito forte  
 Do constante Varaõ , foi derramando  
 Por outros coraçõens da mesma sorte  
 O contagio cruel , infinuando  
 Nos bellicosos filhos de Mavorte  
 Desconfianças , odios , e vinganças ,  
 E nos Letrados fustos , e mudanças.

## LXXXI.

Confundio-se o projecto , que devêra  
 Os animos unir : já variamente  
 Cada qual discorria ; já não era  
 A gloria Nacional o fim decente  
 Dos cuidados de todos ; já fizera  
 Da Discordia cruel a peste ardente  
 Desmayar com fraqueza , em mais de hum peito  
 Do zelo Portuguez o claro effeito.

## LXXXII.

Nuno vivo por genio , e mal soffrido ,  
 E pela Furia horrenda alucinado ,  
 Vendo nesta inacção quasi perdido  
 O fructo de hum trabalho porfiado ,  
 E julgando , que tudo procedido  
 Era das suggestoens , com que alterado  
 Havia Vasques orgulhoso , e cego  
 Dos ignorantes Póvos o socego.

## LXXXIII.

Com animo feroz , e mal disposto  
 Contra quem pertendia ; que incentivo  
 Era das diſſenções , e do deſgoſto ,  
 Que tanto lhe opprimia o peito altivo ;  
 O Defenſor procura , e tendo expoſto  
 Dos ſeus nobres peſares o motivo ,  
 Deſta ſorte com vivo ſentimento  
 Lhe declara o ſeu bravo pensamento.

## LXXXIV.

Vós , Senhor , conheceis o zelo puro  
 Com que vos ſirvo , com que me intereſſo  
 Na voſſa exaltação ; o bem ſeguro  
 Affecto , a diligencia ; o grande exceſſo  
 Do deſvelo , e attenção , com que procuro  
 Franquear-vos o Trono , que confeſſo  
 Ser premio diminuto ; mas devido  
 A'ſ penas , que por nós haveis ſoffrido.

## LXXXV.

Toda a Nação em corpo congregada  
 A taõ goſtoſo empenho concorria ,  
 E no roſto de todos retratada  
 Brilhava a doce imagem de alegria ;  
 Tudo nesta função bem concertada  
 O mais feliz ſucceſſo promettia ;  
 Hum homem tó de eſpirito imprudente  
 Se oppoem á voz de todos insolente.

## LXXXVI.

Só Vasques arrogante he quem sustenta  
 O partido contrario , ou por excessõ  
 De antigas afeiçoens , ou porque ostenta  
 Altiva independencia : eu vos confesso ,  
 Que o vehemente pesar , que me atormenta  
 Na duvida cruel deste successo ,  
 Me perturba de forte a cega mente ,  
 Que já meos suaves não consente.

## LXXXVII.

Se vós me permittis a liberdade  
 De cortar a raiz deste embaraço ,  
 Eu prometto soltar com brevidade  
 Os duros nexos deste cego laço ;  
 Hum só golpe a fatal ambiguidade  
 Fará desvanecer em breve espaço ;  
 Extincto Vasques , fica sem patrono  
 A facção nova , que vos nega o Trono.

## LXXXVIII.

Profegia a dizer ; mas suspendido  
 Foi pelo claro Heróe , que horrórizado  
 Do projecto por Nuno concebido ,  
 Assim lhe falla firme , e focegado :  
 Eu tenho em todo tempo conhecido  
 O vosso grande affecto , bem provado  
 Com acçoens gloriosas , e de alento  
 Digno do vosso illustre nascimento.

## LXXXIX.

Porém nunca esperei , que vos podesse  
 O zêlo alucinar de tal maneira ,  
 Que em materia tão grave vos fizesse  
 Incauto discorrer com tal cegueira ;  
 Hum homem , como vós tanto se esquece  
 Da virtude , e da gloria verdadeira ,  
 Que pertende abonar o seu partido  
 Por meyo de hum delicto aborrecido.

## XC.

Se eu quizesse abusar do vosso alento  
 Para tão torpes fins , ou consentira  
 Fazer-se o vosso ardor , vil instrumento  
 Da indecente ambição , da feroz ira ,  
 Eu mesmo horrorizado deste intento ,  
 Tão indigno do Solio me sentira ,  
 Que me fora mais pêjo , do que gloria  
 O caracter do Rey , com tal memoria.

## XCI.

O fervoroso impulso , com que inflamma  
 A fiel amizade o vosso peito ,  
 He bem digno de vós , e de quem ama  
 Os deveres do zêlo mais perfeito ;  
 Mas se podesse fer , na vóz da fama ,  
 Injusta causa de hum tão vil effeito ,  
 Seria mancha indigna da grandeza  
 Do vosso coração , e fortaleza.

Bb 2

Hum

## XCII.

Hum taõ noble, taõ puro sentimento  
 Naõ deve produzir huma indecencia,  
 Nem das luzes de hum claro pensamento  
 Podem nascer as sombras da violencia;  
 Se a Naçaõ com geral contentamento  
 Me escolher para Rey, a preferencia  
 Me será sempre grata; mas sómente  
 Sendo prestada voluntariamente.

## XCIII.

Eu naõ pertendo com açoens atrozes  
 Tyranizar da Patria a liberdade;  
 Empreza sô de espiritos ferozes  
 Inimigos crueis da humanidade;  
 Da barbara ambiçaõ as torpes vozes  
 Naõ me illudem já mais; se a dignidade  
 De ser Rey, hum delicto infame custa,  
 Seja Rey, quem do crime naõ se affusta.

## XCIV.

Diffe, e logo de novo congregado  
 O Corpo da Naçaõ, foi novamente  
 O ponto da questãõ examinado  
 Pelos membros do Estado attentamente;  
 O partido maior, mais avultado  
 O Defensor acclama abertamente;  
 Porém Vasques, e todos seus sequazes  
 Se lhe oppoem com razoens muito effiquazes.

Outra



## XCV.

Outra vez o Congresso irresoluto  
Nãõ sabe decidir, e se embaraça ;  
E na triste incerteza o Povo bruto  
Jã maiores defordens ameaça ,  
Da Discordia feroz o genio astuto  
Inspira fedicoens, odios enlaça ,  
E já quasi se applaude do successo ,  
Com que alterado tem todo o Congresso.

## XCVI.

Quando chega a fallar hum Cavalleiro,  
Da famosa Coimbra Deputado ,  
Em quem da vil Discordia o som grosseiro  
Jã mais póde illudir o zêlo honrado ,  
Este Affonso Domingues he de Aveiro ;  
Na Cidade bemquisto, e reputado  
No Congresso por sabio, justo, e forte ;  
E propoem o seu voto desta fórte.

## XCVII.

Da presente materia a gravidade ,  
A grandeza das suas consequencias ;  
A triste confusaõ , a variedade  
Dos affectos, razoens, e diligencias ,  
Com que os mesmos amantes da verdade  
Tem perturbado as suas evidencias ,  
Nos enleaõ de fórte ; que he preciso  
Sobre tudo formar novo juizo.

## XCVIII.

O discurso de Regras , que pertende ,  
 Que o Trono está vacante , em tal supposto  
 Mostra bem , que dos Povos só depende  
 Acclamar Rey , que seja do seu gosto ;  
 Mas as outras razoens , com que defende  
 A certeza daquelle presupposto ,  
 Por mais que sejam todas elegantes ,  
 Não são todas seguras , e bastantes.

## XCIX.

Vasques , que tem diversos pensamentos ,  
 E cabeça se faz de outro partido ,  
 Não explica as razoens , ou fundamentos  
 Porque deve o seu voto ser seguido  
 Guiado só dos proprios sentimentos ,  
 E de antigos affectos commovido ,  
 Quer , que os nobres impulsos da amizade  
 Sejam provas bastantes da verdade.

## C.

O Doutor justamente dá por certo ,  
 Que o direito do sangue só podera  
 Ver-se nos Reys de Hespanha descoberto ,  
 Ou na prole de Pedro , que nascera  
 Da mal lograda Ignez , se longe , ou perto  
 Em qualquer dos projectos não houvera  
 Impedimentos graves , que elle explica ,  
 Patentêa , e suppoem , que justifica.

Mas

## CI.

Mas nem sempre consegue o seu desejo  
Por excesso talvez de diligencia,  
Que até das mesmas luzes o fobejo  
Póde ser embaraço da evidencia,  
Em alguns dos defeitos, eu não vejo  
A pesar dos adornos da eloquencia,  
Aquellas nullidades, que elle aponta,  
E por offensas do direito conta.

## CII.

Por exemplo, quem póde seriamente  
Convencer-se, que hum erro de doutrina  
Deva privar os Reys expressamente  
Dos direitos, que o sangue lhe destina?  
Que seja inaptidão de hum pertendente  
A's honras seculares a ruina,  
Que nos membros da Igreja tem causado  
A cegueira de hum Scisma desgraçado?

## CIII.

Por ventura não são reconhecidos  
Por legitimos Reys hereditarios  
Os Monarchas de França esclarecidos,  
De Navarra, Aragaõ, e outros varios?  
São dos seus Povos menos attendidos,  
Porque são de Clemente partidarios?  
Que tem de ver do Scisma as differenças  
Com o pleito das Regias Successões.

## CIV.

A que fim a noticia indecorosa  
 Dos crimes de Leonor, mal diffarçada  
 Com désttra reticencia industriosa,  
 Só para fer de todos mais notada?  
 A' Raynha não he perniciososa  
 A desordem da Mãy mal reputada,  
 Essa infamia, ou injusta, ou merecida  
 Foi depois da Princeza fer nascida.

## CV.

Similhantes razoens daõ mais idêa  
 De huma céga payxaõ incorrigivel,  
 Desordenada, céga, iniqua, e fea,  
 Que da recta justiça irreprehensivel;  
 E para que he buscar materia alhea  
 Da proposta questaõ, sendo infalivel  
 A justiça dos outros fundamentos,  
 Em que firma o Doutor seus pensamentos?

## CVI.

Quem póde duvidar, que saõ bastantes  
 Para negar no Rey qualquer direito,  
 As nullidades claras, e constantes  
 Dos matrimonios, o geral conceito  
 De inimigo do Estado, as importantes  
 Insolencias, e faltas, que tem feito  
 Nas promessas juradas, nos Tractados,  
 E na fé dos deveres mais Sagrados?

## CVII.

Agora no que toca á prole augusta  
 Da mal lograda Ignez, mais duvidoso  
 Me parece o negocio, e menos justa  
 A sentença, que julga fabuloso  
 O conforcio dos Pays; porque me affusta  
 O respeito de hum Rey taõ glorioso,  
 Taõ justiceiro, e amante da verdade,  
 Como Dom Pedro foi na realidade.

## CVIII.

O Doutor mesmo accusa o juramento  
 Deste Principe augusto, em que declara  
 A certeza daquelle casamento,  
 Que por justos motivos occultára;  
 Elle confessa, que este sentimento  
 Geralmente no Povo se espalhara,  
 E que fora abonado legalmente  
 Com a familia, e Bispo entaõ presente.

## CIX.

Eu naõ fei como provas mais patentes  
 Possaõ dar-se de factos semelhantes,  
 Quando para faze-los evidentes  
 As testemunhas sós foraõ bastantes:  
 Aqui duas depoem, que ambas presentes  
 Foraõ no casamento, ambas constantes,  
 Ambas dignas de fé, hum por honrado,  
 Outro pelo caracter de Prelado.

Que

## CX.

Que importa, q̃ hum se lembre, outro se esqueça  
 Do mez, e dia, se ambas na substancia  
 Do negocio concordão? Que interessa  
 A noticia daquella circumstancia?  
 He possivel, que nella estabeleça  
 Algum homem prudente a repugnancia  
 A' sua fé, notando a identidade,  
 Com que se abona o fundo da verdade?

## CXI.

Mas que necessidade, ou dependencia  
 Há de taes testemunhas, para effeito  
 De reduzir ás luzes da evidencia  
 Este ponto dos doutos no conceito;  
 Depois de ElRey tomar a providencia  
 De attestar pelo modo mais perfeito  
 A certeza do caso, he bem sabido,  
 Que sem mais prova, fica decidido.

## CXII.

Nestes termos, se algum dos dois Infantes  
 Filhos de Ignez, e Pedro aqui se visse,  
 Ou por outras razoes mais importantes  
 Impedido talvez senão sentisse,  
 A pesar dos defeitos mal soantes,  
 Que a malicia insolente presumisse,  
 Este só fora Rey no meu conceito  
 Por todas as razoes do bom direito.

Mas.

## CXIII.

Mas o triste destino, que parece  
 Da desditosa Máy herança escura,  
 Com funestos influxos desvanece  
 Dos claros Filhos a justiça pura;  
 Elle primeiramente lha escurece  
 Nas ínfautas razoens, com que procura  
 Em vida de Fernando desgosta-los,  
 E dos paternos Reynos separa-los.

## CXIV.

Hum delles por altivo, outro obrigado  
 Do temor do castigo merecido,  
 Por hum crime de todos reputado  
 Com o effeito de hum genio enfurecido;  
 Qualquer delles das furias agitado,  
 De hum bellicoso ardor mal entendido,  
 Se expatriou, tomando cegamente  
 As armas contra o Estado, e propria gente.

## CXV.

Nós ouvimos com o ferro vingativo  
 Ferozes affolar nossas Fronteiras,  
 Talar os campos do paiz nativo,  
 Lançar o fogo ás patrias sementeiras;  
 Nós os vimos servindo de incentivo  
 A' Vingança das armas estrangeiras,  
 Ostentar-se no campo varias vezes  
 Inimigos crueis dos Portuguezes.

De:

## CXVI.

Depois de hum erro tal, continuando  
 O triste influxo da maligna estrella,  
 Logo depois da morte de Fernando;  
 Foraõ presos na Côrte de Castella;  
 Alli sem liberdade estaõ chorando  
 A pouca descripçaõ, pouca cautela  
 Da passada conduta; mas sem meyos  
 De evitar, ou romper os grilhoens feyos.

## CXVII.

Odiosos á Patria, e despojados  
 Da propria liberdade, o seu direito  
 A pesar dos principios mais provados;  
 Naõ póde produzir algum effeito;  
 A lembrança dos Povos magoados  
 Inimigos os pinta; e no conceito  
 De captivos, ou presos, a desgraça  
 O caminho do Trono lhe embaraça.

## CXVIII.

O Reyno pede prompta providencia;  
 Que naõ póde esperar de hum prifoneiro;  
 Que em si mesmo, dos ferros na violencia;  
 Naõ póde exercitar dominio inteiro,  
 Conferir-lhe de Rey a preeminencia  
 Fora só confirmar-lhe o captiveiro,  
 E perder sem alguma utilidade  
 Elle, e nós para sempre a liberdade.



## CXIX.

Nestes termos , parece indispensavel  
Eleger outro Rey ; mas se o patente  
Risco geral do Estado he quem louvavel  
Faz esta acção , sem elle incompetente ,  
Naõ he de fórte alguma desculpavel  
Demorar com disputa impertinente  
O remedio de hum damno , que ameaça  
Em qualquer dilação fatal desgraça.

## CXXI.

No Defensor nos dá o Ceo piedoso  
Hum Rey , qual nos convém , do sangue Augusto  
Dos antigos Monarchas , glorioso  
Pelas proprias acçoens , valente , justo ,  
Sabio , pio , prudente , generoso,  
Amante da Nação , forte , e robusto ;  
Se a luz do patrio zêlo he quem nos guia ;  
Acclama-lo devemos á porfia.

*FIM DO CANTO IX.*



# A LIBERDADE.

## CANTO X.

### ARGUMENTO.



*N* quanto nas Côrtes de Coimbra se tractava a disputa sobre a eleição de Rey, o Genio Tutellar de Portugal representa ao Supremo Deos o miseravel estado da Nação, e se queixa de que se empenhem na sua ruina, não só os ordinarios instrumentos do castigo dos Estados, a guerra, e a desuniação; mas que as mesmas Furias do Inferno se conjurem descobertamente, no seu estrago, intentando frustrar as promessas feitas pelo mesmo Deos ao Reyno Portuguez, e supplica efficaçmente á Divindade, que confunda taõ soberbos projectos, e ampare os Portuguezes. Assim o concede o Deos Supremo; e acabando de fallar neste

nesto tempo o Procurador de Coimbra, todo o Congresso applaude o seu parecer, e com gosto geral se acclama o Defensor, Rey de Portugal. Passa o novo Rey ao Porto, toma Guimaraens, Braga, e Ponte de Lima; mas em tanto, que o Rey restaura a Provincia do Minho; entraõ os Castelhanos na Beira, onde fazem damno consideravel, pela defuniaõ dos Cappitaens Portuguezes; mas Pacheco os concorda, e junto com elles desbarata os inimigos. Entra em fim em Portugal El Rey de Castella com poderoso Exercito, e atravessando a Beira, passa a Estremadura. Relaçãõ do Exercito Castelhana. Marcha o novo Rey Portuguez do Minho, e chega a Abrantes, onde faz revista da sua gente. Arrogancias de alguns Portuguezes, e Voto temerario de Vasco Martins de Mello. Encontram-se os Exercitos no Campo de Aljubarrota, e se dá batalha. Acçoens valerosas do novo Rey Portuguez, do grande Nuno, de Vasconcellos, de Almada, e de outros Portuguezes. Foge El Rey de Castella; morre Vasco Martins no seu alcance, triunfa o novo Rey Portuguez, e com esta victoria estabelece firmemente a independencia da Coroa, e a Liberdade de Portugal.

A



# A LIBERDADE

## CANTO X.

### I.

**E**M tanto, sobre o claro Firmamento ;  
 Onde habitão os Genios vigilantes ,  
 A quem foi dado em sorte o regimento  
 Dos Imperios da terra vacilantes ;  
 Lá onde o Deos Supremo o summo assento  
 Poz do Solio Celeste , a quem constantes  
 Assistem sempre os Choros desvelados  
 Dos Espiritos bem-aventurados.

Ce

On-

## II.

Onde os casos mais graves desta vida  
 Se decidem com firme segurança ;  
 Se distribue a fórte concedida ,  
 Ou da triste desgraça , ou da bonança :  
 Na presença tremenda , e apeteçada  
 Do Grande Deos da paz , e da vingança ,  
 O Genio Tutellar do Lusó Estado  
 Assim fallou de zêlo penetrado.

## III.

Omnipotente Pay , principio eterno  
 De toda a natureza , Deos Amavel ,  
 Deos Temivel , Benigno , Brando , Terno ,  
 Justo , Recto , Severo , e Respeitavel ,  
 Deos Unico , e Deos Trino , Rey Supremo  
 Dos Monarchas , Senhor Incontestavel  
 Dos Imperios , por quem os Reys da terra  
 Reynaõ , porquem lhe he dada a páz , e guerra.

## IV.

O Lusitano Estado , que incumbido  
 Me foi por vós , em triste desamparo  
 Sem Cabeça se vê , mal repartido  
 Em diversas facçoens : o Varaõ claro ,  
 Que lhe estava dos fados promettido ,  
 Para digno Monarcha , sem reparo  
 Nos seus grandes talentos , e fadigas ,  
 Contrastado se vê com mil intrigas.

## V.

Não bastáráo as armas Castelhanas ,  
 O furor , e ambição dos inimigos ,  
 Maquinadas traiçoens , forças tyranas ,  
 Successivos trabalhos , e perigos ;  
 Não bastáráo crueis paixoens humanas ,  
 Oppostas pertençaens , odios antigos ;  
 Tambem do mesmo Averno o Genio irado  
 Vem perturbar o Reyno desgraçado .

## VI.

Elle foi suscitar do torpe feyo  
 Das Furias infernaes a venenosa ,  
 Implacavel Discordia , que tem cheyo  
 O coração da gente bellicosa  
 De invencivel ardor , de orgulho feyo ,  
 Contra a gloria da empreza generosa ,  
 Que o zêlo da Nação tinha disposto  
 Para acclamar Monarcha de seu goisto .

## VII.

Se esta empreza , Senhor , he fabricada  
 Contra as ordens da vossa Providencia ,  
 Se he injusta , insolente , ou mal fundada  
 Na ambição , na soberba , e na violencia ,  
 Pague a culpa a Nação mal regulada ,  
 Confunda o máo successo a diligencia ,  
 E sirva o seu castigo de escarmento  
 A qualquer temerario , altivo intento .

## VIII.

Mas se foraõ por mim bem entendidos  
 Vossos altos Decretos adoraveis,  
 Se os Lusos povos devem ser regidos  
 Por proprios Reys, se nelles immutaveis  
 Haõ de ver-se os prodigios promettidos  
 A' pro genie de Affonso, e se culpaveis  
 Naõ saõ nos vossos olhos os projectos,  
 Que tem vossos disignios por objectos.

## IX.

Como soffre o respeito magestoso  
 Da vossa Omnipotencia independente,  
 Que das trevas o Espirito orgulhoso  
 Frustrar pertenda os fados desta gente?  
 Vós só podeis o curso duvidoso  
 Do destino reger com maõ potente;  
 Vós só sabeis o tempo, e circumstancias,  
 Em que podem mudar-se as observancias.

## X.

Se a soberba de Lucifer lhe inspira  
 Taõ altivos projectos, se a vingança,  
 Os furores, e os odios, que respira  
 Lhe ministraõ taõ louca confiança,  
 Conheça o torpe Pay da vil mentira,  
 Que o seu perfido engano naõ alcança  
 Algum fructo das suas diligencias,  
 Contra a ordem das vossas Providencias.

Assim



## XI.

*Affim será*, responde o Pay Sublime,  
 E desta vóz á força o Ceo rendido,  
 Com susto santo, que o respeito exprime,  
 Tremeo de Polo a Polo estremecido:  
 O torpe Genio, que a Nação opprime  
 Se sepulta nas trevas atordido,  
 Foge a Discórdia do Congresso Luso,  
 Cessa das gentes o rumor confuso.

## XII.

Acabava de orar naquelle instante,  
 Da risonha Coimbra o Deputado;  
 E logo na Assembléa em vóz constante  
 Foi seu voto por todos abonado;  
 Nuno sempre affectivo, e vigilante,  
 Vendo o caso no ponto desejado,  
 Elle primeiro clama em vóz festiva,  
*Viva El-Rei Dom João nosso Rey, viva.*

## XIII.

*Viva*, responde em grito lisonjeiro  
 A turba popular, viva mil vezes  
 O nosso grande Rey Dom João primeiro  
 Para gloria immortal dos Portuguezes;  
*Viva, viva* repete o Corpo inteiro  
 Do Congresso, com termos mais cortezes,  
 Emendando dos cultos na observancia  
 O desar da passada repugnancia.

Con-

## XIV.

Confuso o Defensor na repentina  
 Afluencia de obsequios taõ attentos,  
 Adora reverente a mãõ Divina  
 Na prompta execuçaõ dos seus intentos;  
 Mas os mesmos prodigios, que imagina  
 Na concordia dos varios pensamentos,  
 O fazem ponderar com mais prudencia  
 Os encargos da Regia preeminencia.

## XV.

Affustado do peso glorioso  
 Da grandeza de hum Ceptro, em cujo amparo  
 O cuidado do Todo Poderoso  
 Se interessava com favor taõ raro;  
 E dos proprios talentos duvidoso  
 Para reger Imperio taõ preclaro,  
 Se escufava modesto com excessõ  
 A's brilhantes offertas do Congresso.

## XVI.

Mas o Povo affectivo, e alvoroçado  
 Com instancias, e rogos porfiava,  
 Que sem mais dilacaõ fosse acclamado,  
 A pesar do receyo, que ostentava;  
 E sendo o claro Heróe certificado,  
 Que hum repudio modesto naõ bastava  
 Para abrandar do Povo a viva idea,  
 Assim fallou no meyo da Assembleia:

Valo-

## XVII.

Valorosos , illustres companheiros  
Dos trabalhos , e riscos padecidos  
Pela gloria da Patria , verdadeiros  
Defensores do Estado esclarecidos ,  
Vós me prestais os nomes lisongeiros  
De Senhor , e de Rey , nomes luzidos ;  
Mas temiyeis por certo , a quem reflecte  
Na grande obrigação , que lhe compete.

## XVIII.

Eu me obrigo de mostras taõ brilhantes  
De amor , de confiança , e de respeito ,  
Que existirão seguras , e constantes  
Eternamente impressas no meu peito ;  
Mas taõ pesados são , taõ importantes  
Os encargos de hum Rey no meu conceito ;  
Que não julgo meus hombros competentes  
A' grandeza de pesos taõ valentes.

## XIX.

Proseguia a dizer ; mas não permite  
A ternura do Povo alvoroçado ,  
Que complete o discurso , sem que grite  
A favor do projecto desejado :  
Todos clamaõ , que he força , que exercite  
O poder conferido , e que obrigado  
Pelo zelo da Patria liberdade ,  
Deve aceitar a Regia dignidade.

## XX.

Mil vozes variamente articuladas,  
 Mas acordes no mesmo sentimento,  
 Com razoens pelo zelo ministradas,  
 Combatem do Varaõ o pensamento:  
 Elle cede por fim ás porfiadas  
 Expressõens de taõ puro rendimento,  
 E penetrado de paixãõ mais nobre,  
 O ditoso consenfo assim descobre:

## XXI.

Generoso Congresso, respeitavel  
 Simulacro da Patria, a quem dedica  
 O meu peito, com zelo inalteravel,  
 Toda a sua attençaõ; e sacrifica  
 Todas suas acçoens; indisputavel  
 Obrigação de hum filho, que se applica  
 A cumprir dignamente os seus deveres  
 A' Mãy geral, nas penas, e prazeres.

## XXII.

Se he preciso, que eu seja revestido  
 Do Supremo poder, se dispensar-me  
 Naõ devo deste empenho, e se o luzido  
 Regio caracter devo apropriar-me;  
 Se he preciso ceder agradecido,  
 A' vontade, que tendes de exaltar-me,  
 Eu me rendo com grata complacencia  
 A's intençoens da vossa providencia.

Serei

## XXIII.

Serei Rey , se convem á dignidade  
Da Nação ter hum Rey de sangue Luso ;  
Serei Rey , mas do Trono a Magestade  
Gozarei livre do vulgar abuso ;  
Todos vós apesar da authoridade  
Do supremo Poder , que não recuso ,  
Me achareis sempre o mesmo sem mudança  
Na amizade , no zelo , e confiança.

## XXIV.

Vós não me servireis ; vós juntamente  
Comigo servireis á gloria pura ,  
A' doce liberdade , á permanente  
Justiça da Nação , contra a perjura  
Sacrilega ambição ; vós propriamente  
Sereis filhos regidos com ternura :  
Assim disse o Varaõ , e no seu gesto  
Se via o grande zelo manifesto.

## XXV.

Qual no fim de huma larga , e duvidosa  
Navegação por climas ignorados ,  
Depois da raiva , e furia procelosa ,  
Do mar cruel , e ventos indignados ,  
A maritima gente cobiçosa  
De recobrar os pórtos descansados  
Com a vista da terra apetecida  
Grita gostosa , e chora internectida.

## XXVI.

Tal na grande Assembléa a gente Lusa,  
 Que nos riscos da Patria fluctuava,  
 E nos varios successos taõ confusa  
 A gostosa esperança imaginava,  
 Vendo, que o Defensor já não recusa  
 O lugar, que a Nação lhe destinava,  
 Entre lagrimas doces de alegria  
 Mil festivos clamores repetia.

## XXVII.

Cada qual neste instante a liberdade  
 Crê de novo cobrar, crê ver segura  
 Do Trôno Portuguez a dignidade,  
 Do nome Lusitano a gloria pura:  
 As mais altas lisonjas da vaidade,  
 Já cada qual sem susto se figura,  
 E com tal Rey, qualquer dos Lusitanos  
 Já não teme o poder dos Castelhanos.

## XXVIII.

Daõ-se as ordens precisas no Congresso.  
 Para formalizar decentemente  
 A conclusãõ feliz de hum tal successo,  
 Com acto proprio, e pompa competente;  
 Concorre o Povo alegre com excessõ  
 A ver o novo Rey; faz-se patente  
 A todo o Reyno o caso com presteza,  
 Executa-se em fim a grande empreza.

Acclã.

## XXIX.

Acclama-se o Varaõ , a frente Augusta  
Cinge o sacro Diadema , o Regio manto  
Os fortes membros cobre , a mão robusta  
Impunha o Ceptro antigo , e sobre o Santo  
Respeitavel compendio da Ley justa  
Do Salvador do Mundo o Reyno em tanto  
Jura guardar-lhe fé , tendo primeiro  
Jurado o Rey ser justo , e verdadeiro.

## XXX.

Com festivos obsequios de alegria  
Se desvela Coimbra ; mas no peito  
Do novo grande Rey nada podia  
Interromper do zêlo o nobre effeito :  
O bravo coração lhe não soffria  
Viver em ocio alegre , e sem respeito  
A's cortezes lisonjas dos amigos ,  
Deixa Coimbra , e busca os inimigos.

## XXXI.

Persistiaõ no Reyno alguns Lugares ,  
Que o partido de Hespanha sustentavaõ ;  
E no meyo das furias militares  
A confusão da Patria accrescentavaõ ;  
Na Provincia do Minho mais vulgares  
Estes féros empenhos se observavaõ ,  
E nas mesmas Cidades mais famosas  
Se notavaõ conductas tão damnosas.

## XXXII.

Huma destas he Braga, Braga Augusta,  
 Taõ famosa nos fastos Lusitanos,  
 Em quem iguaes troféos a fama ajusta  
 De successos Sagrados, e profanos;  
 Braga, cuja memoria o Porto affusta,  
 Que fez hum tempo a gloria dos Romanos,  
 Que regulou da Igreja os ritos puros  
 No dominio dos barbaros mais duros.

## XXXIII.

E vendo o novo Rey, que tal Cidade  
 Se escuzava do zelo, que devia  
 A' Luza gloria, á patria liberdade,  
 A' fama antiga, e propria valentia,  
 Querendo reprimir com brevidade  
 Os exemplos da triste rebeldia,  
 Passa do Douro a rapida corrente,  
 E fáz juntar no Porto a Marcia gente.

## XXXIV.

Sobre Braga destina o golpe irado  
 O bellicoso Rey; mas suspendido  
 Foi por novo successo, que empenhado  
 Deixou o seu valôr sempre advertido:  
 Por secretos avísos incitado  
 A tomar Guimaraens vai sem ruído,  
 Guimaraens Povo antigo, e glorioso,  
 Do Trono Portuguez berço ditoso.

Com.



## XXXV.

Commandava na Villa por Castella  
Ayres Gomes da Silva, hum Cavalleiro  
De Sangue Portuguez, e da mais bella  
Nobreza deste Reyno, a quem primeiro  
Servio em guerra, e páz; mas que atropella  
Agora o Patrio zelo, ou lisonjeiro  
A Castelhana esposa, ou porque entende  
Ser mais segura a causa, que defende.

## XXXVI.

Este vendo, que alguns dos moradores  
Conservavaõ no peito sem mudança,  
Os affectos dos seus antecessores  
Pela gloria do Estado; que a lembrança  
Dos antigos Monarchas, e Senhores  
Inspirava no Povo a confiança  
De aplaudir as virtudes, e justiça  
Do novo Rey, que graças desperdiça.

## XXXVII.

Sabendo, que Carvalho hum dos honrados  
Habitantes da Villa, e que contava  
Grande copia de amigos, e criados,  
Que hum franco proceder lhe grangeava,  
De huns, e de outros, sem causa congregados  
Em passeyos talvez se acompanhava,  
Lhe ordenou, que da Villa se ausentasse,  
Ou sem sequito nella se ostentasse.

Def-

## XXXVIII.

Desgostou-se Carvalho, e cobiçoso  
 De vingar-se, e servir á Patria chara  
 Com cautela, e disfarce artificiozo,  
 A mudar de Governo se prepara;  
 E disposto o projecto industriofo  
 Com o novo Monarcha se declara,  
 Promettendo da Villa a porta aberta  
 Para dia ajustado, e hora certa.

## XXXIX.

Com este aviso parte sem demora  
 Do Porto o novo Rey, e justamente,  
 Quando as trevas rompia a luz da Aurora;  
 Sobre a Villa se mostra diligente;  
 Esperava Carvalho o dia, e hora  
 Com desvelos de zêlo impaciente,  
 Tendo aberta huma porta, e por cautela  
 Alguns amigos seus não longe della.

## XL.

Estes, tanto que delles foi sabida  
 A chegada do Rey, com maõ armada  
 Se lançaõ sobre a guarda, que rendida  
 Se vio no mesmo tempo, que atacada;  
 Porque sendo por elles sorprendida,  
 Estando de tal caso descuidada,  
 Primeiro se vio presa, que podesse  
 Reconhecer o damno, que padece.

## XLI.

Ganhada a porta, a gente bellicosa  
Se mostra sem disfarce, e discorrendo  
Pelas ruas vizinhas furiosa,  
Mil estragos, e danos vai fazendo;  
A guarnição confusa, e temerosa  
Se atropella fugindo, não sabendo  
Inda bem de que foge, e finalmente  
Entra sem resistencia o Rey potente.

## XLII.

Mas quando já completa, e bem lograda  
A ditosa interpreta se entendia,  
E na fé da victoria descançada  
A vencedora Tropa se aplaudia;  
Pelas casas desertas espalhada,  
Onde a preza cedida recolhia,  
Tordefumos Valente Castelhana  
Intenta refarcir o grave damno.

## XLIII.

Armado de armas fortes se apresenta  
Na bôca de huma rua, onde procura  
Fazer formar a gente, que afujenta  
Do ferro Portuguez a força dura,  
E tanto brio, tanto zêlo ostenta,  
Que infundindo valôr na gente escura,  
Não só suspende o curso da victoria;  
Mas ameaça ousado a Lusa gloria.

## XLIV.

E lograra talvez os seus intentos ,  
 Supposta a distracção dos vencedores ,  
 Que esquecidos dos nobres sentimentos ,  
 Se empregavaõ do roubo nos horrores ,  
 Se Rodrigues Varaõ de pensamentos  
 Alheios de cobiça , e dos melhores  
 Cavalleiros d'El-Rey , não acudira  
 A'quella parte , e os passos lhe impedira.

## XLV.

Mas vendo o bom Rodrigues a arrogante  
 Soberba do Hespanhol , e commovido  
 De hum impulso de gloria mais brilhante ;  
 Ou de cega paixãõ enfurecido ,  
 Com gesto bravo , com feróz semblante  
 Elle fó de armas ricas guarnecido ,  
 Domando de hum ginete o féro alento ,  
 Lhe vai frustrar o nobre pensamento.

## XLVI.

Porque a bótes de lança furiosos ,  
 Abatendo , ferindo , e destroçando  
 Quantos contrarios vê mais orgulhosos ;  
 Foi o passo das ruas franqueando ,  
 E dos ecos dos golpes ruidosos  
 Chamado o grande Rey vaõ fulminando  
 Ambos juntos taes mortes , e feridas ,  
 Que saõ poucos despójos tantas vidas.

Acode

## XLVII.

Acode o Commandante acompanhado  
De toda a guarnição ; mas aproveita  
Pouco todo o valôr , todo o cuidado  
Contra a furia do Rey , que não respeita  
Nem armas , nem perigós , indignado  
Da forte resistencia , e que sujeita  
A Villa finalmente , que lhe cede  
Sylva , e para Castella se despede.

## XLVIII.

A noticia da grande novidade  
Amotina de Braga os moradores ;  
Toma as armas a gente da Cidade ,  
E com vozes confusas , e clamores ,  
Gritando *Portugal* , e *Liberdade*  
Ataca a guarnição , que entre os horrores  
De hum susto repentino com desvelo  
Póde apenas salvar-se no Castello.

## XLIX.

E sendo sem demora o Rey sciente  
Por aviso do caso succedido ,  
E chamado do Povo impaciente  
A tomar o Castello defendido ,  
Manda Nuno com marcha diligente ,  
A sustentar dos Lusos o partido ,  
Em quanto se dispõem com mais prudencia  
A render do Castello a resistencia.

## L.

Porém o grande Nuno, a quem parece  
 Facil qualquer empreza trabalhosa,  
 E que sempre nas armas reconhece  
 Favoravel a sorte duvidosa,  
 Entendendo que o caso não merece  
 Taõ grande prevençãõ, com venturosa  
 Ousadia combate a fortaleza  
 Do Castello, que rende com presteza.

## LI.

È sabido do Rey o bom successo  
 Dos empenhos de Nuno, e que a fortuna  
 Se mostrava, das armas no progresso,  
 A' conquista das Praças oportuna,  
 Vendo que da presteza o vivo excessõ  
 He das grandes emprezas a columna,  
 Sem mais perda de tempo a gente aníma  
 Para reivindicar Ponte de Lima.

## LII.

Era Lira da Praça Commandante  
 Cavalleiro valente, e respeitado  
 Por seu fangue, e valór, mas arrogante  
 Por genio, e por costume; apaixonado  
 Partidario de Hespanha, e taõ constante  
 Na sua opiniaõ, que arrebatado  
 De hum excessõ de zêlo reputava  
 Por infiel, quem de outra se prezava.

## LIII.

E foi nelle taõ forte este conceito ;  
 Que a pesar de branduras , e rigores ;  
 Nem fez nelle o perigo algum effeito ,  
 Nem promessas de graças , e favores ;  
 Firme , duro , obstinado , e sem respeito  
 A' fortuna , e poder dos vencedores ,  
 Só depois de abraçada a Fortaleza ,  
 Cedeo em fim das chamas á braveza.

## LIV.

Mas em tanto , que o Rey com maõ armada ,  
 A Provincia do Minho submettia  
 A' sua dependencia , e restaurada  
 A gloria Nacional nella se via ;  
 A Provincia da Beira , devastada  
 Pelas armas de Hespanha , padecia  
 Graves damnos , e perdas importantes  
 Nas pessoas , e bens dos habitantes.

## LV.

A Discordia cruel se indroduzira  
 Nos coraçoes de Cunha , e de Coutinho  
 Capitaens da Provincia , em quem respira  
 Igual emulaçãõ ; sem que o visinho  
 Perigo os concilie , ou que perfira  
 Algum delles , da gloria no caminho ,  
 O serviço da Patria ameaçada  
 A' propria estimaçãõ mal regulada.

## LVI.

Desta fórte sem susto, nem perigo  
 De alguma opposiçaõ, ou resistencia,  
 A fereza, e cobiça do inimigo  
 Augmentava os excessos da insolencia;  
 Mas Pacheco Varaõ de sangue antigo,  
 De honra sublime, e solida prudencia,  
 Em quem da Patria o zelo mais se accende  
 Impedir tanto damno em fim pertende.

## LVII.

Governáva Ferreira, mas naõ tinha  
 Na fraca guarniçaõ daquella Praça,  
 O bom Pacheco a gente, que convinha  
 Para desvanecer tanta desgraça;  
 E sabendo que o damno se avifinha,  
 E que o justo remedio se embaraça  
 Na cega competencia, que alimenta  
 Dos dois queixosos a paixã violenta.

## LVIII.

Com ambos igualmente se interessa  
 A fim de concorda-los; mas duvida  
 Qualquer dos dois ceder, sem que haja expressa  
 Satisfaçaõ da queixa pretendida;  
 E vendo, que a paixã feróz naõ cessa  
 De offuscar da razaõ a luz perdida,  
 A Cunha menos duro, ou mais prudente,  
 Assim fallou deliberadamente.



## LIX.

Se o publico interesse, se o cuidado  
Da patria Liberdade, e se o receyo  
Da ruina total do Luso Estado  
He dos vossos desvelos taõ alheyo,  
Se hum cego pundonor, se hum triste enfado,  
Huma torpe ambiçaõ, e hum zêlo feyo  
Da propria utilidade he só bastante  
A reger vosso espirito arrogante.

## LX.

Pelo menos a vossa propria gloria,  
A vossa opiniaõ, e o luzimento  
Desse brio, que tanto na memoria  
Se horroriza de hum leve soffrimento,  
Vos sirva de incentivo em taõ notoria  
Lastimosa occasiaõ de abatimento;  
E já que o patrio amor vos naõ inflamma,  
Sirva o vosso valor á vossa fama.

## LXI.

Os insultos crueis, e feros damnos,  
Que a Provincia padece á vossa vista,  
Na soberba invasaõ dos Castelhanos,  
Sem que alguem se lhe opponha, ou lhe resista,  
A pesar da cegueira, e dos enganos  
Dessa altiveza vã, que vos ma quista,  
Saõ mancha essencial da dignidade  
Do vosso nome, e vossa qualidade.

Ini-

## LXII.

Inimigos, e amigos igualmente  
 Accusaraõ a vossa paciencia  
 De cobarde temor, ou de indecente,  
 Suspeitosa, culpavel, negligencia;  
 E qualquer das suspeitas tristemente,  
 Basta para deixar em contingencia,  
 Para sempre das gentes na memoria,  
 Vossa fé, vosso alento, e vossa gloria.

## LXIII.

Ambos vós igualmente interessados  
 Sois no caso presente, igual injuria  
 Vos resulta dos damnos tolerados,  
 Por falta de valor, ou por incuria;  
 E se hum sómente os meynos adequados  
 Não tem para abater do risco a furia,  
 Aquelle, que se escusa em tal conflicto,  
 Inculca claramente o seu delicto.

## LXIV.

Se entre vós, e Coutinho algum motivo  
 Há de queixa, desgosto, ou rompimento,  
 Tempo resta a vingar; que hum peito altivo  
 Não perde tão depressa o sentimento:  
 Mas não sirva a vingança de incentivo  
 A' vileza de hum torpe abatimento,  
 Que igualmente nos dois deixa manchada  
 A fama do valôr, e fé sagrada.

Assim.

## LXV.

Affim fallou Pacheco , e convencido  
O nobre Cunha das razoens forçosas ;  
Ou da propria virtude commovido,  
Para abraçar idéas generosas ,  
Altamente protesta , que esquecido  
Das passadas questoens escrupulosas ,  
Se ajuntará com toda a sua gente  
A Coutinho , se disso for contente.

## LXVI.

E suppondo Pacheco mais tractavel  
A Coutinho , depois desta certeza ,  
Novamente com zelo incomparavel ,  
Intenta convencer sua dureza ;  
Mas a cega vaidade inexoravel  
A's vozes da razaõ , e da nobreza ,  
Se obstina nos escrupulos altivos ,  
Que protesta com frivolos motivos.

## LXVII.

Entre elles vê Pacheco claramente  
A causa principal da repugnancia ,  
Procedida de hum susto impertinente  
Sobre huma melindrosa circumstancia ;  
Receava Coutinho justamente  
Ser mandado por Cunha , e na arrogancia  
Do seu genio feróz , estes receyos  
Frustravaõ da uniaõ todos os meyos.

Mas

## LXVIII.

Mas informado Cunha do embaraço,  
 Que impede a conclusão deste concerto,  
 E que suspende totalmente o passo  
 A's providencias de tão grave aperto,  
 Depois de reflectir hum breve espaço  
 Nos effeitos daquelle defacerto,  
 Assim falla a Pacheco desgostoso  
 De ver frustrado o zelo generoso.

## LXIX.

Vós sabeis a ventagem conhecida,  
 Que em Soldados, amigos, e parentes  
 Tenho sobre Coutinho, e nem duvida  
 Elle mesmo de abonos tão patentes;  
 Mas se a sua ambição mal dirigida  
 Só se agrada das honras apparentes  
 De Chefe principal; eu me sujeito  
 Pela Patria a ceder-lhe o meu direito.

## LXX.

Com tanto que se logre o grande intento  
 De salvar a Provincia, eu não procuro  
 Outra gloria, nem tenho sentimento  
 De perder essas honras; bem seguro  
 De não ser menos nobre o pensamento,  
 Que me leva a servir Soldado escuro  
 No perigo commum, do que a grandeza,  
 A que aspira Coutinho nessa empreza.

Assim

## LXXI.

Assim disse o bom Cunha, e dissipada  
 A disputa fatal, sem mais demora  
 Se dispõem cada qual com mão armada  
 Para a vingança, que a Provincia implora;  
 Porque a Tropa inimiga confiada  
 Nas tristes dissensões, que não ignora,  
 Affolada Vizeu, se recolhia  
 Acompanhando a preza, que trazia,

## LXXII.

E sem fusto de alguma resistencia,  
 Pela estrada marchava de Trancofo;  
 Augmentando os estragos da violencia  
 Com sacrilegios de hum horror pasmoso;  
 Mas dos Lufos Varoens a diligencia,  
 Animada do zelo glorioso,  
 Meya legoa da Villa lhe prepara  
 O justo premio da impiedade avara:

## LXXIII.

Porque unidos os fortes Cavalleiros  
 Com todos seus amigos, e parentes,  
 Alguns poucos Soldados, mas guerreiros;  
 Alguns pobres paizanos, mas valentes,  
 Os contrarios atacaõ tão ligeiros,  
 Tão ferozes, tão vivos, tão ardentes,  
 Que de hum prompto combate nos horrores  
 São mais os mortos, do que os vencedores.

Quasi

## LXXIV.

Quasi não resta quem dos féros damnos  
 Vá dar parte a Castella; taõ notoria  
 Foi a perda fatal dos Castelhanos,  
 Taõ completa dos Lufos a victoria;  
 Apenas de ameaços taõ tyranos  
 Os despójos ficáraõ por memoria  
 Dos terriveis horrores do perigo,  
 E dos bravos effeitos do castigo.

## LXXV.

Mas já do Rey tyrano a permanente  
 Obstinada ambiçaõ, mal reprimida  
 Nas passadas desgraças, novamente  
 De numerosas Tropas prevenida  
 Nas fronteiras se mostra; cegamente  
 Contra a Lusa constancia enfurecida,  
 Ameaçando estragos mais funestos  
 Com signaes de rigor mais manifestos.

## LXXVI.

Havia convocado á guerra injusta  
 O fero Rey, não só dos seus Estados  
 A melhor Tropa, a gente mais robusta;  
 Mas hum grande soccorro de Alliados;  
 Assim debaixo da bandeira augusta  
 Da soberba Castella congregados  
 Varoens se viaõ de alta confiança,  
 Não só de Hespanha toda, mas de França.

Alli

## LXXVII.

Alli entre os primeiros se mostrava  
O Marquêz de Vilhena commandando  
A gente de Castella, em quem durava  
O vivo affecto á prole de Fernando :  
Oito mil combatentes animava  
De notorio valôr, acreditando  
No zêlo, e promptidaõ a fama nobre ;  
Que a vaidosa arrogancia não lhe encobre.

## LXXVIII.

Junto deste Toledo apparecia ;  
Esperança segunda de Castella,  
Que o seu nome da Patria deduzia ;  
E da Patria a lisonja era mais bella ;  
Sinco mil Castelhanos conduzia  
Do Toletano Reyno, e se desvela  
Em mostrar, que não he Castella-Nova  
Menos forte, que a Velha a toda a prova.

## LXXIX.

Depois destes se vêm os Leonezes  
Precursôres primeiros do castigo  
Da Mauritana gente, a quem mil vezes  
Rendêraõ com valor em tempo antigo ;  
Mil Soldados contavaõ sinco vezes,  
Homens bravos, sem susto do perigo,  
A quem o fórte Sandoval mandava,  
Que em forças corporaes se avantajava.

Logo

## LXXX.

Logo depois se vêm os habitantes  
 De Vandália, Paiz sempre fecundo  
 Em cavallos ligeiros, e arrogantes  
 Conhecidos por bons em todo o Mundo;  
 Eraõ seis vezes mil Varoens constantes  
 De valôr grande, de saber profundo  
 No militar officio, a quem regia  
 Arelhano, que a terra já sabia.

## LXXXI.

Com estes vem os claros moradores  
 Da Patria do bom Canio, taõ famosa  
 Pelas duas columnas, que louvores  
 Saõ da fama de Alcides gloriosa;  
 Oito centos se contaõ, soffredores  
 Do trabalho, e fadiga rigorosa,  
 Taõ expertos no mar, como na terra,  
 Dêstros para o commercio, e para a guerra.

## LXXXII.

Depois destes marchava a féra gente  
 De Cantábria, que rege Maldonado,  
 Gente feróz, de genio impaciente  
 Com braço a duro ferro costumado,  
 Seis mil Soldados saõ Tropa valente,  
 Que de obras mais, que vozes tem cuidado;  
 Com quem de Guipuscoa, e das Asturias,  
 Vem os Povos provar de Marte as furias.

Pou,



## LXXXIII.

Pouco depois Sarmiento se diviza  
Conduzindo tres mil , e setecentos  
Habitantes do Reyno de Galiza ,  
Terra de homens grosseiros , e avarentos ;  
Terra que só na fama se eterniza  
Dos illustres antigos monumentos ,  
Que a tradiçãõ conserva , sem estrago  
Das reliquias do Grande Santiago.

## LXXXIV.

Alem destes , naõ poucos Cavalleiros  
De Catalunha , de Aragaõ , e França ,  
Em qualidade só d'aventureiros  
Augmentavaõ do Campo a segurança ;  
De Ric hum bom Francêz , e dos guerreiros  
De mais fama , mais alta confiança ,  
Era seu Capitaõ , e delles conta  
Mil Estrangeiros , gente ousada , e prompta.

## LXXXV.

Nem faltaõ Portuguezès , que esquecidos  
Do zêlo Nacional , da gloria clara  
Do nome Portuguez , e dos luzidos  
Trosêos , que a fama antiga consagrara ,  
Por errados principios conduzidos ,  
De affectos varios , de cobiça avara ,  
Contra a Patria se ostentaõ furiosos ,  
Obstinados , ingratos , e orgulhosos.

## LXXXVI.

Taes saõ os dois Pereyras , indecentes  
 Irmaons do grande Nuno ; os mal seguros  
 Azevedos , e Castros ; os ardentes  
 Bottelhos , e Ataides ; os perjuros  
 Porcalho com Douzel , os descontentes  
 Oliveiras , e outros mais escuros ,  
 Que por seu Capitaõ reconheciaõ  
 O Conde de Barcellos , que seguiaõ.

## LXXXVII.

Destã gente , e de alguma mēnos fôrte ,  
 Mas em numero grande acompanhado  
 O Rey ferõz , tentar de novo a fôrte  
 Das armas determina , aconselhado  
 Da raiva , e da ambiçaõ , que estrago , e morte  
 Annunciaõ em todo o Luso Estado ,  
 A quantos a favor da Liberdade  
 Ostentavaõ do zēlo a dignidade.

## LXXXVIII.

Affim vai pela Beira devastando  
 Campos , Cidades , Villas , e Lugares ,  
 Da natureza as leys sacrificando  
 A' licença das furias militares ;  
 E da Beira os limites franqueando ,  
 A pesar dos clamores populares ,  
 Já do estrago tyrano a frente dura  
 Na Provincia se vê da Estremadura.

Mas

## LXXXIX.

Mas o Rey Portuguez , que não conhece  
 Nem fusto , nem fadiga , e que procura  
 Mostrar que desempenha , e que merece  
 A distincção da Regia Investidura ,  
 Mais ligeiro , que o rayo quando desce  
 Precipitado da officina escura ,  
 Desde as margens do Lima vem voando  
 A's do Tejo , o remedio anticipando.

## XC.

E chegou de Abrantes á campina ,  
 Onde os seus Capitaens juntar mandára ,  
 Alli passar revista determina  
 A' gente , que a servi-lo se prepara ;  
 O bom Nuno , que já se denomina  
 Condestavel , e sempre se mostrara  
 O mais fiel , conduz tres mil soldados  
 A vencer Castelhanos costumados.

## XCI.

De outros tantos o Rey se acompanhava ;  
 Gente forte , fiel , e bellicosa ,  
 Que animada , e disposta se mostrava  
 Para qualquer empreza duvidosa ;  
 Gente escolhida , gente que zelava  
 Do proprio nome a fama já lustrosa ,  
 Gente que alista o zêlo , o amor , o brio ;  
 Em quem não tem poder o medo frio.

Outros

## XCII.

Outros dois mil conduz o forte Almada ;  
Soldados novos , féros , e arrogantes ,  
Que em defenfa da Patria ameaçada  
Das Provincias concorrem mais distantes ;  
Quaes da ferra da Lua celebrada ,  
Quaes dos montes Herminios habitantes ,  
Quaes das margens do Tejo , qual visinho  
Do Douro , do Sabor , Mondego , e Minho.

## XCIII.

Mil conduz Vasconcellos , escolhidos  
Dos mais altos , mais bravos Cavalleiros ;  
Que de vistofas armas guarnecidos ,  
Em qualidade vem de aventureiros :  
Todos faõ por façanhas conhecidos  
Entre a turba famosa dos guerreiros ,  
E das Damas no culto taõ versados ,  
Que a tropa se chamou dos namorados.

## XCIV.

Destes muitos com raro atrevimento  
Arrogantes promeffas consagraraõ  
A' fama do feo nome , e o cumprimento  
Com temerarios votos abonaraõ :  
Algumas dissipou o leve vento ,  
Mas outras com rigor se executaraõ ,  
Sendo do nobre Mello a mais famosa ,  
Posto que fosse menos venturosa.

## XCV.

Era Mello mancebo bem disposto ;  
 De idade juvenil , de genio vivo ,  
 De elegante estatura , alegre rosto ,  
 De força não vulgar , de peito altivo ;  
 Seguia por amor , por zelo , e gosto  
 O novo Rey , servindo de incentivo  
 A' força natural dos seus ardores  
 A memoria dos seus antecessores.

## XCVI.

E cego da paixão ; ou mal guiado  
 Dos impulsos da propria confiança ;  
 Prender o Rei contrario vota ousado ;  
 Ou fazer-lhe provar a dura lança :  
 O successo pendia só do fado ,  
 Que tanto a força humana não alcança ;  
 Porém Mello julgava , que podia  
 No Campo executar quanto emprendia.

## XCVII.

O Luso Rey sabendo que chegava  
 A Leiria o soberbo Castellano ,  
 E que sobre Lisboa destinava  
 O mais funesto , mais horrivel damno ;  
 Como provar no Campo desejava  
 Da voluvel fortuna o desengano ,  
 De Abrantes sobre Ourém volta ligeiro ,  
 E pela estrada marcha em tom guerreiro.

Ee

Duas

## XCVIII.

Duas leguas distante de Leiria  
 O campo Portuguez em fim se assenta,  
 E nas mostras de gosto, e de alegria,  
 Da victoria o presagio a gente ostenta:  
 Capitaens, e Soldados á porfia  
 Estimula o valor, o zelo alenta,  
 E cada qual nas mostras da arrogancia,  
 Abona de alvoroço a circumstancia.

## XCIX.

Mas quando com mais zêlo, e diligencia  
 Se dispunha do campo a formatura;  
 E das tendas com sabia providencia  
 Se ordenava a singella architectura;  
 Hum pequeno successo, que apparencia  
 De notavel fô tem na conjunctura  
 Dos acafos, de novo a confiança  
 Accrescenta do povo na esperança.

## C.

Hum Gamo de grandeza extraordinaria  
 Se levanta no meyo dos guerreiros,  
 E com leve carreira incerta, e varia,  
 A' palestra convida os Cavalleiros;  
 Seguem muitos com furia temeraria  
 Do veloz animal os pés ligeiros;  
 Mas elle á Regia tenda em fim se atreve,  
 Onde a vida rendeo a golpe breve.

## CI.

A turba popular sempre disposta  
 A contemplar successos portentosos,  
 Os casos naturaes; e que só gosta  
 De ideas vans, conceitos espantosos,  
 Crê que a forte figura a gente opposta  
 No rendido animal, e que os ditos  
 Progressos do Rey Luso annunciados,  
 Com este caso, estão dos altos fados.

## CII.

Com este vaõ conceito se acrescenta  
 O natural ardor da tropa forte,  
 A quem o fanatismo representa,  
 Já certa da victoria a clara sorte:  
 Qual de vencer sómente se contenta  
 O Castelhana Rey, qual dar-lhe a morte;  
 Ou prende-lo imagina; mas notoria  
 He na mente de todos a victoria.

## CIII.

Neste tempo se deixão ver distantes;  
 Mas claramente as armas Castelhanas,  
 Com que de novo os peitos arrogantes  
 Se alvorçoão das tropas Lusitanas:  
 O grande Rey, que effeitos importantes  
 Sabe tirar das cousas mais insanas,  
 Em quanto o fanatismo o povo agita,  
 Assim lhe falla, assim os sollicita.

## CIV.

Valentes Portuguezes, companheiros  
 Da minha forte, dignos camaradas  
 Dos meus trabalhos, filhos verdadeiros  
 Da Patria, que em disputas desgraçadas,  
 Entre a torpe ambição dos Estrangeiros,  
 E paixoes nacionaes interessadas,  
 Só em vós, só na vossa heroicidade  
 Acha o zêlo da antiga liberdade.

## CV.

Vós me elègestes Rey, por vosso amparo  
 Sacrificio o meu fangue, a vós compete  
 Ajudar-me a romper o laço avaro,  
 Que a soberba Castella nos promette:  
 O dia em fim chegou, que o Ceo preclaro  
 O destino da Patria nós commette;  
 Do nosso braço pende a fatal sorte  
 Da doce liberdade, ou grilhaõ forte.

## CVI.

A grande multidão dos inimigos  
 Nos não deve causar espanto, ou susto,  
 Pois já mais desde os tempos mais antigos  
 Triunfou Portugal a pouco custo:  
 A vantagem mais certa nos perigos,  
 Da força só provém de hum pleito justo;  
 Nós vamos defender a propria terra,  
 Elles vem-lhe fazer injusta guerra.

Eu



## CVII.

Eu não quero de vós mais sacrificio ,  
Que o mesmo , que eu preparo á gloria pura  
Do nome Portuguez , em beneficio  
Da patria liberdade mal segura ;  
Todos vós já das armas no exercicio  
Tendes usada ao ferro a dextra dura ;  
Todos bravos , e fortes vos contemplo ,  
Mas siga cadaqual o meu exemplo.

## CVIII.

Disse ; e logo por todos os soldados ,  
Hum pequeno susurro precedendo ,  
Respondido lhe foi com altos brados ,  
Que se morresse , a Patria defendendo ;  
E sem perder instante , os alentados  
Alvorços da tropa conhecendo ,  
Faz signal de investir o Rey valente ,  
E conduz á batalha a brava gente.

## CIX.

Ouvio naquelle dia , a vez primeira ,  
Portugal , entre assombros temerosos ,  
Do salitrado enxofre a voz grosseira ,  
Do metal duro os ecos pavorosos ;  
Espanto fez á gente mais guerreira  
Ver em novos inventos bellicosos ,  
Os trovoens no ruido copiados ,  
Nos effeitos os rayos imitados.

Mas

## CX.

Mas a pesar do espanto, e dos perigos,  
 A pesar das vantagens excessivas  
 Do numero mayor dos inimigos,  
 As Lusas Quinas voão vingativas;  
 Já mais se ouviraõ nos annaes antigos  
 Das Campanhas de Troya, ou nas esquivas  
 Guerras do Lacio, golpes mais valentes,  
 Que os das lanças dos Lusos combatentes.

## CXI.

Mais de mil Cavalleiros derribados  
 Pelo campo rodando, vaõ feridos,  
 Outros tantos cavallo desbocados  
 Sem dõno vaõ fugindo confundidos;  
 Peitos abertos, rostos mutilados,  
 Pernas quebradas, braços divididos  
 Se vêm, com triste horror por toda a parte,  
 Sacrificio cruel do duro Marte.

## CXII.

O grande Nuno, Achilles Lusitano,  
 Que na frente da Tropa se mostrava  
 Mais faminto do sangue Castelhanao,  
 Ou mais cheyo do zêlo, que inculcava;  
 O destrôço, a ruina, o estrago, e o damno  
 De seu braço pendentos ostentava,  
 Onde quer que a fortuna o conduzia,  
 Ou que a dura vingança o compellia.

Da

## CXIII.

Da sella faz voar tres Cavalleiros,  
Antes que a lança rompa, e fulminando  
A coruscante espada, oito guerreiros  
A seus pés prostra, as vidas exalando;  
E com golpes pesados, e ligeiros  
O terrivel caminho franqueando,  
Por entre os esquadroens dos inimigos  
Vai semeando mortes, e castigos.

## CXIV.

Na direita do Campo se descobre  
Vasconcellos, não menos valoroso,  
Que animado de ardor não menos nobre,  
Igualmente se mostra furioso;  
E despresando altivo o peito pobre  
Dos Soldados do vulgo temeroso,  
Os Capitaens mais claros só procura,  
Em quem prova impaciente a força dura.

## CXL.

A's suas maons as vidas entregáraõ  
Oropeza, Marzuello, e Mondonedo,  
E mal feridos dellas escapáraõ  
Saliyieres, Servantes, e Toledo;  
Nem contra o seu furor aproveitáraõ  
As vaidades do bravo Reboledo,  
Que ousando provocar o Varaõ forte,  
De hum golpe recebeo a triste morte.

Pela

## CXVI.

Pela esquerda se mostra o nobre Almada,  
 Iguaes brios, e forças ostentando,  
 Com a voz, com a lança, e com a espada  
 Os bisonhos mancebos animando;  
 A seus pés mal ferido cahe Lozada,  
 Salazar, Escovar, e Vilalpando;  
 E sem susto, ou temor, se arrôja ardente  
 Por entre as armas da contraria gente.

## CXVII.

Accende-se a pelêja, e confundidos  
 Se ouvem por toda a parte entre a poeira  
 Golpes, clamores, gritos, e gemidos,  
 Do triste Averno copia verdadeira:  
 Huns mortos sobre a terra, outros feridos,  
 Aqui hum elmo, alli huma bandeira,  
 Além rôtas se vêem insignias varias,  
 Divisas vans, empresas temerarias.

## CXVIII.

Aqui cedem as armas Castelhanas  
 A' furia das feridas, alli cedem  
 A' vantagem da gente as Lusitanas,  
 Que os empenhos do brio mal impedem;  
 Ora cresce o temor, ora as ufanas  
 Esperanças da gloria lhe succedem,  
 E se alternaõ com lances repetidos  
 A esperança, e temor nos dois partidos.

Nas

## CXIX.

Nas partes onde ânima, e fortalece  
 A presença dos Reys os seus Soldados,  
 Cada qual a vantagem reconhece,  
 A petar dos contrarios esforçados;  
 Mas o Chefe dos Lusos, que escurece  
 Em valôr os presentes, e passados,  
 Com mais altas acçoens se solemniza,  
 E nos écos da fama se eterniza.

## CXX.

Elle mesmo combate os mais famosos,  
 Mais bravos Capitaens, e Cavalleiros,  
 E do seu ferro os golpes furiosos,  
 São os sustos maiores dos guerreiros;  
 Elle enfina com passos valorosos  
 Os caminhos da gloria verdadeiros,  
 Elle abate, destrôça, fere, e mata,  
 Desconcerta, arruina, e desbarata.

## CXXI.

Qual na sêca estaçaõ do Estio ardente  
 O dèstro segador com mãõ robusta  
 Abate da seara a loura frente,  
 A que o curvo instrumento attento ajusta;  
 Tal no Campo Mavorcio o Rey valente,  
 A quem perigo algum já mais affusta,  
 Com dura mãõ cabeças inimigas  
 Abate, e corta com crueis fadigas.

## CXXII.

Gutierrez , com Mendoça o féro alento  
 Quasi juntos renderão ; cahe ferido  
 De hum furioso golpe o bom Sarmento ,  
 A quem segue Godoi moço atrevido ;  
 Nem teve melhor sorte o bravo intento  
 De Manrique , que havendo pertendido  
 Ferir o forte Rey , de hum golpe ousado  
 Foi por elle com morte castigado.

## CXXIII.

Tovar , Hortiz , Gonzales , e Bertando ,  
 Valasques , e outros mais , de quem o duro  
 Longo tempo as memorias devorando ,  
 Deixou na luz da fama , o nome escuro :  
 Por seu braço rendidos vão deixando  
 Nesta parte o caminho mais seguro  
 A' victoria , que já do Rey valente  
 Com verde rama adorna a clara frente.

## CXXIV.

Mas onde o grande Nuno combatia ,  
 Muito diversa a forte se mostrara ;  
 Porque a fama da sua valentia  
 Allí mais inimigos ajuntára ;  
 O Rey contrario allí com mais porfia  
 Os mais fortes guerreiros convocára ,  
 E com sua presença havia posto  
 O grande Nuno em risco de desgosto.

Com

## CXXV.

Com este aviso o Rey dos Lusitanos  
 Corre prompto a salvar o charo amigo,  
 Sacrificando os louros mais ufanos  
 A' gostosa esperança do castigo;  
 Allí de novo os odios mais tyranos,  
 Os mais certos horrores do perigo,  
 A raiva, a furia, os damnos, e feridas  
 Se repetem com furias mais crescidas.

## CXXVI.

Castelhanos, e Lufos tristemente  
 Huns sobre outros em montes vão cahindo;  
 Os Reys ambos em fórma competente,  
 A braveza nos seus vão influindo;  
 Mas do Luso Monarca a mão potente,  
 Donde os golpes mortaes partem rugindo,  
 Tantas mortes fulmina, em breve espaço,  
 Que rompe da porfia o cego laço.

## CXXVII.

Alli perdem as vidas mal logradas  
 Os mais altos, mais bravos Cavalleiros,  
 Que de Castella as armas desgraçadas  
 Neste dia seguiraõ lisonjeiros;  
 E vendo o Rey de Hespanha já prostradas  
 As forças principaes dos companheiros,  
 Por salvar sua vida as costas volta,  
 E se ausenta fugindo á redea solta.

Porém

## CXXVIII.

Porém o bravo Mello, que intentava  
 Cumprir o grande voto, que fizera;  
 E para o triste Rey se avizinhava  
 Sobpefando na mão a lança fera;  
 Vendo como do Campo se apartava  
 Com marcha mais veloz, do que quizera;  
 Ardendo em chamas vivas de honra illustre;  
 Quer que a nobre promessa se não frustre.

## CXXIX.

Sobre hum bruto ligeiro, que regia,  
 Atravessando o Campo dos contrarios,  
 Elle só huns matava, outros feria,  
 Dando golpes crueis, e temerarios;  
 Mil feridas, passando, recebia,  
 Mil estorvos achava, e riscos varios;  
 Mas elle firme sempre em seu projecto;  
 A morte só do Rey tem por objecto.

## CXXX.

Athé que em fim chegando, onde apressado  
 Fugia o triste Rey da certa morte,  
 De infinitos dos seus acompanhado,  
 Que escapáraõ das iras de Mavorte;  
 Sendo Mello por todos rodeado,  
 A pesar do valor do braço forte,  
 Entre espantos da turba espavorida,  
 Cançado de matar, perdeo a vida.

Ditoso



## CXXXI.

Ditoso, se da fama nos altares,  
Póde ser sacrificio de algum vulto,  
Entre o fumo de encensos não vulgares,  
Do meu plectro sincero o puro culto:  
Por elle entre os arrojos militares,  
Gozará Mello de immortal o indulto,  
E lhe será talvez de alguma gloria  
Dever ao proprio sangue esta memoria.

## CXXXII.

Em tanto Sandoval com bravo alento  
Sustentava a batalha duvidosa,  
Animando com digno atrevimento  
Os empenhos da gente temerosa;  
Mas levado do louco pensamento  
De querer com disputa ambiciosa  
Oppor-se ao Luso Rey, de hum golpe duro,  
A clara vida entrega ao sono escuro.

## CXXXIII.

Com sua morte, e sendo geralmente  
A fugida do triste Rey notoria,  
Se desanima a Tropa, e claramente  
Favorece a fortuna a Lusa gloria;  
O campo larga em fim a estranha gente,  
Vence o Rey Lusitano; e esta victoria  
Lhe confirmou a Regia dignidade,  
E deu a Portugal a Liberdade.

F I M.

O Autor deste Poema, dezejando que elle não padecesse muita alteraçãõ na imprensa, escolheo a da Universidade de Coimbra para poder assistir pessoalmente á impressãõ, e poz todo o cuidado para evitar-lhe os erros; mas elle se não lisongea de conseguir o seu dezejo: Os descuidos sãõ quazi inevitaveis em huma composiçãõ dilatada, a pesar de todo o desvelo dos officiaes, e de quem revê o seu trabalho; e a incoherencia da Orthografia Portugueza he hum embaraço terrivel. A Officina da Universidade tem adoptado a do Madureyra, e foi perciso acomodar a ella, não obstante a sua incõsequencia, e a impertinente multiplicidade de letras insignificantes de que usa: Os leitores sabios desculpem este irremediavel defeito, e supraõ os outros com as luzes da sua intelligencia.







